IZABELLA PAIVA MONTEIRO DE BARROS

MOVIMENTOS DO DESEJO MATERNO ANTES E APÓS O NASCIMENTO DO FILHO: UM ESTUDO LONGITUDINAL

São Paulo

2010

IZABELLA PAIVA MONTEIRO DE BARROS

MOVIMENTOS DO DESEJO MATERNO ANTES E APÓS O NASCIMENTO DO FILHO: UM ESTUDO LONGITUDINAL

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: **Psicologia Clínica**

Orientadora: **Prof[a] Associada Eliana Herzberg**

São Paulo

2010

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Barros, Izabella Paiva Monteiro de.
Movimentos do desejo materno antes e após o nascimento do filho: um estudo longitudinal / Izabella Paiva Monteiro de Barros; orientadora Eliana Herzberg. -- São Paulo, 2010.
405 f.
Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Técnicas projetivas 2. Maternidade 3. Desejo 4. Relações mãe-criança 5. Papel dos pais 6. Teste de Apercepção Temática 7. Desenhos de Figuras Humanas I. Título.

BF698.7

Nome: Barros, Izabella Paiva Monteiro de

Título: Movimentos do desejo materno antes e após o nascimento do filho: um estudo longitudinal

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof Dr _____

Instituição: _____ **Assinatura:**_____

Prof Dr _____

Instituição: _____ **Assinatura:**_____

Prof Dr _____

Instituição: _____ **Assinatura:**_____

Prof Dr _____

Instituição: _____ **Assinatura:**_____

Prof Dr _____

Instituição: _____ **Assinatura:**_____

Para minha amada e encantadora Luiza

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Profª Associada Eliana Herzberg pelo incentivo e suporte dado ao estudo longitudinal, o qual durante tanto tempo idealizamos. Sou muito grata pelos ensinamentos comigo compartilhados, que agregaram valor tanto para minha formação profissional como para minha vida.

À Profª Titular Maria Cristina Machado Kupfer, pelas preciosas contribuições e pela acolhedora e refinada escuta, por ter estado sempre disponível, por maior que fosse a correria ou a distância física.

À Profª Dra Iraní Tomiatto de Oliveira, uma mestre que sempre admirei e que pôde contribuir com valiosas sugestões em meu percurso acadêmico e ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

À minha família, meus amados filhos Diogo, Rafael e Luiza e meu marido Luís, que estiveram sempre por perto dando sentido e graça à minha vida mesmo quando eu me retirava de seu convívio para escrever. Aos meus pais, meu padrasto, meus irmãos e minhas avós pelo carinho que sustenta minhas realizações.

Aos amigos, Cristiane e Ricardo, Ana Cecília e Lúcio, Cristine, Lúcia e Edu, Clarissa e Ivan, força indispensável nos momentos cruciais tanto da elaboração desta tese, quanto de meu cotidiano. Agradeço a companhia, o carinho e as discussões psicanalíticas extra- oficiais, marcadas sempre pela paixão pelo que fazemos.

À Priscila, pela carinhosa atenção dedicada à Luiza e pelos cuidados comigo e com minha família.

Às mães que, generosamente, compartilharam experiências, desejos e temores, tornando viável a elaboração deste estudo.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialmente aos meus colegas, alunos e funcionários que sempre acreditaram em meu trabalho e cotidianamente incentivam e instigam minha busca pelo conhecimento. Agradeço especialmente ao Marlon D’aquanno Povoas pela cuidadosa revisão do texto.

À superintendência do Hospital Universitário, na pessoa do Professor Doutor Paulo Andrade Lotufo e ao Professor Titular Marcelo Zugaib, diretor técnico da divisão obstétrica e ginecológica do Hospital Universitário que permitiram a realização da pesquisa.

Às doutoras Ana Maria Mello Isern e Wilma Monteiro Frésca, integrantes da Comissão de Ensino e Pesquisa do Hospital Universitário, pelas informações prestadas ao longo dos processos de autorização para pesquisa e coleta de dados.

Às bibliotecárias do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em especial à Maria Marta Nascimento e à Lilian Leme Bianconi, pela atenção e pela contribuição com a grande habilidade no que se refere às normatizações do texto e referenciação.

Às secretárias do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Cícera, Arlete e Cláudia e ao pessoal da Secretaria de Pós-Graduação pelo sempre pronto atendimento.

A todos que direta ou indiretamente fazem parte de minha caminhada, o meu muito obrigada!

A relação com a mãe não é simplesmente feita de satisfações e frustrações, mas da descoberta do que é o objeto do desejo dela. O sujeito, essa criança pequena que tem de se constituir em sua aventura humana e ter acesso ao mundo do significado, deve, com efeito, fazer a descoberta do que significa para ela o seu desejo. Ora, o que sempre criou problemas na história analítica, tanto para a teoria quanto para a prática, foi saber por que, nesse ponto, aparece a função privilegiada do falo.

JACQUES LACAN

RESUMO

Barros, I. P. M. de (2010). **Movimentos do desejo materno antes e após o nascimento do filho: um estudo longitudinal.** Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O desejo materno é o responsável pelo funcionamento da função materna e já existe em um tempo anterior ao próprio surgimento do Eu da criança, ou seja, em um tempo em que o funcionamento psíquico desse sujeito recém-nascido está se esboçando. Diante disso, a função do desejo materno na constituição do sujeito é exercida pela nomeação, a qual oferece as bordas do que virá a ser o sujeito do desejo. Pode-se, então, dizer que o desejo materno e a maternagem são fatores estruturantes da vida psíquica de um bebê. Ao se acompanhar o desenvolvimento inicial da relação entre mãe e filho, há a possibilidade de planejar intervenções em caráter preventivo e, portanto, trabalhar com a saúde mental. O objetivo geral da pesquisa foi identificar, em três mães de filhos primogênitos e quatro mães de segundo filho, modificações nas expectativas, nos desejos e nos temores que tinham em relação a si e ao filho durante a gravidez e algum tempo depois de o mesmo ter nascido. Para tanto, por meio de múltiplos estudos de casos longitudinais, incluindo o reteste dos procedimentos de um trabalho anterior, este estudo exploratório utilizou-se da entrevista clínica e de aplicações do Desenho da Figura Humana, segundo a técnica de Machover, e das pranchas 1, 2, 4, 7MF, 8MF e 16 do Teste de Apercepção Temática, instrumentos estes de coleta de dados. A amostra foi composta por um grupo de 7 mulheres que já tinham dado à luz e cujas gestações foram estudadas, em etapa anterior, pelos mesmos instrumentos. A análise estrutural do material obtido por meio dos Testes Projetivos, seguida da análise temática do conteúdo da entrevista, resultou em uma interpretação psicodinâmica global que integrou todo o material do caso. Os procedimentos de análise foram repetidos para cada um dos sete casos os quais foram posteriormente comparados. Os resultados foram ilustrados com os protocolos clínicos obtidos, cujos recortes foram organizados - a fim de definir os movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho - a partir de quatro categorias, a saber: a posição psíquica de mãe; suposição do sujeito; aspectos do desenvolvimento do filho da realidade e da relação entre mãe e filho; e relações na família e aspectos sócio-culturais. Após cuidadoso estudo do material, constatou-se que os sentimentos maternos são um conjunto complexo de fatores que interagem entre si, sobredeterminando-se. Soma-se a isso o fato de que cada sujeito materno é único e traz consigo uma história diferente que se modifica pela e na presença do filho. Após coletar dados longitudinalmente observou-se que o criterioso estudo da psicodinâmica das sete mulheres ao longo da gravidez, fazendo-se especial ressalva às contribuições do DFH e do TAT, já apontava para áreas potenciais de conflitos e dificuldades, assim como de facilidades, que poderiam interferir, e que assim o fizeram, no estabelecimento da relação mãe-filho.

Palavras-chave: Técnicas projetivas. Maternidade. Desejo. Relações mãe-criança. Papel dos pais. Teste de Apercepção Temática. Desenhos de Figuras Humanas.

ABSTRACT

Barros, I. P. M. de (2010). **Movements of maternal desire before and after the birth of the child: a longitudinal study**. Doctoral Thesis, Psychology Institute, São Paulo University, São Paulo.

The maternal desire is responsible for the functioning of the maternal function and already exists even before the time when emerges the Self of the child, that is, at a time when the psychic functioning of the newborn subject is still being outlined. Therefore, the function of maternal desire in the constitution of the subject is performed by nominating and offers the edges of what will be the subject of desire. It is possible then to say that maternal desire and mothering are structuring factors of the psychic life of a baby. By following the initial development of the mother and child relation, it is possible to plan interventions of preventive characteristics and consequently work with mental health. The general purpose of this research was to identify, in three mothers of firstborn children and four mothers of second son, changes in expectations, desires and fears they had about themselves and about the child, during pregnancy and some time after they were born. For this purpose, through multiple longitudinal case studies, including re-testing procedures of previous work, this exploratory study carried out clinical interview and Human Figure Drawing applications, according to the technique of Machover, as well as the application of the pictures 1, 2, 4, 7GF, 8GF and 16 of the Thematic Apperception Test, as instruments of data gathering. The sample comprised a group of 7 women who had already given birth to their children and whose pregnancies were studied in previous phase, with the same instruments. The structural analysis of the material obtained from the Projective Tests, followed by thematic analysis concerning the contents of the interview resulted in an overall psychodynamic interpretation that integrated all the material of the case. The procedures of analysis were repeated for each of the seven cases, which were subsequently compared. The results were illustrated with the clinical protocols obtained, whose cuttings were organized - in order to define the movements of desire and maternal position before and after the birth of the child - based on four categories, namely: the psychic position of the mother; the supposition of the subject; aspects of the development of the son of reality, as well as aspects of the mother and child relation; and family relations plus socio-cultural aspects. After careful study of the material, it was observed that the maternal feelings are a complex set of factors that interact, overdeterminating themselves. It must be added to this, the fact that each maternal subject is unique and brings with her a different story, and that it is modified by and in the presence of the child. After collecting data longitudinally it was observed that the careful psychodynamics study of the seven women during pregnancy, with special exception to the contributions of the HFD and the TAT, had already pointed to potential areas of conflict and difficulties as well as facilities that could interfere, and did so, in the establishment of the relation mother-child.

Keywords: Projective techniques. Motherhood. Desire. Mother child relations. Parental role. Thematic Apperception Test. Human Figure Drawings.

RÉSUMÉ

Barros, I. P. M. de (2010). **Mouvements du désir maternel avant et après la naissance de l'enfant: une étude longitudinale.** Thèse de doctorat, Institut de Psychologie, Université de São Paulo, São Paulo.

Le désir maternel est le responsable pour le fonctionnement de la fonction maternelle et existe déjà dans un temps antérieur au surgissement même du Moi de l'enfant, c'est-à-dire, dans un temps où le fonctionnement psychique de ce sujet nouveau-né n'est qu'une esquisse. Face à cette constatation, la fonction du désir maternel dans la constitution du sujet s'exerce par la nomination qui délimite les contours de ce que deviendra le sujet du désir. On peut donc affirmer que le désir maternel et le maternage sont des éléments structurants de la vie psychique d'un bébé. Lorsque on accompagne le développement initial de la relation mère-enfant, on peut proposer des interventions de caractère préventif et travailler par conséquent la santé mentale. La recherche a eu pour but général d'identifier, chez trois mères qui avaient eu leurs premiers enfants et quatre mères qui avaient eu leurs deuxièmes enfants, des changements dans les expectatives, dans les désirs et les craintes qu'elles avaient par rapport à elles-mêmes et aussi à leurs enfants pendant la grossesse et quelque temps après la naissance de ceux-ci. Pour le faire, à travers diverses études de cas longitudinaux, y compris le réexamen des procédures d'un travail préalable, cette étude exploratoire s'est servie de l'entretien clinique et des applications du Dessin de la Figure Humaine, selon la technique de Machover et des planches 1, 2, 4, 7GF, 8GF et 16 du Test d'Aperception Thématique; ceux-ci des instruments de collecte de données. L'échantillon a été composé par un groupe de 7 femmes ayant déjà accouché et dont les gestations avaient été étudiées auparavant à travers les mêmes instruments. L'analyse structurale du matériel issu des Tests Projectifs, suivie de l'analyse thématique du contenu de l'entretien a mené à une interprétation psychodynamique globale qui a intégré tout le matériel du cas. Les procédures d'analyse ont été répétés pour chacun des sept cas, qui ont été postérieurement comparés. Les résultats ont été illustrés par les protocoles cliniques obtenus dont les bornes ont été organisées – afin de définir les mouvements du désir et de la position maternelle avant et après la naissance de l'enfant – à partir de quatre catégories: la position psychique de la mère; la supposition du sujet; des aspects du développement de l'enfant de la réalité et de la relation mère-enfant; et finalement les relations familiales et les aspects socio-culturels. Après une profonde étude du matériel, on a constaté que les sentiments maternels sont un ensemble complexe de facteurs qui interagissent et sont surdéterminants. En outre, chaque sujet maternel est unique et emporte avec soi une histoire différente, qui change par et dans la présence de l'enfant.

Après avoir collecté des donnés longitudinalement, on a observé que l'étude soignée de la psychodinamique des sept femmes le long de la grossesse, en relevant particulièrement les contributions du DHF et du TAT, suggérait déjà les conflits potentiels et des difficultés et aussi les facilités qui pourraient influencer – et que l'ont effectivement fait – la relation mère-enfant.

Mots-clés: Techniques projectives. Maternité. Désir. Relations mère-enfant. Rôle des parents. Test d'aperception thématique. Dessins de figures humaines.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Operadores conceituais que susteram o estudo 30
Figura 2 – Mães de primeiro filho que aceitaram participar. 69
Figura 3 – Mães de primeiro filho que não aceitaram ou desistiram de participar 70
Figura 4 - Mães de segundo filho que aceitaram participar. 71
Figura 5 - Mães de segundo filho que não aceitaram ou desistiram de participar. 72
Figura 6 – Modelo esquemático do método utilizado. 89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Normas Aperceptivas e Normas Temáticas das pranchas utilizadas.....78
Tabela 2 - Detalhamento dos procedimentos de coleta 80
Tabela 3 - Categorias de análise da apercepção 87
Tabela 4 - Categorias de análise do tipo de solução.....88
Tabela 5 - Comparação de paridade entre as mães da amostra por ocasião da primeira e segunda coletas. 90

LISTA DE ABREVIATURAS

CFP	Conselho Federal de Psicologia
DFH	Desenho da Figura Humana
grav.	Gravidez
HU	Hospital Universitário
Pr	Prancha
TAT	Teste de Apercepção Temática
TLI	Tempo de latência inicial ou reação
TT	Tempo total
USP	Universidade de São Paulo
IRDI	Indicadores de risco ao desenvolvimento infantil
SIC	Segundo informações do cliente

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 22
1.1. Justificativo do estudo 28
1.2. Objetivos 29
1.2.1. Geral 29
1.2.2 Específicos 29
2. CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS 30
2.1. O surgimento do sujeito 31
2.1.1. O filho imaginário: a pré-história do sujeito 31
2.1.2. Desejo, função materna e constituição psíquica 36
2.1.3. A maternagem como relação primordial 39
2.1.4. Função paterna e o processo de subjetivação, filiação e transmissão 45
2.2. O filho real e a mãe recém-nascida: encontros e desencontros 50
2.3. Contribuições ao estudo da relação mãe e filho: há prevenção possível? 54
2.4. Considerações acerca do sistema de avaliação dos testes psicológicos 62
3 MÉTODO 65
3.1 Tipo de pesquisa 65
3.2. Amostra 66
3.3. Instrumentos 73
3.3.1.Entrevista clínica semi-estruturada 74
3.3.2. Desenho da Figura Humana 75
3.3.3. Teste de Apercepção Temática 76
3.4. Procedimentos de coleta de dados 79
3.5. Procedimentos de análise dos resultados 81
3.5.1. Entrevistas clínicas semi-estruturadas 81
3.5.2.DFH 84
3.5.2.1. Aspectos gerais 84
3.5.2.2. Aspectos estruturais ou formais 84
3.5.2.3. Aspectos de conteúdo 85
3.5.3. TAT 85
3.5.3.1. Tempo de latência inicial, Tempo total (TLI e TT) e Estrutura da história 86
3.5.3.2. Apercepção 86
3.5.3.3. Tipo de solução 87

3.5.3.4. Interpretação das pranchas.....88
3.5.4. Interpretação psicodinâmica.....88
4. APRESENTAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 90
4.1. Caso 1 - Anne e Paulo - Quando a culpa deixa a mãe atrás do box de vidro.....91
4.1.1. Recortes da história de vida da mãe e o filho imaginário 91
4.1.2. Anne após o nascimento de Paulo e a relação mãe e filho da realidade 93
4.1.3. Análise e interpretação do Desenho da Figura Humana 95
4.1.4. Análise do TAT.....101
4.1.4.1. Interpretação das pranchas.....108
4.1.5. Movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho 112
4.2. Caso 2 – Mara e Alexandra - Quando a mãe volta a ser filha 118
4.2.1. Recortes da história de vida da mãe e o filho imaginário.....118
4.2.2. Anne após o nascimento de Paulo e a relação mãe e filho da realidade.....120
4.2.3. Análise e interpretação do Desenho da Figura Humana.....123
4.2.4. Análise do TAT 129
4.2.4.1. Interpretação das pranchas.....133
4.2.5. Movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho 136
4.3. Caso 3 – Felícia e Ana - Quando as projeções maternas pedem passagem 140
4.3.1. Recortes da história de vida da mãe e o filho imaginário.....140
4.3.2. Felícia após o nascimento de Ana e a relação mãe e filho da realidade.....143
4.3.3. Análise e interpretação do Desenho da Figura Humana.....147
4.3.4. Análise do TAT 153
4.3.4.1. Interpretação das pranchas.....159
4.3.5. Movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho 163
4.4. Caso 4 – Lina e Giovana - Quando a mãe aprende com a filha 168
4.4.1. Recortes da história de vida da mãe e o filho imaginário.....168

4.4.2. Lina após o nascimento de Giovana e a relação mãe e filho da realidade....169
4.4.3. Análise e interpretação do Desenho da Figura Humana....173
4.4.4. Análise do TAT....178
4.4.4.1. Interpretação das pranchas....184
4.4.5. Movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho....188
4.5. Caso 5 – Jace e José - Quando o filho imaginário nasce na realidade....191
4.5.1. Recortes da história de vida da mãe e o filho imaginário....191
4.5.2. Jace após o nascimento de José e a relação mãe e filho da realidade....193
4.5.3. Análise e interpretação do Desenho da Figura Humana....195
4.5.4. Análise do TAT....201
4.5.4.1. Interpretação das pranchas....209
4.5.5. Movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho....212
4.6. Caso 6 – Cristiane e Tábata - Quando o desejo materno é determinante....215
4.6.1. Recortes da história de vida da mãe e o filho imaginário....215
4.6.2. Cristiane após o nascimento de Tábata e a relação mãe e filho da realidade....221
4.6.3. Análise e interpretação do Desenho da Figura Humana....222
4.6.4. Análise do TAT....228
4.6.4.1. Interpretação das pranchas....235
4.6.5. Movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho....240
4.7. Caso 7– Janaína e Juca - Quando a função paterna faz a diferença....245
4.7.1. Recortes da história de vida da mãe e o filho imaginário....245
4.7.2. Janaína após o nascimento de Juca e a relação mãe e filho da realidade....250
4.7.3. Análise e interpretação do Desenho da Figura Humana....252
4.7.4. Análise do TAT....258
4.7.4.1. Interpretação das pranchas....266
4.7.5. Movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho....270

4.8. Discussão geral 274
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 279
REFERÊNCIAS 285
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista.....300
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Pós-Informação 305
APÊNDICE C – Tabelas se análise do DFH 307
APÊNDICE D - Tabelas de análise do TAT 311
APÊNDICE E – Tabelas de análise DFH de Anne.....318
APÊNDICE F – Tabelas de análise TAT de Anne 322
APÊNDICE G – Tabelas de análise DFH de Mara.....330
APÊNDICE H– Tabelas de análise TAT de Mara 334
APÊNDICE I – Tabelas de análise DFH de Felícia.....342
APÊNDICE J – Tabelas de análise TAT de Felícia 346
APÊNDICE K – Tabelas de análise DFH de Lina.....354
APÊNDICE L– Tabelas de análise TAT de Lina 358
APÊNDICE M – Tabelas de análise DFH de Jace 366
APÊNDICE N– Tabelas de análise TAT de Jace 370
APÊNDICE O – Tabelas de análise DFH de Cristiane.....378
APÊNDICE P– Tabelas de análise TAT de Cristiane 382
APÊNDICE Q – Tabelas de análise DFH de Janaína.....390
APÊNDICE R– Tabelas de análise TAT de Janaína 394
ANEXO A - Cópia do parecer do Comitê de Ética do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo.....402

APRESENTAÇÃO

A idéia deste trabalho nasceu em decorrência de algumas questões que foram suscitadas ao longo da execução de minha dissertação de mestrado[1] que discorreu sobre a psicodinâmica da gravidez de primeiro e segundo filhos. Essas questões foram fomentadas em dois congressos nos quais apresentei recortes dessa pesquisa. Nas ocasiões, por duas vezes, no momento do debate, pessoas da platéia demonstraram interesse acerca do que aconteceria com os dados que eu estava apresentando, após o período de gravidez das participantes do estudo. Apaixonada, como psicóloga clínica, pelo atendimento às crianças e a seus pais e estudiosa assídua das peculiaridades da relação mãe-filho e dos efeitos desta na constituição do sujeito, senti-me impulsionada a prosseguir pesquisando, no mesmo grupo de mulheres, o que havia acontecido, algum tempo depois do nascimento de seus filhos, com as expectativas, os desejos e os temores que tinham em relação a si e a eles.

A coleta anterior foi marcada por um contato extremamente afetivo com as grávidas que me enviavam lembrancinhas após o nascimento dos bebês, iam me visitar na sala em que eu costumava ficar, no hospital, com seus filhos e maridos. Em relação à transferência – aspecto levado em conta em se tratando do caráter clínico da pesquisa - durante os encontros, me chamou muito a atenção o fato de duas das grávidas de segundo filho terem verbalizado que colocariam meu nome em suas filhas. Já no segundo momento do tempo, aproximadamente 6 anos após o contato anterior, a receptividade manteve-se, na maior parte dos casos, como se pode observar nas falas de algumas das mulheres, que efetivamente voltaram a compor a amostra, quando de meu telefonema inicial: “Que bom que você não esqueceu da gente” (sic); “Você não sabe! Estou grávida! Acabei de voltar do médico; não contei ainda para ninguém, nem para minha mãe” (sic); “Não é todo dia que temos uma doutora em nossa casa”(sic); “Estava pensando em você. Estava pensando nisso mesmo ontem à noite” (sic); “aí eu levo a C. (filha) para a senhora conhecer” (sic); “Psicólogo é sempre bom” (sic).

O objetivo geral da referida dissertação (Barros, 2004), consistiu na ampliação do conhecimento em torno das características psicológicas das grávidas de primeiro e segundo filhos e, em especial, em relação às diferenças existentes entre esses dois grupos, a fim de

---

[1] Barros, I. P. M. de (2004). *Características psicológicas da primeira e da segunda gravidez: o uso do DFH e do TAT na assistência pré-natal.* Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

contribuir tanto para a assistência pré-natal às gestantes, como para o aperfeiçoamento da utilização do Desenho da Figura Humana (DFH) e do Teste de Apercepção Temática (TAT). Para tanto, por meio de estudo exploratório, identificou-se características psicológicas observadas na primeira e na segunda gravidez, e comparou-se os dois grupos, cada um composto por 10 grávidas. Os dados foram coletados no Serviço de Obstetrícia do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo, a partir de entrevistas individuais semi-dirigidas e da aplicação do DFH e das pranchas 1, 2, 7MF, 8MF e 16 do TAT. O material resultante foi analisado, principalmente em seus aspectos estruturais, sendo que os dados da entrevista tiveram função complementar neste processo. Realizou-se, então, uma avaliação sistemática do DFH e do TAT a fim de contribuir para o aumento da confiabilidade no uso dessas técnicas.

Dentre os resultados alcançados, as características psicológicas das grávidas de primeiro filho apresentaram semelhanças entre si, porém diferenças quanto às características psicológicas das grávidas de segundo filho, que por sua vez, também apresentaram semelhanças entre si. As ansiedades das primíparas pareceram mais ligadas às modificações biopsicossociais resultantes da gravidez, enquanto as características psicológicas na segunda gestação pareceram estar influenciadas pelo amadurecimento obtido na experiência anterior de gravidez. As mulheres grávidas de segundo filho pareceram estar mais abertas e tranqüilas, especialmente no que se referia às modificações corporais e aos cuidados com os bebês. Por outro lado, apresentaram dificuldades em conceber a idéia de modificar o vínculo com o filho mais velho em função do nascimento do segundo. Esse aspecto emergiu da análise do material coletado, principalmente o resultante do TAT. Dessa forma, foi ressaltada a importância de o psicólogo conhecer as características psicológicas da primeira e da segunda gravidez, não só para a atuação clínica individual, mas também para a atuação em equipe multiprofissional. Por fim, sugeriu-se a investigação longitudinal para o avanço do conhecimento sobre o tema, o que gerou a atual proposta de pesquisa.

Do estudo exploratório anterior (Barros, 2004), destacam-se as seguintes conclusões:

- A análise dos Desenhos da Figura Humana aponta para uma preocupação das grávidas com as modificações corporais e, portanto, com a imagem do corpo (as primíparas apresentaram maior tendência do que as grávidas de segundo filho a desenhar figuras compensatórias, ou seja, imagens que não sugeriam as modificações corporais decorrentes da gravidez, como por exemplo, cintura muito fina);
- No TAT, revelou-se a tendência, especificamente na Prancha 2, à apercepção da mulher mais velha como grávida, no grupo das grávidas de segundo filho. O mesmo

dado foi obtido no trabalho de Herzberg (1986), no qual, das 8 gestantes que compuseram sua amostra, apenas 3 caracterizaram a mulher mais velha da Prancha 2 como grávida. Frente à Prancha 7MF, a tendência em relação ao percepto boneca/ bebê ser percebido como bebê, a tendência foi maior no grupo das grávidas de segundo filho. Em outro estudo de Herzberg (1993) os dois grupos estudados, mulheres gestantes e não gestantes, tenderam a apresentar mais vezes uma apercepção distorcida do percepto boneca/bebê, especialmente no caso das gestantes, o que não se manteve nos resultados da pesquisa de Barros (2004) em nenhum dos grupos (nem no formado por primíparas, nem no formado por grávidas de segundo filho), cujas tendências foram de apercepção adequada.

No material encontrado, houve indícios de que uma preocupação do grupo das primíparas referia-se ao narcisismo, já que guardavam relação com o processo de substituição do corpo infantil pelo infantil no corpo. Faz-se aqui uma ressalva de que o conceito de narcisismo não está sendo utilizado com conotação psicopatológica, pelo contrário, como se encontra em Freud (1996/1914), o narcisismo está ligado ao investimento libidinal no próprio ego, investimento este fundamental para o início do estabelecimento das relações de objeto.

Partindo dos dados de caráter normativo obtidos em trabalho anterior (Barros, 2004), pretendeu-se avançar em busca de uma maior compreensão clínica acerca das expectativas, dos desejos e dos temores das mães estudadas em relação a si e ao filho, assim como dos efeitos desses aspectos na relação materno-filial. Essa investigação se deu pela comparação do material das primíparas e grávidas de segundo filho obtido em pesquisa anterior (Barros, 2004), com o obtido em encontro posterior (aproximadamente 6 anos depois) com parte destas mesmas mães que já estavam relacionando-se com seus filhos nascidos.

Penso que o aprofundamento do conhecimento acerca do tema pode possibilitar, ao pesquisador, a ciência de características prognósticas da relação materno filial. Sendo assim, pode o psicólogo, eventualmente, fazer uso do levantamento de um conjunto de situações tanto favoráveis, como de risco para o vínculo e para o desenvolvimento emocional saudável do bebê o que gera subsídios para que a intervenção clínica de caráter precoce possa se dar o quanto antes, ou seja, ainda no tempo em que está ocorrendo a constituição psíquica (J. Jerusalinsky, 2002).

Após a análise da projeção de conteúdos ideais e do contexto psicológico em que se encontravam ao longo da gravidez, aspectos extraídos de material inédito das entrevistas, desenhos e protocolos do Teste de Apercepção Temática obtido em trabalho anterior (Barros,

2004), buscou-se a continuidade do referido estudo a fim de qualitativamente investigar com profundidade o desejo materno e o investimento dirigido ao filho antes e após o seu nascimento.

Torna-se importante destacar que não se objetivou, com a atual proposta de pesquisa, estabelecer uma relação linear de causa e efeito, muito menos indicar critérios com valor prognóstico definitivo, já que se trata de uma pesquisa que correlaciona gravidez, desejo, função materna, constituição subjetiva e Psicanálise e, nesse âmbito, levando-se em conta a especificidade desta última, se está diante de eventos não cronológicos do ponto de vista do tempo lógico e principalmente diante do inédito, do singular (Safra, 2004).

Se, conforme reforçado por mim em pesquisa anterior (Barros, 2004), a constituição psíquica do sujeito por nascer já se inicia no período da gravidez (no registro do imaginário) em decorrência do investimento libidinal materno que já existe e se após o nascimento do filho a relação que se estabelece influencia reciprocamente a mãe e o filho, configura-se o seguinte problema de pesquisa: quais são as modificações que ocorreram nas expectativas, nos desejos e nos temores que as mães apresentavam (e representavam) em relação a si e ao filho durante a gravidez algum tempo depois de os mesmos terem nascido?

Vale aqui uma ressalva de que o termo desejo materno está sendo utilizado como uma categoria conceitual ampla que engloba as expectativas, temores, função materna e a maternagem. Sabe-se portanto que, apesar de se falar em modificações, o que se altera no entanto é a posição subjetiva da mãe .

Como psicóloga clínica e supervisora de Serviço-Escola tenho uma grande preocupação com o que vem se apresentando cada vez mais precocemente como demanda: sintomas na e da criança decorrentes de desajustes nas relações familiares, especialmente no que se refere à possibilidade de a criança pequena ter alguém que lhe exerça a função materna e até mesmo os cuidados básicos. O desejo pela realização desse estudo encontrou ressonância nas palavras de Jerusanlinsky (2002): “articular uma detecção precoce da primeira infância que considere o desenvolvimento de modo atrelado à constituição psíquica é uma necessidade clínica que nos põe a trabalhar.” (J. Jerusalinsky, 2002, p. 237). Sabia-se no entanto que o caráter longitudinal apesar de ser pré-requisito para a consecução dos objetivos seria um dificultador uma vez que manter contato com as mesmas mulheres, especialmente em se tratando da realidade socioeconômica brasileira e, mais ainda, de uma população inicialmente contatada em um serviço público de saúde, seria algo bastante complexo. No entanto, a aposta foi feita frente à riqueza que os dados trariam e assim o fizeram.

A questão da perda amostral também conceituada como atrito ou desgaste do painel (Ribas & Soares, 2010) está na literatura associada principalmente à duas causas: à mudança de endereço ou telefone de contato[2] das pessoas da amostra e à recusa em participar novamente. Ambos fatores foram determinantes para as perdas dos sujeitos entre a primeira e a segunda coleta. No entanto, como no caso da pesquisa em questão o atrito não esteve baseado em fatores que estiveram estritamente relacionados à variável resposta, privilegiou-se estar com as mesmas mulheres e isto não gerou a necessidade de aumento da amostra para compensar a perda de sujeitos e nem tornou a análise inviesada, grande problema que decorre da forma como é feita a seleção amostral. Por exemplo, se o local de moradia estivesse diretamente associado, ou seja, exercesse um efeito fixo às variáveis estudadas, a saber maternagem, desejos e temores das mães, a mudança de local de moradia poderia interferir na qualidade das respostas obtidas na segunda fase da coleta, o que enviasaria a análise.

Destaco por fim, que não se deve considerar precoce e precipitadamente, que alguns indicadores patológicos (até por que a pesquisa não visa só a detecção de indicadores prognósticos de patologia) irão de fato atuar na constituição psíquica do bebê. Contudo, penso que seja de suma importância que o clínico (ou profissionais afins que convivem com as gestantes) possa dispor não só de um conjunto de instrumentos validados para tal fim, como também de um rol de operadores para orientá-lo em sua escuta. Um trabalho de rotina que disponha dessas ferramentas clínicas, ainda na assistência pré-natal, pode vir a despertar um alerta referente à detecção da gênese de uma possível patologia ou de uma patologia em curso ou, ainda, apenas trabalhar no sentido de evitar sofrimento para o desenvolvimento normal.

---

[2] Ribas e Soares (2010) apontam que o nível sócioeconômico baixo, indivíduos entre 25 e 29 anos de idade, assim como a pouca escolaridade são fatores que aumentam a propensão à migração, ou seja mobilidade geográfica, fatores que estiveram presentes no perfil da amostra estudada nesta pesquisa aqui apresentada.

INTRODUÇÃO

Já há algumas décadas, o psicólogo preocupa-se com a prevenção psicológica (Bleger, 1996). Contudo, só mais recentemente tem-se observado um maior número de pesquisas e de propostas de intervenção e manejos por parte dos psicólogos clínicos e psicanalistas no sentido de promover uma ampliação de suas possibilidades de atuação, especialmente no que se refere à prevenção em saúde mental, tanto em caráter individual como coletivo (Duvidovich & Winter, 2004). Tal postura decorreu da necessidade de mudança de paradigma com relação ao lugar dos referidos profissionais, durante muito tempo, percebidos como aqueles que trabalhavam exclusivamente com psicopatologias.

Nesse sentido, faz-se relevante o estudo aprofundado do desejo materno e da maternagem, uma vez que estes atuam em etapas fundamentais do desenvolvimento humano, e configuram-se como fatores estruturantes da vida psíquica de um bebê (Lacan, 1998/1969; Levin, 2001). Ao acompanhar o desenvolvimento inicial da relação mãe-filho, conforme apontado por Cimenti (1998), De Felice (2000;2004), Duvidovich e Winter (2004), Fonagy (1997), J. Jerusalinsky (2002), Jung (2003), Missonnier (2004), Piccinini, Gomes, Moreira e Lopes (2004), Teperman (2005), Trad (1990) e Wendland-Carro (1994), o psicólogo pode acessar áreas potenciais de conflitos e dificuldades, bem como aspectos favoráveis ao estabelecimento do vínculo materno-filial ainda em uma população não clínica.

Reiterando essa idéia, Wendland-Carro (1994) salienta que a parte da Psicologia que estuda as primeiras relações entre mãe e filho constitui um vasto campo de atuação onde a Psicologia “deixa de ser meramente curativa e assume a importante e pouco explorada dimensão preventiva” (Wendland-Carro, 1994, p.146). Há na atualidade muitos autores que estudam especificamente essas primeiras interações, incluindo as que já se passam no período pré-natal (Piccinini, Moreira, & Lopes, 2004) e as reconhecem cada vez mais como um protótipo das relações ulteriores que a criança estabelecerá com o mundo (Cimenti, 1998; Jung, 2003; Wendland-Carro, 2001).

Segundo De Felice (2004) os estágios iniciais da experiência de maternidade e do vínculo mãe-filho são preditivos da maneira como a mulher irá desempenhar o papel materno e, conseqüentemente de como se dará sua vinculação com o filho. Pode-se falar dessa forma de um “continuum” na experiência de maternidade, iniciada na gestação e no relacionamento materno-filial. (Cimenti, 1998; Cranley, 1993; De Felice, 2004; Herzberg, 1986; 1993).

Mesmo antes de os bebês nascerem, a gravidez já é um momento particularmente interessante para esse tipo de estudo, já que a mulher está sensibilizada emocionalmente, favorecendo as reflexões sobre os aspectos inconscientes e infantis e daí decorrendo a importância de um espaço de escuta (Barros, 2004; Celia, Fossari & Celia, 1977). Missonnier (2004) chega mesmo a definir este momento como marcado por transparência psíquica.

Como apontado em trabalhos anteriores (Barros 2004, 2005) a possibilidade de escutar a lógica discursiva da mãe a partir da qual ela está situada e situando o bebê pode fornecer um material análogo à posição em que o bebê está situado em relação ao desejo materno. Assim, diante da possibilidade de um trabalho preventivo, se a gestante durante o período pré-natal tivesse a oportunidade de usufruir de um espaço em que pudesse falar e ser escutada em suas dúvidas, angústias e expectativas (e assim o pesquisador psicanalista poderia "pré-ver" o espelho de linguagem, função do desejo da mãe), talvez tivesse então a possibilidade de tomar consciência da mulher que foi, das gerações que a precederam, das representações associadas à criança por nascer, e assim teria a oportunidade de ressignificar uma série de eventos de sua história de vida e re-ordenar sua vida emocional, preservando a área de conflitos para a chegada do bebê (Barros & Herzberg, 2003; Luksys & Kniest, 2005; Wendland-Carro, 2001).

Afinal, não é mesmo essa capacidade imaginativa, essas representações do futuro bebê e dela própria como futura mãe que darão impulso para que por ocasião do nascimento do bebê, haja um investimento afetivo e a possibilidade de libidinização do corpo do filho?

Diante dos poderosos efeitos de resistência que os aspectos da vida psíquica dos pais criavam à análise das crianças, Freud (1996/1909) considerava fundamental que os pais fossem analisados para que assim perdessem força seus sentimentos ambivalentes inconscientes, presentes e determinantes na sintomatologia apresentada pelos filhos. Winnicott (2004/1989) também defendia que o analista interpretasse as fantasias da paciente em relação à sua parte interna, o que contribuiria para que a gravidez prosseguisse em sua função biológica, sem perturbações, até o momento do parto a termo.

Dolto (1999), Herzberg (1986, 1993) e Violante (2001) também fizeram referência à importância de a mulher, antes de se tornar mãe, ter oportunidade de refletir acerca de sua própria infância para que possa tomar consciência da criança que foi e assim, preservar (ou não) a imagem do bebê que vai construindo ao longo da gravidez da repetição de trechos e personagens de sua própria história. Desta forma poderia se preparar para o caso de o filho não corresponder exatamente àquilo que ela espera.

Na clínica infantil, especialmente durante o processo de avaliação da criança os pais têm papel fundamental (I. T. Oliveira, 2002; Mito & Yoshida, 2004) quando integrados à

compreensão do sintoma da criança como aqueles que fazem projeções no filho. Para além de simples informantes I. T. Oliveira (2006) aponta que os pais, ao contarem a história de vida dos filhos têm a possibilidade de se envolverem, revendo suas histórias. A abordagem psicodinâmica da terapia breve pais-crianças trabalha com a relação do sintoma da criança e o mundo representacional dos pais, relação a qual se inscreve na área de mutualidade psíquica (Cramer, 1974). A importância dos pais na compreensão do sintoma da criança também tem sido amplamente estudada por Gomes (1998) que afirma que as questões emocionais apresentadas pela criança guardam estreita relação com a dinâmica familiar.

Os resultados da pesquisa de Settee (1991), corroborados pelo que apontam Alencar e Rolim (2006), Granato (2000) e Herzberg (1993), referem-se ao efeito tranqüilizador e conseqüentemente fortalecedor que a presença da entrevistadora e dos profissionais da equipe de saúde gera nas mulheres durante o pré-natal e pós-parto, intervenção à qual, durante a gestação, devido às necessidades de dependência características desta fase, a mulher está mais receptiva (Pereira & Piccinini, 2007; Richardson, 1981). Assim, pode-se afirmar que este é um momento oportuno para se intervir levando-se em conta que a relação mãe-filho já se inicia nessa época, etapa crítica tanto para o bebê como para sua mãe, que, como denomina Bowlby (2001), é também recém-nascida (Maldonado, 2000; Souza-Dias, 1999; Szejer, 1999; Szejer & Stewart, 1997; Wilheim, 2003).

Nessa mesma linha de raciocínio, conforme apontaram os dados obtidos por Barros (2004), o desenvolvimento de propostas de intervenção em caráter preventivo, específicas para a primeira e segunda gravidez, pode contribuir para a melhoria da qualidade da relação das mães com seus bebês (Barros, 2004; Jung, 2003; Wendland-Carro, 1994). Dessa forma, a fim de que se possa trabalhar na gestação, o bem estar da mulher em um momento em que há muitas emoções e pulsões em circulação e, acima de tudo, favorecer a formação do vínculo primordial mãe-bebê, sugere-se que, a partir dos dados referentes à maternagem obtidos por Barros (2004) no que se refere à maternagem, se investigue com mais profundidade aspectos encontrados em ambos os grupos, que possam estar funcionando como obstáculo à internalização da condição de mãe para o filho. Por exemplo, o fato de as primíparas concentrarem mais suas preocupações consigo e com sua história (corpo infantil) do que as grávidas de segundo filho ou, na segunda gestação, o risco que pode correr o vínculo com o novo bebê, naqueles casos em que a mãe avaliava que o novo bebê não precisava de tanta atenção e tantos cuidados tal qual a criança maior que, em seu modo de ver, precisava de mais atenção por ocasião do nascimento do segundo filho.

Pereira e Piccinini (2007) estudaram o impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar, aspecto que de fato surgiu como preocupação no grupo de grávidas de segundo filho que compuseram a amostra da primeira coleta (Barros, 2004) e que pouco se aborda nos cursos para gestantes, que na maior parte dos casos trabalham com as angústias e preocupações da primeira gravidez ou da gravidez de risco (Barros, 2004). Pereira e Piccinini (2007) encontraram parca literatura acerca do tema o que entenderam ser em função de uma espécie de crença que o encontro com o segundo filho é mais fácil do que com o primeiro tendo em vista a experiência anterior do nascimento do primeiro filho. Dados obtidos em pesquisas empíricas consultadas contrariaram esta crença uma vez que as próprias famílias estudadas tenderam a se apresentar como se não estivessem preparados para o incremento das responsabilidades inerentes aos cuidados de dois filhos.

Após realização da pesquisa, que teve objetivo de investigar questões teóricas e estudos empíricos com base em uma perspectiva sistêmica, Pereira e Piccinini (2007) consideraram o nascimento do segundo filho como uma fase qualitativamente diferente do processo anterior. Apontaram que, apesar de os pais já terem, em geral, assumido seus respectivos papéis na nova configuração familiar após o nascimento do primogênito, há necessidade de redefinição destes papéis já que a passagem de um sistema triádico para um poliádico aumenta a complexidade em que se configura e funciona o sistema familiar. Os autores reforçam a idéia de que a preparação para a chegada de um novo bebê deve começar ainda durante a gravidez e envolve atenção à grávida, ao primogênito e ao sistema familiar, especialmente da avó materna e do marido, importantes como rede de apoio no contexto da segunda gestação: “quanto mais assistida estiver a mãe, mais apta está a fornecer o apoio necessário ao primogênito ao longo desse período de reorganização, e, paralelamente, dedicar-se aos cuidados essenciais do bebê” (Pereira & Piccinini, 2007, p. 388).

Esta pesquisa como outras apresentadas ao longo deste trabalho, destaca a importância de intervenções em caráter preventivo. Nesse sentido, Pereira e Piccinini (2007) concluíram que o clima afetivo que envolve a família no período da gravidez pode ter caráter preditivo quanto à reação do primogênito ao nascimento do irmão, e à qualidade da relação fraterna, já que um dos temas mais abordados pelas mães durante a gestação era o sentimento de distância emocional e conseqüentemente tristeza em relação à percepção de que estaria perdendo seu lugar de destaque dentre as relações do filho. No aspecto inter-relacional, observaram que durante a gravidez houve aumento na incidência de enfrentamentos mãe-primogênito e de proibições e repreensões maternas, vivências as quais são diretamente proporcionais à tendência de reagir negativamente diante do nascimento do irmão.

Vários pesquisadores se dedicaram a tornar mais sistematizado o estudo da relação mãe-filho. Há algumas décadas, Celia et al. (1977) chamavam a atenção para a importância da intervenção precoce. Partindo de pesquisas empíricas sobre o desenvolvimento cerebral, ressaltaram a importância do apego e da resiliência para o sucesso intelectual e emocional do bebê. Lebovici, Mazet e Visier (1989) chegaram a desenvolver um questionário denominado "*Symptom Check List"* com o intuito de avaliar as interações precoces entre o bebê e seus pais e assim manter uma sistemática de estudo sobre os problemas psicofuncionais na primeira infância a partir de um instrumento confiável e que permitisse comparações.

Wenland-Carro (1994) trabalhou inicialmente interferindo na qualidade da interação precoce mãe-bebê, procedendo posteriormente uma comparação entre um grupo de mães - que receberam orientações que visavam promover os cuidados maternos no que se refere à saúde física e mental da criança - e o grupo controle. Após análise de conteúdo e de discurso das entrevistas e análise de variância da freqüência e seqüências sincrônicas e assincrônicas das interações filmadas em vídeo, os resultados apontaram que as díades mãe-bebê do grupo experimental interagiram significativamente mais e de modo melhor no que se refere à sensibilidade e competência nos cuidados com o bebê.

Cimenti (1998) estudou o acompanhamento longitudinal que duas observadoras realizaram com duas duplas de mãe-bebês desde a gravidez até os primeiros meses pós-natais. A observação pós-natal foi inspirada no método Ester Bick (1987/1964), enquanto os dados referentes ao período pré-natal foram coletados em sessões de ultrassonagrafia com duração de 40 minutos. Foi verificado que o feto mantém, após o nascimento, um padrão de comportamento individual. No que se refere à mãe, foi possível prognosticar as características mais marcantes da relação mãe-bebê estabelecida posteriormente a partir das atitudes maternas desde a gravidez. A pesquisa de Cimenti (1998) relaciona-se com o objetivo da pesquisa aqui apresentada. Faz-se necessário observar, porém, que ela teve como referência os aspectos comportamentais, já que avaliou a possível existência de relação entre o padrão de relacionamento observado no primeiro momento pós-natal, o comportamento motor do feto e as atitudes e os sentimentos maternos durante a gravidez. Nesse sentido, atribui-se ao material projetivo coletado no presente estudo, o qual foi comparado ao obtido em pesquisa anterior (Barros, 2004), a possibilidade de se passar do nível da observação ao nível dos aspectos inconscientes que estão em jogo nas relações mãe-filho.

Jung (2003) evidenciou em sua dissertação de mestrado o valor preditivo da observação direta da relação mãe-bebê para o desenvolvimento biopsicossocial ulterior da criança. A partir de um estudo longitudinal Jung (2003) traçou um paralelo entre o

prognóstico acerca de alguns aspectos do desenvolvimento de 12 crianças, acompanhadas desde o final do primeiro ano de vida até o sétimo. Concluiu que a observação direta pode sim fornecer um preditivo confiável, capaz de apoiar programas preventivos para o curso do desenvolvimento das crianças. Dentre os instrumentos utilizados para avaliação dos aspectos do desenvolvimento da criança esteve o Desenho da Figura Humana, segundo a técnica de Machover (1974/1949) e conforme proposto por Lourenção Van Kolck (1984). Dos referidos desenhos foram analisados dois aspectos sob o ângulo expressivo (senso de realidade e ausência de conteúdos bizarros) e dois sob o ângulo adaptativo (adequação à tarefa solicitada e correspondência com o grupo de idade.) Jung visou desta forma, avaliar segundo proposto por Lourenção Van Kolck (1984) indicadores dos processos de expressão e adaptação da criança. Após análise do material, foi reafirmada a relação causal entre os relacionamentos primitivos, especialmente no que se refere à qualidade da maternagem, e o desenvolvimento de psicopatologias, sem, no entanto, se desconsiderar que nesse interjogo há a participação de aspectos inerentes ao bebê, relacionados à sua própria maneira de agir e interagir.

Ainda se tratando de prevenção em saúde mental, no Brasil há um projeto temático que se iniciou em 2000, a pesquisa multicêntrica de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil. A referida pesquisa foi feita em serviços públicos de saúde de nove capitais brasileiras, a saber: São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Brasília, Recife, Salvador, Belém do Pará e Fortaleza.

Apoiando-se na teoria psicanalítica, foram desenvolvidos Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDIs) que pudessem ser observáveis nos primeiros 18 meses de vida da criança não só por psicanalistas, como também por pediatras e outros profissionais de saúde, inclusive em centros de saúde: “O desafio que se tem pela frente é criar possibilidades de intersecção entre esses campos sem hierarquizá-los” (Kupfer & Voltolini, 2008, p.105). Essa pesquisa é de extrema relevância, uma vez que, conforme resultados do estudo de Wanderley (2008), entre 80 e 90% dos problemas de saúde mental em crianças não são diagnosticados na atenção básica, o que indica a falta de preparo dos profissionais no reconhecimento do sofrimento psíquico das crianças e denuncia a precária política pública no âmbito da intervenção precoce em saúde mental.

O estudo multicêntrico visou à validação desses indicadores para a detecção precoce de transtornos psíquicos do desenvolvimento infantil em um momento em que ainda é possível alguma reversão de quadros graves que possam se instalar. Os resultados finais já foram apresentados: 31 IRDI’s foram construídos para ser parte integrante da ficha de acompanhamento do desenvolvimento de crianças de zero a cinco anos proposta pelo

Ministério da Saúde (Kupfer et al. 2009). No entanto, a análise estatística revelou que os IRDI's possuem uma maior capacidade de predizer problemas de desenvolvimento do que de risco psíquico. Vale ressaltar que a presença dos indicadores são sinais de desenvolvimento e que, ao contrário, é a ausência deles que aponta para alterações e/ou perturbações na relação mãe-bebê. Os IRDI's assim foram idealizados no sentido de apontar para saúde e não para a doença.

1.1. JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

A realização da presente pesquisa poderá contribuir, no que se refere à relevância social, para o desenvolvimento de manejos e maneiras específicas de observação e intervenção psicológicas ainda no período pré-natal, potencializando, assim, a saúde mental da mãe e conseqüentemente a do bebê, além de facilitar o estabelecimento do vínculo entre eles, por exemplo, a partir do auxílio na organização psíquica da gestante no que se refere à construção de um espaço interno para o bebê.

Tais operadores (escuta e detecção precoce) podem ser inseridos em espaços de intervenção, como por exemplo, em contexto hospitalar ou em postos de saúde onde se dê o serviço de acompanhamento pediátrico, creches, berçários e escolinhas infantis, enfim, contextos pontuais para um trabalho de detecção precoce. Como apresentado, esse pode ser, inclusive, um trabalho realizado por equipe multiprofissional, com o intuito de oferecer um empréstimo de recursos afetivos e simbólicos para a mãe a partir de uma escuta diferenciada, a qual poderá produzir um efeito organizador intrapsíquico na gestante.

Quanto à ciência, o trabalho não só poderá agregar um valor não só para a psicologia como também permitirá o diálogo com áreas afins visando à melhoria do atendimento, tanto em nível primário, como no de tratamento, à população de gestantes e aos pares mãe-filho. Além disso, observa-se uma escassez de instrumentos específicos que avaliem precisamente características psicológicas na gravidez e suas influências sobre a relação que se inicia com o filho. A utilização do DFH segundo a Técnica de Machover (1974/1949) poderá contribuir em seu reposicionamento junto ao sistema de avaliação de testes psicológicos, ou seja, passar para status de aprovação.

O tema tem sido bastante estudado e aprofundado na atualidade. Fazendo uma consulta ao estado da arte nos últimos dez anos, encontram-se consistentes trabalhos de

pesquisa correlacionando aspectos biopsicossociais previamente observados já durante a gravidez com características e das relações iniciais mãe-filho. Muitos estudos, inclusive, apresentam caráter prognóstico, ou seja, apontam tendências da maneira como a díade funcionará. Os mesmos serão discutidos no momento em que forem apresentadas no referencial teórico as contribuições ao estudo da relação materno-filial visando-se a reflexão acerca da prevenção possível.

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. Geral:

- Identificar, em três mães de filhos primogênitos e quatro mães de segundos filhos, modificações nas expectativas, nos desejos e nos temores que tinham em relação a si e ao filho durante a gravidez e algum tempo depois de os mesmos terem nascido;

1.2.2. Específicos:

- Extrair, do conteúdo das entrevistas , assim como do material projetivo resultante da aplicação do DFH e do TAT, características do filho imaginário, expectativas, desejos e temores da mãe e verificar se estes aspectos podem apontar tendências na maneira como se estabelece a relação mãe e filho, após comparação do material coletado antes e após o nascimento da criança;
- Discutir aspectos preventivos a partir deste estudo longitudinal e eventuais efeitos terapêuticos decorrentes do contato breve da pesquisadora com as mulheres por ocasião de suas gestações;
- Contribuir para o aperfeiçoamento da utilização das Técnicas Projetivas DFH e TAT.

2. CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Esta revisão bibliográfica tem como eixo central de referência a teoria psicanalítica. Tendo em vista o caráter longitudinal da pesquisa, ou seja, o acompanhamento de um período da gravidez seguido de contatos realizados com as mesmas mães após o nascimento dos filhos, contou-se, também com contribuições de diferentes autores de correntes distintas da Psicanálise com o intuito de subsidiar dois processos: tanto a constituição do sujeito no que se refere aos efeitos das funções materna e paterna, como também buscou-se abarcar os aspectos interpessoais dos primeiros tempos da relação entre pais e filho, seus encontros e intercorrências com os quais a forma com que o sujeito irá se localizar no social guardará relação. É na interação pais-criança que as funções paterna e materna podem ir se tecendo, interação esta que funciona como pré-requisito para que aconteça o processo de reconhecimento mútuo e surgimento do sujeito psíquico, "elemento organizador do desenvolvimento da criança em todas as suas vertentes" (Kupfer et al. 2009, p. 50).

Para ilustrar este percurso foi elaborada a Figura 1 que se segue:

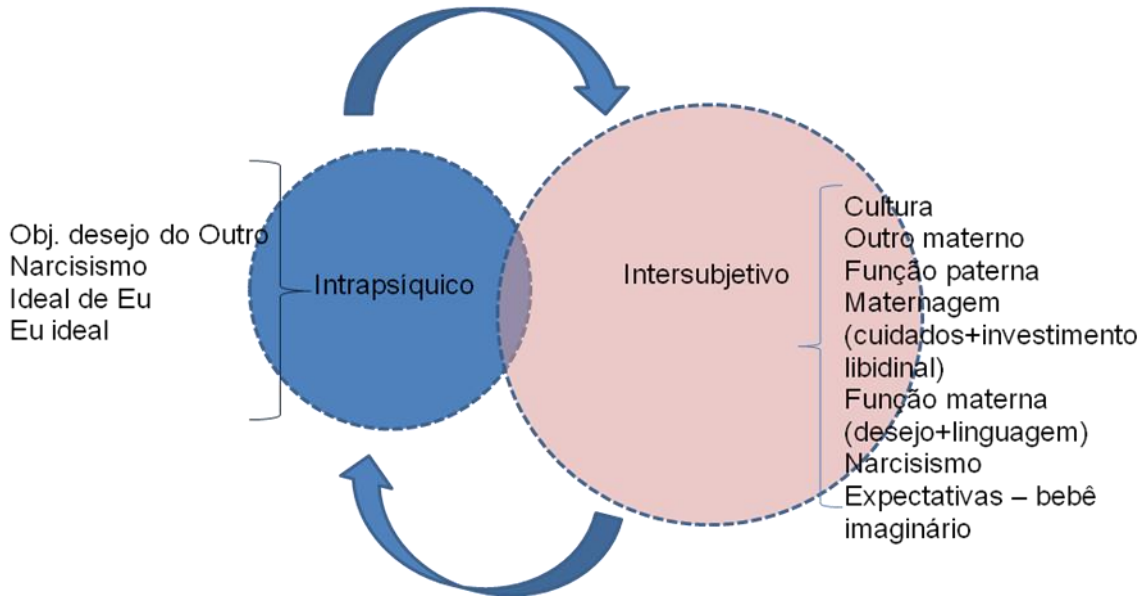


Figura 1 – Operadores conceituais que sustentaram o estudo

2.1. O surgimento do sujeito

2.1.1. O filho imaginário: a pré-história do sujeito

O tempo da gravidez é o tempo da elaboração necessária para que a construção da representação do bebê no psiquismo materno se efetive, já que as primeiras idéias acerca do futuro filho, segundo Aulagnier (1990), povoam o imaginário da menina desde que esta ainda era filha e brincava com boneca. Dessa forma, pode-se dizer que o que dá forma a essas representações são fragmentos inconscientes e revivescências inerentes à sua própria história no que se refere à maternidade (De Felice, 2000; Gianlupi, 2003; Herzberg, 1986;1993; Maldonado, 2000; Soifer, 1992) que formam um conjunto desordenado de imagens e sombras enigmáticas que passeiam livres em seu psiquismo e que, durante os meses da gravidez, compõem as múltiplas projeções derivadas de suas experiências infantis. Há autores que complementam essa idéia acrescentando, às projeções maternas, as do pai e, muitas vezes também as que têm origem em gerações anteriores (Aragão, 2007; Passos, 2006).

Desde o início da gravidez é estabelecida uma relação imaginária da mãe com o bebê, a qual, inconscientemente visa a completude de seu corpo (Aulagnier, 1990). As expectativas da família em relação ao bebê que chega dizem respeito, em última instância à incompletude da sexualidade humana, uma vez que esta não pode ser satisfeita plenamente. Gianluppi (2003) aponta que o bebê é colocado no lugar de ideal como uma "ilusão antecipadora daquilo que não se encontra ali" (Gianlupi, 2003, p.53).Em geral, ao bebê são atribuídas características ideais as quais costumam reproduzir o próprio narcisismo em detrimento das deficiências que permanecem ocultas ou esquecidas (Battikha, 2008; Freud, 1996/1914). É por isto que a presença do bebê recoloca a mãe narcisicamente ao mesmo tempo em que esta transmite seu narcisismo primário "(...) lhe dá um sexo, teme que adoeça, que tenha malformações (...)" (Solis-Ponton, 2004, p. 32).

É importante destacar que esta condição de supor um eu no bebê que chega é um movimento dialético, à medida que, ao disponibilizar enunciados a partir dos quais o bebê inicia seu processo identificatório, a mãe vai criando também representações dela própria como futura mãe. Este movimento de báscula dará impulso para que, quando do nascimento do bebê, a mãe invista afetivamente e libidinize o corpo que lhe é entregue (Piccinini et al., 2004) ao mesmo tempo em que se autoriza, se posiciona como função materna para aquele sujeito em constituição. Dessa forma, pode-se dizer que é daí que se origina o vínculo primordial mãe-bebê no qual a função materna se põe em ato evocada pela presença real ou imaginária da criança.

A gestação é, assim, o tempo necessário para que a mãe internalize a idéia de que irá se ligar para o resto da vida a um desconhecido. Essa percepção dará origem ao trabalho psíquico que terá de realizar visando a transformação do bebê inicialmente percebido como estrangeiro em familiar. Incrementa-se o processo de ao bebê serem atribuídas características por meio de projeções e idealizações que compõem uma rede de significantes que antecipam a criança e a marcará no seio da filiação (Aragão, 2007; Battikha, 2008; Cavalcanti, 2006).

Infante (1997) coloca que a estruturação da subjetividade se dá através da dialética entre os registros real, simbólico e imaginário, não havendo assim nada ao nível do instinto ou do inato que possa garantir o advento do sujeito. Os efeitos são retroativos e se dão em seqüência lógica, sendo suas vicissitudes dependentes do dispositivo dado pelo Outro materno para que o sujeito possa surgir.

Gianlupi (2003) reforça esta idéia reafirmando o auxílio que o movimento antecipatório materno desempenha até mesmo na antecipação dos aspectos individuais do futuro bebê. Por exemplo, o nome escolhido pode ser um reflexo dessas expectativas depositadas no bebê e, inclusive, remeter ao significado deste para os pais (Szejer, 1999). Aulagnier (1990) já apresentava essa idéia ao afirmar que, em geral, os pais o escolhem consciente ou inconscientemente, em função do lugar que o filho ocupa no mito familiar, lugar no qual sua subjetividade encadeia-se com o discurso dirigido a ele. Chama atenção, ainda, para o fato de que, apesar de inicialmente este discurso ser alienante, é a partir de sua inserção nele que será capaz de posteriormente “se reconhecer outra coisa que um simples acidente biológico” (Aulagnier, 1990, p. 12). Para a autora, o lugar de filho imaginário é o primeiro, no plano relacional, que é designado ao futuro bebê real. Estudos na área da psicologia pré-natal apontam que, a partir da maneira como são percebidos os movimentos fetais, as gestantes vão atribuindo características de temperamento ao bebê, além de expressarem que a interação passou a ser recíproca (Langer, 1986/1978; Maldonado, 2000; Raphael-Leff, 1997; Soifer, 1992; Szejer & Stewart, 1997). Essa primeira relação imaginária entre mãe e filho (este ainda não nascido) se passa, então, entre a mãe e o corpo imaginado (Aulagnier, 1990) e serve de suporte imaginário à medida que exerce papel unificador do corpo do sujeito que vai nascer antes mesmo de seu nascimento.

Vale aqui uma ressalva de que, o conceito de bebê imaginário que se utiliza ao longo deste trabalho baseia-se nessa definição de corpo imaginado como suporte imaginário e não coincide com a definição de bebê imaginário utilizada por Serge Lebovici, segundo a qual o bebê é constituído com base nas fantasias conscientes e pré-conscientes da mãe. A definição aqui em questão é composta por algumas características do que Lebovici denomina bebê

imaginário e por outras do que conceitua como bebê fantasmático, ou seja, o que está em jogo é a imagem decorrente das fantasias inconscientes da mãe.

É esta imagem inicialmente enganosa que futuramente garantirá a realidade do corpo autonomamente desejante, uma vez que será sobre ela que se despeja a libido materna ficando assim esta criança imaginária marcada por um lugar específico na economia do desejo da mãe (Faria, 2003). Ocorre que fazer esse investimento nem sempre é possível para todas as mães uma vez que há as que apresentam muita dificuldade de representar imaginariamente o futuro bebê. Há, nestes casos, um sobreinvestimento narcisista e o filho é percebido como aquele que vem acrescentar algo a seu próprio corpo, não sendo, assim, simbolizável (Aulagnier, 1990). Para esse grupo de mulheres o suporte da primeira relação com o filho não será o corpo imaginário, mas, sim, o corpo real.

Segundo Caron, Cardoso e Kompinsky (2000), grávidas com estruturas mais flexíveis e com fantasias menos fixas são mais permeáveis às informações e à realidade, aceitando com mais facilidade o seu bebê, com suas características próprias e a elas se adaptando. Por outro lado, as mães que apresentam fantasias e expectativas mais rígidas são mulheres com muito menos capacidade de aceitar informações de que não gostam, resistem, sentem-se proibidas de desempenharem seu papel materno e desqualificadas e sem criatividade. O trabalho de Piccinini et al. (2004) aponta repercussões tanto positivas quanto negativas da presença das expectativas da mãe para a maternidade, para o psiquismo do bebê e para a relação deles. O principal objetivo da pesquisa foi o de investigar as expectativas e os sentimentos das gestantes em relação ao bebê. A amostra foi composta por 39 primíparas, no último trimestre de gestação, com idades entre 19 e 37 anos. Após análise de conteúdo do material obtido em entrevistas individuais, os resultados indicaram que as mães, desde a gestação, procuram oferecer identidade ao bebê, atribuindo-lhe expectativas e sentimentos quanto a seu sexo, nome, características psicológicas e saúde, além de interagirem com ele (Piccinini et al., 2004). As referidas categorias parecem estar a serviço, na representação materna, do "dar mais identidade" ao bebê durante a gestação. Pode-se pensar que imaginar, interagir, acreditar e preocupar-se são atitudes que revelam a existência de um vínculo com o bebê, o que permite nomeá-lo e torná-lo mais real.

Segundo Piccinini et al. (2004), tais atribuições parecem reverter em um investimento na constituição psíquica do bebê, além de possibilitar o exercício da maternidade. Por outro lado, as expectativas são consideradas negativas quando posteriormente ao nascimento do bebê não são abandonadas e a mãe não consegue perceber o filho real com suas singularidades (Caron, 2000; Szejer & Stewart, 1997). Piccinini et al. (2004) ainda ressaltam

que há casos em que as gestantes não conseguem investir no bebê por medo de que a realidade não satisfaça seus desejos. Outras vezes atribuem ao bebê somente expectativas de insucesso e de morte, o que geralmente se revela não através de verbalizações e sim de sensações, pensamentos e intensas preocupações. Tal aspecto vai ao encontro do que Winnicott (2004/1989), em "Nota sobre o relacionamento Mãe-feto", chama a atenção: o fato de nenhuma mãe ser sempre capaz de produzir na fantasia "uma criança viva e total" (Winnicott, 2004/1989, p. 127). Algumas delas não conseguem abandonar inteiramente estas preocupações mesmo após o encontro com o bebê real, daí a importância de uma intervenção psicológica preferencialmente no período pré-natal.

Pesquisa muito semelhante a esta de 2004 (Piccinini et al., 2004) foi realizada por Piccinini, Ferrari, Levandowski, Lopes e De Nardi (2003). Desta vez o objetivo principal foi o de investigar a relação entre o bebê imaginário e o futuro do filho em dois grupos de gestantes comparativamente: um composto por adolescentes e outro por adultas. Os resultados apontaram poucas diferenças entre as projeções do grupo de adolescentes das do grupo das adultas e os pesquisadores atribuem ao intenso desejo de ser mãe, independente da idade, a explicação para as semelhanças encontradas.

Almeida, Ataíde, Nascimento, Pires e Silva (2003) chamam a atenção para as influências potencialmente patológicas das representações maternas, seja na gênese da patologia da relação mãe- filho, seja na formação de sintomas na criança. No entanto, é importante destacar que não haverá qualquer patologia advinda dessas imaginarizações desde que o bebê, no imaginário materno seja suposto como um sujeito unificado, sexuado e autônomo. O surgimento do sujeito estará seriamente ameaçado somente se seu corpo revelar-se exclusivamente um incremento narcísico da mãe (Aulagnier, 1990).

Em tal posição, a criança acaba não sendo percebida como tendo necessidades e desejos próprios, como alguém separado do corpo materno, de seu eu. Essa situação não equivale aos momentos em que os pais, ao amarem seus filhos[3], desejam e atribuem características e projetos a eles. Segundo Freud (1996/1914), os pais revivem seus narcisismos ao mesmo tempo em que no bebê há o início da vivência narcísica. Desse encontro, resulta a montagem da célula narcísica inicial, decorrente da parceria entre mãe e filho e em torno da qual vai sendo exercida, pelo lado da mãe, a maternagem e, pelo lado do

[3] Conforme aponta Nasio (1997), a imagem amada constitui uma imagem sexualmente investida. Vale lembrar que o conceito de narcisismo, aqui, é tomado conforme definido pela primeira vez por Freud (1996/1911), isto é, como um estágio normal da evolução da libido, entre o auto-erotismo e o amor objetal. Posteriormente, esta energia sexual partirá do corpo para investir os objetos (Nasio, 1997).

bebê, a formação do eu e o reconhecimento de seu desejo no Outro materno: “o eu não é outra coisa senão a captação imaginária que caracteriza o narcisismo” (Nasio, 1977, p. 59). Muito ao contrário de algo patogênico, o narcisismo na relação entre mãe e filho representa a condição necessária para que os desejos inscrevam-se no bebê e, assim, os significantes emprestados pelo desejo da mãe pulsional permitam, posteriormente, uma sucessão de identificações, introjeções simbólicas e o surgimento de um desejo seu.

Nesse espaço que está sendo chamado de célula narcísica inicial é que “viriam inscrever-se as imagens e palavras dos pais, da mesma forma que os votos que, segundo a imagem de François Perrier, são pronunciados pelas fadas boas e más sobre o berço do neném” (Nasio, 1997, p.49). Dessa forma, pode-se dizer que é o banho de linguagem decorrente do exercício da função materna que sustenta o narcisismo, organizando e mediando a relação dual entre mãe e filho. O corpo real despedaçado do bebê recebe os efeitos de nomeação resultantes da função materna em exercício à medida que esta oferece significantes que servem de suporte de linguagem, para a imagem que será construída pelo sujeito bebê (Aulagnier, 1990).

Mais à frente, ao perceber que a mãe apresenta desejos e interesses em outras coisas e pessoas, ou seja, que há um para além do desejo, a criança passará a desejar se fazer amar pelo outro, agradá-lo, o que está marcado pelas exigências sociais e culturais. Desta forma, o eu ideal constituído pelas projeções que recebeu vai dando lugar a um conjunto de traços simbólicos, que ao serem introjetados fazem a mediação entre o eu ideal e o ideal do eu, introjeção esta marcada pela entrada do significante pai como terceiro na relação dual com a mãe. Kupfer et al. (2009) apontam que “uma mãe que está submetida à função paterna leva em conta, em sua relação com o bebê, os parâmetros que a cultura lhe propõe para orientar essa relação, uma vez que a função paterna é encarregada de transmitir esses parâmetros.” (Kupfer et al., 2009, p. 53)

Posto isso, vale a pena destacar que o que tem potencial patogênico são, dentre outras coisas, os não-ditos – “marcas daquilo que não foi representado ou foi encoberto por uma visão imaginária e definitiva, que veda o sujeito a interrogar-se” (Debieux-Rosa, 2001, p.126). A criança precisa ter acesso às informações sobre sua pré-história para assim ter a oportunidade de recriá-la: “...nossas relações interpessoais, assim como o roteiro de humanização que nós criamos desde o nascimento, dependem, na maioria das vezes, do acesso que temos ao enredo inicial das relações familiares que nos deram origem” (Passos, 2006, p.15). Estas palavras encontram ressonância nas de Battikha (2008): “o que não está

inscrito tem que ser representado psiquicamente, e é necessário que o verbo se faça onde o silêncio é desumanizante.” (Battikha, 2008, p.142).

Bernardino (2006) corrobora essas idéias e aponta que:

> Enquanto não encontra seu próprio sentido, ao bebê resta corresponder ao sentido que lhe dão, ao lugar que recebe, pois, se não o ocupar, não haverá referência alguma para ele, não encontrará significado algum para si mesmo, já que não o herda junto com sua carga genética. (Bernardino, 2006, p. 25)

A passagem do narcisismo primário para o secundário será novamente abordada mais a frente, desta vez sob uma perspectiva lacaniana, ou seja, far-se-á uma articulação desses conceitos com o de desejo materno.

2.1.2. Desejo, função materna e a constituição psíquica

Uma vez abordados alguns aspectos da pré-história da relação mãe-filho, pretende-se a partir de agora fazer alguns recortes acerca da complexidade e das especificidades da função da mãe no interjogo da constituição subjetiva.

Toma-se por definição que “o papel da mãe é o desejo da mãe” (Lacan, 1992/1969-70, p. 105). Assim, o desejo materno é considerado o responsável pelo modo como se dá a função materna, uma vez que lá já estava em um tempo anterior ao próprio surgimento do Eu e, portanto, em um tempo em que o funcionamento psíquico do sujeito não teria condições de fazê-lo. Dessa forma, a função do desejo materno na constituição do sujeito é exercida pela nomeação, pela linguagem e dá as bordas do que virá a ser o sujeito do desejo. Não só fornece elementos que nomeiam, aquilo que gera angústia, mas também, como aponta Winnicott, “o mundo em pequenas doses” (1982).

Vale a pena destacar que a função materna tem lugar no simbólico e que, assim, parte-se do princípio de que a mãe possa encarnar esta função de Outro para o bebê, que vai tomando para si os significantes emprestados pelo discurso materno que funcionam como traços de identidade. Este tomar para si parece implicar em uma ação psíquica que está na base da formação do Eu e, como posto por Lacan (1998/1949) está no espelho: “Eu sou”.

Apesar de se tratar de uma imagem fictícia, esse processo vai constituindo, assim, o Eu e o Outro, processo o qual implica em uma primeira alienação necessária. Diante desse engodo, surge a importância da agressividade na relação com o Outro que tem a ver com a dialética entre o eu e os ideais (Lacan, 1998/1948). A subjetividade não se desenvolve, mas se constitui diante da falta a ser que é introduzida pela linguagem, pela nomeação feita pelo

discurso materno que aliena e constitui. Nesse sentido, a função de espelho exercida pela figura materna (Lacan, 1998/1949) refere-se à linguagem que permeia a relação e que parece desencadear uma avalanche subjetiva a partir de seus efeitos de transmissão, a partir de algo que é transmitido ao sujeito e que passa pela nomeação de um corpo. Diante disto, pode-se pensar na constituição do sujeito na borda do desejo materno: o que está fora? O que está dentro? Ou mesmo, não seria justamente a alternância presença/ausência (que será por Lacan desenvolvida na teoria da alienação e separação) do desejo materno que causa, que positiva a angústia e faz com que o sujeito se pronuncie? A partir daí, diante da conflitiva interna nos momentos de ausência é que a agressividade apareceria como defesa do narcisismo (Lacan, 1998/1948).

O que o outro quer de mim? Se esta pergunta só pode ser formulada no campo do simbólico, uma vez que a resposta que organiza é o falo, já se pode, então, falar de um sujeito precocemente constituído na passagem do narcisismo primário (Desejo da mãe) ao secundário (Freud, 1996/1920), o que implica em uma ação psíquica, ou seja, uma intenção mental que volta a energia investida no objeto para a o próprio ego. Diante da possibilidade de simbolização do desejo da mãe, a subjetividade do bebê vai estar na resposta que dá para o que vem do Outro, no que ele faz antes mesmo da verbalização, respondendo com o seu corpo.

Há, assim, uma existência dialética entre o desejo materno e a constituição do sujeito, já que, conforme aponta Lacan (1998a/1960), a determinação do desejo dos pais (e destaca-se, aqui, especialmente o desejo da mãe) se dá pelos efeitos dos significantes no novo sujeito e, sendo assim, o advento do sujeito vai depender do uso significante que o personagem temporário que o bebê encarna fará ou não. O desejo materno contorna, oferece as bordas, e a "falta a ser" do bebê preenche, recheia o lugar de sujeito desejante mesmo que ainda por uns tempos, este lugar esteja marcado pelo assujeitamento ao desejo do Outro.

Diante disso, pode-se perceber que o exercício da função materna já supõe a colocação em prática de um desejo (Falsetti, 1990). O desejo da mãe encontra-se no modo como ela se ocupa da criança já que as manobras, atenções, atitudes e os cuidados "... têm a marca de um interesse particularizado, ainda que o seja pela via de suas próprias faltas" (Lacan, 1998/1969, p.5). Assim, o bebê é sensível a essas projeções iniciais que ocorrem também como efeito da linguagem não verbal expressa nas condutas da mãe, tais como: a forma de a mãe amamentar, a forma de esta mãe segurá-lo, a forma como é colocado no berço e como esta mãe experimenta emocionalmente a separação. Estas interações iniciais são registros incontáveis

de mensagens inconscientes que acabam por orientar o bebê em sua vida fantasiosa, em seus valores e, ainda, na definição do sentir prazer e desprazer. (Edelstein, 2000).

> A capacidade da mãe em acolher seu bebê através da soma de vários comportamentos se torna crucial para que haja comunicação entre eles. Entende-se por acolher, a capacidade da mãe em segurar o bebê, protegê-lo de um estado de ansiedade e encorajá-lo a manter seus próprios ritmos para dar continuidade à interação. (Edelstein, 2000, p. 70)

Nesse momento, pode haver em algumas mulheres o que Edelstein (2000) entende como sendo um sentimento de mãe superpotente que impede o bebê de passar por qualquer situação de frustração, o que gradualmente atrapalha o seu desenvolvimento. Esclarece, ainda, que tal situação provavelmente decorre de uma fixação em um modelo idealizado de mãe, a qual se relaciona a uma visão de mãe/bebê perfeita (Edelstein, 2000).

Winnicott (1982/1964), afirma que ao conceber um filho há uma importante transformação na vida da mulher, sendo o bebê uma carga de trabalho e um embaraço positivo, caso tenha sido desejado. Essas transformações ocorrem gradualmente tanto nos sentimentos, quanto no corpo da mãe. “Se uma mulher jovem não começou ainda a querer o bebê que traz dentro de si, não pode evitar sentir-se infeliz” (Winnicott, 1982/1964, p. 19).

> À medida que vai ficando cada vez mais certa de que em breve se converterá em mãe, começará a arriscar tudo numa só jogada, como se costuma dizer. Principiará a aceitar o risco de preocupar-se com um só objetivo, o menino ou a menina que vai nascer. (Winnicott, 1982/1964, p. 20)

Mannoni (1995) compartilha dessas idéias quando aponta que a criança por vir ora é vivida como uma ameaça dirigida contra a integridade (narcísica) da mãe, ora é esperada como herói (com a incumbência de vingar a mãe pela infelicidade de uma vida). Freud (1996/1910) faz uma analogia entre o sorriso da Monalisa e a ambivalência materna:

> Se Leonardo teve sucesso ao reproduzir nas feições de Mona Lisa a dupla significação contida naquele sorriso, a promessa de ternura infinita e ao mesmo tempo a sinistra ameaça [...], manteve-se também fiel ao conteúdo de sua lembrança mais distante. Porque a ternura de sua mãe foi-lhe fatal; determinou o seu destino e as privações que o mundo lhe reservava (Freud, 1996/1910, p.123)

Mathelin (1999) corrobora com tais idéais e afirma: “Impossível no amor fazer a economia de pulsões agressivas. Pensar que existiria um amor materno sem violência, sem ódio, sem ambivalência seria tão radical quanto negar a existência do inconsciente.” (Mathelin 1999, p.14)

2.1.3. A maternagem como relação primordial

Para além do que se passa entre mãe e filho em um plano que não se observa a olho nú, encontram-se os cuidados maternos. Nas próximas linhas, tratar-se-á de como se dá exercício da função materna, ou seja, maneira especial como a mãe se ocupa do bebê.

A maternidade, dependendo da época e cultura, é motivada por diferentes modelos identificatórios estabelecidos (Badinter, 1985; Camarotti, 2002). Por exemplo, na Grécia Antiga as mulheres só recebiam o nome reservado às "mulheres completas" quando o seu primeiro filho nascia. Em Roma e Atenas, a casa da mulher grávida era tida como um sagrado santuário no qual credores e homens da justiça eram proibidos de entrar. Na França, no século XVIII, as grávidas eram isentas de responsabilidade por seus atos. Em geral, na visão cristã, a maternidade era considerada uma espécie de redenção e as relações sexuais só se justificavam para fins de procriação. Quando, por algum motivo, ficava incapacitada de dar à luz, a mulher acabava perdendo privilégios, e assim, seu maior temor era a esterilidade, pois seu destino era determinado na maternidade (Camarotti, 2002).

No entanto, para além do seu componente sócio-histórico, é importante destacar que a maternidade, ou seja, o advento da gravidez ou de dar à luz não garante a condição para a maternagem (Barros, 2004). Gerar e cuidar podem ou não estar juntos. O projeto de se ter um filho nem sempre coincide com o desejo de ser mãe. O tornar-se mãe, como definido na seção anterior, em que se tratou do desejo materno, inicia-se quando há o desejo de sê-lo, condição *sine qua non* para a maternagem suficientemente boa fazer parte integrante do exercício da função materna.

É necessário, entretanto, diferenciar o desejo da maternidade do desejo da gravidez. Em muitos casos, a mulher deseja somente a gravidez para se sentir segura quanto à sua completude e à não castração, fato que confirma a hipótese de que a gravidez pode ser uma saída narcísica frente ao desamparo (Camarotti, 2002). O pediatra e psicanalista Donald Winnicott utiliza-se do termo "função materna"; porém, em outras ocasiões, os termos "missão", "provisão", "devoção" e "posição" também foram utilizados (Outeiral e Graña, 1991). O Novo Dicionário da Língua Portuguesa (Ferreira, 1986) define:

> *função* [Do lat. Functione] como ação própria ou natural dum órgão, aparelho ou máquina; prática ou exercício de cargo, serviço, ofício; posição papel; o conjunto dos direitos, obrigações e atribuições duma pessoa em sua atividade específica; qualquer correspondência entre dois ou mais conjuntos (Ferreira, 1986, p. 819).

Já o termo "mãe" é definido por Ferreira (1986) como mulher, ou qualquer fêmea, que deu a luz a um ou mais filhos. Quanto a "maternidade", o termo de acordo com o autor,

significa qualidade ou condição de mãe; um laço de parentesco que une a mãe ao filho (Ferreira, 1986).

Ainda considerando o Novo Dicionário da Língua Portuguesa (Ferreira, 1986), “materno”, é um adjetivo relativo a, ou próprio da mãe; amor materno; afetuoso, dedicado, carinhoso e maternal. Como a própria definição propõe, “a maternagem não está inclusa no exercício de ser mãe, ou seja, na maternidade” (Ferreira, 1986, p.1063). A função materna não é necessariamente exercida pela mãe biológica, já que a mesma remete a um conjunto de obrigações e atribuições, como citado anteriormente, os quais não equivalem a simplesmente gerar um filho. Segundo este mesmo Dicionário, “gerador é aquele que gera, que cria ou produz.” (Ferreira, 1986, p.847). Pode-se observar que o gerador não tem sempre como sinônimo o cuidar. Segundo Outeiral e Graña (1991), o termo “mãe” foi unido ao de função na metade do século passado. A função materna passou a ser objeto científico na prática clínica tanto da Psicologia quanto da Psicanálise, pois muitos analistas deparavam-se com questões clínicas em jovens e adultos perturbados que levavam ao estudo, questionamento e desenvolvimento de muitas teorias acerca da referida função.

A maternagem, conforme se considera neste trabalho, inclui dois aspectos importantes: a função nutriente, que equivale aos cuidados do corpo fisiológico e das funções vitais da criança; e a função libidinal, que é humanizadora e abrange o conjunto de sensações, sentimentos e atitudes (Duvidovich & Winter, 2004). Desta forma, é absolutamente essencial que a mãe seja um ser falante, quando se está diante do conceito de maternagem. Como ensina Lacan (1999/1957-58), “não é apenas o pequeno roça-roça, os cuidados com água-de-colônia, que constituem uma relação coma mãe; é preciso que ela lhe fale, é claro, todo mundo sabe disso.” (Lacan, 1999/1957-58, p.406) . Vorcaro (2002) define a linguagem maternante (ou apelo invocante) como aquela que se estabelece por meio da língua materna e na qual está o laço “que ata um organismo humano ao sujeito cuidador” (Vorcaro, 2002, p.71).

Como já foi visto, é parte integrante do processo de se tornar mãe o contato desta com suas próprias vivências referentes à maternagem. A mulher receptiva ao filho é provavelmente aquela que também recebeu essa maternagem em sua infância e que, uma vez adulta, encontra o apoio de um grupo interessado na chegada de seu filho, podendo, assim, mostrar-se disponível e interessada em exercer a maternagem para seu bebê, segundo a cultura em que está situada.

A partir dos estudos e técnicas atuais, é possível constatar que, dentre outros aspectos, a interação fisiológica entre o organismo da mãe e do feto tem diversos efeitos, positivos ou

não, e é por isso mesmo que a relação mãe-bebê deve ser o mais saudável possível (Wilheim, 2003). Wilheim (2003) afirma que, para haver um desenvolvimento psico-afetivo do indivíduo, de célula a feto, de feto a bebê, de bebê à criança é essencial a disponibilidade afetiva da mãe.

Para Bowlby (1988), dentre os mais significativos avanços da psiquiatria no último quarto do século passado, acha-se a crescente comprovação de que a qualidade da maternagem que uma criança recebe nos primeiros anos de vida é de importância vital para a sua saúde mental. Tal pensamento encontra ressonância nos resultados obtidos na Pesquisa Multicêntrica de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil (Kupfer et al. 2009) a qual já foi apresentada em outros momentos deste trabalho e que leva em conta quatro eixos teóricos: suposição do sujeito, estabelecimento da demanda, alternância presença/ausência e função paterna (Kupfer et al., 2009). Estes eixos também estão contemplados no referencial teórico aqui apresentado, e em resumo são o que constitui o que tem sido definido e utilizado quando se fala em maternagem suficientemente boa.

> No momento basta dizer que o que se acredita ser essencial à saúde mental é que o bebê e a criança pequena tenham a vivência de uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe, [...] na qual ambos encontrem satisfação e prazer. É esta relação complexa, rica e compensadora com a mãe, [...] que os psiquiatras infantis e muitos outros julgam, atualmente, estar na base do desenvolvimento da personalidade e saúde mental (Bowlby 1988, p 13-14).

Ao se aprofundar o estudo sobre a importância e as particularidades da maternagem é imprescindível fazer referência ao pensamento winnicottiano sendo, portanto, necessário retomar um dos termos mais significativos que se tem: o de mãe suficientemente boa. Vale ressaltar que será a partir do comportamento manifesto da mãe que o filho tomará conhecimento das idéias e representações maternas, já que, embutido no seu cuidar, estará a transmissão também daquilo que é inconsciente e que “fala” em seus gestos e palavras dirigidas ao bebê.

A mãe suficientemente boa é aquela que, durante os primeiros meses de vida do filho, adapta-se, identifica-se às necessidades dele, o que significa colocar-se em posição de atender às suas demandas e saber sobre o que precisa seu filho. É aquela que representa o ambiente suficientemente bom, responsável pela saúde psíquica deste ser humano em desenvolvimento. A expressão “suficientemente boa”, diz respeito à adaptação da mãe, ou seja, aquela que supre as necessidades do bebê no período da dependência, na medida em que elas se apresentam (Winnicott, 2005). Essa mãe, então, conduz seu bebê na direção das conquistas básicas de seu amadurecimento, que são: a integração dele no tempo e no espaço, a personalização

(unificação entre a vida psíquica e o corpo) e o início do contato com a realidade (relações objetais).

A mãe, dessa forma, deve ser evidenciada na relação com seu bebê de modo que, se porventura, ela for afastada do contato com ele, o elo entre ambos será quebrado, como algo que se perde e não pode ser recuperado. Rocha (2006) afirma que seria falta de compreensão sobre o papel de mãe supor que, se afastam dela seu bebê por alguns dias, semanas ou até meses, ao devolvê-lo a relação entre ambos seja a mesma de antes do momento em que foram separados.

De acordo com Nasio (1995), "a mãe suficientemente boa permite à criança pequena desenvolver uma vida psíquica e física fundamentada em suas tendências inatas" (Nasio, 1995, p.186). Ou seja, essa mãe é aquela que, ao supor no filho um sujeito diferente e separado dela, permite a ele experimentar um sentimento de continuidade da vida, que significa a emergência de um verdadeiro eu, um verdadeiro *self*.

> Só na presença dessa mãe suficientemente boa que pode a criança iniciar um processo de desenvolvimento pessoal e real. Se a maternagem não for boa o suficiente, a criança torna-se um acumulado de reações à violação; o *self* verdadeiro da criança não consegue formar-se, ou permanece oculto por trás de um falso *self* que a um só tempo quer evitar e compactuar com as bofetadas do mundo (Winnicott, 2005, p.24).

"Preocupação Materna Primária" é um outro termo que vale a pena retomar. Utilizado por Winnicott para designar o estado da mulher durante a gestação e que se mantém por algumas semanas do puerpério, representa um estado psíquico especial, que se caracteriza por uma condição organizada que poderia ser comparada a um estado de dissociação, em que um determinado aspecto da personalidade toma o poder temporariamente. Para o autor, o funcionamento psíquico da mãe no início da vida do bebê alcança um estado de sensibilidade exacerbada, quase como uma doença, da qual ela depois se recupera. É como se as mães assumissem a vulnerabilidade do seu bebê, mas admitissem também que, com o decorrer do tempo, serão capazes de sair dessa situação especial.

É essencial, nesse sentido, que a mãe seja suficientemente saudável para que possa adoecer nesse período, assim como possa também retomar, aos poucos, suas atividades, recuperando-se deste período de preocupação materna primária. Ou seja, deve haver a existência de uma mãe que seja sadia o suficiente para comportar-se espontaneamente como mãe (Winnicott, 2005).

A mãe devotada não é sinônimo de pessoa inteligente ou culta, mas é aquela capaz de achar que pode atender às necessidades do bebê. "Entretanto, para que a relação com o bebê

seja bem-sucedida, também é preciso que a mãe se alegre com sua tarefa, se divirta" (Rocha, 2006, p.68). É por esse motivo que Winnicott (2005/1986-1971) afirma que "podemos deixar o cuidado das crianças por conta das mães, cuja capacidade não se baseia no conhecimento formal, mas provém de uma atitude sensível adquirida na medida em que a gravidez avança" (Winnicott, 2005/1986-1971, p.3).

Winnicott (1999/1988), ao considerar a identificação da mãe com o bebê, não se referia ao comportamento dela comparado ao de um bebê, mas ao fato de que ela, por estar muito sensibilizada, teria condições de suprir as necessidades de seu filho, compreendendo o quanto este depende dela e estando pronta para atendê-lo.

Ao contrário de outras pessoas que não conseguem saber se o bebê sente fome, frio ou está apenas querendo atenção, a mãe consegue, na maior parte do tempo, saber exatamente qual é a necessidade dele. Essa simbiose inicial entre mãe e bebê foi chamada por Winnicott (1999/1988) de Preocupação Materna Primária: é a "...capacidade surpreendente de identificação com o bebê, o que lhes possibilita ir ao encontro das necessidades básicas do recém-nascido, de uma forma que nenhuma máquina pode imitar, e que não pode ser ensinada. (Winnicott,1999/1988, p. 30)

Essa mãe deve desenvolver o que Winnicott (1999/1988) chama de *holding*, isto é, o segurar, acolher o bebê no colo. Não se trata de um segurar qualquer, mas de um segurar simbólico que faz com que a mãe satisfaça as necessidades do bebê: "O bebê sente a sua respiração, e do seu hálito e de sua pele irradia-se um calor que leva o bebê a sentir que é agradável estar em seu colo" (Winnicott,1999/1988, p. 15). Segundo Winnicott (1999/1988) o *holding* é necessário, pois traz a sustentação, que se refere aos cuidados maternos de proteção frente a possíveis perigos físicos.

Na verdade, grande parte dos bebês tem sorte ao serem bem segurados na maior parte do tempo e este segurar propicia confiança. E, se ainda são segurados suficientemente bem, a base da personalidade estará sendo bem assentada. Os bebês não se recordam de que as pessoas os seguram bem – "no entanto, lembram-se da experiência traumatizante de não terem sido segurados de forma adequada." (Winnicott,1999/1988, p.54)

Assim, a formação de um indivíduo saudável depende da presença de uma mãe suficientemente boa, que é aquela que permite que o bebê progrida do princípio do prazer para o da realidade, está adaptada ativamente às necessidades do filho, adaptação esta que gradativamente diminui de acordo com a capacidade do bebê de superar as falhas e tolerar os resultados da frustração: "existe um ambiente não suficientemente bom, que distorce o desenvolvimento do bebê, assim como existe o ambiente suficientemente bom, que possibilita

ao bebê alcançar, a cada etapa, as satisfações, ansiedades e conflitos inatos e pertinentes." (Winnicott, 2000/1978, p. 399).

Caso a maternagem não seja suficientemente boa, o *self* verdadeiro da criança pode não conseguir desenvolver-se, permanecendo oculto por detrás de um falso *self*. (Winnicott, 2005/1986-1971). Além disso, Winnicott (1999/1988) acredita que na comunicação mãe-bebê pode haver falhas, as quais podem ser corrigidas no tempo devido. Mas, caso não o sejam, há o surgimento da carência: "uma criança carente é aquela que, após tomar conhecimento de falhas que foram corrigidas, vem a experimentar uma falha não corrigida. Portanto, a tarefa da criança é provocar condições nas quais a repetida correção das falhas seja um padrão para a vida." (Winnicott,1999/1988, p. 87).

Spitz (2004/1979) afirma que durante o primeiro ano de vida são construídas experiências e ações que normalmente vão influenciar no desenvolvimento de vários aspectos da personalidade do bebê: "sua busca de comunicação com o parceiro é evidente, e com o decorrer de semanas torna-se cada vez mais dirigida." (Spitz, 2004/1979, p. 92). Assim, a mãe em seus afetos, seu prazer, suas ações conscientes ou não, sua atitude carinhosa ou não, pode vir a influenciar diretamente no desenvolvimento do bebê. Essa mãe terá como tarefa facilitar inúmeras e variadas ações do filho. Spitz (2004/1979), nesse sentido, aponta que o maior grau de facilitação é propiciado pelas ações inconscientes da mãe e não pelas conscientes. Para ele, tanto a mãe, quanto o bebê se influenciam mutuamente:

> Tal relacionamento está, em certa medida, isolado do ambiente e é mantido por vínculos afetivos extraordinariamente poderosos. Se o amor pôde ser chamado de 'um egoísmo a dois' por um filósofo francês, isto se aplica cem vezes mais à relação mãe-filho. (Spitz, 2004/1979, p.128)

Winnicott chama a atenção para dois tipos de distúrbios maternos que podem ocorrer neste momento. Afirma que, em um extremo, pode existir uma mãe cujos interesses próprios têm caráter tão compulsivo que não podem ser abandonados, o que a torna incapaz de mergulhar na condição de mãe suficientemente boa; e, no outro extremo, uma mãe que tende a estar sempre preocupada com o filho, não conseguindo alternar seu interesse pelo bebê com outras coisas e pessoas, o que se torna patológico, uma vez que impede que o bebê simbolize sua ausência, fator também estruturante da vida psíquica.

2.1.4. Função paterna e o processo de subjetivação, filiação e transmissão

Em um trabalho que visa ao aprofundamento do estudo acerca da relação mãe-filho torna-se imprescindível tratar da importância do pai, enquanto função simbólica que determina o descolamento da criança da posição fálica; e em relação a seu papel no registro da realidade. Além disso, numerosas pesquisas apontam a diferença que faz quando a mãe pode contar no ambiente familiar com a presença de um companheiro a quem ela destina seus interesses para além dos cuidados com o filho e com cuja ajuda pode contar na complexa tarefa de cuidar dos filhos, especialmente no pós-parto (Pereira & Piccinini, 2007; Stefanello, 2005). Não obstante, Pereira & Piccinini (2007) ressaltam a importância do pai e da intensidade de sua relação com o filho primogênito como importante mediador da reação do primogênito ao nascimento do irmão e fator responsável pela diminuição do distanciamento e do conflito entre mãe e filho mais velho nessa ocasião.

No que se refere à relação da primeira com a segunda instância, antes de prosseguir à retomada do lugar e da importância do pai na família, vale ressaltar que, conforme define Faria (2003), ainda que haja a presença potencial do pai, se não houver referência à Lei no discurso da mãe, a entrada potencial da função paterna ficará comprometida.

Não que a presença do pai, homem cuja contribuição biológica estará sempre na origem do bebê, não faça diferença. Como aponta Kehl (2006) o pai pode ser aquele que se oferece como substituto da mãe, apresentando à criança uma outra oferta/demanda pulsional, o que pode ser muito importante para que o bebê possa assim estar mais protegido da ambivalência materna, por exemplo nos casos de bebês mal-formados e/ou prematuros. Tal proteção se torna possível tendo em vista a diferença de representação fálica do filho para a mãe e para o pai.

É importante ressaltar que a família, como primeira ordem social em que o indivíduo é inserido, é estruturalmente regida por uma série de mitos que servem, no processo de constituição subjetiva, como ponto de ancoragem simbólica e imaginária que situa o sujeito em determinado lugar naquele grupo familiar. Seria uma espécie de berço simbólico que transmite como herança, a possibilidade de inserção no mundo humano e de viver em uma cultura. Missonnier (2004), nesse sentido, define a cultura como uma espécie de placenta psicossocial onde se dão as relações familiares de modo ampliado.

Pensando em termos individuais, o mito fundador, o ponto de partida subjetivante é, como já visto, o desejo de ser o objeto de desejo da mãe e fazer o Um total e perfeito, ideal maior de amor. Portanto este é também o foco de maior angústia: uma perfeita correspondência, a completude entre objeto de desejo e a falta desejante implica na morte do

desejo e no aprisionamento do sujeito em determinado lugar que não o de sujeito desejante, mas o de objeto de gozo para o Outro materno.

A criança se nutre dos projetos narcísicos de seus pais e, dessa forma, os valores culturais e familiares se transmitem, assegurando- lhe um valor específico no seio da filiação. Assim, há uma sutil linha de fronteira entre o social e o subjetivo. O grupo familiar, apesar de todas as modificações e configurações contemporâneas (famílias monoparentais, homoparaentais etc), ainda é considerado o lugar privilegiado para a constituição psíquica e a socialização da criança (Passos,2006)

Nesse ponto cabem as contribuições de Freud (1996/1921) e o que definiu como o mito científico do pai da horda primeva ansiando por dar uma explicação global da origem das sociedades e da religião a partir dos dados da psicanálise, ou, como diz Roudinesco (1998, p. 757), "dar um fundamento histórico ao mito de Édipo e à proibição do incesto", Freud faz uma leitura do mito do pai da horda com o intuito de chegar à base da psicologia individual e da de grupo. Para tanto, busca as origens da psicologia de grupo nas características dos membros individuais-grupais da horda e as origens da psicologia individual nas características psicológicas do pai ou líder:

> Os membros do grupo achavam-se sujeitos a vínculos, tais como os que percebemos atualmente; o pai da horda primeva, porém, era livre. Os atos intelectuais deste eram fortes e independentes, mesmo no isolamento, e sua vontade não necessitava do reforço dos outros. [...] todos os filhos sabiam que eram igualmente perseguidos pelo pai primevo e o temiam igualmente (Freud,1996/1939,p.134)

Esse mito freudiano circunscreve a essência conceitual da noção de pai como aquilo que legaliza as relações de troca entre os sujeitos de uma mesma comunidade as quais têm suas origens na relação entre mãe e filho, na qual o pai, mesmo antes da passagem da criança pelo Complexo de Édipo, já é presente desde o momento em que o sujeito se "confronta com o lugar imaginário onde se situa o desejo da mãe, e esse lugar já está ocupado"(Lacan, 1999/1957-58, p. 249). Em "As fórmulas do desejo" Lacan retoma o trabalho "Totem e Tabu" de Freud e afirma que o totem seria um significante de "serventia múltipla... graças ao qual tudo se ordena, e principalmente o sujeito, porque o sujeito encontra nesse significante aquilo que ele é, e é em nome desse totem que se ordena também, para ele, o que é proibido" (Lacan, 1999/1957-58, p. 321). No que se refere às marcas da incidência daquilo que interfere na relação do sujeito com a mãe, de acordo com Lacan, "o falo é terceiro no que constitui aí a relação imaginária do sujeito consigo mesmo." (Lacan, 1999/1957-58, p. 309).

A noção de pai, enquanto agente da paternidade comum é o que Dor (1991) define como operador simbólico a-histórico, ou seja, que não depende de um ordenamento cronológico. A função paterna, na Psicanálise, não está diretamente associada à existência do pai biológico, mas à de "um pai investido de seu legítimo poder de intervenção estruturante do ponto de vista do inconsciente" (Dor, 1991, p.13-14). De outra forma, pode-se entender que estará operando a função do pai aquele que intervém perante a economia do desejo do filho às voltas com o desejo da mãe: "não é pois necessário que haja um homem para que haja um pai" (Dor, 1991, p. 19).

Daí, inclusive, a diferença conceitual entre paternidade, que é da ordem da paternidade real, e filiação. Esta última prevalece sobre a primeira e encontra-se se situa no nível prioritariamente simbólico. No entanto, além da entrada do pai como aquele que faz referência direta à Lei da proibição do incesto (Dor, 1991), sua importância está também no exercício da "função de moderar os excessos de apego entre mãe e filho a fim de alavancar o processo de subjetivação" (Kehl, 2006, p. 37).

Não se pretende aqui fazer uma vasta revisão do processo edípico, no entanto é de fundamental importância retomar o conceito de Falo, uma vez que ele está diretamente associado ao significado do bebê desde os primeiros tempos da relação com os pais.

Na obra de Lacan, o Falo constitui uma referência à função do pai como mediador da relação entre a mãe e a criança. Essa função paterna interpõe-se na relação diádica, imaginária e especular que é verificada entre o bebê e a mãe. Ela é a castração. Para poder ser o terceiro e intermediador do vínculo diádico, o pai deve transmitir a Lei, fato que se atualiza por ser o portador do nome. É o pai quem nomeia o filho, e neste ato, está simbolizado que é possuidor do falo, da Lei. A inserção do pai tem efeitos de inserção da criança na cultura a partir das interdições e imposições de limites.

A função paterna propicia uma espécie de abertura psíquica – tanto interna, subjetiva, como voltada para o outro, para o externo -, o que permite à criança ampliar recursos como as capacidades de elaboração, fantasia e simbolização, ao mesmo tempo que expande suas possibilidades de compartilhar e diversificar relações sociais. (Passos, 2006, p.10)

Nesse segundo momento do processo edípico, o pai passa a participar, privando a mãe de seu filho-falo e a este da satisfação imaginária, proporcionada por ser o falo da mãe. A criança se vê forçada, simultaneamente, a pôr em dúvida sua identificação fálica e a renunciar a ser o desejo da mãe. Correlativamente, do ponto de vista da mãe, o pai a priva do falo que supõe que seja o filho. O pai parece ser, para a criança, o objeto fálico possível. Neste contexto, a criança ingressa na simbolização da Lei, que, mais tarde, permitirá o declínio do

complexo. O confronto com a castração implica no abandono da posição de ser o falo da mãe e no surgimento da necessidade de “ter” aquilo que preenche o desejo da mãe. O pai real, ao impor a Lei, transforma-se em pai simbólico.

Na teoria lacaniana, esse processo é estruturante. O ingresso no mundo do significante e, portanto, na constituição do inconsciente e o recalcamento originário estão sujeitos a ele. Foi isto que Lacan teorizou, sob o nome de “A Metáfora do Nome-do-Pai”. Com já foi dito anteriormente, o simbólico passa pelo Pai e é no Nome-do-Pai que se deve reconhecer o suporte da função simbólica. É o falo que vai permitir que o pai real assuma sua representação simbólica e regule a economia do desejo com referência à mãe e ao filho (Dor, 1991).

Ao fim da fase pré-edípica, a criança precisa assumir o falo como significante de uma maneira que o faça instrumento da ordem simbólica. Na resolução edípica, ou seja, pela intervenção do Outro, agora já não mais o Outro materno, o sujeito ultrapassa a relação dual ascendendo à ordem simbólica. Lacan (1987) aponta que se tem por aceite que a situação mais normatizante do vivido originário do sujeito moderno, sob a forma reduzida que é a família conjugal, está ligada ao fato de o pai se encontrar como o representante, a encarnação de uma função simbólica que concentra em si o que há de mais essencial na estrutura cultural: a proibição do incesto. Além disso, a chegada desse terceiro na relação, posteriormente, será responsável pela expansão do mundo relacional da criança.

Já paternidade é vista como uma transição do desenvolvimento emocional do homem, conforme Maldonado (2000). Em geral, os pais possuem dificuldades para a formação do vínculo entre pai e filho, pois, diferente do que ocorre com a mulher na maternidade, o homem nunca poderá sentir o bebê dentro de si, dar à luz e amamentar. Por isso, a vinculação entre ambos costuma ser mais lenta, consolidando-se gradualmente após o nascimento do bebê e seu desenvolvimento dele (Maldonado, 2000).

A pesquisa longitudinal de Krob, Piccinini e Silva (2009) acerca da transição para a paternidade destaca que, não só durante a gravidez, mas também no segundo mês de vida do bebê, a vivência emocional dos pais pesquisados é marcada pelo sentimento de exclusão. A referida pesquisa aponta que este é o sentimento mais universal segundo levantamento bibliográfico acerca dos estudos que investigam o tema. Além do sentimento de exclusão, os dados da pesquisa com 20 pais de primeiro filho indicaram que há durante a gravidez da esposa grande ambivalência afetiva a qual dá lugar a sentimentos positivos e satisfação dois meses após o nascimento dos filhos.

Este sentimento pode ser análogo ao da época do período edípico. A revisão do passado pode levá-lo a uma reavaliação de questões interiores resultando em uma

recombinação na personalidade do pai, processo que envolve inúmeras mudanças bastante complexas, incluindo a re-atualização de situações infantis antigas como a relação com seu próprio pai (Raphael –Leff, 1997; Krob et al., 2009). Raphael -Leff (1997) discorre sobre o fato do pai, expectador da relação mãe e filho, posto no lugar terceiro que a função lhe atribui, poder se sentir deixado de lado e até ter sido ignorado pelos profissionais de saúde e amigos. Portanto, este sentimento de exclusão não se encontra apenas na situação do homem-pai, mas também na própria sociedade.

Os resultados da pesquisa de Krob et al. (2009), apontam que estudos recentes apresentam uma nova perspectiva de paternidade a qual é marcada por uma modificação do padrão tradicional de participação paterna que dá lugar a novos ideais culturais onde do pai se espera presença constante nos cuidados com os filhos, assim como divisão de responsabilidades com a esposa. Os pais participantes da pesquisa (Krob et al., 2009) após análise do material resultante de entrevistas realizadas em dois momentos diferentes do tempo (durante a gravidez e dois meses após o nascimento dos filhos), demonstraram durante o período gestacional querer interagir com seus filhos, tanto através da realização de cuidados como em trocas afetivas, o que de fato pode ser observado posteriormente após o nascimento dos bebês quando os pesquisadores perceberam grande proximidade e afeto na relação pai-filho.

Contudo, em relação aos cuidados a participação dos pais não se mostrou tão efetiva quanto a planejada, o que os autores entenderam como resultante de uma diferença entre o ideal cultural de paternidade e a realidade do comportamento paterno o qual ainda é marcado pela não efetivação da divisão de tarefas com as esposas apesar da maior intensidade afetiva no relacionamento com os filhos.

Para finalizar este trecho que teve o intuito de situar, para além do desejo da mãe, a importância da função paterna na estruturação subjetiva da criança, vale a pena fazer referência às colocações de Faria (2003) quando esta autora aponta a não existência de regras universais, receitas capazes de definir as características que um pai deve ter para operar como tal, mas chama a atenção para as contribuições fundamentais da posição do mesmo como terceiro no Complexo de Édipo.

Apesar de nesta pesquisa ter se apresentado a função do pai e a importância da paternidade, não se aprofundou no significado, na influência e nos efeitos do desejo do pai na constituição psíquica da criança. No entanto, não se está negando que o que um filho representa para o desejo paterno marca a criança muito precocemente, uma vez que isso tem a ver com a versão masculina do desejo (Kehl, 2006): o desejo de confirmação fálica e o desejo

de descendência. Essa marca precoce foi definida, por Freud (1996/1923), como identificação primária e, por Lacan (1998b/1960), como traço unário, ou seja, a impossibilidade de a criança realizar o Eu ideal (o falo da mãe). Ao longo do desenvolvimento, o traço unário dá lugar simbólico aos ideais do Eu transmitidos pela função paterna. São estes os efeitos da transmissão: "(...) nenhuma satisfação por um objeto real qualquer que venha aí como substituto jamais consegue preencher a falta na mãe." (Lacan, 1995/1956-57, p.180)

2.2. O filho real e a mãe recém-nascida: encontros e desencontros

O nascimento é acompanhado por angústias e por um remanejamento psíquico na família, em que cada um terá que reorganizar o seu espaço, seus papéis sexuais, a relação conjugal e a rotina em função do bebê, especialmente a mãe, quanto ao último aspecto (Stefanello, 2005; Krob et al., 2009).

Pelo lado do bebê, para se constituir como já foi visto, não basta uma história genética ou biológica, mas é necessária uma história marcada pelo desejo e pelas relações. Tal idéia encontra ressonância nas idéias de Golse (2004), para quem inscrever-se na filiação permite que o bebê afilie-se não só em seu grupo familiar atual, como também na história da família.

Maldonado (2000) aponta a necessidade de a mãe, diante de um nascimento normal e saudável, adaptar a imagem idealizada do bebê ao bebê real. A mãe deve reorganizar seu quadro mental imaginário, para ajustar a imagem do bebê pequeno e frágil. Dessa forma, existe junto do nascimento um trabalho de luto pelo bebê imaginário (Wirth, 2000), do qual a criança depende para que a realidade de seu corpo possa se impor (Gianlupi, 2003) e poder encontrar seu lugar na família (Solis-Ponton, 2004).

Pio (2007) escreve que o parto representa a passagem do estado de gravidez para uma situação em que a mãe não vê mais a barriga enorme nem percebe mais os movimentos do feto dentro de si, o que significa que o parto envolve a separação de dois seres muito íntimos e o forte desejo da mãe de conhecer o bebê. A partir de então, a criança se torna muito mais ativa em uma variedade de funções fisiológicas que até então eram cumpridas pela mãe, como a respiração, alimentação, evacuação etc. (Soifer, 1992).

Claro que ainda precisa de cuidados intensos, proteção e gratificação, devido à sua condição de desamparo psíquico e biológico, quase como um prolongamento do estado anterior, mas fora do útero (Maciel e Rosemburg, 2006). Para Freud (1996/1926), a mãe originalmente satisfez todas as necessidades do feto através do aparelho do próprio corpo dela e após o nascimento do bebê continua a fazê-lo, embora parcialmente por outros meios.

> Há muito mais continuidade entre a vida intra-uterina e a primeira infância do que a impressionante censura do ato do nascimento nos teria feito acreditar. O que acontece é que a situação biológica da criança como feto é substituída para ela por uma relação de objeto psíquica quanto a sua mãe. Mas não nos devemos esquecer de que durante sua vida intra-uterina a mãe era um objeto para o feto, e que naquela ocasião não havia absolutamente objetos (Freud, 1996/1926, p. 137).

Com o advento da ultra-sonografia obstétrica, alguns aspectos concretos do bebê podem ser conhecidos ainda durante a gestação (Caron, 2000; Cimenti, 1998). Os dados obtidos podem tanto incrementar as fantasias maternas, como antecipar algumas frustrações. Conhecer o sexo do bebê, por exemplo, pode facilitar o encontro com o bebê real uma vez que há a oportunidade de o luto pelo bebê do sexo imaginado começar a ser elaborado (Szejer & Stewart, 1997).

Após o nascimento, como já foi visto, a criança recém-nascida, se tudo vai correndo suficientemente bem, ativa a função materna passando assim a ter seu corpo biológico e seus atos nomeados fazendo com que eles recebam uma série de significações marcadas pelos desejos dos pais (Dunker, 2006). No entanto, é preciso ressaltar que desde os primeiros tempos há a necessidade de a mãe e o filho que nasce desiludirem-se em relação à onipotência materna, dando lugar a um jogo de reciprocidades e investimentos mútuos.

Corroborando as idéias apresentadas anteriormente sobre o surgimento do sujeito e o interjogo que marca a relação entre mãe e filho e os constitui mutuamente, Passos (2006) afirma que, assim como o bebê é totalmente dependente da mãe no início, ela por sua vez também depende dele para se constitutir como mãe, necessitando de seu olhar reconhecendo sua posição materna. Só assim haverá uma espécie de adoção mútua (Passos, 2006). Mãe e filho acionam mutuamente novos padrões relacionais (Jung, 2003) e competências (Wendland-Carro, 1994), sendo esse sistema fundamental para que o potencial do bebê seja correspondido pela mãe e fortaleça a condição da mãe de maternar, ou seja, de se sentir autorizada a exercer sua função como Outro materno.

O cuidador torna-se o representante externo da satisfação do bebê sendo investido de energia libidinal, isto é, de interesse, de importância e de amor (Maciel e Rosemburg, 2006). De acordo com Freud (1996/1926), a experiência de necessitar de alguém e o medo de perdê-lo, vão acompanhar o indivíduo por toda a sua vida.

É parte integrante do momento após o nascimento do bebê a vida conjugal entre os pais. Pincus e Dare (1981) chamam a atenção para que o pai da criança não seja excluído dessa união primordial entre mãe e bebê, já que os pais necessitam apoiar um ao outro. Além do mais, a mulher necessita desse suporte para que sua preocupação materna primária possa

estar livre de culpa ou ressentimento. Para oferecer às crianças um ambiente sadio favorável a seu crescimento, os pais têm, individualmente e como casal, que se sentir suficientemente seguros e também estar aptos a reconhecer seus sentimentos confusos relativos às novas exigências que os aguardam.

Existem três bebês que nascem, no momento do parto, para os futuros pais. Dessa forma, na interação entre mãe e filho, estes três bebês que nascem interferem, podendo facilitar ou entravar a adequação entre ambos. A criança fantasmática seria a relacionada ao conflito edipiano materno, imaginária seria a desejada e a criança da realidade, aquela que interage concretamente (Marcelli, 1998).

De acordo com Marcelli (1998), quando a interação mãe-filho satisfaz os desejos, apaziguando os temores dos pais, ela tem grandes chances de ser enriquecedora para os dois parceiros. Já quando essa interação confirma os temores ou provocam decepções, as relações podem se fixar em condutas repetitivas e até mesmo cada vez mais patológicas. Finalmente, quando essas relações não podem se estabelecer, é possível que ocorra um investimento parcial ou irreal na criança.

Nesse sentido, é importante fazer uma ressalva acerca do que aponta Chateau (1995) no que se refere à interação da mãe com o bebê da realidade. O autor afirma que a interação mãe e filho passa a ocorrer, após o nascimento do bebê, com base no bebê anteriormente criado por ela, que a partir de então, passa a ser recriado. O bebê da fantasia permanece no inconsciente materno mas vai, aos poucos, dando lugar a um sujeito cada vez mais autônomo em relação ao que havia sido antecipado pela mãe. Winnicott (1982/1964), em uma das vezes em que se refere às características das mães suficientemente boas inclui dentre elas a possibilidade de se deixar surpreender pelo bebê, aprendendo com ele a ser mãe.

Segundo Wirth (2000), após o nascimento, a mãe e o bebê possuem uma relação muito especial, recíproca e complementar, ou seja, o bebê não existe sem a mãe e a mãe não existe sem o bebê. No entanto há necessidade de que ela possa oscilar entre “ser o que o bebê tem capacidade de encontrar e ser ela própria” (Kehl, 2006, p. 36). Neste ponto, a figura do pai no exercício da função paterna em muito a auxilia, permitindo que ela alterne momentos de presença com momentos de ausência em relação à criança.

Após o nascimento do filho real, pode haver dificuldades no relacionamento do casal se um dos parceiros abdicar-se de aceitar uma terceira pessoa na relação. Esse comportamento normalmente é inconsciente, gerado pelo medo do marido de perder a exclusividade do amor da esposa, perda que, se ocorresse, traria tristeza inclusive para a mesma (Pincus & Dare, 1981). O que ocorre, muitas vezes, é que na relação mãe-bebê pode haver falhas e

desencontros que gerem danos ao psiquismo do bebê. Nesse sentido, tanto a Psicanálise como as teorias psicodinâmicas como campo de estudo e técnica de tratamento podem auxiliar com seu instrumento fundamental, a escuta.

Durante o processo de gravidez, as mudanças são vivenciadas de formas diferentes tanto para a mãe, quanto para o pai. Na mulher, além dos fatores psicológicos e bioquímicos envolvidos, os fatores socioeconômicos são considerados relevantes. Maldonado (2000) afirma que as mulheres, principalmente das áreas urbanas, hoje trabalham fora e também ajudam nas despesas da família. Assim, ao ter um filho pode proporcionar não só privações reais, afetivas e econômicas, mas também um aumento de tensão que acarreta na intensificação de ambivalência e regressão em seu psicodinamismo.

Campos (2006) afirma que o casal, diante de uma relação dual, torna-se objeto de desejo um do outro, ocorrendo um encontro afetivo e emocional. Porém, diante de um filho, começa a aparecer no homem um sentimento de exclusão que antes não existia, já que ele sente que a atenção da mulher está muito mais voltada e em torno do filho e, assim, julga ter sido usurpado por este novo membro que parece pertencer somente a ela. Sendo assim, no casamento, a gravidez pode tanto propiciar maiores níveis de integração e aprofundamento ao casal, como também um rompimento na estrutura neuroticamente equilibrada e frágil, como ocorre em toda crise evolutiva (Maldonado, 2000).

Passos (2006) chama a atenção para o fato de ser essencial para a saúde mental da criança que, ao longo de seu desenvolvimento, haja dois adultos que possam se constituir como pais e cumprir o trabalho psíquico da parentalidade, entendendo-se por parentalidade não só os vínculos de parentesco, como também os processos psíquicos que se desenvolvem a partir daí (Solis-Ponton, 2004).

Essas primeiras relações vão delimitar progressivamente para o bebê a elaboração de si mesmo e de sua mãe, e futuramente servirão como fonte de inspiração para a constituição do desejo dele próprio de se tornar pai/mãe de um bebê. A criança vai recriando a herança que lhe foi oferecida e, conforme vai se relacionando ressignifica as experiências à luz de sua própria singularidade. A partir do que lhe foi imaginado pelo Outro primordial é que o bebê iniciará a sua identificação o que lhe permitirá mais tarde passar da posição de *Infans* à de sujeito.

Para a mãe, torna-se de grande importância, a partir desse momento, iniciar um processo de alternância entre presença e ausência (momentos em que seu desejo está em outra pessoa ou em outro lugar) nos cuidados com o bebê, o que será saudável para todos os envolvidos nesse cenário inicial.

2.3. Contribuições para o estudo da relação mãe e filho: há prevenção possível?

No que se refere ao uso de testes projetivos, poucos foram os trabalhos encontrados que contribuem para a pesquisa da relação mãe-filho. Klatskin e Eron (1970) utilizaram-se do Rorschach e das pranchas 4, 7MF, 8MF, 10, 13HF e 16 do TAT para prognosticar o pós-parto de algumas mulheres, ainda durante a gravidez. Concluíram que aquelas que passaram por esse momento com mais tranqüilidade, ou seja, que se adaptaram melhor, não necessariamente estavam menos deprimidas durante a gestação, mas, sim, menos preocupadas com a gravidez e aceitando melhor a idéia da maternidade.

Gardner (1971) propôs uma escala para determinação dos sentimentos maternos baseada na anteriormente proposta por Davis M. Levy a qual foi acrescida de itens que avaliaram, além de fatores conscientes, os inconscientes. Os itens referentes aos aspectos inconscientes foram elaborados a partir das contribuições do Teste de Apercepção Temática (pranchas 1, 2, 7MF, 13R e 19) e de informações decorrentes de associação livre. Os resultados do estudo decorreram da tabulação do material a partir de escalas que compilaram os escores atribuídos tanto às respostas conscientes obtidas nas entrevistas, como às inconscientes extraídas dos protocolos de TAT. Tabulou e categorizou os sentimentos maternos em três níveis (alto, normal e baixo). Após análise do material Gardner (1971) ressaltou que, para se avaliar os sentimentos maternos, considerar apenas os aspectos conscientes pode levar a conclusões errôneas acerca do fenômeno, já que são um conjunto complexo de fatores que interagem entre si, sobredeterminando-se.

Esses dois trabalhos foram os únicos encontrados que se utilizaram do TAT para estudar algum aspecto da relação entre mãe e filho. Ambos já estão bastante defasados em relação ao tempo de realização da pesquisa.

O Teste Projetivo de Rorschach foi o instrumento utilizado para o estudo de aspectos simbióticos na relação mãe-filho em um estudo de caso. Após avaliação individual da mãe e do filho, foi feita uma comparação entre os dois protocolos os quais indicaram a personalidade materna marcada por adesividade, aspecto complementar à fragmentação que marcou o protocolo do filho (Wolff, Brasil, Amparo, Roque & Silveira, 2009). Os autores concluíram que mãe e filho mantêm seus psiquismos indiferenciados, o que explica o funcionamento psicótico da criança.

Após análise das entrevistas e aplicação do Teste das Relações Objetais de Phillipson (TRO) em 16 mulheres antes e após o parto, De Felice (2000) constatou que a qualidade das experiências emocionais da mulher, durante a gravidez e o puerpério, depende da elaboração satisfatória da posição depressiva infantil. A qualidade da relação conjugal parece fornecer o

apoio necessário para que, às vivências, possam se associar sentimentos positivos. De Felice (2000) apontou que as expectativas da mulher durante a gravidez, em relação ao bebê imaginário, mostraram-se especialmente ligadas à respectiva figuras materna internalizada, tendo sido o contato com o bebê real marcado por ambivalência, principalmente pelo fato de na maior parte dos casos estudados, ter havido uma espécie de experiência de choque entre o que esperavam e o bebê real. Prosseguiu estudando a relação materno-filial e, no ano de 2004, acompanhou longitudinalmente a experiência de maternidade de 12 mulheres primíparas até seus filhos completarem três anos de idade. Dentre os objetivos, visou a identificação dos sentimentos e das atitudes no desempenho do papel materno e a forma como esses padrões afetariam a relação mãe-filho e o desenvolvimento da criança. No delineamento do método, contou-se com entrevistas semi-dirigidas realizadas aos 7 meses e 15 dias de gestação e 18 meses e 3 anos pós-parto. Realizou, também, entrevista com o marido e uma observação da dupla mãe-filho. Os resultados evidenciaram que houve predomínio de aspectos mais saudáveis ou mais patológicos no psiquismo da mãe atuando sobre a experiência emocional da maternidade, desde a gestação. O cuidadoso estudo indica a possibilidade preditiva acerca dos aspectos inerentes à relação mãe-filho. Vale destacar que para algumas das mulheres estudadas, a maternidade funcionou como uma experiência emocional terapêutica e corretiva, permitindo a reformulação parcial de antigos conflitos.

Com o objetivo de compreender as transformações na rede de significações acerca dos eventos de separação, Ferreira (2000) utilizou-se de proposta teórico-metodológica da Rede de Significações elaborada pelo Centro de Investigação sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI) e procedeu a um estudo de caso longitudinal. Para coletar os dados realizou quatro entrevistas no período de tempo entre o oitavo mês de gestação e o oitavo mês de vida do bebê. Encontrou-se uma variedade de possíveis sentidos para os eventos de separação mãe-bebê, o que aponta para o fato de que, dependendo do contexto em que a dupla mãe-bebê esteja inserida, assim como da interação que se estabelece entre a dupla, a rede de significações das pessoas envolvidas vai sendo reconfigurada.

Siddiqui e Hägglöf (2000) também trabalharam tentando identificar aspectos preditivos da interação mãe-filho ainda durante o período pré-natal. A amostra foi composta por 100 mulheres e seus respectivos bebês na décima segunda semana de vida. Como ocorre na maior parte dos estudos preditivos, os autores utilizaram-se de um questionário (PAI - The Prenatal Attachment Inventory) no período que antecedeu o nascimento dos bebês e da observação, após o parto. Concluíram que, já no terceiro trimestre da gestação, pode-se

detectar se há algum vínculo afetivo com o bebê e se este se encontra em níveis abaixo do esperado.

Oliva (2001), com o objetivo de descrever características funcionais da fala que mães ou adultos dirigem aos bebês em diferentes idades e de investigar se ocorrem variações nas proporções médias das funções de linguagem associadas ao desenvolvimento e ao foco de atenção dos bebês, conduziu dois estudos empíricos: um transversal, do qual participaram 12 díades de mães e bebês, estes com idade de 30 dias, 5 meses e 8 meses; e outro longitudinal, do qual participaram 2 díades de mães e bebês, estes com idade entre 8 e 18 meses. As díades foram observadas e filmadas em ambiente natural e, a partir da análise dos vídeos, foram identificadas as funções de linguagem da fala dirigida aos bebês e estas foram relacionadas à idade e ao foco de atenção deles, até por conta da hipótese de que o foco de atenção compartilhado entre mães e bebês seria condição para a possibilidade de construção de categorias fundamentais no processo de aquisição de linguagem. Notou-se, também, que ajustes funcionais da fala da mãe podem ser percebidos pelos bebês os quais têm participação ativa na construção da intersubjetividade, considerada fundamental no processo de aquisição de linguagem.

A partir de revisão teórica e empírica dos estudos que investigam a experiência do parto e alguns fatores que possivelmente influenciam não só nesta experiência como também no comportamento neonatal e no estabelecimento da relação mãe-bebê, Figueiredo, Costa e Pacheco (2002) propõem algumas sugestões de intervenções no âmbito da promoção da saúde materno-filial, especialmente no que se refere ao acompanhamento emocional durante o parto. Os autores observaram que a dificuldade associada à experiência do parto é, guardadas as diferenças individuais e situacionais de cada caso, proporcional às dificuldades de ajustamento emocional da mulher no puerpério assim como no estabelecimento da relação mãe-bebê e nos cuidados que dedica ao recém-nascido.

A dor associada ao parto parece ter influência significativa na vivência do mesmo e, por conta disso, há a possibilidade de a mãe entrar e permanecer em contato com o bebê assim que o nascimento ocorrer. Além disso, no momento do parto, a presença do pai do bebê ou outra figura percebida como alguém que dê apoio tem repercussões benéficas no estado emocional da mulher (Figueiredo et al., 2002).

O objetivo do trabalho de Gallo (2003) foi o de investigar o estado mental, ou seja, os sentimentos, mecanismos de defesa, a capacidade de identificação materna e de exercício da maternagem, em três puérperas de bebês com malformação congênita, diagnosticada durante os primeiros quatro meses após o parto, por meio de entrevistas psicológicas e da aplicação do

Procedimento Desenhos-Estórias sem tema, de Walter Trinca. Os dados obtidos revelaram que as mães, ao receberem a notícia do diagnóstico, sentiram um "choque" e se desorganizaram internamente, tendo sido posteriormente capazes de se reorganizar a partir de mecanismos de defesa neuróticos, como repressão, negação, racionalização, formação reativa e/ou anulação. Foram ainda, capazes de se identificar com seus bebês e vivenciar o estado de preocupação materna primária, apesar da intensa dor e tristeza sentidas, provocadas pela ferida narcísica de se ter um filho malformado. O exercício das funções maternas, assim como o recebimento de respostas do bebê pareceram ser, dessa forma, capazes de favorecer a criação de um vínculo amoroso com o bebê real.

Gallo (2003) concluiu que, além de o olhar materno funcionar como um espelho e ser fundamental para a constituição do bebê como indivíduo, o "olhar" que o bebê é capaz de retornar a seu precursor do espelho é, também, constitutivo da mãe, enquanto mãe: este “olhar” funcionaria, então como um elo que liga olhares recebidos pelas mães de suas respectivas mães e o olhar que dirige a seu filho, que, por sua vez, lhe retribui. Instaura-se, portanto, um ciclo no qual o olhar materno passa a ser transgeracional.

Ao longo do desenvolvimento da revisão bibliográfica aqui apresentada, encontrou-se um trabalho, também de doutorado, cujos objetivos em muito se assemelharam aos objetivos aqui propostos. Trata-se da tese de Gianlupi (2003), cujo objetivo principal foi o de investigar, a partir da experiência subjetiva materna, o nascimento de um filho e a experiência de se tornar mãe. Para tanto, a autora acompanhou longitudinalmente 4 mulheres primíparas em três momentos: ao final do terceiro trimestre de gestação, entre 3 e 8 meses após o parto e ao primeiro ano de vida da criança. Fizeram-se 4 estudos de caso cujo enfoque não foi a relação do tornar-se mãe com o processo gestacional mas, sim, a própria história da mulher. A pesquisadora concluiu que o tornar-se mãe permite que ocorra uma reconstiutição subjetiva em decorrência da possibilidade que se apresenta na maternidade de as mães na relação com seus bebês, poderem vivenciar seus passados, suas histórias pregressas sem os conflitos originais. Apontou, também, que a imagem que a mãe constrói do bebê durante a gravidez é análoga ao investimento que recebeu (ou não) enquanto criança que foi, aspecto já observado por De Felice (2000), Gianlupi (2003), Herzberg (1986;1993), Maldonado (2000) e Soifer (1992). Gianlupi (2003) acredita que os resultados obtidos em seu trabalho podem auxiliar os profissionais que trabalham com a maternidade não só na compreensão do processo do tornar-se mãe, mas também no planejamento de intervenções em caráter preventivo.

Nascimento (2003), preocupada com os efeitos da depressão pós–parto na relação mãe-bebê, ressalta a importância de um espaço de intervenção ainda no período pré-natal.

Destacou a fecundidade de um possível trabalho com grupos em um centro de saúde onde se vise a prevenção e a promoção da saúde mental da mulher e do futuro bebê. A proposta envolve a preparação para o parto e desta poderiam participar pais e avós, se a grávida assim desejasse. Lembrou que, em um trabalho como esse, o compartilhamento de preocupações e ansiedades pode favorecer a detecção precoce de perturbações na futura díade mãe-bebê, já que pode funcionar como um espaço de contenção das referidas ansiedades e para a troca de informações.

Os temas abordados passam pelos aspectos inerentes à gravidez, ao parto e ao puerpério como, por exemplo, alterações da imagem corporal e emocionais, expectativas frente à maternidade e ao parto, comunicação e interação com o bebê, expectativas com relação ao bebê após o parto, amamentação, alterações da dinâmica familiar, sinais de alerta da depressão e vivências e experiências relativas à gravidez e ao projeto de ser mãe/pai. Nesse sentido, Nascimento (2003) chama a atenção para a responsabilidade atribuída aos profissionais de saúde na detecção e orientação frente às situações de sofrimento físico ou psicológico, compreendendo a situação das futuras mães e dos futuros pais numa perspectiva global, ou seja, como parte integrante de uma história e uma cultura num contínuo transgeracional. Ressalta que mais do que apresentar receitas prontas do que é certo ou errado, a função da enfermagem é encorajar os pais a descobrir, realçar e aceitar a particularidade de cada indivíduo e, portanto, de cada relação numa perspectiva positiva de saúde.

Granato (2000) destaca a importância da Oficina Ser e Fazer destinada ao atendimento psicológico de gestantes e mulheres no pós-parto e que apresenta tanto objetivos terapêuticos, quanto profiláticos, destinando-se a contribuir para o estabelecimento de uma relação mãe-bebê saudável e tentando resgatar a partir do contato com as mulheres, a preocupação materna primária. Os encontros terapêuticos foram marcados por variações na forma de atuação da psicóloga e pesquisadora, já que aconteceram tanto na forma de entrevistas e visitas, como por cartas e telefonemas. Os assuntos tratados relacionavam-se aos aspectos inerentes à preocupação materna primária, ou seja, o tipo de *holding*, *handling* e apresentação de objetos. Além disso, havia espaço para se falar de angústias dos mais variados tipos: referentes ao parto, às modificações corporais ou a qualquer outra preocupação. Oferecendo flexibilidade no atendimento às demandas, a autora comparou os elementos básicos do cuidar materno com os dos cuidados terapêuticos/profiláticos destinados a essa mesma população e demanda.

Stasevkas (1999) estudou as transformações na maneira de ser mãe decorrentes das modificações no papel social da mulher na sociedade contemporânea, levando em consideração os fenômenos histórico-sociais. Visou, assim, à detecção das projeções acerca

do que é nocivo para a relação mãe-bebê em 15 mulheres, mães de crianças que freqüentavam uma creche em Taboão da Serra. As mulheres deveriam ter até 24 anos de idade e apenas um filho para fazerem parte da amostra e não poderiam estar grávidas no momento da entrevista. A pesquisadora utilizou-se, para a análise do material obtido nas entrevistas, de pressupostos concernentes à perspectiva do sistema indiciário da "ground theory" (análise de conteúdo + amostragem) e do conceito das representações sociais.

Após a categorização dos principais temas encontrados nos discursos das mães, apontou um descompasso entre a antiga e a atual condição da mulher no que se refere ao modo de ser mãe. O conteúdo das projeções foi identificado no momento em que fizeram referência ao abandono e à rejeição como sendo aspectos presentes apenas em outras mães. No grupo estudado, formado por mulheres de baixa renda, o ser mãe era fortemente percebido como o destino natural da mulher e havia o desejo da casa própria e de criar os filhos de preferência com um companheiro, mesmo que em detrimento da realização profissional. Destaca-se que, para elas, casar significa tornar-se uma verdadeira mulhere que seu comportamento materno é marcado por muita exigência, o que remete à idealização da mulher enquanto mãe, algo que, como apresentado no capítulo referente à maternagem, ocorria na Grécia Antiga, em Roma e na França há vários séculos. A presença do companheiro apareceu como de fundamental importância, uma vez que não só minimiza o ônus social que pesaria sobre uma mãe solteira, como também representa a possibilidade de dividir desde as responsabilidades financeiras até as morais. As entrevistas mostraram, também, as influências das próprias mães das mulheres e da dupla jornada de trabalho como fatores reguladores da quantidade de filhos que pretendiam ter. As mulheres entrevistadas, quando necessitam, contam com o apoio, na maior parte dos casos, de outra mulher e demonstram orgulho quando falam da luta diária que enfrentam. No entanto, Stasevkas (1999) apontou que há bastante culpa e angústia vinculadas ao ser ou não mãe, ponto para o qual sugeriu intervenções.

Luksys e Kniest (2005), interessados em favorecer o desenvolvimento sadio da personalidade dos bebês, pesquisaram, em uma unidade do Programa de Saúde da Família - PSF, quais seriam as condições necessárias para um cuidado materno que atendesse as necessidades infantis, tendo como base o referencial teórico winnicottiano. A partir de dados obtidos durante um trabalho voluntário junto a gestantes e mães de bebês, notaram que elementos socioeconômicos exerciam influência obstrutiva para o alcance do ideal de uma maternagem satisfatória e, por conseguinte, contribuíam para o possível aumento dos fatores de risco para um bom início de desenvolvimento da personalidade, dos bebês da classe pobre. Em um grupo formado por 7 multíparas (dentre elas, 1 adolescente de 16 anos, grávida pela

segunda vez) e 15 primíparas (dentre as quais 9 adolescentes), os pesquisadores puderam verificar que a dimensão psicológica da preocupação materna primária é marcada, para além dos efeitos da condição sócioeconômica desfavorável, pelo medo da solidão, principalmente entre as adolescentes. O estudo relaciona o aumento do sentimento de solidão com o abandono da escola por parte das adolescentes que se descobrem gestantes. Ao fim, os autores sugerem o aprofundamento da investigação, que se iniciou em seu estudo exploratório com vistas a contribuir com sugestões de melhorias das políticas públicas de saúde, como, por exemplo, a presença de psicólogo nos quadros profissionais das unidades de atendimento a essa clientela.

Lejderman e Kompinsky (2000) trabalharam junto a uma creche ofertando a presença de um profissional treinado para a observação da relação mãe-bebêcom intuito de discriminar aspectos dos desenvolvimentos normal e patológico dos bebês e alertar pais, profissionais e a instituição acerca da possibilidade de prevenção no âmbito da saúde mental, respeitando-se as especificidades dos papéis de cada um dos envolvidos nesse círculo de relações. No caso, o valor preventivo está justamente no fato de ser oferecida, no local em que os bebês passam grande parte do dia, atenção aos possíveis problemas psicológicos que ainda estão surgindo. Outro ponto importante que resultou desse trabalho foi a percepção de que faz grande diferença, para a relação mãe-bebê, a existência de creches que fiquem próximas ao trabalho das mães, uma vez que isso atenua a ansiedade de separação.

Almeida et al. (2003), a propósito de um caso clínico de trigêmeos, propuseram-se a realizar uma reflexão teórica sobre as representações mentais maternas em um contexto de gemelaridade a partir de um estudo de caso. Observaram os bebês, dois do sexo masculino e um do feminino, aos quatro meses de idade e notaram diferença na interação mãe-criança em relação a cada filho, o que indicou diferença na representação materna para cada uma das crianças. Destacaram ainda o papel terapêutico da entrevista R - método de avaliação das representações maternas, já que a mesma aborda aspectos do passado da mãe. Todavia, em termos de compreensão da existência ou não de uma única representação no caso de gravidezes gemelares, o referido instrumento não se revelou o mais adequado.

Scappaticci, Iacoponi e Blay (2004) realizaram um estudo de fidedignidade inter-avaliadores de uma escala para a avaliação da interação mãe-bebê. Para tanto, utilizaram-se de métodos objetivos de registro, ou seja, uma adaptação da Escala de Brown e colaboradoras. Estudaram, a partir de observações filmadas, 14 pares de puérperas e seus recém-nascidos, no segundo dia após o nascimento do bebê durante o período de amamentação. Após análise das filmagens, dois juízes atribuíam escores para cada item de interação estabelecida entre a

díade, os quais resultaram no estabelecimento de categorias de resposta. Os autores concluíram que a utilização de categorias é um parâmetro fidedigno uma vez que permitiu mensurar, com estabilidade, a interação mãe-bebê.

Não se poderia deixar de fazer novamente referência ao estudo desenvolvido pelo Ministério da Saúde, inédito na América Latina e coordenado por Maria Cristina Kupfer , cujo objetivo principal foi dar, ao profissional da área da saúde, um instrumento que lhe possibilitasse identificar, a partir de referenciais psicanalíticos, problemas psíquicos no momento em que estão começando a surgir. Trata-se da já referida pesquisa para a validação de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil (IRDI's) cujos resultados apontaram, para o valor preditivo dos indicadores, tanto para problemas de desenvolvimento, quanto para a capacidade de 15 deles predizerem risco psíquico para a constituição subjetiva (Kupfer et al., 2009) Tendo em vista a história de 100 anos de experiência clínica psicanalítica, os indicadores de risco foram ordenados a partir das supracitadas quatro operações formadoras do psiquismo da criança: suposição de um sujeito, alternância presença-ausência, estabelecimento da demanda e função paterna (A. Jerusalinsky, 2008). Vale ressaltar que se considera como operação formadora, para além dos efeitos da atividade dos pais, o modo como a criança apercebe a referida atividade. As formações do inconsciente, objetos da avaliação, foram consideradas em relação às manifestações tanto da criança como de seus pais (A. Jerusalinsky, 2008).

Entre as diversas formações insconscientes que se propôs a observar (o brincar, a imagem inconsciente do corpo, o estatuto da fantasia, as formações da Lei e a posição do sujeito na linguagem), os sintomas ganharam destaque. No entanto, é importante chamar a atenção para a diferença entre os sintomas clínicos e os de estrutura já que é aí que entra a definição e diferenciação daquilo que se pode prevenir e do que só vai poder ser acessado e deduzido por seus efeitos *à posteriori*, em uma relação analítica propriamente dita, ou seja, marcada pela transferência com a figura do analista (A. Jerusalinsky, 2008). Não foi o objetivo da pesquisa delimitar somente os casos mais graves. No entanto, já é de bastante serventia para os profissionais da saúde mental e áreas afins, estar-se diante da percepção de que, em determinada criança, algo da ordem do psicopatológico está em curso e pode ser acessado pelos sintomas clínicos identificados.

Em última instância, o que se espera do trabalho com os indicadores de risco é bem definido por Kupfer e Voltolini (2008):

> Que num diagnóstico médico, o 'psíquico' não aparecesse 'por eliminação', como de hábito; não é raro que um médico indique um analista, como eventualmente indicaria um

> curandeiro ou um benzedor. Mas que um eventual encaminhamento para a análise pudesse ser ‘propositivo’. (Kupfer & Voltolini, 2008, p. 106)

Quanto à prevenção, talvez já seja o momento de ressaltar que não há de fato como prevenir a estrutura psíquica que a criança constituirá. No entanto, em termos do que é, nas palavras de Kupfer e Voltolini (2008), “pré-visível”, um reposicionamento subjetivo dos pais (Battikha, 2008), a partir de um espaço de escuta, pode possibilitar uma mudança na história das crianças e, assim, seus diferentes desdobramentos, inclusive no que se refere à saúde mental, uma vez modificado no discurso dos pais o lugar em que o bebê é tomado.

Mesmo permanecendo no âmbito do relacional, também não se pode falar de garantias em termos preventivos, uma vez que, como aponta Missonnier (2004), no que se refere às desarmonias relacionais, as mesmas vão se produzir no pós-parto. Tomam-se, como exemplo os efeitos da depressão pós-parto tanto na desarmonia relacional precoce como na constituição psíquica do bebê.

Como observado pelo levantamento bibliográfico, parece haver um número não muito expressivo de pesquisas que tenham contado com as contribuições das Técnicas Projetivas ao estudo da relação mãe-filho, o que dá legitimidade ao trabalho aqui proposto, especialmente se for levado em conta o caráter longitudinal agregado ao uso do Teste de Apercepção Temática e do Desenho da Figura Humana, instrumentos que permitem acesso ao material inconsciente com potencial para atuar ou já atuante na relação mãe-filho.

2.4. Considerações acerca do sistema de avaliação dos testes psicológicos

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) com base na Resolução CFP Nº 002/2003 que revoga a CFP Nº 025/2001, vem desenvolvendo um rigoroso processo de definição e regulamentação do uso assim como a elaboração e comercialização de testes psicológicos, considerando a necessidade de aprimorar os instrumentos e procedimentos técnicos de trabalho dos psicólogos e de revisão periódica das condições dos métodos e técnicas utilizados na avaliação psicológica (Conselho Federal de Psicologia, 2004a).

O objetivo de tais procedimentos é o de garantir serviços com qualidade técnica e ética à população usuária desses serviços considerando a necessidade de construção de um sistema contínuo de avaliação dos testes psicológicos, adequado à dinâmica da comunidade científica e profissional brasileira (Conselho Federal de Psicologia, 2004a). É importante ressaltar que há um movimento mundial nesse sentido, não é só no Brasil.

Visando ao cumprimento dos objetivos e metas acima descritos, o CFP iniciou em março de 2003 o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos e tem mantido uma Comissão Consultiva, integrada por psicólogos convidados de reconhecido saber na área dos testes psicológicos, cujas funções principais são a análise e emissão de pareceres, bem como a apresentação de sugestões para o aprimoramento dos procedimentos e critérios do processo.

A avaliação em sua etapa final resultou em pareceres favoráveis ou desfavoráveis quanto à utilização dos testes encaminhados ao CFP. Nessa resolução (CFP Nº 002/2003) ficou definido também (artigo 14) que os dados empíricos das propriedades de um teste psicológico devem ser revisados periodicamente: 10 anos para dados referentes à padronização e 20 anos para dados referentes à validade e precisão.

O processo de avaliação dos testes, denominado Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos, tem estado o tempo todo atualizado e à disposição para consulta na *internet* pelo link http://www2.pol.org.br/satepsi/sistema/admin.cfm.

Lourenção Van Kolck (1984) em muito contribuiu com seus estudos acerca da pasronização da aplicação, avaliação e interpretação. No entanto, o DFH segundo a Técnica de Machover ainda não foi encaminhado ao Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos realizado pelo Conselho Federal de Psicologia. Apesar disso, Hammer (1991), antes mesmo do sistema de avaliação ser estabelecido já se preocupava em estudar a fidedignidade e validade dos desenhos projetivos. No caso específico do DFH sugere inclusive que, um estudo de validação que poderia ser significativo é o que estudasse a seqüência dos desenhos da figura humana de uma pessoa ao longo do tempo, paralelamente às mudanças do paciente em suas situações vitais, sonhos, fantasias, associações e comportamento manifesto (Hammer, 1991, p. 64). O presente estudo justamente oferece esta possibilidade ao incluir em seu método a reaplicação do DFH após transcorrido um período de tempo e tendo havido uma mudança significativa de posição e papel social da mulher que esteve anteriormente grávida e que por ocasião da segunda coleta já exercia o papel de mãe.

De acordo com a lista de testes que receberam o parecer favorável (Conselho Federal de Psicologia, 2004b), o TAT foi aprovado e o DFH foi aprovado em duas versões: uma para a avaliação do desenvolvimento cognitivo de crianças brasileiras (DFH III) e outra refere-se ao Desenho da Figura Humana Escala Sisto, não estando a Técnica de Machover ainda aprovada. Trabalhos de pesquisa como o aqui apresentado, podem contribuir para que a técnica tenha um parecer favorável, inclusive o próprio CFP recomenda que sejam feitas pesquisas que comprovem e esclareçam a validade e precisão das técnicas que ainda não foram aprovadas.

Pensando-se nas duas técnicas utilizadas na presente pesquisa, são apresentadas algumas considerações que justificam o cuidado com os sistemas de avaliação e análise aqui propostos, mais especificamente o uso de tabelas de classificação dos aspectos gerais, estruturais ou formais e de conteúdo nos desenhos da figura humana (Apêndice C, vide p.307) e de análise da apercepção no caso do TAT (Apêndice D, vide p.311). Essas tabelas deram embasamento para as inferências e interpretações feitas *a posteriori*, o que facilitou a análise do material.

Por possuírem os desenhos no DFH e os relatos livres produzidos como resposta ao TAT, um significado simbólico, análogo ao dos sonhos ou a dos sintomas neuróticos, há a possibilidade de a partir de suas análises a linguagem simbólica se traduzir em conteúdos do mundo interno do sujeito (Raymundo, Freitas e Cunha, 1993). Como ressalta Anzieu (1978) "o latente se torna manifesto; o interior é trazido à superfície; o que há em nós de estável e também emaranhado se desvenda" (p.19). Além disso, o DFH pode ser de grande utilidade em uma realidade como a brasileira já que é um instrumento de rápida aplicação e uma técnica de baixo custo podendo assim ser uma ótima opção mesmo para amostras grandes.

Já no que se refere à análise e interpretação, é importante salientar que a questão não é só dar conta de interpretar o material que surge, mas sim buscar dar conta deste em termos conceituais. Mezan (1993) comenta que nesse processo a teoria tem função primordial no sentido de vincular a singularidade do experimentado e relatado à universalidade dos conceitos e que, no caso da psicanálise, isto é realizado através da noção de mecanismos psíquicos.

Hanns (2000), ao apresentar o conjunto de parâmetros que podem servir de argumentos a favor de uma determinada teoria assinala que no referente às evidências diretas, pode-se apresentar a partir de testagens com instrumentos, tais como os testes projetivos, correlações entre a prática e a teoria. A partir daí pode-se pensar em algumas hipóteses que servirão como "organizadores conceituais de valor mais preditivo do que explicativo" (p. 198). Em seguida, ainda conforme explica este autor, "interpretações *a posteriori*, são de grande importância nos campos de conhecimento onde se supõe que eventos singulares e não replicáveis contém mecanismos gerais que poderão se repetir no futuro." (p.199).

3 MÉTODO

3.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de caráter clínico-qualitativo (Turato, 2003) e exploratório, já que visa aumentar a familiaridade com o objeto de estudo assim como conceituar as inter-relações de suas propriedades, clarificando conceitos (Marconi & Lakatos, 2003). Situado como uma proposta metodológica que une seletivamente as concepções epistemológicas dos métodos qualitativos e os conhecimentos e atitudes clínico-psicológicas, o referido método busca lançar mão de conceitos emprestados da psicanálise, desde a definição de objetivos até a interpretação dos resultados do trabalho (Turato, 2003). Desta forma em muito se assemelha ao método clínico que propõe o estudo científico do fenômeno humano - "que é polissêmico e repleto de sentidos" (Calil & Arruda, 2004, p. 188) - por meio da interpretação e da compreensão simbólica, o que inclui a relação desse fenômeno inclusive com o observador/pesquisador.

Vale destacar que os objetivos propostos nesta pesquisa vão ao encontro do que propõe investigar a pesquisa qualitativa: "o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos..." (Minayo, 2008). Na abordagem qualitativa, os fenômenos são estudados em suas dimensões pessoais, não havendo preocupação com generalizações e com a explicação dos fenômenos estudados, mas com a compreensão dos mesmos (Calil & Arruda, 2004), a partir do princípio de que há um vínculo indissociável entre o subjetivo e o objetivo.

É, também, uma pesquisa longitudinal tipo painel (Kerlinger, 1980) considerando o tempo de coleta de dados e que foi desenvolvida por meio de estudo de múltiplos casos. O estudo longitudinal tipo painel, segundo Sampieri, Collado e Lucio (2006), é aquele que investiga mudanças ao longo do tempo, em um mesmo grupo de indivíduos. No caso do presente trabalho, as mães aqui estudadas fizeram parte de uma pesquisa anterior (Barros, 2004), ou seja, as mesmas mulheres foram avaliadas nos dois momentos do tempo. Sampieri et al. (2006) apontam, ainda, que esse tipo de estudo apresenta uma vantagem em relação às outras pesquisas longitudinais, já que, além de permitir que se conheçam as mudanças grupais, é possível observar as mudanças individuais.

Segundo Luna Fº (1998) o estudo longitudinal fornece dados acerca de eventos ou mudanças que ocorrem em determinado espaço de tempo. As medidas ou coletas dos dados são realizadas mais de uma vez e em "pontos diferentes do tempo" (Kerlinger, 1980, p. 167),

que podem ser dois ou mais (Sampieri et al. 2006). Kerlinger (1980) afirma, ainda, que a abordagem longitudinal é ideal para avaliar efeitos de longo alcance, apesar de ser uma abordagem difícil, de alto custo e que, em geral, sofre perdas amostrais que podem comprometer as evidências empíricas. Como a amostra que foi composta neste estudo é do tipo não probabilístico, ou seja, foi composta com base no julgamento do pesquisador (T. M. V. Oliveira, 2001), e não houve preocupação com generalizações, entendeu-se que a referida abordagem seria pontual no estudo qualitativo e, por isso mesmo, não compromete a qualidade clínica do material obtido.

No que diz respeito à escolha pelos estudos de caso, buscou-se subsídios nos apontamentos de Kerlinger (1980), que afirma que o psicólogo cientista pode selecionar alguns casos para ajudar a compreender as relações sob investigação. Além disso, "o estudo de caso contribui de forma inigualável para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos" (Yin, 2001, p. 21).

O escopo metodológico da pesquisa contou também com a utilização das Técnicas Projetivas. Nesse sentido, Simon (1993) aponta que, ao se utilizar uma Técnica Projetiva, é possível mensurar respostas as quais, combinadas com outras variáveis, podem gerar inferências sobre características de personalidade, que, por sua vez, podem ser conceitualizadas pela teoria psicanalítica. Como já explicitado anteriormente, este trabalho foi subsidiado teoricamente pela psicanálise, a qual enriqueceu a análise e a compreensão dos resultados.

3.2. Amostra

Como não se trata da utilização de uma lógica de amostragem, o número pretendido de sujeitos para compor a amostra foi condicionado à possibilidade de um novo contato com as mulheres que, anteriormente, estavam grávidas e compuseram a amostra do estudo anterior (Barros, 2004). Sendo assim, conforme Yin (2001), o número de casos supostamente necessários ou suficientes para o estudo torna-se irrelevante, já que não foram adotados os critérios típicos de amostragem para o tamanho da amostra.

Por se tratar de um trabalho de caráter longitudinal, o único critério de inclusão, para compor a amostra foi a mulher ter feito parte de um dos grupos de grávidas do trabalho anterior (Barros, 2004). Como critério de exclusão, não poderiam fazer parte da amostra mulheres que, no momento da pesquisa, estivessem com algum comprometimento psiquiátrico (surtos, depressões graves, estados alterados de consciência, entre outros) que

alterasse a sua capacidade de estar integrada na vida do dia-a-dia, ou seja, estar trabalhando, cuidando da casa e dos filhos, se relacionando com as pessoas, entre outras coisas.

A observação e estudo de cada uma das grávidas levou em conta, acima de tudo, as significações subjetivas e a verdade do sujeito. Nesse sentido, corroborando com o que J. Jerusalinsky (2002) aponta a respeito da dificuldade de se saber de fato, mesmo após a escuta do discurso materno, como tal discurso se colocará em ato, e, mais ainda, que significantes serão efetivamente pinçados pelo bebê produzindo neste efeitos de inscrição, é que se pensou em complementar a coleta de dados pré-natais com dados pós-natais, uma vez que estes permitiram o acesso à já estabelecida relação da mãe com o filho nascido, a partir do discurso materno e do material projetivo. Tendo em vista o estudo longitudinal, trabalhou-se com as mesmas mães independentemente da idade em que seus respectivos filhos estivessem.

Foi retomado o contato com sete das dez mulheres que fizeram parte do grupo de primíparas na dissertação de mestrado. Três concluíram o processo de coleta, duas recusaram-se, explicitamente, a participar e outras duas não atenderam mais às ligações e/ou nem responderam aos telegramas da pesquisadora. Com as outras três, houve perda total de contato: os telefonemas não eram atendidos e os telegramas não obtiveram resposta. Quando da consulta aos prontuários, estes não possuíam atualizações cadastrais que viabilizassem a localização das mesmas.

No que se refere às dez mulheres que naquela ocasião estavam grávidas de seus segundos filhos, houve perda total de contato com uma, pois não foi possível localizá-la a partir de seu endereço nem de seus telefones. Sete mostraram-se interessadas em participar do estudo longitudinal proposto, mas apenas quatro concluíram o processo, já que as três outras desistiram após o primeiro encontro. Quanto às duas restantes, uma recusou-se diretamente e outra indiretamente (dizia que estava interessada, mas adiava indefinidamente o encontro).

De acordo com as informações acerca da composição da amostra, o número total de sujeitos participantes foi sete, sendo três mães de primeiro filho e quatro de segundo. Tais informações foram compiladas nas figuras 2, 3, 4 e 5 (vide páginas 69, 70, 71 e 72). Os dados foram coletados pela própria pesquisadora de maio de 2005 (início da consulta aos prontuários) e outubro deste mesmo ano (coleta com as próprias mulheres) até maio de 2008.

Por se tratar de uma pesquisa que envolveu seres humanos, as mulheres que fizeram parte do grupo de sujeitos, após explicações acerca dos objetivos e procedimentos, assinaram o Termo de Consentimento Pós Informação (vide Apêndice B, p.305), documento que não só registra sua autorização para a utilização das informações dadas para fins de pesquisa, como também traz esclarecimentos a respeito dos objetivos, procedimentos e métodos da mesma.

Como a idéia inicial era proceder à coleta de novos dados na mesma instituição do trabalho anterior (Barros, 2004), ou seja, no Hospital Universitário da USP, foi providenciado em primeiro lugar o pedido de autorização junto ao Comitê de Ética em Pesquisa deste hospital (Anexo A, vide p.402).

Embora envolvesse riscos mínimos à integridade física e psicológica das participantes, foi dada aos sujeitos a garantia de que, caso sentissem necessidade ou desconforto, poderiam entrar em contato com a pesquisadora responsável pelo telefone que constava na carta de informação, mesmo fora dos horários marcados. Além disso, caso quisessem, poderiam, a qualquer momento, retirar seu Consentimento Livre e Esclarecido, tendo, assim, liberdade de desistir da participação. Ficou combinado, também, que poderiam ser realizados encontros extras, caso o contato viesse a despertar algum tipo de sofrimento nas mães. Tanto a pedido da participante como por indicação da pesquisadora, poderiam, ainda, ser feitos encaminhamentos para psicólogos, médicos e profissionais de áreas afins, tanto da rede particular como do sistema público de saúde. À amostra, foram garantidos o sigilo e a privacidade de suas identidades, assim como o direito a uma entrevista devolutiva na qual se discutiriam os principais resultados da pesquisa.

Mães de 1º filho	1- Janaína OK	2- Felícia OK	3- Lina OK
Último contato na 1ª coleta	14/Set/01	09/Ago/01	16/Ago/01
Idade do(a) filho(a) na 2ª coleta	6 anos - Juca	6 anos – Ana	5 anos – Giovana
Consulta ao prontuário e observações	Ñ consultado pq dados conferiram.	Ñ consultado pq dados conferiram.	11/05/06. Nada constou de novidade no pront. Atualizados endereço e telefone
Contato telefônico e/ou telegrama	16/06/07 e 01/04/08	Telegrama em 25/07/06, 16/07/07 e 01/04/08	Telegrama em 25/07/06, 10/08/06, 24/07/07 e 02/05/08
Observações	Está grávida do 2º filho, muito receptiva. "Vc Ñ sabe! Estou grávida! Acabei de voltar do médico Ñ contei ainda para ninguém, nem para minha mãe" (sic).	Retornou via telefone em 26/07/07 (ligou duas vezes) e aceitou participar	Retornou via telefone: "Recebi seu telegrama e fiquei feliz. Queria saber melhor do que se trata" (sic)
1º encontro	24/07/07 e 08/04/08. Faltou, Ñ avisou. Novo contato em 01/04/08. Agendamos e ela foi muito receptiva. Em 08/04/08, em sua residência, foi realizado todo o processo com duração de 3 horas. Esteve mt tranqüila e solícita todo o tempo.	10/08/06, 24/07/07 e 12/04/08. Ñ compareceu, nem avisou. Deixei recado no celular tentando remarcar. Sem retorno. Liguei de novo em 16/07/07 e agendamos. Em 24/07/07 faltou sem aviso. Em 01/04/08 consegui agendar. Em 12/04/08 encontro em sua casa. Todo o processo. Duração de 3 h.	10/08/06, 31/08/06 e 13/05/08. Faltou, Ñ avisou/ entrou de férias e esqueceu. Agendamos p/ 31/08 e ao telefone já antecipou uma possível falta "se eu faltar n é culpa minha, tá?" (sic). Em 31/08/06 faltou sem aviso. Novo contato 24/07/07, disse que Ñ tem tempo. Em 02/05/08 consegui agendar em sua residência para 13/05/08. Foi solícita e disse que parou de trabalhar em um dos empregos e que agora dava. Em 13/05 realizado todo o processo na casa dela, com duração de 3 h e 15 min.

Figura 2 – Mães de primeiro filho que aceitaram participar.

Mães de 1º filho	4-	5-	6-	7-	8-	9-	10-
Último contato na 1ª coleta	15/Fev/02	19/Abr/02	23/Ago/02	14/Jun/02	23/Ago/02	02/Ago02	08/Nov/02
Idade do(a) filho(a) na 2ª coleta	6 anos – D.	Ñ consta	-	-	5 ½ anos – A. L.	-	3 ½ anos –T.
Consulta ao prontuário e observações	Ñ consultado pq dados conferiram.	Ñ localizado.	11/05/06 e 30/08/07. Atualizado telefone. 2º filho, menina em 19/04/04. Duas cesáreas	11/05/06 e 30/08/07. Atualizado telefone. Em 09/10/03, queixa de cefaléia e prisão de ventre associa ao parto normal. Fez tomografia (result normal). Em 15/04/04 queixa de cefaléia PA alta na gravidez Parto em 20/09/02 e planejamento familiar em 11/03/03.	30/08/07. Última consulta 08/02/04, bebê nasceu em 1/11/02 de parto normal	11/05/06 e 30/08/07. Em 17/03/04 Ñ aguardou ser chamada p consult pós natal. Em 28/01/04 estava grávida do segundo filho e c/ 23 semanas de gestação ainda Ñ tinha feito pré-natal. A gravidez foi diagnosticada em 26/11/03 qdo a filha mais velha (parto em casa) tinha 1 ano e 4 meses.	11/05/06. Atualizado telefone. 2º filho? 20/03/03 menina
Contato telefônico e/ou telegrama	16/07/07 e 21/04/08	Telegrama em 25/07/06, 17/08/06, 24/07/07 e 10/04/08	Telegrama em 25/07/06 - telegrama devolvido	Telegrama em 25/07/06	16/07/07, 26/07/07 e 10/04/08	Telegrama em 25/07/06	25/06/07 e 24/07/07
Observações	Reservada, porém receptiva; agendamos.	"Que bom que vc ñ esqueceu da gente" (sic)	Sem contato, pois telefone Ñ atende. Telegrama sem retorno. Desde o início dos contatos tenho tentado e Ñ conseguido resposta ao telefone.	Sem contato, pois telefone Ñ atende. Telegrama sem retorno.	Topou no primeiro contato.	Sem contato telefônico, sem resposta	"Ñ dá" (sic) em ambas as vezes.
1º Encontro	24/07/07. Ñ compareceu, nem avisou. Liguei em 21/04/08 e ela se recusou a participar.	03/08/06 e 17/08/06. Faltou, Ñ avisou, remarcamos em ambos. Em novo contato em 24/07 disse que só podia à noite ou sábado. Em 10/04/08 atendeu o celular e desligou durante a ligação. Deixei recado e ela Ñ retornou. Isto se repetiu dois dias depois em nova tentativa de contato. Ñ liguei mais.	-	-	26/07/07. Faltou sem avisar. Em 26/07 ao telefone disse que só podia à noite ou sábados. Em 10/04/08 em contato telefônico disse que estava difícil e que era para eu ligar uma semana depois. Liguei várias vezes e ela Ñ me atendeu ao telefone. Ñ liguei mais.	-	-

Figura 3 – Mães de primeiro filho que não aceitaram ou desistiram de participar.

Mães de 2º filho	13- Cristiane	14- Anne	19- Jace	20- Mara
Último contato na 1ª coleta	21/fev/02	12/abril/02	06/Set/02	27/Set/02
Idade Do(a) filho(a) no momento da coleta	Tábata -6 anos	Paulo – 6 anos	José – 3 anos e 7 meses	Alexandra.- 5 anos
Consulta ao prontuário e observações	11/05/06. 3º filho, menino, parto 01/04/06, pode à tarde	11/05/06 30/08/07. telefone. Ult. consulta em 10/05/2007. Participou do planej. familiar c/ marido em 20/03/07. 1ª cesárea em 98 e 2ª em 25/09/02. Atualizado.	11/05/06. Mudança de telefone	11/05/06
Contato telefônico e/ou telegrama	24/07/07 e 10/04/08	Telefone Ñ atende. Tentar à noite. Consegui falar em 10/04/08.	07/06 e 24/07/07	Telefone ñ atendeu por mt tempo. Consegui em 14/02/08; 02/05/08
Observações	Em 24/07 marcamos para 06/08. Ela ligou desmarcando. Em 10/04/08 marcamos em sua residência e ela foi muito receptiva	Agendamos no HU	"Estava pensando em vc. Estava pensando nisso mesmo ontem à noite" (sic)	Foi receptiva mas logo falou que estava difícil pois estava trabalhando e estudando.
1º Encontro	15/04/08. Todo o processo. Me recebeu mt bem (fez bolo de chocolate e disse: "não é todo dia que temos uma doutora em nossa casa"- sic) e foi mt solícita. Duração 3 h;	28/04/08. E. esteve muito à vontade, compareceu pontualmente. Todo o processo durou 2 ½ h.	03/08/06. OK, compareceu ao HU para entrevista. Marcamos próximo encontro para 17/08/06. 2º encontro - Ok, DFH e TAT. Marcamos ao telefone em 24/07/07 para em 30/07/07 para trazer o filho, porém ñ compareceu.	20/02/08 e 09/05/08. Ñ compareceu e nem ligou. Liguei e ela disse que por enquanto Ñ seria possível. Em 09/05/08 em sua casa. Todo o processo. Duração 3 h.

Figura 4 – Mães de segundo filho que aceitaram participar.

Mães de 2º filho	11-	12-.	15-	16-	17-	18-
Último contato na 1ª coleta	19/Out/01	07/Dez/01	13/Set/02	06/Set/02	28/Jun/02	23/Jun/02
Idade do(a) filho(a) no momento da coleta	-	-	C. - 5 anos	L. - 5 anos	J. V. - 4 ½ anos	-
Consulta ao prontuário e observações	11/05/06 e 30/08/07. Em 17/08/06, Queixa psiquiátrica trasns. Ansiosa (brigas c/ marido e s/ lazer) Ñ dorme direito, nervosismo e agride a filha. Sente-se cansada o tempo todo (discurso acelerado s/ ideação suicida). Sertralina 50 mg. Foi ao Hu colocar DIU e desistiu. Parto normal em 11/12/02/02	30/08/07 Ñ localizado.	11/05/06 30/08/07. Início de 2004- DIU. Parto 01/11/02, cesárea, menino	11/05/06. Nada consta	11/05/06. Mudança de telefone	Ñ consultado pq dados conferiram .
Contato telefônico e/ou telegrama	Telefone Ñ atendia desde junho/06. em 13/05 consegui falar.	Telefone Ñ atendia	07/06 e 13/09/06 Telegrama em 10/04/08	07/07 e 14/02/08	07/06, 13/09/06, 14/02/08	07/06 e 24/07/07
Observações	E. foi mt receptiva e se mostrou mt interessada “ se vc soubesse como estão as coisas aqui... estou precisando mt” (sic)		Em julho de 2006 marcamos e ela foi mt receptiva. Depois do primeiro encontro Ñ apareceu mais e nem atende o telefone. Ñ respondeu telegrama apesar deste ter sido recebido por seu marido (segundo registro do correio)	Foi reservada em julho de 2007. Em 14/02 foi bem seca e disse que estava sem tempo e que retornaria a ligação em abril. Ñ retornou.	Depressão. Esteve internada desde o parto. “Psicólogo é sempre bom” (sic)	Recusa e recusa
1º Encontro	28/05/08. Após desabafar sobre seus problemas conjugais disse que precisava ir embora. Contribuiu pouco durante a entrevista e nunca mais atendeu minhas ligações (sempre mandava dizer que Ñ estava ou Ñ podia atender)		03/08/06, 26/07/07. Compareceu em 24/08/07, data na qual foi realizada entrevista. Trouxe a pequena.	26/07/07. Ñ compareceu, ligou pedindo para remarcar mais para frente.	10/08/06 . Ok, entrevista no HU. Em 24/08/06 e 30/07/07 Ñ compareceu, nem avisou. Em 14/05/08, no HU, seria realizado TAT e DFH e atualizado alguns dados da entrevista. Ela Ñ atendeu o tel durante 2 semanas para confirmar o encontro. Deixei recado pedindo confirmação, mas Ñ houve. Ñ liguei mais.	-

Figura 5 – Mães de segundo filho que não aceitaram ou desistiram de participar.

3.3. Instrumentos

Apesar de nem sempre apresentarem resultados mensuráveis do ponto de vista psicométrico, as Técnicas Projetivas continuam sendo o instrumento de primeira escolha para uso clínico. Análises sistematizadas do material projetivo possibilitam a análise intertestes tornando mais confiável e compartilhado o processo de inferência clínica (Fenterseifer & Werlang, 2008).

As pesquisas psicanalíticas nem sempre se utilizam de Técnicas Projetivas em seu delineamento metodológico. Deixa, assim, de haver a possibilidade de se inferirem da produção projetiva configurações que permitam conexões dinâmicas com os aspectos inconscientes da personalidade, como uma espécie de via de acesso rápido ao inconsciente. Esta seria justamente uma das vantagens do uso das Técnicas Projetivas em pesquisas que põem em jogo a ampliação do entendimento psicodinâmico de cada sujeito, buscando, assim, os aspectos convergentes e divergentes do psiquismo humano nos sujeitos pesquisados. (Barros & Paiva, 2004).

Se há críticas acerca das qualidades psicométricas das Técnicas Projetivas, há também, no que se refere à validade e fidedignidade, um ponto muito favorável: por não existirem respostas certas ou erradas, segundo Fenterseifer e Werlang (2008), os indivíduos tendem a sentirem-se menos ansiosos frente à sua aplicação, reduzindo, assim, as chances de respostas simuladas ou fraudulentas.

Diante da significativa contribuição do material projetivo para a consecução dos objetivos do trabalho de Barros (2004), o Teste de Apercepção Temática (TAT) e Desenho da Figura Humana (DFH) somados à entrevista clínica semi-dirigida foram novamente priorizados como instrumentos para a coleta de dados, tendo em vista a natureza da pesquisa e seus objetivos.

A escolha do DFH e também das referidas Pranchas do TAT deu-se principalmente devido ao fato de esses métodos já terem sido utilizados, com sucesso, em contexto semelhante (Hospital Universitário), nas pesquisas de Herzberg (1986, 1993), e com objetivos similares nas pesquisas citadas no referencial teórico deste trabalho. O fato de serem Técnicas Projetivas com as quais a pesquisadora já tinha certa familiaridade também influiu na escolha das mesmas.

3.3.1. Entrevista clínica semi-estruturada

Para a entrevista clínica utilizou-se um roteiro do tipo semi-estruturado, que, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), permite ao entrevistador ter mais liberdade para ir por qualquer direção que considere adequada, considerando que as perguntas podem ser abertas e são respondidas dentro de uma conversação informal (vide Apêndice A, p.300).

Na pesquisa qualitativa, a entrevista é um dos procedimentos básicos de coleta de dados (Calil & Arruda, 2004), já que possibilita o levantamento do objeto de estudo. Se for levado em conta o contexto específico da Psicologia Clínica, essa importância se reforça ainda mais em se tratando de um procedimento de caráter científico, que tem relevância por dar conta da investigação do fenômeno humano. Para Bleger (1998), a entrevista, como técnica de investigação, não só amplia e verifica como, também é aplicada ao conhecimento científico.

A entrevista, segundo Yin (2001), é uma das mais importantes fontes de informação e evidências para um estudo de caso, sendo que neste tipo de estratégia de pesquisa, é muito comum que a entrevista seja conduzida de forma espontânea. A que foi utilizada na coleta de dados desta pesquisa teve seu roteiro desenvolvido exclusivamente para atender os objetivos desta, tendo sido um instrumento fundamental, no sentido de que forneceu subsídios às interpretações do material resultante da aplicação das Técnicas Projetivas.

Além do mais, a possibilidade de escutar a lógica discursiva da mãe, a partir da qual ela está situada e situando o filho (lógica inconsciente), é que torna possível o estabelecimento de relações entre os significados obtidos pelo pesquisador, a partir tanto do que foi falado, quanto dos não-ditos. Daí a importante contribuição da Psicanálise, que possibilita o acesso ao conteúdo latente nos discursos manifestos, preconizando a interpretação dos sentidos simbólicos no discurso (Calil & Arruda, 2004).

O supracitado roteiro abordará alguns dos aspectos anteriormente tratados por Barros (2004) somados aos apontados por J. Jerusalinsky (2002) como presentes nas operações constituintes do sujeito. Observa-se que, com todas as mães, foi utilizado o mesmo roteiro, independentemente de terem feito parte do grupo anterior de grávidas primigestas ou secundigestas:

1) como a mulher estava se situando como mãe daquele filho e o que este representava para ela naquele momento da vida. Com isso, buscou-se observar se ela estava ou não em uma posição psíquica de mãe;
2) aspectos referentes à preocupação materna primária e à maternagem suficientemente boa (Winnicott, 2005/1986-1971);

3) relações na família de origem e relações na nova configuração familiar com a vinda do filho;
4) aspectos do contexto atual (saúde da mulher e do filho, relação com o companheiro e vida profissional);
5) aspectos referentes à suposição do sujeito (como a mãe tomava as produções do filho);
6) estabelecimento da demanda (como estava a mãe supondo os pedidos que o filho dirigia a ela e como se colocava, ou não, em posição de responder);
7) alternância presença-ausência (como a mãe estava diante dos cuidados que dirigia ao filho, como estes ocorriam com ele, quem se responsabilizava e como o fazia);
8) alterização (como o filho estava referido, em suas reações e manifestações, como um sujeito diferente do que só aquele que satisfaz o desejo da mãe);
9) estabelecimento (ou não) de ritmos na organização dos ciclos vitais da criança;
10) realização (ou não) das diferentes aquisições instrumentais dentro dos tempos esperados para o desenvolvimento;
11) investigação se houve alguma percepção do contato anterior (durante a coleta da pesquisa anterior), como a de ajuda, e de que forma.

3.3.2. Desenho da Figura Humana

O Desenho da Figura Humana foi aplicado de acordo com a técnica de Machover (1974/1949). Seguindo suas recomendações, ao sujeito pediu-se que desenhasse uma figura humana em uma folha de papel entregue na posição vertical e deixou-se claro que a habilidade artística não seria considerada. Posteriormente à execução do primeiro desenho, pediu-se um desenho de outra figura humana, desta vez do sexo oposto ao desenhado em primeiro lugar. Quando necessário, foi realizado inquérito para complementar informações.

Após a realização dos desenhos, foram analisados aspectos formais e de conteúdo, sendo que a idéia diretriz da interpretação foi a concepção do desenho como expressão da imagem corporal. Como o desenho de uma pessoa implica em uma projeção da imagem do corpo, ele acaba funcionando como um veículo natural para a expressão das necessidades e dos conflitos do próprio corpo, revelando assim aspectos importantes de sua personalidade (Machover, 1974/1949).

3.3.3. Teste de Apercepção Temática

Em 1935, foi publicado, por Morgan e Murray, a primeira forma do *Thematic Apperception Test* (TAT). Em 1938, Murray integrou os resultados do teste à sua teoria da personalidade (Anzieu, 1978) e, em 1943, publicou a forma definitiva do TAT (3ª revisão da série original distribuída pela clínica psicológica de Harvard, em 1936), juntamente com o manual de aplicação, versão que tem sido utilizada até os dias atuais. O material é constituído por 29 pranchas impressas e uma em branco. No manual Murray define que as histórias devem ser avaliadas partindo-se do princípio de que contêm um herói com o qual o sujeito se identifica e ao qual atribui suas motivações e outros personagens que interagem com este herói e representam as forças dos meios familiar e social que pressionam o sujeito. Além disso, propõe a análise formal e de conteúdo das histórias produzidas.

O TAT é um teste projetivo temático, isto é, organizado sobre narrações que revelam os conteúdos significativos da personalidade, a natureza das necessidades fundamentais, os conflitos, os momentos importantes da história individual, as reações afetivas do meio, os sonhos e fantasias específicas do indivíduo. A história que o sujeito elabora conscientemente representa o compromisso entre os imperativos conscientes e os inconscientes suscitados pelo material do teste (França e Silva, Ebert & Miller, 1984, p. 46-47). De forma geral, o teste consiste no uso de gravuras que representam cenas diversas, com diferentes graus de estruturação e realismo, a partir das quais ao sujeito é solicitado a narrar uma história. As Pranchas do TAT, por constituírem estímulos projetivos, são ambíguas e favorecem a interferência da subjetividade na apreensão de seus conteúdos (Silva, 1989). Presume-se, assim, que a análise dos protocolos possa indicar aspectos representativos da personalidade dele (Dana, 1996). Todavia, esses aspectos também são relativos à cultura, ao clínico e à maneira como foram avaliados. Uma diferença fundamental entre o TAT e o exame de Rorschach, por exemplo, é que no primeiro há o aspecto aperceptivo, enquanto no segundo, o perceptivo.

Herzberg (2000) enfatiza a importância de estudos normativos brasileiros do TAT, os quais são, em sua opinião, indispensáveis para aprimorar a utilização da técnica. Enquanto o uso das técnicas gráficas pode, em certas circunstâncias, constranger e inibir pessoas de classe social baixa, frente às tarefas que envolvem lápis e papel, o TAT, por se tratar de uma técnica verbal, pode ser, nesse sentido, utilizado com vantagem sobre as técnicas gráficas para aprofundar o conhecimento sobre o modo de vida, as crenças e costumes dos diferentes grupos culturais que vivem no Brasil.

Do TAT de Murray (2005/1943) utilizou-se o mesmo conjunto de pranchas do trabalho anterior, ou seja, as pranchas 1, 2, 7MF, 8MF e 16, em função não só de suas normas temáticas estarem convergindo para os objetivos da pesquisa, como também pelo fato de que todo o material que sistematiza suas análises objetivas já está previamente testado (Barros, 2004), no sentido de que cumpri, de forma objetiva e replicável, a análise da apercepção.

Além dessas pranchas, optou-se pelo acréscimo da Prancha 4, tendo em vista a sugestão de Richard Dana (supervisão de pesquisa, 27 de outubro, 2005)[4], em visita ao Instituto de Psicologia da USP, quanto à importância de, ao se investigar a relação entre mãe e filho, observar, também, a dinâmica do casal parental, uma vez que esta tem seus efeitos na relação materno-filial. Tal observação procede se for levado em conta, como o próprio trabalho anterior apontou (Barros, 2004), o grande número de referências ao companheiro nos relatos, aspecto também observado por outros pesquisadores, tais como Fernandes (1988), Grant (1984) e Settee (1991).

As verbalizações das histórias do TAT foram gravadas, com o consentimento das gestantes. A seguir, a Tabela 1 apresenta a descrição, conforme Murray (2005/1943), das Normas Aperceptivas e Temáticas das pranchas utilizadas:

---

[4] Dana, R. H. (2005). *Bebê imaginário e bebê real: estudo longitudinal da relação mãe-bebê através do DFH e do TAT*. Supervisão de pesquisa concedida à Barros, I. P. M. de, em 27 out. 2005. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Tabela 1 – Normas Aperceptivas e Normas Temáticas das pranchas utilizadas.

Prancha Utilizada	Norma Aperceptiva	Omissão	Norma Temática
1	Um menino está contemplando um violino pousado diante dele numa mesa.	Não se vê o arco, o violino ou ambos.	Relação com a autoridade, atitude frente ao dever e também ao ideal de ego. Reflete ainda atitude do indivíduo frente à situação de teste. Por ser o primeiro estímulo a ser apresentado, dá margem à investigação da capacidade de adaptação do sujeito a uma nova situação.
2	Cena no campo: no primeiro plano, há uma jovem carregando livros nas mãos; no fundo um homem trabalhando nos campos e uma mulher mais velha como espectadora da cena.	Gravidez da figura feminina em segundo plano.	Evoca a área das relações familiares, percepção do ambiente e nível de aspiração. [...] Evoca, ainda, as relações heterossexuais. São freqüentes, também, as associações referentes aos papéis femininos (maternidade e realização profissional) e ao conflito razão X emoção.
4	Uma mulher está agarrando os ombros de um homem cujo corpo e cuja face estão virados como se ele estivesse tentando escapar dela.	Mulher ao fundo.	Refere-se a histórias de conflitos (drama do eterno triângulo amoroso: o homem, a mulher e amante), portanto, conflitos nas relações heterossexuais e também aqueles relacionados a controle X impulso.
7MF	Uma mulher mais velha está sentada num sofá junto de uma menina, lendo ou falando com ela. A menina, que segura uma boneca no colo, olha em outra direção.	_____	Evoca a área da relação com a figura materna. Possibilita a investigação de problemática referente à maternidade, principalmente quando há distorção ou hesitação em relação à boneca.
8 MF	Uma mulher está descansando, segurando o queixo e olhando no vazio.	_____	Evoca associações referentes aos conflitos atuais e conteúdos de devaneios.
16	Prancha em branco.	_____	Uma vez que o estímulo é totalmente em branco, o sujeito é levado a projetar-se totalmente. A temática em geral refere-se às necessidades mais prementes do indivíduo ou será reflexo da relação transferencial na situação de teste.

Fonte: Murray, 2005/1943

Quanto à técnica de aplicação, foram utilizadas as instruções especificadas por Murray assim como as pranchas do conjunto do TAT impresso pela Casa do Psicólogo (Murray, 2005/1943). As pranchas foram entregues, na mão da mãe participante da amostra na posição original. Antes da apresentação da Prancha 16, a prancha em branco e última a ser aplicada, novas instruções eram dadas. Dizia-se para a mãe que a prancha seguinte era um pouco diferente das outras mas que ela deveria seguir as mesmas instruções das anteriores. O tempo de latência inicial ou reação (TLI) e o tempo global ou total (TT) eram anotados. O inquérito, quando realizado, como nos casos abaixo relacionados, ocorria (caso fosse necessário) imediatamente após o término de cada história:

a) Casos em que algum aspecto importante ou elemento fundamental tivesse sido omitido (algum aspecto da prancha ou alguma parte da história que não foi mencionada), como, por exemplo, não fazer referência à mulher que pode ser percebida como grávida, um dos elementos da Prancha 2 descritos por Murray (2005/1943) como fundamental.
b) Se elementos fundamentais não tivessem sido mencionados, apontava-se o elemento (por exemplo, na Prancha 1, o violino) e perguntava-se: “o que é isso?”.

Por fim, perguntava-se à participante quais haviam sido as pranchas de que gostou mais e menos e por quê. As instruções dadas, conforme recomendação do manual, seguem abaixo, na íntegra:

> Este é um teste para contar histórias. Eu tenho aqui algumas pranchas que vou lhe mostrar. Quero que você faça uma história para cada uma delas. Conte o que aconteceu antes e o que está acontecendo agora. Fale o que as pessoas estão sentindo e pensando e como termina a história. Você pode fazer a história que quiser. Ao final da história dê um título a ela. Compreendeu? Bem, então aqui está a primeira prancha. Você tem 5 minutos para fazer uma história. Faça o melhor que puder. (Murray, 2005/1943, p.22).

3.4. Procedimentos de coleta de dados

Por ter um caráter contíguo em relação à pesquisa de mestrado (Barros, 2004), foram seguidos os mesmos procedimentos para coleta de dados utilizados no trabalho anterior (Barros, 2004): consulta aos prontuários, entrevistas seguidas da aplicação dos instrumentos e, por fim, uma entrevista de devolução dos principais resultados da pesquisa.

Os dados foram coletados pela própria pesquisadora de maio de 2005 a maio de 2008. O longo período de coleta se deu em parte pela dificuldade de deslocamento das mulheres até o Hospital Universitário, apesar do aceite quase imediato das participantes. Muitas alegavam

também falta de tempo, reclamavam da distância entre suas residências e o hospital e se queixavam pelas dificuldades de conciliar o trabalho com as entrevistas e de dificuldades financeiras por conta do transporte. Após aprovação junto ao Comitê de Ética daquele hospital (vide Anexo A, p.402), foi concedido livre acesso aos prontuários das pacientes que compuseram a amostra do mestrado e também foram agendadas salas para coleta de dados no setor de obstetrícia, salas com as quais as participantes já tinham certa familiaridade pois foram nelas que realizaram, por ocasião do pré-natal, os encontros anteriores com a pesquisadora.

Quando foi percebido que a amostra se reduziria demais em função de grande perda amostral, modificou-se o *setting* previamente estabelecido e a pesquisadora, à convite das participantes, começou a ir à casas delas, o que deu agilidade no processo de obtenção de material. Frente a essa modificação no processo de coleta, houve também a necessidade de redução do número de encontros inicialmente propostos (um para cada procedimento) de modo que a coleta passou a ser feita em um único momento com uma duração maior, em torno de 3 horas. No caso das coletas que foram realizadas nas residências (cinco das sete), foi possível realizar os procedimentos em ambiente silencioso e reservado. Houve apenas algumas interrupções por parte das crianças de Cristiane, que ao final fizeram questão de conversar um pouquinho com a pesquisadora. De fato, a maioria das residências a que a pesquisadora foi era bastante distante do Hospital Universitário, algumas até em outros municípios, o que resultou na necessidade de a pesquisadora fazer pequenas viagens. A Tabela 2, apresentada a seguir, ilustra a maneira como se deu o contato com cada uma das participantes, assim como detalha o local e as condições da segunda coleta de dados. Vale lembrar que, naturalmente, participaram da pesquisa apenas as mulheres que consentiram.

Tabela 2 – Detalhamento dos procedimentos de coleta.

Detalhamento do contato (2ª coleta)	Anne	Mara	Felícia	Lina	Jace	Cristiane	Janaína
Escolaridade	2º gr. compl.	3º gr. incompl.	3º gr. incompl.	2º gr. compl.	2º gr. compl.	1º gr. compl.	2º gr. compl.
Local	HU	Casa	Casa	Casa	HU	Casa	Casa
Nº de encontros	01	01	01	01	02	01	01
Ativ. Realizada	Entr., DFH e TAT	Entr., DFH e TAT	Entr., DFH e TAT	Entr., DFH e TAT	1º-Entr. 2º-DFH e TAT	Entr., DFH e TAT	Entr., DFH e TAT
Duração do(s) encontro(s)	2:30.	3 horas	3 horas	3:15.	1º - 1:30. 2º - 1:10	3 horas	3 horas

No primeiro contato, via telefone, a pesquisadora dava um rápido panorama sobre do que se tratava o novo contato, fornecendo explicações sobre o tema, objetivos e importância da pesquisa e perguntando se seria possível a colaboração. Quando ocorria o encontro, era preenchido e assinado o termo de consentimento pós-informação (vide Apêndice B, p.305), documento aprovado pela comissão de ética do HU e elaborado de forma a resumir os principais objetivos da pesquisa e os procedimentos da coleta de dados, assim como apresentar a garantia do sigilo das informações.

Vale ressaltar que, apesar da redução no número de encontros, a ordem de realização dos procedimentos (entrevista, aplicação do DFH e do TAT) foi sempre a mesma. A idéia inicial era realizar a entrevista na primeira oportunidade e aplicar os instrumentos projetivos no encontro seguinte. No entanto, o número total de encontros com cada participante variou de um a dois, sem se incluir a entrevista devolutiva.

Todo o material utilizado para coleta de dados foi fornecido pela pesquisadora, a saber:

- Roteiro de entrevista;
- Teste de Apercepção Temática (TAT);
- Gravador e fitas cassetes;
- Papel ofício e lápis nº 2 para realização dos desenhos do DFH.

3.5. Procedimentos de análise dos resultados

Primeiramente, os dados obtidos nas entrevistas foram analisados qualitativamente, utilizando-se, portanto, das análises de conteúdo e do discurso, priorizando-se a análise temática (Minayo, 2008). A partir daí, estabeleceu-se quatro categorias de respostas, as quais foram discutidas à luz da teoria e a partir da integração do material decorrente das entrevistas com as interpretações resultantes das Técnicas Projetivas. Para tanto, após o estabelecimento das categorias e antes da integração de todo o material, comparou-se o material resultante da aplicação do DFH e do TAT antes do parto e após o estabelecimento da relação com o filho da realidade. Nessa comparação, se utilizou inicialmente de critérios objetivos na análise dos desenhos e das histórias do TAT, os quais foram definidos no trabalho anterior (Barros, 2004) e se mantiveram com o intuito de garantir a sistemática nos critérios de análise e interpretação. Os critérios mais objetivos são os aspectos estruturais cujos dados foram organizados em tabelas de avaliação desenvolvidas a partir de Herzberg (1993) e se

encontram como apêndices ao final deste trabalho (vide Apêndice C, p.307 e Apêndice D, p. 311).

Essa análise sistematizada partiu da análise dos aspectos formais e da apercepção e visou a redução de erros de inferência quando da interpretação psicodinâmica à luz da teoria psicanalítica. Há de se reiterar as considerações de Silva e Montagna (2008) no que se refere ao grau de pertinência das inferências estar diretamente relacionado à qualificação do profissional que as faz, isto é, a este ser capaz ou não de integrar ao material, informações de outras fontes. Visando cuidar desse aspecto, a análise contou com a participação de duas juízas (sendo uma delas a pesquisadora), de modo que, em caso de discordância, uma terceira psicóloga com experiência clínica e familiaridade com o instrumento emitia sua avaliação. Os desenhos e pranchas eram inicialmente analisados tanto pela pesquisadora, quanto pela primeira juíza (ambas o faziam individualmente). Em um segundo momento as análises eram comparadas e, para os itens em que houve discordância, a segunda juíza era solicitada.

Ao final da análise e interpretação de cada caso, foram feitas articulações que decorreram da integração do material obtido após a análise do material projetivo (desenhos e histórias) somado às categorias estabelecidas pela análise de conteúdo do material das entrevistas. Esta integração foi apresentada no subitem denominado *Movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho.* Com isso, buscou-se identificar modificações nas expectativas, nos desejos e nos temores que tinham em relação a si e ao filho durante a gravidez e algum tempo depois de os mesmos terem nascido além de verificar se algum desses aspectos poderia apontar tendências na maneira como se estabelece a relação entre mãe e filho. Não poderia ficar de fora, em uma pesquisa que se utiliza do método clínico, a interpretação dos aspectos transferências e contra-transferências inerentes ao contato intersubjetivo que se estabeleceu entre a pesquisadora e as mães que colaboraram com a pesquisa.

Encerrando a apresentação, análise e discussão do material coletado foi apresentada uma discusão geral, a qual abarcou convergências e divergências no material dos sete casos estudados.

A seguir serão apresentados, detalhamente, os procedimentos de análise para cada instrumento.

3.5.1. Entrevistas clínicas semi-estruturadas

Segundo Minayo (2008), a análise de conteúdo, processo que precede a categorização, é a mais utilizada para tratar dos dados de uma pesquisa qualitativa. Para Chizzotti (2000), ao analisar o conteúdo é possível compreender "criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas" (p.98). Essa técnica procurou abreviar o volume amplo das informações contidas nas entrevistas a quatro categorias conceituais que permitissem passar da descrição à interpretação, a saber, a posição psíquica de mãe; suposição do sujeito; aspectos do desenvolvimento do filho da realidade e da relação entre mãe e filho e as relações na família e aspectos sócio-culturais. Para melhor comparar o material dos casos estudados, foram utilizadas as categorias criadas não só com base na análise de conteúdo das entrevistas, como também à luz do referencial teórico que norteou o roteiro semi-dirigido elaborado.

A forma pela qual se realizou esta categorização seguiu os procedimentos propostos por Minayo (2008) que configuram a Análise Temática. Esta tem sido realizada amplamente por pesquisadores da área da saúde, como por exemplo, Stefanello (2005), que trabalhou com um grupo de mulheres no puerpério durante o período em que se constituíam como mães. Assim, as categorias resultaram do processo de leitura flutuante (Minayo, 2008) cuidadosa e repetida do registro das entrevistas e da seleção das frases e palavras representativas. Com isso visou-se detectar, no material lido, núcleos de sentido subjacentes ao discurso, a partir do que foram feitas inferências e, posteriormente, interpretações relacionando o material com a teoria, visando atribuir novos significados aos significantes encontrados e destacados do texto.

Esse processo nada mais é do que a interpretação do material qualitativo. É uma maneira de descrever objetivamente este material qualitativo, buscando-se descobrir os núcleos de sentido que denotam os valores de referência e os modelos de conduta presentes no discurso. Os passos dessa análise foram os seguintes:

a) *Pré-Análise*: organização preliminar de todo o material.

b) *Exploração do Material*: classificação e agregação dos dados, escolhendo-se as categorias teóricas que determinarão a especificação dos temas.

c) *Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação*: trabalha-se com os significados, os temas como unidades de fala. A partir daí o pesquisador propõe inferências e realiza interpretações baseado no seu referencial teórico ou indica outras dimensões teóricas sugeridas pela leitura do material. Esta última etapa foi realizada de forma a integrar, além da teoria, o material resultante das interpretações dos Testes Projetivos.

3.5.2. DFH

Foram mantidas as mesmas categorias utilizadas em pesquisa anterior (Barros, 2004) para avaliação do DFH:

3.5.2.1. Aspectos gerais

a) Posição da folha de papel – em que posição a mãe participante da pesquisa desenhou, na vertical, posição original em que a folha foi entregue, ou na horizontal;

b) Localização da figura na folha – houve utilização de crivo conforme modelo proposto por Lourenção Van Kolck (1981, p.47- 48) e, algumas vezes, caso passasse apenas uma pequena parte do desenho para um outro quadrante, na hora de classificar, considerou-se o quadrante no qual se encontrava a maior parte do desenho;

c) Tamanho da figura em relação à folha – avaliação do tamanho do desenho em relação às dimensões do papel, em que houve utilização de crivo conforme modelo proposto por Lourenção Van Kolck (1981, p.47- 48).

3.5.2.2. Aspectos estruturais ou formais

a) Tipo de imagem do corpo (figuras realistas ou compensatórias). Mantiveram-se, neste trabalho, as mesmas definições de Herzberg (1993, p.63) para desenhos realistas e compensatórios, a saber:

- realistas – aquelas imagens bem próximas de um corpo humano que sugerissem as modificações corporais devido à gravidez;
- compensatórias – aquelas imagens que não sugerissem as modificações corporais e que, em alguma de suas partes apresentasse tratamento especial, como por exemplo, ombros largos demais, cintura muito fina, traços femininos e/ou masculinos muito acentuados, aparência estranha.

É importante dizer que foram usadas as mesmas definições para a análise da figura do homem, já que Herzberg (1993) observou em sua pesquisa que tais características, no grupo de gestantes, foram mais freqüentes no desenho da figura do homem do que no desenho da figura do próprio sexo. Daí a importância da aplicação e análise das duas figuras.

Em caso de dúvida quanto à classificação e/ou discordância entre a pesquisadora (primeira juíza) e a segunda juíza, contou-se com a avaliação de um terceiro juiz, levando-se em conta também a classificação do desenho do outro sexo;

b) Inclinação – se a figura estava ereta ou inclinada. A inclinação pode ser para a direita ou para a esquerda. Avalia-se esse aspecto a partir de uma linha imaginária que passa

entre os olhos da figura e termina no meio da parte inferior do tronco, linha de divisão entre as pernas (Herzberg, 1993);

c) Ordem de desenho das figuras (qual o sexo da figura no primeiro e no segundo desenho);

d) Tratamento diferencial em relação ao tamanho, elaboração (quantidade de detalhes) e tempo de realização entre uma figura e outra.

3.5.2.3. Aspectos de conteúdo

a) Desenho da cintura e/ou cinto – observou-se a maneira como a cintura foi assinalada, se foi marcada com linha ou com cinto ou se estava ausente, isto é, se não havia nenhum assinalamento particular na região da cintura (Herzberg, 1993);

b) Marcação da região dos seios – avaliação do tratamento dado a esta região: se foi marcada com bolso, se foi marcada com seios ou se a marcação estava ausente.

As tabelas que foram usadas para análise encontram-se no Apêndice C (vide p.307).

Após análise de cada item, fez-se a uma interpretação psicodinâmica, a qual deu ênfase à comparação entre as características psicodinâmicas presentes nos desenhos feitos durante a gravidez e as presentes nas figuras desenhadas após o nascimento do filho.

3.5.3. TAT

A fundamentação da análise do TAT encontra-se no fato de que as modalidades de funcionamento psíquico que estão no cerne da criação e narrativa das histórias são análogas ao conjunto da organização mental do sujeito e à maneira como um indivíduo em particular percebe e apercebe determinada situação (Chabert, 2004; Fenterseifer & Werlang, 2008).

O modelo de análise sistematizado em tabelas de avaliação é apresentado no Apêndice D (vide p.311). Assim como no DFH, os protocolos do TAT estiveram submetidos à avaliação das juízas.

Para serem acessados os conteúdos manifestos e latentes nos protocolos, foram reavaliados os seguintes aspectos:

3.5.3.1. Tempo de latência inicial, Tempo total (TLI e TT) e Estrutura da história

Shentoub e Shentoub (1958) enfatizam que não se pode considerar as variáveis Tempo de latência inicial e Grau de estruturação da história uma independente da outra. Segundo eles, o Tempo de latência inicial ou de reação consiste no tempo transcorrido entre a apresentação da Prancha e o momento em que o sujeito começa a falar (faz comentários ou narra a história). Esse item situa-se mais freqüentemente entre 5 e 25 segundos. Para Shentoub e Shentoub (1958), é um tempo de seleção e reflexão cuja duração, assim como a qualidade da estruturação da história, está em função das possibilidades de integração do Ego. Os autores também definem que:

a) um tempo de latência inicial longo acompanhado de uma história não estruturada é indício de ansiedade perturbadora;
b) um tempo de latência inicial longo acompanhado de uma história bem estruturada dá indícios de uma ansiedade dominada e tomada de distância construtiva;
c) tempo de latência inicial curto seguido de uma história mal estruturada relaciona-se a um sujeito impulsivo (trata-se de uma ansiedade perturbadora acompanhada de perda de distância);
d) um tempo de latência inicial muito curto precedendo uma história bem construída diz respeito a um sujeito de inteligência viva e que está bem adaptado às situações.

Considerou-se “história estruturada”, aquela definida por Shentoub e Shentoub (1958) como bem construída, no que se refere ao seguimento das instruções.

Em consonância com Brelet-Foulard e Chabert (2005), os tempos foram levados em consideração em relação aos elementos clínicos do protocolo como um todo. Não foi utilizado cronômetro para a tomada dos tempos, mas um relógio de pulso, atendendo às recomendações das autoras.

3.5.3.2. Apercepção

Esta categoria trata da avaliação da adequação ou inadequação perceptiva e aperceptiva dos perceptos humanos e não humanos às respostas típicas de cada prancha, segundo as normas aperceptivas. Nesse item levou-se em conta a descrição original de Murray (2005/1943) de cada prancha (vide Tabela 1, p.78). As definições das categorias foram retiradas de Herzberg (1993) e se encontram na Tabela 3, abaixo. É importante destacar

que, para fins de avaliação e classificação, considerou-se como apercepção adequada também aquelas que foram classificadas como implícitas.

Observe-se, também, que a análise deste item não foi realizada para a Prancha 16, uma vez que se trata da prancha branca.

Tabela 3 - Categorias de análise da apercepção

Categoria	Condição do percepto
Adequada	Explicitamente verbalizado
Distorcida	Alterado com relação às descrições originais
Implícita	Presente, mas não verbalizado
Omitida	Não mencionado

Fonte: Herzberg, 1993

As tabelas utilizadas para a análise das pranchas 1, 2, 7MF e 16 foram desenvolvidas baseadas em Herzberg (1993). Com relação à Prancha 8MF, Barros (2004) confeccionou a tabela referente à análise desta com base tanto em Herzberg (1993), como na descrição original de Murray (2005/1943). Para a presente pesquisa, da mesma forma que para a Prancha 8MF anteriormente, foi criada a tabela de análise da apercepção da Prancha 4, já que esta não havia sido utilizada anteriormente por nenhuma das autoras citadas.

3.5.3.3. Tipo de solução

Segundo Silva (1989), a solução ou desenlace da história, por não ser um elemento dado pelo estímulo, é sempre resultado da projeção de conteúdos mais pessoais. Portanto, ao serem estipuladas as categorias apresentadas na Tabela 4, foi levado em conta a predominância ou não de aspectos adaptativos, e se a solução estava baseada na realidade ou na fantasia. Dana (1996) ressalta que se não há solução ou sentimentos com relação a uma ou ambas as figuras parentais nas histórias, hipóteses relevantes podem começar a ser formuladas. As soluções foram classificadas nas categorias definidas pela própria autora do trabalho em pesquisa anterior (Barros, 2004), apresentadas a seguir:

Tabela 4 - Categorias de análise do tipo de solução

Categoria	Condição do desfecho da história
Sucesso	Favorece o personagem principal da história
Fracasso	Desfavorece o personagem principal da história
Final feliz ou placada	Minimiza conflito evocado anteriormente e favorece o personagem principal da história
Ausente	Não há desfecho na história

Fonte: Barros, 2004

3.5.3.4. Interpretação das pranchas

Após as análises sistemáticas dos aspectos mais objetivos das histórias, foi elaborada uma análise de caráter interpretativo integrando todos os aspectos até então avaliados separadamente.

Posteriormente à conclusão desta etapa para cada prancha, procedeu-se à integração de todos os aspectos do protocolo a partir do raciocínio clínico da pesquisadora e à luz da teoria psicanalítica. Esta integração permeará os dados dos demais instrumentos quando for apresentada a discussão de cada caso.

3.5.4. Interpretação psicodinâmica

Por fim, fez-se uma interpretação psicodinâmica de cada caso integrando todos os dados (entrevistas e protocolos dos testes), buscando-se uma compreensão de cada um em sua singularidade. Os resultados foram ilustrados com o material clínico obtido.

Desse modo, o método deste projeto de pesquisa pode ser ilustrado na Figura 6:

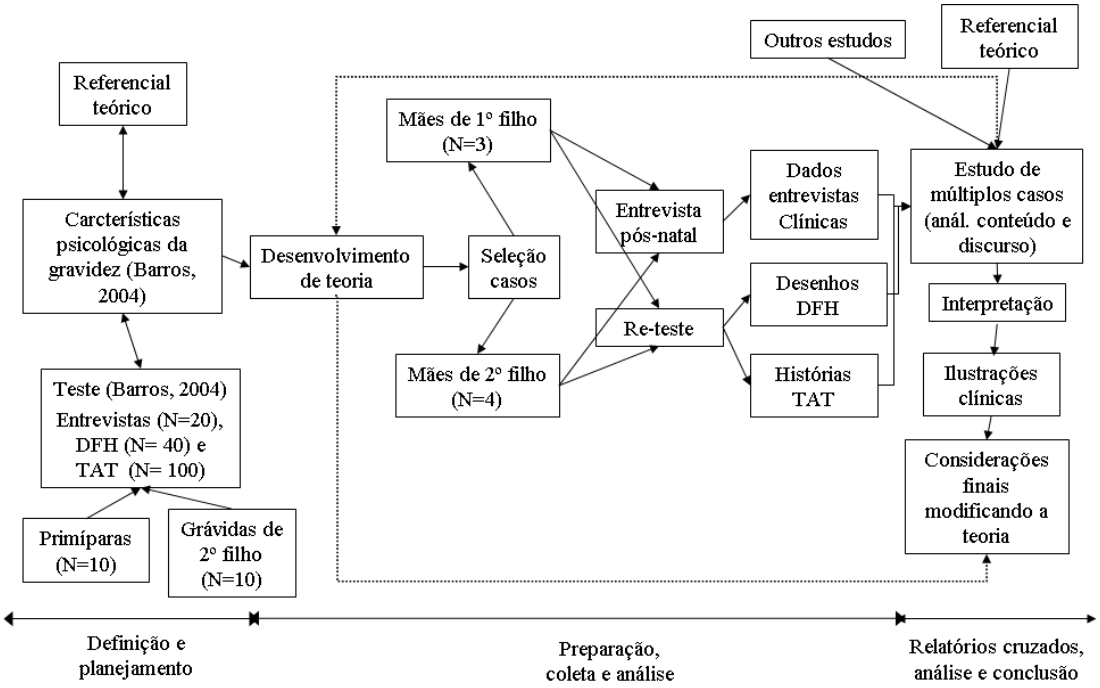


Figura 6 – Modelo esquemático do método utilizado

4. APRESENTAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para garantir a privacidade das informações e o sigilo da identidade das mulheres que participaram da pesquisa, foram atribuídos nomes fantasia às mesmas, assim como aos seus filhos. Abaixo segue tabela que compila as informações acerca da paridade das mulheres, por ocasião de ambas coletas .

O material terá a seguinte ordem de apresentação para cada uma das sete mulheres: inicia-se com os dados referentes às entrevistas, em seguida são apresentados os quatro desenhos seguidos da interpretação. Por último vem as histórias do TAT referentes aos dois momentos do tempo as quais também são seguidas pelas interpretações prancha a prancha. Para finalizar cada estudo de caso, discute-se a integração global de todo material individual no item denominado "movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho", momento no qual o material analisado foi organizado em quatro categorias. Após a apresentação de cada caso foi realizada uma análise geral na qual destacou-se as principais semelhanças e divergências no material de cada mãe participante.

No caso dos desenhos, deve-se destacar que estes estão sendo apresentados na mesma ordem em que foram desenhados por cada uma das mulheres em cada aplicação, por isso ora é primeiro apresentada a figura feminina, ora a masculina.

Tabela 5 – Comparação de paridade entre as mães da amostra por ocasião da primeira e segunda coleta.

Ocasião da coleta/ Paridade	Anne	Mara	Felícia	Lina	Jace	Cristiane	Janaína
Pesquisa inicial	Tinha 01 menino; gráv. de outro	Tinha 01 menino; gráv. de menina	Não tinha filhos; gráv. de menina	Não tinha filhos; gráv. de menina	Tinha 01 menina; gráv. de menino	Tinha 01 menina; gráv. de menina	Não tinha filhos; gráv. menino
Nova coleta	O2 meninos	1 casal	1 menina	1 menina	1 casal	02 meninas e 01 menino (engravidou e teve o terceiro filho entre a 1ª e a 2ª coleta)	02 meninos (engravidou e teve o segundo filho entre a 1ª e a 2ª coleta, porém com outro companheiro)

4.1. Caso 1 – Anne e Paulo – Quando a culpa deixa a mãe atrás do box de vidro

Último encontro na pesquisa inicial (1ª coleta): 12/04/02

Encontro na nova coleta: 28/04/08

Local do encontro: Hospital Universitário

4.1.1. Recortes da história de vida da mãe e o filho imaginário

Anne, 37 anos, vive junto ao companheiro há 11 anos. Veio para São Paulo fazer um trabalho da igreja. O marido também é devoto de sua religião, inclusive se conheceram na instituição religiosa a qual freqüentam.Atualmente trabalha e tem 2° grau completo. Tem dois filhos sendo Luiz o mais velho. Por ocasião da segunda coleta Luiz estava com 10 e Paulo, o caçula e cuja gravidez foi acompanhada estava 6 anos de idade. Por ocasião da primeira coleta Anne estava com 9 semanas de gravidez de seu segundo filho.

O primeiro filho de Anne teve uma convulsão com 24 horas de vida e ficou com seqüelas neurológicas. Anne se culpa alegando que trabalhou demais (até uma semana antes do parto). Este primeiro filho tem apresentado dificuldades escolares por conta destas seqüelas -demonstra-se desatento e acabou repetindo a primeira série, fato que deixou a criança bastante decepcionada. Foi feito pela pesquisadora, por ocasião da segunda fase da coleta de dados, um encaminhamento desta criança a um serviço-escola Paulistano para que fosse realizado um psicodiagnóstico, tendo em vista a preocupação de Anne.

A gravidez de Paulo, seu segundo filho, foi planejada. Parou de trabalhar aproximadamente vinte dias antes do parto “não fiz a besteira que fiz na primeira gravidez” (*sic*).

Na gravidez enjoou muito. Desde o primeiro filho tanto ela quanto o marido queriam muito que o bebê fosse menina. Tal expectativa se refletia no fato de não terem escolhido nome para menino ainda e sim para menina. Como o marido escolheu o nome do primeiro filho, Anne escolheu o do segundo. Ao saber que o segundo bebê também seria um menino disse “não que eu tenha rejeitado, mas estava na expectativa por uma menina”(*sic*).

Quanto às expectativas que tinha em relação ao nascimento de Paulo, Anne imaginava que com dois filhos teria momentos difíceis, como andar de ônibus, por exemplo. Achava que iria mudar o tratamento com o filho mais velho. “acho que o mais velho é sempre mais cobrado pelos pais que, em geral, têm mais paciência com o mais novo” (*sic*)

Quando nasceu, Paulo ficou sob os cuidados de uma amiga de Anne até os 7 meses quando foi para uma creche pública e, em seguida para uma particular pela facilidade de

acesso desta última em detrimento da primeira. Anne disse que a creche pública em que Paulo ficava era “fora de mão” (sic).

Não pretende ter mais filhos, inclusive seu marido realizou uma vasectomia.

Sobre a relação com os filhos refere que, tanto ela como o marido são muito pacientes. O esposo de Anne chega a ser tão condencendente com as crianças que acabam discutindo por conta disto.

Esta situação se modificou um pouco com a chegada do segundo filho. Tanto ela quanto o marido se tornaram menos pacientes e chegam a gritar. Anne refere que sente muita dificuldade de dar “duas educações e duas atenções” (*sic*).

Segundo ela, o filho mais velho Luiz se mostra bastante carinhoso com Paulo e nunca o maltratou. Às vezes o ignora e dá a desculpa de que estava brincando e não tinha prestado atenção no irmão.

No que se refere à família de origem Anne tem 13 irmãos. A mãe faleceu em 2000 em função de um câncer no útero (Anne tinha 28 anos de idade). Seu pai ainda vive e está com 76 anos. A maior parte dos irmãos mora na Bahia e Anne se relaciona bem com todos. A irmã caçula dentre as mulheres é muito próxima à Anne e a ajuda muito no cuidado com os filhos.

A percepção de Anne acerca da mãe é de uma mulher que sempre cuidou muito bem dos filhos e de quem Anne sempre foi muito amiga. Já o pai era e ainda é muito distante e frio “nunca fomos amigos” (*sic*). Quando vai à Bahia fica na casa dele, mas refere que a relação “continua a mesma” (sic). Contou que enquanto conviveu com eles percebia que seu pai maltratava a mãe.

Acerca da sexualidade, Anne nunca conversou muito com a mãe, pois tinha vergonha, conversava mais com as irmãs mais velhas e recebia informações na escola.

Não teve muitos namorados e o compromisso mais sério já foi o namoro com o atual marido. Anne conta que assim também se passou com o marido em relação às mulheres.

Com o marido Anne se dá muito bem “somos muito amigos” (*sic*). Têm muito diálogo e relata que as brigas são entendidas como “normais” (*sic*). No entanto, após o nascimento de Paulo passou a não ter mais momentos a dois com o marido. Anne diz que sente muita falta disso e cobra o marido para saírem de casa só os dois, mas acabam saindo em família. Anne disse que pede atenção ao marido sempre que precisa.

A família do marido tem histórico de doenças mentais e a família do pai (avô paterno de Paulo) também. Ao falar deste assunto, na entrevista durante a primeira coleta, Anne demonstrou visível ansiedade com relação ao novo bebê, tendo em vista os problemas que teve com o primogênito. Em um dos encontros na primeira fase da coleta, Anne trouxe Luiz

junto. Na segunda coleta demonstrou grande interesse em participar, inclusive por ter a possibilidade de falar sobre as dificuldades escolares enfrentadas pelo filho mais velho.

Quanto à consulta ao seu prontuário não houve nenhuma intercorrência médica. Só havia registro de participação no planejamento familiar, o que decorreu na vasectomia do marido. No entanto, ao ser questionada acerca de sua saúde em geral, conta que quando Luiz tinha 1 ano e meio foi operada da vesícula e ainda sente fortes dores. Gostaria de saber o porquê de ainda sofrer por conta das dores, mas por enquanto ainda não descobriu.

Anne é quieta, fala pouco. Se ateve ao que foi perguntado. No entanto, tem boa vontade em colaborar. Foi uma das poucas mulheres que se dispôs a ir até ao HU para participar da nova coleta. Sua produção no TAT na primeira fase foi bastante rica em detalhes e suas histórias bem estruturadas.

4.1.2. Anne após o nascimento de Paulo e a relação mãe e filho da realidade

Anne se refere a Paulo descrevendo-o como “danadinho”(sic): “ele vê as pessoas e vai atrás de querer saber o que está acontecendo, se envolve”(*sic*).

Contou que Paulo a faz dar risada, que é uma criança que brinca muito. É “meio come quieto” diz ela. Fala que o mais velho é mais expansivo e Paulo mais discreto. Quando ele está muito quieto vai olhar para ver o que está fazendo porque fica desconfiada. Quando o acorda de manhã ele não fica de bom humor. Compara novamente os dois filhos dizendo que o mais velho é “bocudo e teimoso” (*sic*) diferente de Paulo que é mais compreensivo, briga menos com ela. Apesar de não afrontar é mais difícil de desistir das coisas. Quando Paulo vê a mãe ensinando a lição ao irmão diz que quer crescer logo.

Segundo Anne, os irmãos brincam, se dão bem e são muito unidos. Às vezes brigam e Anne pede para pedirem desculpas um ao outro. Relatou que Paulo é dependente do Luiz, não agüenta ficar sem ele. Quando chega da escola fica ansioso pela chegada do irmão. Certa vez Luiz dormiu na casa da sogra e Paulo ficou chorando querendo ver o irmão “virou um tormento. Ainda mais que era época de reforma em casa” (*sic*).

Quando questionada acerca do que Paulo representa para ela naquele momento da vida ela diz: “Ah, para mim meu filho é tudo. Ele e o Luiz. Aquele sorrisinho, aquele olhão grande, tudo na minha vida gira em torno deles.” (*sic*)

Anne falou que para ela ser mãe é uma experiência na vida como mulher, “educar não é fácil” (*sic*). Diz que se prepara para os desafios e para dedicar seu tempo para ensinar para ele, por exemplo, que não pode mentir. Se refere ao filho como carinhoso e que trata as outras

crianças bem, independente de onde elas venham. Brinca com qualquer um, “na igreja se entrega rapidinho para brincar” (*sic*).

Diz que o esposo acha Paulo parecido com ela e ele é de fato mais apegado à ela. Conta que gosta de “bater perna” (*sic*) e o caçula a acompanha: “para onde você vai? Posso ir com você?” (*sic*). Acerca do que faz e como faz para perceber o que o filho precisa, Anne diz: “não sei explicar, mãe sabe observar o bebê a gente conhece mais ou menos a hora, controlava a hora, preparava o leite, dava o banho na mesma hora.” (*sic*)

Não dependeu de ajuda de ninguém para cuidar de Paulo. O esposo ajudou uns dias, a irmã também, foi se virando.

Fopi pedido para que ela descrevesse o seu filho e dissesse também se Paulo era diferente do que imaginava: “Paulo, assim, de maneira negativa não tenho nada a dizer, pelo contrário superou as expectativas. Esperava chorão como o Luiz, mas foi mais tranqüilo, para mim foi bom.” (*sic*)

No que se refere aos diversos aspectos do desenvolvimento biopsicossocial conta que Paulo tinha dificuldade para comer algumas coisas como frutas e leite. Apresenta sono tranqüilo, igual ao do irmão. Amamentou mais ou menos dois meses, mesmo assim com complemento: “Leite tinha, mas não o suficiente” afirma Anne. Amamentou os dois filhos pelo mesmo período de tempo.

Quanto à fala, desenvolvimento psicomotor, e desenvolvimento cognitivo Anne diz que foi tudo normal. Paulo já escreve o nome e faz “estrelinhas” (sic).

Nos cuidados com Paulo, o que Anne refere mais gostar de fazer é acompanhar o banho através do box de vidro: “Paulo é independente, mas acho que o banho não sai como deveria sair. Gosto de acompanhar o alimento dele, comprar as coisas que ele gosta. É meio ‘fofinho’. Come porcarias- bolachas, cereais. Ele usa um número a mais do que o normal para idade dele.” (sic)

Já em relação às maiores dificuldades nos cuidados com o filho, antes de responder Anne pensou e depois respondeu que é fazê-lo comer. O esposo há um tempo atrás ainda estava levando a comida com a colher até a boca de Paulo. Ela queria que ele comesse sem precisar ficar brigando, tenta convencer e usa todas as armas inclusive chantagem. Paulo pergunta “pode ser 10 colheres?”. Anne comenta: “aquela enrolação. Se deixar por ele, ele não come.” (*sic*)

Faz também referência à parte prática dos cuidados maternos quando se refere ao que menos gosta no cotidiano no que se refere a Paulo: ajudá-lo a vestir roupa. Disse que tem dor

nas costas e não tem muita paciência. Separa a roupa e deixa ele se virar. Dependendo da roupa até ajuda, mas não gosta.

Para consolar Paulo Anne o pega no colo e conversa com ele (Luiz também). Deita-se com ele. Na casa há um quarto para eles e uma cama para cada um. Conta histórias e Paulo gosta também de contá-las a partir das figuras. Gostam muito de ler em família.

Anne comenta que percebe que alguma coisa não está bem pelo comportamento dele, se está quieto, sério, ele mesmo fala se estiver chateado. Às vezes ela cede, mas não quando ela considera que está certa. Quando está quieto demais é porque está doente. Anne pergunta se ele é feliz, se gosta da família, da mãe e do pai e Paulo responde que tem comida e brinca.

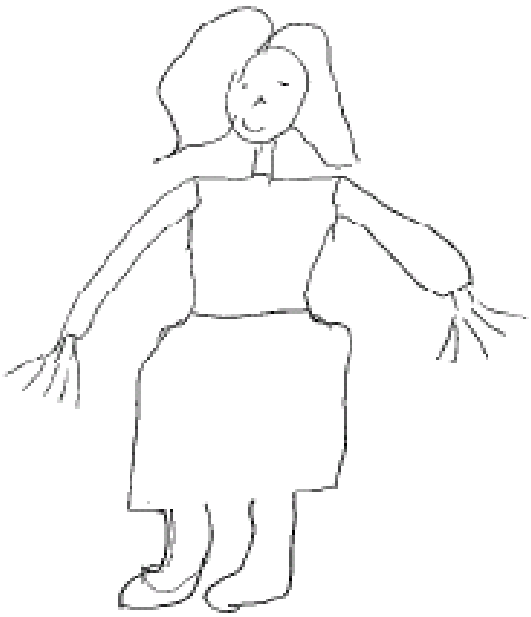
Acerca do contato que foi estabelecido com a pesquisadora por ocasião da primeira coleta, Anne lembra apenas que foi uma conversa tranqüila.

4.1.3. Análise e interpretação do Desenho da Figura Humana

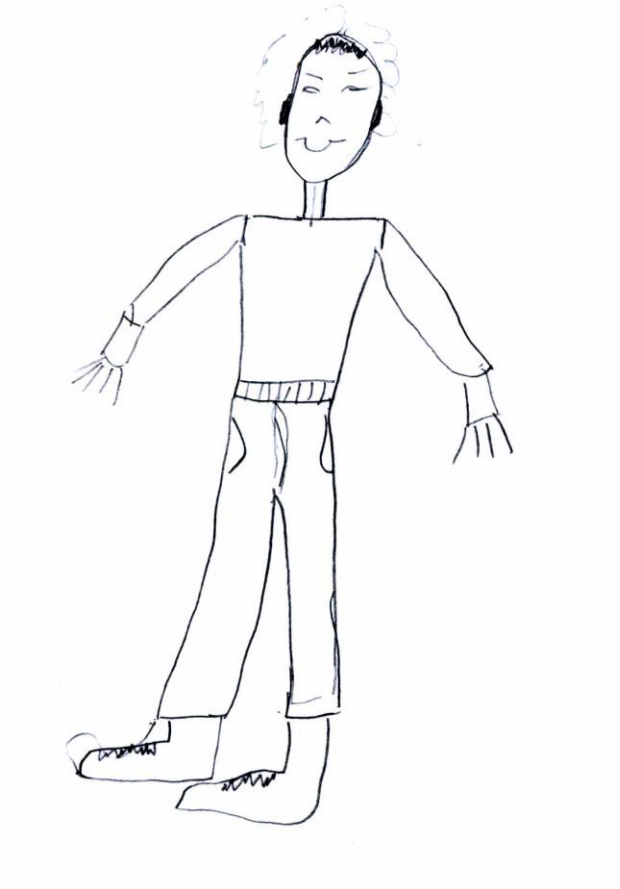
Nas tabelas utilizadas para análise, apresentadas ao final do trabalho nos Apêndices de E, G, I, K, M, O e Q (ver páginas 318, 330, 342, 354, 366, 378 e 390, respectivamente), a marcação "1ª" é referente à avaliação dos desenhos em coleta anterior (Barros, 2004) e a marcação "2ª" refere-se aos desenhos coletados seis anos após o primeiro, material inédito com o qual se trabalhou para a consecução dos objetivos propostos para este estudo longitudinal.

Os desenhos, tanto os obtidos em coleta anterior quanto os coletados posteriormente, podem ser visualizados nas páginas que se seguem e serão apresentados conforme a seqüência original em que foram realizados. Vale ressaltar que por terem sido executados em folha tamanho ofício conforme recomendação da criadora da técnica, para que fossem aqui inseridos (o trabalho é apresentado e impresso em folha tamanho A4) foi preciso pequena redução do tamanho da página e proporcionalmente do tamanho dos desenhos. Além disso, leve modificação da localização dos mesmos na página também ocorreram. Tais reduçõese modificações no entanto não foram significativas a ponto de alterarem nem a análise do item "Localização da figura na folha" nem do item" Tamanho da figura em relação à folha".

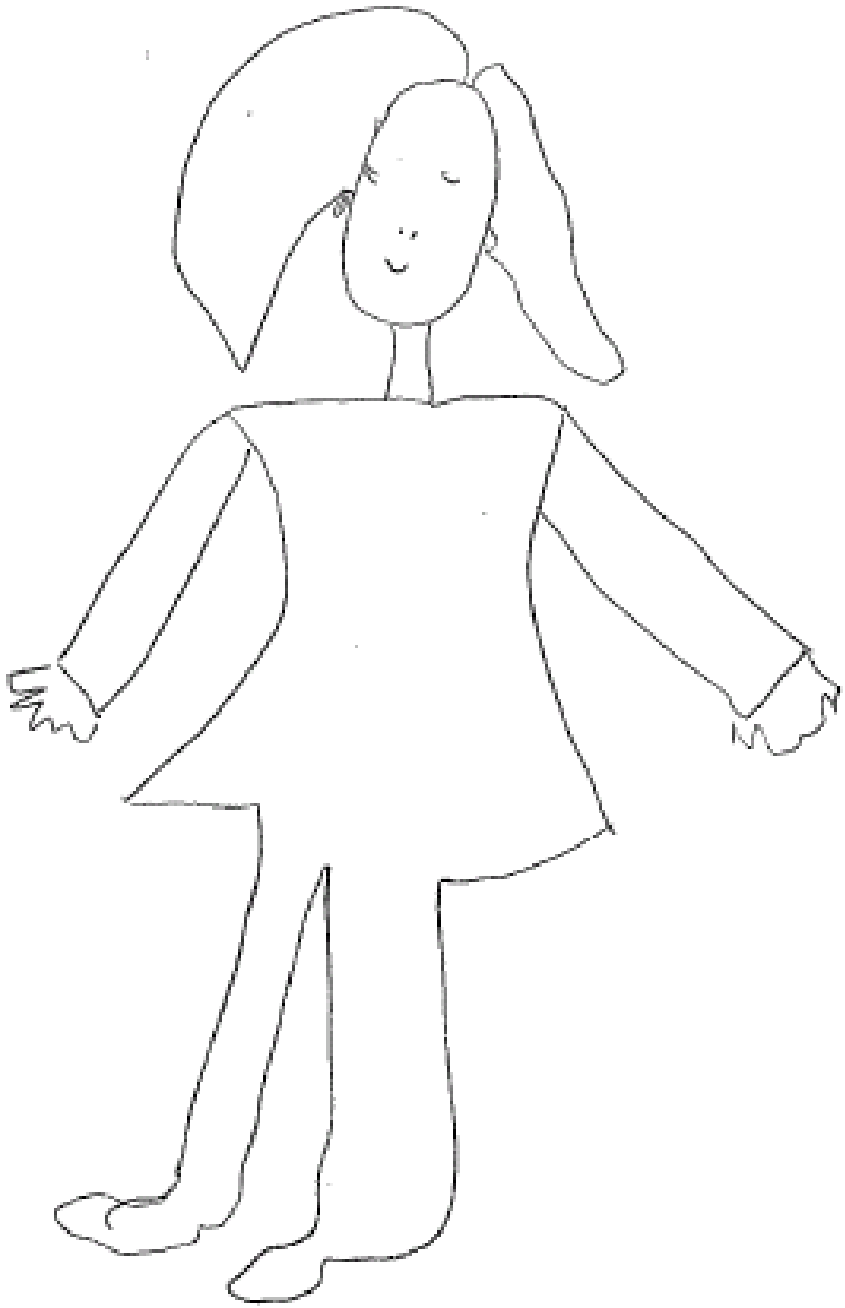
Anne – figura 1 - 2002



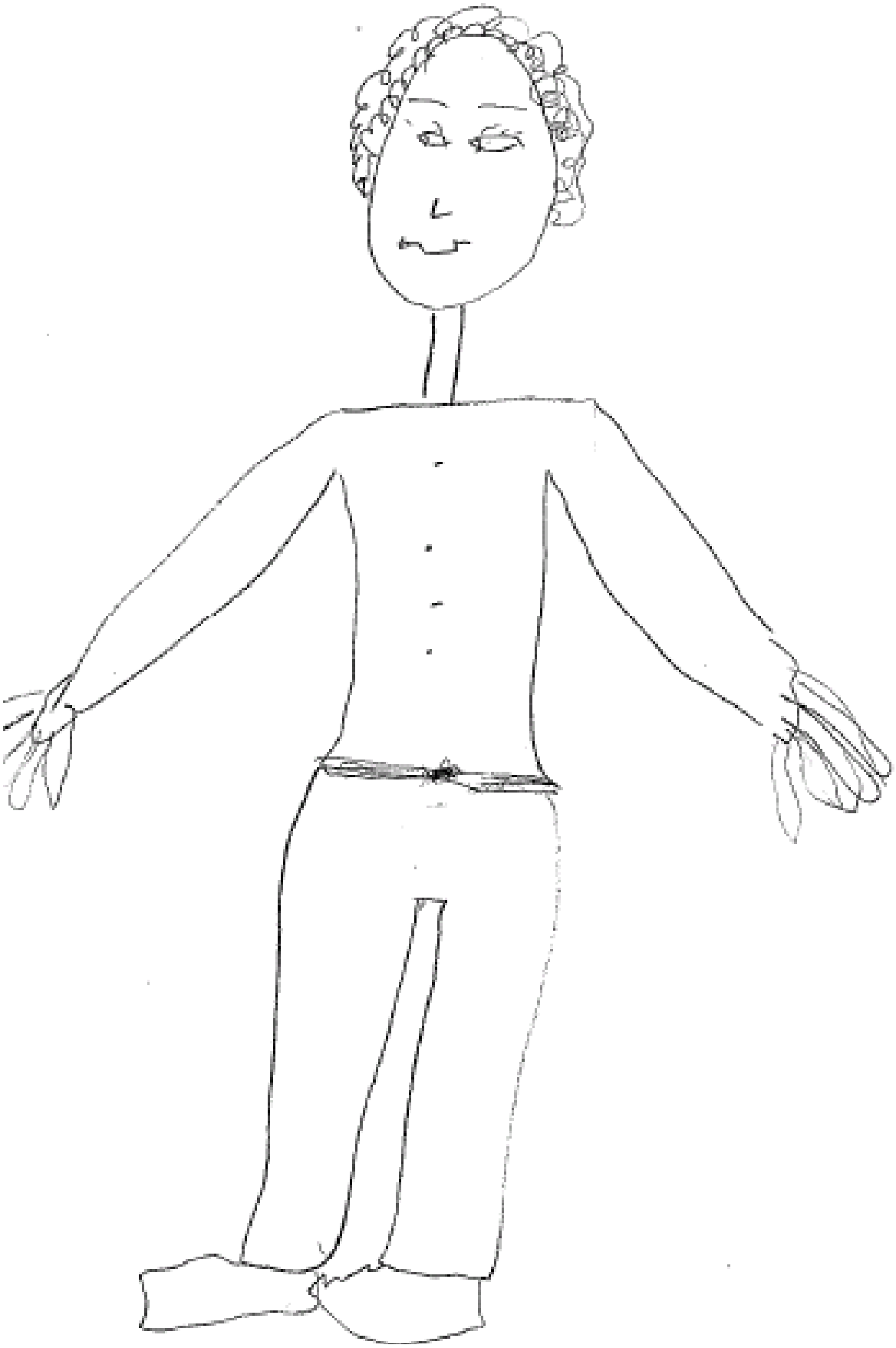
Anne – figura 2 – 2002



Anne – figura 1 -2008



Anne – figura 2 – 2008



Após apresentação dos principais aspectos dos desenhos nas tabelas de análise (Apêndice E, vide p.318) é possível notar que houve muitas semelhanças nos aspectos avaliados porém, as diferenças refletem principalmente que durante a gravidez o desenho de Anne apresentava características típicas do desenho de grávidas, cintura mais marcada e com ênfase. No que se refere aos aspectos psicodinâmicos nota-se uma mudança de características que denotavam atitude de expectativa diante da vida, inibição, reserva e introversão e atualmente observa-se segurança, auto-valorização e emotividade apesar de se manter a indicação de que Anne seja uma pessoa centrada em si mesma, o que provavelmente reflete aspectos estruturais da personalidade de Anne, identificados também pelos dados da entrevista e tom de voz durante o relato das histórias frente ao TAT.

Os indícios de agressividade e ansiedade se mantêm apesar de deslocados, o que antes aparecia mais na região dos dedos das figuras, atualmente aparece também no detalhe das narinas e no tamanho dos desenhos em relação à folha. Tal aspecto aparece atualmente predominante na figura do homem. Por outro lado, Anne atribuiu e continua atribuindo maior valorização à figura masculina.

Com relação a maior preocupação de Anne no que dizia respeito à vinda de um segundo filho, pode-se pensar que os dedos em forma de garra (que indicam agressividade e dificuldade no contato) substituídos pelos de forma aproximada ao natural apontam que Anne pode estar mais tranqüila em relação ao seu temor de que não fosse dar conta de tratar os dois filhos iguais e também de que iria ser muito difícil o manejo, de ordem prática, de duas crianças.

Anne parece investir muita energia no policiamento dos impulsos necessitando de controle repressivo, o que resulta em preocupação com a sexualidade. Vale ressaltar a importância e influência da religião em sua vida. Durante a gravidez também havia indício de controle e racionalização da tensão representada pela divisão do corpo em zonas, mas naquela ocasião tal aspecto poderia estar mais uma vez refletindo a preocupação com as modificações corporais o que fica ainda mais evidente quando se observa os cometários que fazia enquanto desenhava e estava grávida. Anne comenta; “ Ich, Maria! É uma coisa tão esquisita... acho que tá meio sonolenta, com olho fechado, gorda, um pouco gorda, o que mais? Com calor, talvez, o que mais? Acho que só”. Completa dizendo que a figura humana estava parecendo um monstrinho. Critica todo o tempo sua produção dizendo que os desenhos estavam feios, o que reflete uma tendência de voltar contra o próprio ego o impulso agressivo.

4.1.4. Análise do TAT

A seguir as histórias completas, tanto as obtidas em 2002 como as coletadas em 2008, serão apresentadas em sequência. As tabelas referentes às análises dos tempos (TLI e TT), estrutura da História, Apercepção e Tipo de Solução encontram-se na íntegra no Apêndice F (ver p.322), ao final do trabalho. Vale ressaltar que as interpretações que serão apresentadas partiram dessas análises criteriosamente sistematizadas primeiramente para que neste segundo momento, à luz da teoria psicanalítica, pudessem ser feitas inferências acerca da psicodinâmica de cada caso estudado.

Data da aplicação:15/03/2002

Data da reaplicação: 28/04/2008

Pch 1

TLI:Imediata TT: 2'

...É... você quer o título no final? (respondo que tanto faz) Tá, então... Havia um garoto, né? Ele tava pensando e acho que ele estava com algum instrumento musical e ele estava pensando se este realmente era o instrumento que ele ia querer aprender a tocar. Sua família apoiava sua decisão... eles queria que ele, é... se profissionalizasse em alguma coisa, em especial em algum instrumento. Ele pensou, pensou e decidiu que ele ia tocar aquele instrumento que, realmente era o que ele gostava. Então ele se dedicou ao estudo e... se esforçou para aprender e... até que no futuro ele se tornou um grande profissional e... ele se tornou um grande profissional e... e ele compartilhou seu dom com muitas outras pessoas e, esse é o final.

→ Título? "A dúvida de um garoto"

→ Como era o relacionamento dele com a família? Eu acho que ele era, tinha dúvidas em suas decisões porém seus pais o apoiavam desde que a decisão fosse correta, se davam bem com ele. Se a decisão não fosse correta não apoiariam.

Pch 1

TLI: 12” TT: 1’ 18”

O nome desta história seria “Carlinhos”. Carlinhos é uma criança que deseja tocar este instrumento que seria violino... está pensando o que pode fazer para melhorar estudando. Ele ainda não sabe, mas tem de certa forma uma noção. O que ele está pensando? tá achando muito difícil, mas ele está pensando como ele pode fazer para melhorar e também aprender como estudante. Na história se dedica a estudar de forma, até que ele aprende.

→ Como Carlinhos estava se sentindo? Ah, no início acredito que estava sentindo um pouco de insegurança, por achar um pouco difícil tocar instrumento, mas depois ele percebe que ele pode, que ele é capaz, mas pra isso precisa se dedicar. Aí ele se dedica, ou seja, ele acredita que ele pode...e aí ele se dedica e estuda...

Pch 2

TLI:Imediata TT: 2’

... aqui é uma outra história, né?

Então aqui então é uma linda moça que morava... hum... num local sem muita população, tinha montanhas, tinha poucas casas e ela gostava muito de estudar... e havia uma mulher que parecia ser sua mãe, parecia estar grávida também. E ela estava saindo para a escola quando percebeu, ficou em dúvida se deveria deixar sua mãe sozinha. E sua mãe disse que estava tudo bem, que ela poderia ir para a escola. Era um dia quente, de muito sol. Ela foi para a escola e voltou naquele dia como um dia normal, não aconteceu nada de errado. E ela ficou aliviada por saber que estava tudo bem.... só.

→ Título? “A preocupação de uma filha com a mãe”

→ Como era o relacionamento dela com a mãe? Elas eram amigas, ela se preocupava muito com a mãe, com a saúde da mãe.

→ O que é um dia normal? Ela foi e voltou mas sua mãe estava bem, não houve nada de errado.

Pch 2

TLI:08” TT:2’15”

Daria o nome desta história “uma pequena comunidade”. Nessa comunidade havia pessoas que, era um local pequeno mas tinham meio de sobreviver, tinha um casa, meio de se vestir de plantar e montar sua casa e também meio de desenvolver suas crença, conhecimento,

religiosas, mas também meios para poder aprender estudando. Tudo bem simples mas de forma que possam desenvolver e a menina que está aqui pensando, carregando livros está vindo de uma escola. Talvez ela esteja estudando vem de uniforme e tem também uma outra mulher que está grávida estudando e também observado a paisagem. Também tem um homem que está trabalhando na lavoura...a vida ali não parece difí... fácil... tem meios de locomoção, mas me parece...feliz... Não parece pessoas materialistas... Demonstram ser pessoas felizes

→ Como era o relacionamento? não parece ter contato direto. Mas essa aqui, a primeira... parece pensativa... Um pensando para onde vai, de onde vem, essa que está grávida tá pensando em alguma coisa, olhando para o horizonte... ao redor dela e tem um homem bastante forte, que demonstra que ele trabalha bastante fisicamente....de um modo geral, eles não estão muito próximos, estão fazendo coisas diferentes... Não há barreira entre eles, principalmente entre as meninas.

→O que vai acontecer depois com eles? Bom, no final, acredito que com exceção dessa mulher que tá aqui parada olhando para o horizonte, esse rapaz que tá trabalhando vai fazer alguma coisa do dia a dia. Isso no momento tá distanciando ele, mas acredito que depois eles tenham oportunidade de conversar, de ir na casa do outro de se conhecerem...um ao outro.

Pch 4 **(coletada apenas na reaplicação)**

TLI:3” TT:1’15”

Bom (risos) é difícil aqui... Essa história aqui eu diria que o título é “necessidade de diálogo”. Que esse homem parece tá chateado com ela de alguma forma, ele está olhando pro lado não está olhando pra ela o que eu percebo que ela está tentando conversar com ele e ele naquele momento não vai querer conversar com ela, ter um diálogo, talvez ele tá chateado com alguma coisa que ela falou que ela fez, mas alguns momentos depois ele aceita conversar com ela e descobre que através do diálogo... que ela falou e ele interpretou de uma maneira errada e no final fica tudo bem, eles conversam e fica tudo bem.

→ Como era o relacionamento entre eles? Ah, uma relação boa. Ela era vaidosa...arruma o cabelo ... arruma. Porém, talvez sejam um pouco diferentes, talvez por ser homem não é tão vaidoso, mas assim, a relação deles é boa também é normal... mas conversando eles conseguem se entender

→O que a moça estava sentindo? Desejo de se explicar falar o que ela tá pensando para que ele possa compreender, atenção, ela tá pedindo... atenção

→O que é isso? Um quadro (aproxima). Ah, não tô enxergando muito bem... O que eu percebo é que é um quadro com uma mulher fazendo uma pose, ela me parece tá com o roupas bem indiscretas...mas assim, neste quadro existe também uma mensagem junto com ele e pelo que vejo ... na parede. Talvez lá atrás tenha mais alguém que eu não tô enxergando muito bem...

Pch 7MF

TLI:Imediata TT: 1'

Existia uma garota, ela tinha um olhar meio triste, ela estava com uma boneca no colo e uma outra pessoa que... era sua mãe estava contando história para ela, tava lendo um livro e contando histórias que ela gostava muito de ouvir. E sua mãe começou a contar história interessante e ela parou de brincar, e só segurava, começou a prestar atenção no que estava ouvindo... é... a história talvez fosse um pouco triste, por isso ela estava com o olhar meio triste, mas depois ela gostou do final da história que depois ela entendeu que era apenas uma ficção, não realidade... só.

→ Título? "A história de uma garota"

→ Como era o relacionamento dela com a mãe? Ela gostava muito de ouvir história, a mãe contava para ela, algumas divertidas, alegres, outras tristes. Quando a história era triste, ela ficava um pouco triste também, mas no final acabava tudo bem, ela entendia que não era real, era só uma ficção mesmo.

Pch 7MF

TLI:16" TT:2'08"

Ah, eu daria o nome desta história de "o que está acontecendo", eu começaria essa história com essa pergunta. Nesta história existe uma garota muito bonita o nome dela é Sara ela segura talvez um bebê ou um boneca... não tenho certeza, uma boneca. O bebê ou uma boneca, não tenho certeza. (Pode escolher). Uma boneca. Porém ela tem um olhar distante, ela olha para algum lugar dentro da sala, talvez da janela para fora. Tem alguém do lado dela, talvez...mãe...tá lendo uma mensagem pra ela.. se ela tá olhando o horizonte talvez não está conseguindo prestar atenção no que a mulher está falando pra ela... deve tá pensando em outra coisa que a preocupa mais, a maneira dela segurar o bebê... Que final eu daria para essa história? Que essa pessoa parece... o que está acontecendo? porque ela tá tão distante, o que ela tá pensando...ela olha...

→Como era o relacionamento entre elas? Eu acredito que elas tinham uma boa relação. Naquele momento ela demonstra vários sentimentos... chateação ou preocupação que não tem nada a ver com ela mas acredito que um sentimento bom, positivo.
→ O que vai acontecer depois? Da leitura, no final? Bom nesta história que eu estou falando ao mesmo tempo que ela demonstra... pela mãe...Na minha visão é mais previsto que alguém esteja tomando conta dela e ela esteja sentindo falta dos pais porque está olhando, sentindo falta de alguém chegar. Mesmo outras pessoas dando atenção para ela sente falta de atenção de outras pessoas mais próximas... pai

Pch 8MF
TLI:Imediata TT: 2'
(risos – parecia que estava se identificando com a prancha) Então... havia uma moça... que estava pensando, ela estava pensando no seu futuro... o nome dela era Maria. Maria estava pensando no seu futuro, o que iria fazer, tipo assim, em uma profissão que ia trabalhar. Estava pensando também que ela deixaria sua casa, sua cidade para morar em um outro lugar, onde ela pudesse começar uma nova vida. Só que ela estava com pena de largar sua família porque ela sabia que iria sentir muita saudade... e também porque seus pais já eram idosos e ela achava que, talvez, eles precisassem muito. Ela decidiu dar um tempo e ficar mais algum tempo com sua família, até que ela encontrasse alguém que pudesse fazer companhia a seus pais e ela pudesse viajar para um outro local é ... sem preocupação nenhuma. É... alguns meses depois ela encontrou é... sua tia que decidiu morar com seus pais, sua tia mais nova, decidiu fazer companhia para eles por toda vida. Aí ela foi, começou uma nova vida em uma outra cidade... só.
→ Título? É..."Tempo para pensar"
→Como ela estava se sentindo? Acho que ela estava dividida: ela queria ir porque ela era nova, precisava arrumar sua vida mas ao mesmo tempo ela se sentia culpada de ir e largar seus pais sozinhos.

Pch 8MF
TLI:5' TT:1'27"
Ah, esta aqui está difícil, será... Ana. Mulher romântica, muito boa, bonita, conservada (Ato fallho) conservadora... gosta de usar roupas tradicionais.. carinhosa...pessoa que tem muita

vontade de encontrar alguém... companheiro que a faça feliz e que também ela o faça feliz. O final eu diria que essa pessoa, ela vai encontrar alguém... que desse certo com ela...

→Título? Eu daria o nome dela "Ana".

→O que ela está sentindo? Ah, eu acredito que talvez falta...sozinha, solidão de um companheiro... para dividir...chorar...que possa ter realizações juntos.

Pch 16

TLI: 30s TT: 3'

Ih! Não tem… ah, e agora o que eu vou falar? Você quer que eu crie uma história? (risos) Tá, então... era uma vez uma família, uma grande família, uma mulher que tinha muitos filhos e, decidiu separar, separar de seu esposo porque eles não se davam bem. Mas ela ficou preocupada porque ela ainda tinha filhos pequenos, porém ela também tinha filhos grandes, adultos que podiam trabalhar para ajudar. Por eles não se darem bem, seus filhos apoiaram a separação. Só que ela teve um pouco de medo porque ela nunca tinha trabalhado fora, teve medo das dificuldades, porém seus filhos lhe asseguraram que ela não precisaria trabalhar, eles proveriam o sustento para o restante da família. Então, nessa decisão e, na dúvida, ela decidiu continuar assim, como estava, na decisão dela, ela decidiu assim continuar assim, convivendo como estava com seu esposo. Seus filhos mais velhos com o tempo foi saindo, foi vivendo a vida deles e os mais novos foram crescendo e fazendo a mesma coisa. Mas todos eles tavam sempre próximo dela, a amavam muito. Ela continuou assim até o final de seu casamento, mesmo que eles não se deram tão bem como marido e mulher, ela decidiu não se separar. Pode terminar?

→Título? "Medo de tomar a decisão"

→Como era o relacionamento do casal? Ah, acho que ele traía ela, não fazia ela feliz. Talvez os filhos vissem que ela não era feliz e sofriam junto também.

Pch 16

TLI:25" TT:2'50"

É a mesma coisa? Eu vejo uma família, daria o título de uma família eterna, mulher, filho e eles não tem a vida fácil, tem que trabalhar... Os dois têm que trabalhar, se dedicar juntos pra realização do filho, mas tem que estar juntos... ver os filhos crescendo para terem um bom emprego, que contribuam na sociedade, que sejam honestos, trabalhadores, esses pais sabem,

mas procuram fazer da melhor forma possível as escolhas certas em família e com as pessoas em geral que convivem na comunidade. Padrão de vida de ensinar o que aprenderam... escolher o que há de melhor... Mais de alguma forma a herança vai

→ Como era o relacionamento do marido com a mulher? Talvez, como homem que é, como qualquer homem não vê certas necessidades dela de falar quando está triste, alguma coisa que sente. Porém ele é uma pessoa tranqüila, gosta dela, tem defeitos, tem desejos diferentes. Vê ela como uma mulher comum, mulher que tem sonhos, alguns juntos...

→ Como era o relacionamento deles com os filhos? Ah, havia diálogo, amor, carinho porém como toda família às vezes perde a paciência.

→ Como ela estava se sentindo? Em família ou entre marido e mulher? Ela estava bem, tem momentos que fica mais ansiosa... ele é mais tranqüilo (risos) momentos que, ela acha que tudo bem, mas ele sempre questiona, sentimento de diálogo, de marido, de filho, do que eles pretendem fazer da vida deles...se eles gostam da vida que têm se eles querem mudar alguma coisa...

→ O que vai acontecer? Ah, eu diria que altos e baixos. Talvez não doenças, nenhuma está livre de desentendimentos, de falta de compreensão... dificuldade...comportamento diferente, talvez se sintam um pouco inseguros...mas eles acreditam ... faz parte da vida... com amor...se preocupam... que tenham amor. Não podem cruzar os braços porque o lar que eles vivem tem que ser seguro. Se preocupam em passar muito isto para os filhos para que possam encontrar diálogo, compreensão, chegar em casa e ter alguém que possam desabafar, dizer o que aconteceu na escola... na festa, o que aconteceu lá fora em qualquer lugar, que possa chegar em casa e ter alguém pra contar, seja pai, seja mãe, de preferência ... os irmãos

QUAL PRANCHA MAIS GOSTOU? POR QUÊ?

2002 - 7MF - Acho que da prancha da mãe contando história para a filha porque acho que a história marca a história de uma pessoa. É bom ler, a história marca a mãe, a pessoa que está lendo e para quem ouve é bom. Cria um elo entre as duas pessoas. Quem ouve vai sempre lembrar do que sentiu quando ouviu a história.

2008 – 16 - Da última. Ah, fui imaginando e a outra ia através do desenho, essa não tinha um desenho, porém pude criar mais, ir além.

QUAL PRANCHA MENOS GOSTOU? POR QUÊ?

2002 – 16 - Ah, acho que dessa última que falei porque acho que se uma pessoa não está feliz tem que buscar um meio de ser feliz, não ter medo de tomar decisões, de mudar sua vida, mas pode mudar se acha que pode melhorar, tem que lutar para mudar e não se conformar.

2008- 7MF - A que eu gostei menos foi daquela criança que estava segurando, até agora eu não sei, fiquei em duvida se deveria ser uma boneca ou bebê, mas talvez uma boneca, mas ela tá com um olhar tão distante, tão assim. E eu fiquei em dúvida também no caso se eu colocava que era outra pessoa como mãe ou como uma empregada, alguém que tava ali tomando conta dela, então ... sentindo falta de alguém.

4.1.4.1. Interpretação das pranchas

Prancha 1

Em um primeiro momento (primeira coleta) Anne demonstra recorrer à fantasia e a solução aparece mais no nível do pensamento do que no da ação em oposição do que ocorreu na segunda história na qual resolve efetivamente o conflito a partir de méritos próprios. Boa integração egóica no controle da ansiedade decorrente da atitude frente ao dever, norma temática da prancha, apesar de certa impulsividade inicial. Na segunda história Anne necessitou de reforço defensivo e recorreu ao distanciamento do estímulo. Em ambas as aplicações, as histórias mantiveram uma seqüência lógica, com bom nível de criatividade, mas os desfechos não foram tão elaborados, principalmente na primeira história para cuja conflitiva é proposta uma solução em que age por méritos próprios e a seu favor mas fazendo uso da fantasia.

Com relação às figuras percebidas, aparecem relações ambíguas com as imagens parentais já que estas parecem próximas, mas ameaçam não apoiar em caso de oposição. Por outro lado, parece precisar de aprovação do ambiente e por isso não se rebela contra.

Já na reaplicação (segunda coleta) não há menção à suporte do meio mas sim à necessidade de resolver os problemas autonomamente, apesar da insegurança inicialmente sentida. Pode-se pensar na ansiedade frente ao nascimento do segundo filho como tema aludido na primeira história e uma percepção que, apesar de difícil, poderia dar conta da tarefa com dedicação, tema da segunda história de Anne.

Prancha 2

Dificuldade no controle da ansiedade frente às relações familiares e conflito razão *versus* emoção, principalmente durante a aplicação realizada na gravidez.

Nessa prancha, nem todos os perceptos foram observados na primeira aplicação. Na segunda as figuras foram incluídas na história, mas não há vínculos, apenas relação interpessoal com pouco envolvimento afetivo. Ambas as verbalizações tiveram boa estrutura.

No primeiro momento (primeira coleta) aparece um temor frente à figura materna que é percebida como poderosa. Quando segue sua própria vontade, teme que algo errado aconteça. Por este ângulo, o conflito evocado permanece em aberto. Na segunda história o desfecho também não é efetivo, permanecendo a solução no nível da fantasia.

Por não confiar nos recursos que tem busca justificar as atitudes com explicações racionais, lançando mão da racionalização como defesa. Na primeira aplicação suas defesas mostraram-se mais primitivas já que recorre prioritariamente à negação. Pensa-se que talvez Anne tenha entrado em contato com o sentimento de culpa pelo distanciamento que deseja, e justifica de forma racional que precisa ter, em relação à figura materna.

Durante a segunda coleta, assim como ocorreu em relação à primeira história, Anne demonstra-se mais autoconfiante em relação aos próprios recursos, o que aparece inesperadamente em um ato falho quando, ao se referir que a vida não era fácil, incia sua fala dizendo que a vida não era difícil.

Em ambas as aplicações a mulher mais velha foi percebida como grávida e à gravidez foi atribuído um caráter de suspensão da ação, fragilidade e caracterização da mesma como um momento mais voltado à reflexão do que a realização.

Prancha 4

Observa-se a ansiedade manifesta frente à relação heterossexual, porém ego com boa integração e capacidade de se adaptar à situações novas. Anne demonstrou identificar-se com a problemática que retrata conflito homem e mulher apesar de negar o estímulo que gera a triangulação na relação e cindir o estímulo (mulher ao fundo semi-despida) em aspecto sexual e aspecto racional: quadro com mulher com roupas indiscretas mas que também trás uma mensagem.

A figura feminina é percebida como vaidosa e com necessidade de estar próxima à figura masculina por mais que a relação seja percebida como conflituosa e que em relação a este conflito tenha tendência a se culpabilizar. Há solução efetiva frente ao conflito, agindo por méritos próprios e respeitando o socialmente aceito. Anne se utiliza da introjeção e da

volta do impulso agressivo contra o próprio ego como mecanismos defensivos predominates os quais permitem a elaboração do conflito evocado.

Prancha 7MF

Levando-se em conta a descrição da prancha, este protocolo apresenta uma resposta típica no primeiro tempo da aplicação em contraposição à reaplicação na qual Anne parece ter mais dificuldade de se afastar da norma temática que evoca a relação com a figura materna e maternidade, sendo que com relação a esta última parece haver algum tipo de problemática tendo em vista a grande hesitação em relação ao percepto boneca.

No segundo momento, à figura feminina novamente são atribuídas características de beleza física que fazem referência ao narcisismo de Anne. Este aspecto vai ao encontro do também encontrado no DFH que em muito refletiu a postura introvertida de Anne, especialmente no que se refere ao significado dos olhos desenhados fechados.

A relação com a figura materna aparece inicialmente marcada por envolvimento afetivo apesar de fazer parte desta relação a existência de oscilação entre estar tudo bem e estar triste. Na reaplicação a figura materna é percebida como muito mais distante, assim como o tema da maternidade. Há referência à necessidade de um terceiro, a figura paterna como pré-requisito para a satisfação da problemática apresentada (solidão). Aqui, mais uma vez há alusão à conflitiva homem-mulher, o que parece ser uma preocupação atual de Anne.

No referente ao percepto boneca ou bebê, na primeira coleta, Anne apesar de grávida do segundo filho, percebeu o elemento como boneca e no segundo momento do tempo fica em dúvida se boneca ou bebê. Isto pode estar apontando para um mecanismo de afastamento da relação com os filhos, o que decorre provavelmente da necessidade de Anne de se sentir cuidada, apesar da ambivalência na forma como recebe estes cuidados quando são oferecidos pelo meio. Esta ambivalência parece resultante de uma idealização dos cuidados maternos em contraposição à percepção dos cuidados que são oferecidos de forma diferente do que imaginou, o que resulta na dificuldade em recebê-los. Talvez no segundo momento mais do que antes com a interferência dos filhos na relação conjugal Anne esteja sentindo falta da proximidade do parceiro o que acaba repercutindo em uma certa dificuldade de dar o que ela própria está desejando/precisando receber.

Em ambas as histórias predominam aspectos adaptativos apesar de haver alguma influência da fantasia. Desta forma em ambas as produções surgem o conflito entre realidade e fantasia, denotando necessidade de proteção. Tal necessidade é mais aplcada na primeira

fase ainda que pela via da razão do que no segundo momento no qual Anne não conseguiu solucionar efetivamente o conflito tendo se afetado mais pelos aspectos emocionais.

Prancha 8 MF

Nessa prancha que evoca associações referentes aos conflitos atuais e conteúdos de devaneios, no primeiro momento a história foi bem estruturada e criativa em detrimento da segunda história que apresentou temática referente à problema conjugal e provavelmente em função do aumento da ansiedade, Anne articulou-a de forma mais empobrecida e com solução idealizada mas não efetiva.

Parece, no entanto, ter havido muito mais dificuldade de distanciamento na primeira aplicação do que na segunda. A primeira traz novamente (tema recorrente no primeiro protocolo de Anne) a temática da dificuldade de relacionamento com as figuras parentais, valorização da relação com a figura materna e a culpa por sua independência. Já a segunda história frente à esta prancha trás o desejo de um encontro amoroso com alguém que 'desse' certo, ou seja, uma figura masculina idealizada.

A figura feminina no segundo tempo da aplicação, novamente é percebida com atributos físicos valorizados socialmente.

Para solucionar o conflito na aplicação anterior recorre ao apoio externo e na segunda verbalização refugia-se na fantasia.

Em ambas as aplicações Anne pode entrar mais em contato com o que deseja e teme do que nas histórias anteriores, talvez pelo fato de não haver nenhum outro personagem que não a figura feminina com a qual pode identificar-se. Isso volta a ocorrer em ambas as aplicações da prancha que foi apresentada após a 8MF que foi a 16, que apresenta ainda menos estruturação não oferecendo nenhum estímulo visual (prancha branca).

Prancha 16

No primeiro protocolo, nessa prancha, diferentemente das demais, a reação não foi imediata e na segunda história foi a que Anne apresentou o tempo de latência mais longo. Tanto em uma quanto em outra aplicação Anne estruturou bem a história o que aponta para o uso adequado de mecanismos de defesa no controle da ansiedade despertada pelo contato com suas necessidades mais prementes. Por outro lado levou mais tempo na execução da tarefa a qual realizou com grande criatividade o que indica que Anne esteve tranqüila e sem pressa de se livrar do estímulo.

As pessoas incluídas e suas relações demonstram uma problemática inconsciente no que se refere ao relacionamento intra-familiar. Provavelmente tal problemática tenha sido internalizada da percepção da relação entre as figuras parentais e para a mesma Anne não consegue apresentar solução, apesar do apoio externo. Esta dinâmica se manteve idêntica nas duas aplicações, apesar de na segunda história estar mais clara a projeção de caráter auto-biográfico. Em ambas as produções Anne refere-se à presença dos filhos como parte integrante da relação conjugal que ora aproxima e ora afasta o casal.

4.1.5. Movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho

A posição psíquica de mãe

No TAT de Anne as histórias foram marcadas por referência à figura materna percebida como alguém afetivo e que apóia. No entanto o protocolo foi marcado pela dúvida em se afastar ou não desta figura, conflito que gera ansiedade frente à qual parece ter respondido ora projetando nas imagos maternas a decisão de se afastar ora racionalizando o conflito atribuindo justificativas racionais para a separação. Anne tem alternado entre ser mãe e ser esposa. Isto fica bastante evidente frente às suas respostas acerca de quais pranchas gostou mais e menos na primeira e na segunda aplicação do TAT. Em 2002, enquanto estava grávida Anne disse ter preferido a Prancha 7MF em função da história contada fazer referência ao elo entre mãe e filha. Quanto a que menos gostou, naquela ocasião Anne elegeu a Prancha 16 tendo em vista a percepção de impotência, medo do fracasso e conformismo frente à problemática que apresentou sua história.

Seis anos depois e em uma condição diferente refere justamente o contrário: que a Prancha 16 foi a que mais gostou porque pode criar, ir além. A 7MF foi a que ela gostou menos porque não soube dizer se a mulher mais velha era ou não mãe da menina e a menina por sua vez, sentia falta de alguém e este alguém aparece posteriormente no inquérito como o pai. Logo no início da verbalização frente a esta prancha Anne não soube precisar se o que a menina tinha no colo era boneca ou bebê, hesitação que aponta para um problemática frente à maternidade. Mas, como aponta Lacan (1988/1956) "... a maternidade tem uma essência problemática... não se situa pura e simplesmente no nível da experiência" (p.204). Durante a entrevista Anne menciona que "ser mãe é uma experiência na vida como mulher" (sic) e em várias histórias frente ao TAT, especialmente nas 2, 8MF e 16, Anne faz referência à figura

dos filhos como alguém que ora atrapalha o casal e ora apóia e faz companhia à mãe. Talvez haja aí uma certa mistura dos papéis de mãe e esposa, o que de fato é algo bastante complexo e que vai sendo parte integrante das vivências das mulheres-mães que estão cotidianamente às voltas com múltiplas exigências sociais que refletem nesta dificuldade que para algumas mulheres é maior e para outras menor.

Como era de se esperar, houve ao longo dos anos uma mudança de características que denotavam atitude de expectativa diante da vida, inibição, reserva e introversão para uma posição mais segura de si e de auto-valorização e emotividade. Apesar de se manter a indicação de que Anne é uma pessoa centrada em si mesma, durante a gravidez tal introspecção esteve muito mais marcante em seu funcionamento psíquico do que atualmente. Por ocasião da segunda coleta Anne demonstrava-se mais apropriada da maternagem e dispensou, inclusive, ajuda com relação aos cuidados com Paulo no pós-parto.

Há em Anne uma preocupação materna atuante e parece haver a possibilidade de exercer a maternagem suficientemente bem**.** Winnicott (1982/1964), em uma das vezes que se refere às características das mães suficientemente boas inclui dentre elas a possibilidade de se deixar surpreender pelo seu bebê, aprendendo com ele a ser mãe: Anne diz que Paulo superou positivamente as expectativas dela e também é capaz de ceder na relação com os filhos em momentos em que acha que está errada, podendo supor nas crianças sujeitos rumo à autonomia e com os quais pode também aprender.

O que chama a atenção e talvez seja um ponto que mereça ser acompanhado ao longo do tempo é um certo tropeço de Anne no que se refere aos afetos. Ela se utiliza em muitos momentos da repressão e isolamento afetivo, o que aparece inclusive na relação com Paulo. Quando questionada acerca do que mais gostava de fazer como mãe, ela faz referência a assistir o filho tomar banho “pelo box de vidro” (*sic*). Se por um lado esta imagem deixa claro que há entre Anne e Paulo uma barra, uma terceira coisa que a separa do corpo do filho, por outro, esta não foi a primeira vez que Anne faz referência à função materna como sinônimo de cuidados físicos como por exemplo o banho e os momentos de alimentação. Até mesmo quando se refere ao que não gosta nos cuidados com o filho, Anne faz referência a algo da ordem prática dizendo que não gosta de vestir o filho. É também um certo apego à rotina que a auxilia quando diante da necessidade de perceber o que Paulo precisa “mãe sabe observar o bebê, a gente conhece mais ou menos a hora, controlava a hora, preparava o leite, dava banho na mesma hora” (sic).

Vale destacar que Anne faz referência à sua mãe como alguém que cuidou muito bem dos filhos. Lembrando que esta memória não é sem efeitos na maternagem que Anne

desempenha com relaçao aos seus próprios filhos. A capacidade de maternalizar o bebê, existe na mãe da maneira como por sua vez, ela foi maternalizada quando bebê e, portanto, segundo a cultura em que ela está situada.

Por outro lado, talvez Anne tenha certa consciência desta sua dificuldade o que pode ser percebido quando ela relata: “ele mesmo fala se estiver chateado”. Ou quando contava sobre ter amamentado Paulo por apenas dois meses: “Leite tinha, mas não o suficiente”. Se pelo lado dela estas coisas aparentam ser dificuldades, para a relação com Paulo isto garante a alternância presença-ausência dela e a possibilidade dele se manifestar como sujeito.

Desde a gravidez inconscientemente talvez esta preocupação já estivesse presente em Anne. Quando foi perguntado o que ela esperava do bebê Anne respondeu fazendo menção à dificuldade de ordem prática: “acho que vai ser difícil pegar ônibus com os dois” (*sic*). Tal resposta talvez já refletisse a dificuldade que percebia acerca da divisão do afeto, dificuldade que após o nascimento de Paulo aparece conscientemente quando Anne fala de ser difícil “dar duas educações e duas atenções” (*sic*), dificuldade que tenta controlar quando por exemplo, amamenta os dois pelo mesmo período de tempo talvez como forma de garantir um certo tratamento igualitário, preocupação que apresentava durante a gravidez.

No entanto se a maternagem é marcada pelos cuidados físicos há também um saber sobre o filho baseado na observação do que o filho demanda, o que é muito interessante no que se refere à condição de responder àquilo que o filho também espera dela e não só pelas vias de seu próprio desejo. Há também outro momento interessante que é o hábito da leitura na família. Anne tem costume de ler para seu filho e vice-versa (como Paulo ainda não sabe ler ele inventa as histórias a partir das figuras dos livros). Simbolicamente pode-se pensar que, na relação com Paulo, ora Anne nomeia e ora se deixa nomear, aprender com ele.

Suposição do sujeito

Anne desde a gravidez foi capaz de oscilar entre o que esperava do filho e a condição de perceber o filho que nasceu. Se coloca na relação com Paulo, assim como na relação com Luiz, o filho mais velho, na posição de ser capaz de responder. Maldonado (2000) aponta a necessidade que a mãe tem diante de um nascimento normal e saudável, de adaptar a imagem idealizada do bebê ao bebê real. Anne demonstrou ser capaz de desiludir-se em relação à onipotência materna, dando assim lugar a um jogo de reciprocidades e investimentos mútuos: “Paulo, assim, de maneira negativa não tenho nada a dizer, pelo contrário superou as expectativas. Esperava chorão como o Luiz, mas foi mais tranqüilo, para mim foi bom.” (*sic*)

E prossegue a descrição de sua relação com Paulo dizendo que ele a faz dar risada, que é uma criança que brinca muito. Rocha (2006) aponta que justamente para que a relação com o filho seja bem-sucedida, também é preciso que a mãe se divirta com sua tarefa.

Vale destacar que as expectativas que Anne tinha mais ou menos conscientes guardavam estreita relação com o que o filho mais velho representava para ela ou deixou de representar para ela. Ela temia que Paulo repetisse os problemas de saúde de Luiz e ainda teme que Paulo venha a ter os problemas escolares que Luiz tem apresentado.

Apesar de Anne dizer que Paulo é tudo na vida dela, observa-se que ele não está na posição daquilo que completa suas faltas e frustrações pois ela reclama do mau-humor do filho, descreve sua personalidade como diferente da dela (refere que o filho é carinhoso), reconhece que ele veio diferente daquilo que ela esperava. Inclusive desde o primeiro filho ela e o marido queriam ter uma menina, mas isto não impediu o encontro de Anne com Paulo encontro marcado por momentos de companheirismo e cumplicidade.

Apesar de na entrevista ter dito que acha que os pais cobram menos do filho mais novo, ela mesma afirma que após o nascimento de Paulo tanto ela como o marido têm se demonstrado menos paciente, ou seja, ela tem podido ser faltante, suficientemente paciente.

Tal condição de supor em Paulo um sujeito diferente e separado dela sem dúvida foi possível pela funcionalidade da operação psíquica de alternância presença-ausência. Pode-se dizer que esta variável foi, assim como à referência ao relacionamento homem-mulher a que mais se destacou quando Anne fala, direta ou indiretamente de Paulo e dela própria como tendo reações e manifestações diferentes um do outro. Anne apresenta outros interesses, preocupações e desejos para além daqueles que satisfazem o desejo dela enquanto mãe.

Há referência à aspectos narcísicos na relação com Paulo mas nada que venha entravando o desenvolvimento de Paulo o qual não se localiza na relação materno filial como aquele que tampona as faltas na mãe, ou seja, como um incremento narcísico de Anne. Anne atribuí características ideais ao filho,quando por exemplo, diz que é carinhoso, que vai atrás de saber o que está acontecendo, que se envolve. Isto se dá provavelmente como reprodução do próprio narcisismo em detrimento das deficiências que permanecem ocultas ou esquecidas (Battikha, 2008; Freud, 1996/1914). Ela própria se diz uma pessoa que pede atenção quando precisa.

Esta questão narcísica também apareceu quando, ainda grávida Anne temia que Paulo tivesse algum problema mental, como havia na família do marido, ou mesmo fosse responsável por alguma má formação no bebê, assim como se responsabilizou pelos problemas neurológicos que o filho mais velho apresentou 24 horas após o parto.

O marido fala que Paulo é parecido com Anne e isto a deixa bem satisfeita. Relata que ele é muito apegado à ela e a faz companhia “gosta de bater perna e quando eu vou sair pede para ir comigo” (*sic*).

Na Prancha 1 da reaplicação e na Prancha 16 da aplicação anterior Anne faz menção à importância de não se desisitir, de não se acomodar diante das dificuldades. Tal característica é atribuída a Paulo: “ele não afronta mas não desiste das coisas” (sic). Há aí aspectos projetivos de Anne em Paulo mas pelo que ela conta, destas características ele tem se apropriado.

Aspectos do desenvolvimento do filho da realidade e da relação mãe e filho

Anne se pôs em posição de garantir e permitir os ritmos e ciclos vitais de Paulo, o qual tem se desenvolvido de forma saudável em seus aspectos biopsicossociais. É uma criança feliz, que brinca, se interessa pela escola, ri e faz a mãe rir.

Há uma questão ligada à alimentação de Paulo que precisa ser melhor controlada já que Anne diz que ele está “fofinho”. Já foram explicitados anteriormente alguns pontos que merecem atenção na relação de Anne com o filho, tendo a questão da afetividade merecido algum destaque. Talvez valha a pena ser investigado o que realmente anda acontecendo com Paulo: se há uma dificuldade de ordem alimentar e que uma orientação nutricional resolva, ou se há aí uma formação sintomática que gira em torno da dificuldade de entrar em contato com os afetos por parte de Anne, dificuldade que vem se refletindo em Paulo quando come (ou recebe?) mais do que precisa ou só come alimentos que dão prazer.

Relações na família e aspectos sócio-culturais

Os aspectos do contexto atual ganharam grande amplitude nas produções de Anne, principalmente no que se refere à relação conjugal. Ela tem sentido muita falta do encontro homem-mulher o que tem despertado fantasias cujo conteúdo são relações e parceiros ideais. É bastante significativa a alteração de qualidade das histórias, na segunda aplicação, após Anne ter entrando em contato com a prancha que retrata conflitos nas relações heterossexuais: os tempos de latência iniciais que se mantinham na média começaram a oscilar e as histórias subseqüentes não foram bem estruturadas, o que pode apontar para uma dificuldade defensiva após certa mobilização emocional.

Uma outra saída parece estar sendo a supervalorização da figura feminina com atributos físicos socialmente reconhecidos tais como a beleza. Foi observado uma questão, provavelmente de ordem transgeracional no que se refere à sexualidade e à feminilidade na

história de Anne. Apesar de falar pouco da mãe, Anne contou que acerca dos assuntos em torno da sexualidade havia muita vergonha de compartilhá-los com sua mãe, apesar de fazer referência à grande amizade que mantinham. Além disso, a mãe faleceu em decorrência de um câncer no útero, doença que têm sido criteriosamente estudada e relacionada à questões psicossomáticas relativas à dificuldades em torno da feminilidade e sexualidade feminina[5].

Há aí um potencializador deste movimento repressivo que pode guardar relação com a busca da religiosidade de Anne como atividade sublimatória. Se utiliza em muitos momentos dos mecanismos de negação e racionalização os quais estão na base da repressão dos conflitos frente à vida pulsional. Por outro lado consegue alguma sublimação, transformando esta energia originalmente de caráter sexual em atividades socialmente aceitas e valorizadas tais como estudo, trabalho e cuidados com os filhos.

Uma característica que chama a atenção nas falas de Anne é como classifica suas relações familiares sempre em termos de mais ou menos amizade. Do pai ela fala que nunca foi amiga, à mãe se refere como amiga, o esposo como muito amigo e os filhos entre si como amigos, companheiros, muito unidos. O que chama a atenção é que nem sempre esta amizade é sentida por Anne como intimidade. Por exemplo, com a mãe nunca conversou sobre assuntos relacionados ao sexo e com o marido não consegue falar sobre tudo. Faz-se novamente referência a uma certa confusão de papéis que Anne apresenta, misturando um pouco a mulher com a mãe, no entanto parece que tem tomado consciência de que há aí algo a ser melhorado e que tem se apresentado como dificultador na relação com o marido.

No que se refere ao trabalho Anne quase não faz menção à sua atividade, parecendo assim que esta tem mais uma função de complementar o orçamento familiar do que trazer-lhe realização pessoal.

Anne não demonstra ser alguém com vida sócio-cultural muito ampla. Relaciona-se bem com familiares mas não há referência à relações de muita intensidade afetiva, assim como também quase não há referência à relações extra- familiares seja com amigos ou colegas de trabalho.

Em termos transferênciais, a pesquisadora foi tida como pessoa de confiança, a qual parece ter sido percebida por Anne como alguém que sabe e que assim poderia ajudar com os problemas escolares enfrentados pelo filho mais velho.

---

[5] Pode-se por exemplo consultar o trabalho de Sbroggio, A. M. R.; Giraldo, P. C. ,& Gonçalves, A.K.S. (2009, agosto). A preservação da feminilidade após a remoção do útero. *Revista Brasileira de Medicina*, *66*(8), 260-263. Recuperado em 27 de março, 2010: http://www.cibersaude.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=4076

4.2. Caso 2 – Mara e Alexandra – Quando a mãe volta a ser filha

Último encontro na pesquisa inicial (1ª coleta): 27/09/02

Encontro na nova coleta: 09/05/08

Local do encontro: residência de Mara

4.2.1. Recortes da história de vida da mãe e o filho imaginário

Mara tem 33 anos e écasada há 17 . Ela e o marido freqüentam a religião Evangélica.

Tem 2º grau completo e não concluiu o curso de secretariado. Está cursando a faculdade de Pedagogia e dando aulas em escolas do Estado (1ª série). Antes de Alexandra nascer era caixa em um estabelecimento comercial. Apesar de dizer não ser fácil trabalhar e cuidar dos filhos está gostando da experiência nova. Por ocasião do primeiro contato com Mara, ela fazia parte do grupo das secundigestas e estava com 1 mês de gravidez. Seu primeiro filho, Fábio, tinha 10 anos. Atualmente está com 16 e sua filha Alexandra com 5 anos de idade.

Seu marido trabalha como engenheiro e está, como ela, cursando faculdade. Ele pretende fazer pós-graduação em produção de alimentos.

Quanto à gravidez de Alexandra ter sido planejada ou não, conta que estavam mais ou menos esperando. Diz que estavam planejando, mas "veio muito rápido, pois a tabela deu errado" (sic). No entanto, ficaram felizes e, segundo ela, passaram a desejar muito a gravidez.

Sentia um pouco de ânsia, enjôos, o que ocorreu também na primeira gestação.

Houve um segundo encontro com Mara por ocasião da 16ª semana de gestação. Ela estava um pouco melhor dos enjôos, mas tinha emagrecido, estava bem disposta, mas não estava comendo pois não tinha fome, só comia coisas doces. Depois que começou a fazer comida (antes por causa do cheiro não fazia), já não estava como antes só querendo comer doces. Fez ultrassom, mas não deu para ver o sexo do bebê. Dizia que não tinha expectativas porque na gravidez do Fábio se decepcionou muito pelo fato de esperar por uma menina e ter vindo um menino. Relatou que todos preferiam uma menina porque assim os filhos formariam um casal.

Até o final da gestação continuava não comendo bem. Só comia doces e frutas (principalmente manga). Não podia sentir o cheiro da comida que o marido fazia.

Escolheram só nome para menina porque desde o Fábio já tinham preferência mas todos falavam que era menina. Na hora em que o primogênito nasceu foi "um baque" (*sic*) pois estavam preparados para menina, mas aceitaram bem.

O primeiro filho nasceu de parto cesárea. A gravidez transcorreu bem, mas não tinha dilatação suficiente. Já de Alexandra o parto foi a fórceps pois Mara alega que a anestesia a "atrapalhou fazer força" (sic). Conta que sua filha nasceu no final da manhã e à noite já estava sem os machucados e amassados: "Pedi a Deus que queria a filha que tanto quis" (*sic*). Quanto a terem mais filhos Mara diz que não querem mais, "só se vier por acaso" (*sic*).

A relação com o 1º filho Mara caracterizava na época da gestação de Alexandra como "normal. Ele é muito dócil." (*sic*). Estavam preparando o filho mais velho porque ele não aceitava muito bem a idéia de ter uma irmã. Passou a aceitar após entender que não precisaria dividir seu *vídeo game* com o bebê. Mara considera que ela e o marido são muito rígidos quanto ao controle do tempo que o filho passa fazendo este tipo de atividade.

Quanto à estrutura familiar Mara tem 6 irmãos e seu pai já é falecido. Sua irmã mais nova mora com a mãe de Mara e cuida de Alexandra. Esta irmã é na verdade filha do padrasto de Mara. Sua mãe já se casou pela 3ª vez.

Sua mãe está com 63 anos e está bem de saúde. Ao se referir à família diz "são o meu socorro. A nossa família é bem unida." (*sic*). Contou que convive bem com todos os irmãos e sua filha é o "xodó" de todos porque é a única menina. Os outros netos são todos homens.
Com os pais referiu que a relação era normal, "tudo natural mas, diálogo não" (*sic*). As informações acerca da sexualidade foram obtidas junto às irmãs. Contou que por ser do interior tinha vergonha. Caracteriza o relacionamento entre os pais como "normal" (*sic*).

O sogro tem problemas com álcool e teve convulsões. Precisou ficar um ano e meio sem beber pois estava em tratamento.

A relação com o marido é caracterizada como ora boa e ora "normal" (sic).

Nos aspectos que se referem à saúde em geral vale destacar que Mara tem vitiligo desde pequena. No final do ano em que estava grávida, o irmão ligou e disse que a mãe estava com câncer (nódulo nos seios): "foi um baque porque minha mãe é tudo para mim. Muito batalhadora. Quando o pai faleceu eu tinha 9 anos e foi minha própria mãe que deu força. Eu chorava, fiquei muito abatida. Ela (a mãe) fez tratamentos e quando Alexandra nasceu minha mãe ia fazer cirurgia para tirar o nódulo no seio. Acabou fazendo outro dia na Santa Casa." (*sic*).

O marido de Mara a levou juntamente com Alexandra com três meses para visitar a mãe (que mora próximo a Mara) após a retirada do nódulo. Mara conta que a cirurgia transcorreu bem. Nem precisou fazer quimioterapia. Atualmente quando Mara tem cursos (inglês, contabilidade, turismo) a filha fica com sua mãe e após o curso ela a busca.

Lembrou que por ocasião do surgimento do vitiligo a primeira ferida apareceu nas costas quando ela tinha em torno de 4, 5 meses. O pai levou para tratar e nunca adiantou. Contou que quando se converteu à religião evangélica, diminuiu: “pedi para Deus que curasse” (*sic*). Mara mostra as cicatrizes (não toma mais remédios). Quando ficou grávida teve medo de passar para o bebê mas, depois ficou sabendo que não é hereditário, além do mais não tem ninguém na família que tenha a doença além dela. Atualmente disse que já está sumindo “está estacionado na verdade” (*sic)*. Acha que é emocional por ser meio agitada e nervosa.

4.2.2. Mara após o nascimento de Alexandra e a relação mãe e filho da realidade

A relação de Mara com Alexandra é intermediada pelo filho mais velho que assume parte dos cuidados com a irmã quando Mara está estudando ou trabalhando. A menina está em escola particular, no Pré. Já conhece as letras e sabe ler algumas palavras. Mara a deixa na escolinha e vai trabalhar. O irmão (filho mais velho de Mara) cuida da menina o que inclui dar banho e jantarantes da mãe chegar. Ela o obedece, mas quando os pais estão eles são “soberanos” (sic): “ela é o xodozinho da casa, manda em todo mundo. Mas é boazinha” (*sic*).

Acerca do que a filha representa para Mara ela responde prontamente: “tudo o que pedi para Deus. Os filhos são benção de Deus na nossa vida. Quando estamos abatidos com alguma crise, lembramos dela e nos fortalecemos porque sabemos que eles dependem da gente.” (*sic*)

Mara se refere à Alexandra como uma criança dócil, mas de personalidade forte que gosta de mandar: “quer as coisas na hora que quer, do jeito que quer” (*sic*).

Quando a filha era bem pequena dividia com a sogra os cuidados com o bebê. No entanto conta que no pós-parto não foi nada fácil: “me dei mal” (*sic*). Estava tudo combinado que a cunhada viria ajudá-la e chegou no dia “furou” (*sic*). Quis limpar casa e acabou tendo um ponto infeccionado. Relata ter sido pior que o parto. Daí para frente foi se virando sozinha com ajuda do marido, Fábio e sua mãe que ajudava com as roupas.

Quanto aos aspectos do desenvolvimento biopsicossocial de Alexandra Mara conta que ela é difícil para comer. A mãe precisa dar a comida na boca no final de semana: “não come por preguiça” (*sic*). Come verduras e carne.

Ao final da entrevista a pesquisadora foi, a pedido de Mara, até o quarto de Alexandra que estava dormindo. Mara a acordou e ela ficou com muita vergonha. Neste instante Mara se lembra de contar que Alexandra ainda usava fraldas para dormir.

Quanto ao sono, Alexandra está rangendo os dentes e como está muito magrinha estão achando que são vermes. Mamou até os 11 meses quando Mara deixou de oferecer o seio, passando para a mamadeira, a qual há dois anos trocou por copos, pois "era o dia inteiro querendo leite" (*sic)*. Na casa da avó tem mamadeira e sendo assim, Alexandra a utiliza.
O desenvolvimento da fala e das funções psicomotoras ocorreram dentro do esperado. Já no que Mara observa acerca do relacionamento social, Alexandra é quem comanda as brincadeiras. No enatnto inicialmente é muito reservada, "puxou pra mim com crianças" (*sic*). Mara relatou que a filha se relaciona com mais facilidade com adultos. De forma geral concluiu que Alexandra se relaciona bem, mas leva um pouco de tempo para "se soltar" (sic). Mara contou que ela e o marido acham que a filha é bem inteligente "que pega tudo muito rápido" (*sic*).

Não referiu dificuldades nos cuidados com a filha porque acostuma a pequena a fazer as coisas: "o que faço para os meus filhos gosto de fazer bem feito. Mas também exijo muito deles, meu marido diz que eu pego pesado" (*sic*).

Quando questionada acerca das maneiras de consolá-la, Mara diz que conversam muito com ambos os filhos. Fábio, agora na adolescência, exige atenção. Sai e tem que ligar e voltar no horário de pegar a irmã. Tem limites e horários "mas tem quarto próprio e seus CD's" (*sic*).

"A criação é diferente da Alexandra e do Fábio. Acabamos dando mais abertura para ela. Meu marido reclamou sobre isso de Alexandra dormir tarde. Diz que atrapalha o relacionamento entre marido e mulher, atrapalha na escola. Com Fábio impunha mais as coisas" (sic). Complementou dizendo que Alexandra brinca sozinha, brinca com bonecas e não tem amigo imaginário. No final de semana brinca com filha de um amigo do casal.

Após nascimento da Alexandra diminuíram os passeiose saídas a dois, e o casal priorizou os filhos deixando o relacionamento conjugal em segundo plano. Saíam muito quando o Fábio nasceu pois, segundo ela, era mais fácil porque deixavam ele com sua mãe. Neste momento da entrevista reiterou que suafamília é bem unida e que se precisar deixar "todo mundo gosta de fica com a Alexandra" (sic).

Fábio tem amigos cujos pais se revezam com Mara e o marido para levar e buscar nos lugares. Diz que "seguram" (sic) o filho, mas respeitam a individualidade. Mara diz que ele é o filho mais prestativo. Eventualmente faz programa com o pai, se dão muito bem. Com Alexandra também, para impor estas regras dão castigo (não ligar o computador, sentar para pensar). "Praticamente" (*sic*) não batem neles.

Contou que ela e o marido chamam a atenção dos filhos um na frente do outro para que eles vejam que não há preferência por nenhum. Querem proteger Fábio e para isso dizem que não querem que ele namore sério, devido à própria história deles que engravidaram e casaram cedo. Mara relata que certa vez o filho escondeu do pai uma situação envolvendo meninas e este ficou decepcionado.

Segundo Mara ela percebe e identifica quando algo não vai bem com Alexandra porque diz que a filha se fecha. É só olhar para ela que dá para perceber. O casal não se desauutoriza na frente dos filhos(conversam depois em particular). Dependendo do caso, só a mãe fala. Às vezes a filha fala também, mas demora a falar/se abrir. Mara vai então "com jeitinho" (sic) até que Alexandra fala e conversa.

Mara destacou que Alexandra cobra atenção. Se chama de "Pimpim, flor do campo, filhinha" (sic). Na maior parte das vezes não quer dormir cedo. É sistemática, bravinha. Mara emenda sua resposta e se referiu ao filho dizendo que este é "um menino de ouro, faz comida se precisar, incentiva minha faculdade, entende momentos de dificuldade financeira. Faz bicosna gráfica de um conhecido" (sic)..

Contou que tanto Fábio quanto Alexandra são muito apegados à ela. Fábio deu cem reais para ela dar presentes para Alexandra: "parece que ele é o pai de Alexandra porque damos espaço para ele participar e depois se dá ao direito de cobrar" (*sic*).

Mara lembrou que tinha se encontrado com a pesquisadora duas vezes ao longo da gravidez. O que lembrou acerca do conteúdo das conversas foi que havia sido perguntado se ela já tinha tido outros filhos ou algum aborto.

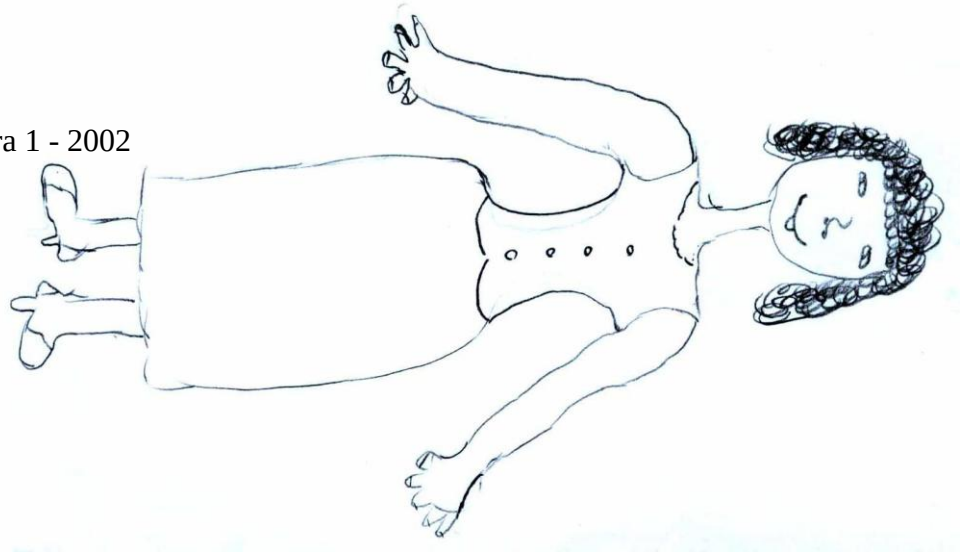
Acrescentou ao final da entrevista a informação acerca do retorno da diabetes, enfermidade que se iniciou durante a gravidez, e que está usando o D.I.U. como método contraceptivo. Foi ao posto de saúde colocar, após planejamento familiar. Faz acompanhamento na USP e relata que "a cordinha do DIU estourou" (*sic*) mas a médica falou para ela que não tem problema.

Ressaltou ainda a diferença que vê entre "criar os filhos para o mundo e para viver no mundo" (sic). Acredita que as crianças são criadas com valores quando criadas para viver no mundo. Fez um comentário acerca do programa "Super Nanny" e se questionou "porque precisa ir alguém fazer o que os pais poderiam fazer?" (*sic*).

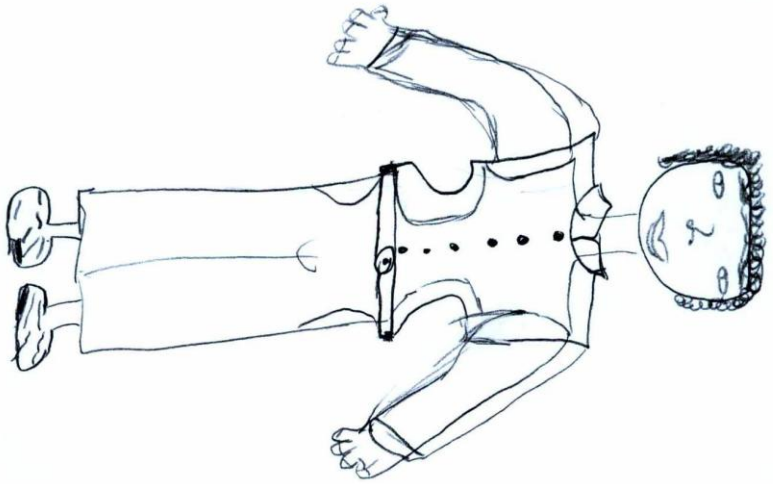
4.2.3. Análise e interpretação do Desenho da Figura Humana

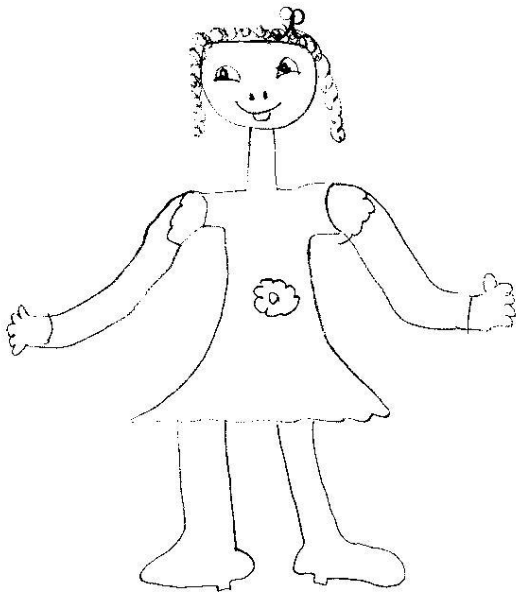
A seguir serão apresentados os desenhos de Mara resultantes das duas coletas. Assim como para Anne, as tabelas com as análises dos desenhos encontram-se no Apêndice G (ver p.330).

Mara – figura 1 - 2002



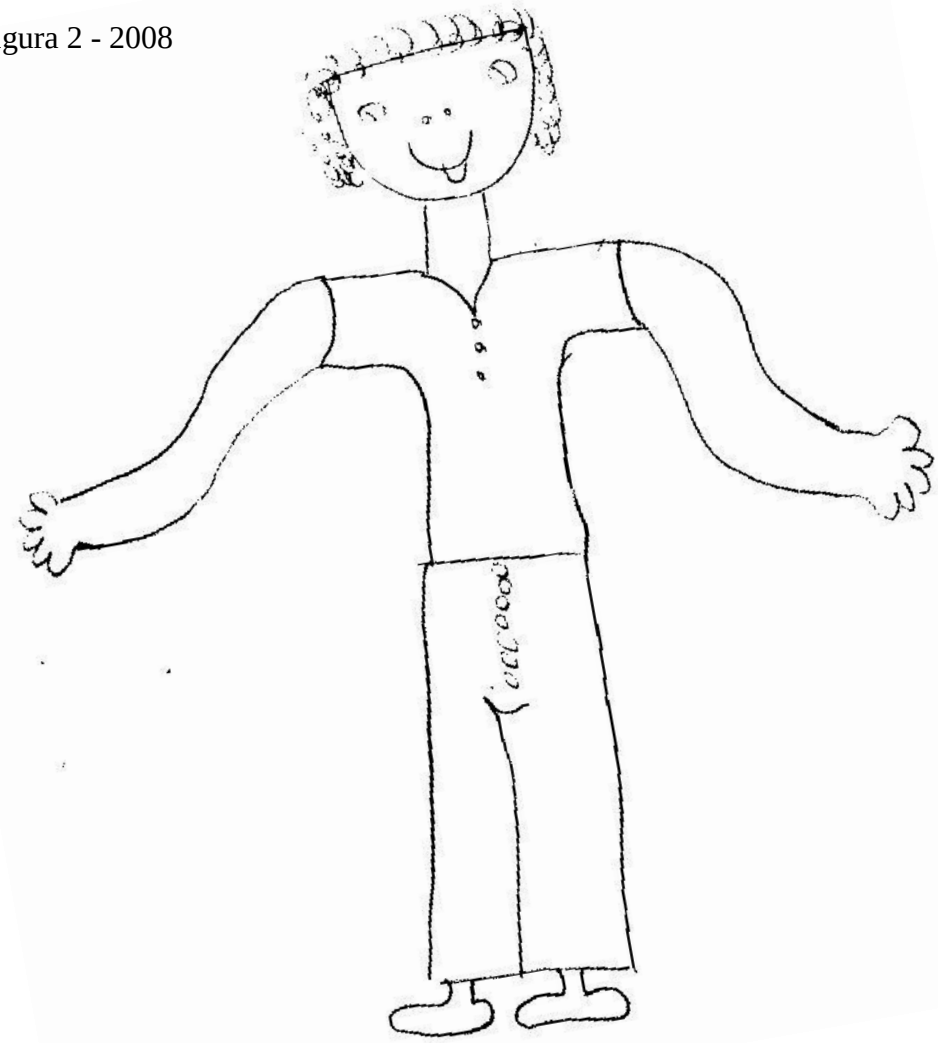
Mara – figura 2 - 2002





Mara – figura 1 - 2008

Mara – figura 2 - 2008



Assim como Anne, Mara apresenta os primeiros desenhos com as cinturas mais marcadas e com ênfase, o que desaparece na figura feminina e se apresenta de forma bem menos acentuada na masculina na segunda aplicação. Apesar de Mara ter feito parte do grupo das grávidas de segundo filho no mestrado, seus desenhos refletiram acentuada preocupação com as modificações corporais, o que praticamente desapareceu na reaplicação. No que se refere aos aspectos psicodinâmicos nota-se que a figura masculina foi mais valorizada na primeira aplicação, apesar de em ambos os momentos Mara estar identificada com o papel característico de seu próprio sexo. Frente ao ambiente manifesta iniciativa e curiosidade, o que na primeira aplicação foi observado como tendência oposicionista.

Além disso, novamente como aconteceu com Anne, eram atribuídas características que denotavam atitude de expectativa diante da vida, inibição, reserva e introversão. No entanto, estas características não se transformaram tão radicalmente como aconteceu com Anne, mas coexistem com aspectos que denotam mais energia do que anteriormente. Sensibilidade e certa dependência do ambiente parecem marcar o contato interpessoal de Mara, aspectos que se acenturam nas segundas produções.

Há em ambos os momentos (primeira e segunda coleta), indícios de controle repressivo, demonstrando preocupação com valores morais e socialmente aceitos, aparecendo a necessidade de policiamento dos impulsos, porém maior vitalidade sexual durante os desenhos executados na gravidez. No entanto, as linhas arredondadas e suaves dão indício de valorização de aspectos femininos e narcisistas. Os sombreamentos, linhas duplas e o destaque dado aos sapatos nas figuras realizadas durante a gravidez chegaram a conotar muita ansiedade frente à sexualidade, o que se demonstrou de maneira muito mais sutil no segundo momento pelos botões na calça da figura masculina e flor no tronco, próxima à linha do púbis, na figura feminina.

Como apontado por Lourenção Van Kolck (1984), tem-se que levar em conta que as aplicações foram realizadas em momentos psicologicamente bem diferentes e as interpretações não podem desprezar o contexto da aplicação. Mara parece investir muita energia atualmente em atitudes que visam satisfazer sua necessidade de realização, havendo nos segundos desenhos referência à ambição e tendência a estabelecer objetivos muito altos, o que pode estar associado à volta de Mara aos estudos, atividade a qual tem se dedicado, em parte, em detrimento dos afazeres domésticos.

Por fim, vale destacar que ambas as figuras do segundo tempo da aplicação receberam atributos que resultaram em fisionomia de pessoas bem mais jovens do que as dos primeiros desenhos o que pode indicar que Mara talvez tenha se projetado nas figuras dos filhos por

sentir-se cheia de energia e vitalidade as quais têm investido em seus projetos pessoais, buscando se auto-afirmar.

4.2.4. Análise do TAT

A seguir as histórias completas, resultantes de ambas as coletas, serão apresentadas respectivamente. As tabelas referentes às análises dos tempos (TLI e TT), estrutura da História, Apercepção e Tipo de Solução encontram-se na íntegra no Apêndice H (ver p.334), ao final do trabalho.

Data da aplicação: 27/09/02

Data da reaplicação: 06/05/08

Pch 1

TLI- Imediata TT- 1'

Já pode ir falando? É... esse menino está pensativo em como ele vai aprender a tocar esse instrumento, um violino né? Acho que é isso ele está pensativo como ele vai aprender.

→ Título? "O garoto e seu violino".

→ Como ele está se sentindo? talvez medo, ansiedade de como aprender.

→ O que vai acontecer no futuro? Ah, acho que ele vai conseguir.

Pch 1

TLI – 2" TT – 50"

Ele está pensativo, analisando um violino talvez, ainda não sabe tocar mas está pensando em começar. Está pensando analisando se ele vai conseguir, mas eu acredito que sim.

→ Título? "Desafio"

→ O que você acha que ele tá sentindo, esta criança? Eu acho que ele tá meio angustiado, meio angustiado assim de tá diante de uma coisa que eu acredito que ele não sabia fazer e ele tem que fazer.

→ E o que você acha que vai acontecer no final? Acho que ele vai conseguir.

Pch2

TLI- 10” TT- 1’

Ãh?... aqui é uma fazenda, o rapaz está com cavalo indo olhar uma plantação, tem uma senhora, uma moça, ela deve estar olhando a filha indo pra escola, que ela está com uns livros, tem bastante montanha, parece ser um lugar assim humilde, simples.

→ Título? “A fazenda”

→ Como era o relacionamento entre eles? Bem preocupada com a filha com o bem estar da filha.

→ O que vai acontecer no futuro? ... ela e o rapaz irão ficar juntos

Pch2

TLI- 4” TT- 49”

Aqui é uma figura de um povo que parece ser bem humilde, talvez no interior no sertão, e onde uma moça está com os livros na mão e acho que está tentando mudar a vida dela diante da situação de ser um povo humilde. Ela vai correr atrás de alguns objetivos para ter algo mais para passar para o povo dela.

→ Título? “O esforço”

→ Como era o relacionamento da moça com o povo dela? Eu acho que era bom, bom, mas ela estava buscando algo a mais. Ela não queria ser da forma que o povo era, bem humilde ali, procurar algo para passar para eles.

Pch 4 **(história coletada apenas na reaplicação)**

TLI- 5” TT- 26”

Aqui parece que é um momento de discussão de fúria de briga de casal e ele está querendo ir embora e a moça tá segurando ele talvez a namorada ou a esposa.

→ Título? “Uma briga, uma briga de casal”.

→ Como era o relacionamento deles? Era bom, mas devido uma discussão ele está querendo ir embora.

→ Qual seria o motivo da discussão? Ai, ai (risos). Qual seria o motivo? Acho que algum motivo banal, a expressão deles não é assim de traição nada disso, algum motivo banal

→ Como eles estavam se sentindo? Acho que triste devido a briga.

→ O que vai acontecer depois? Acho que vai conversar e voltar.

→ O que você acha que é isso aqui, olha? (aponto a omissão) Um quadro.

Pch 7 MF

TLI- 10” TT- 1’

Bom, a mãe, uma criança, tá com um bichinho no braço dela? uma bonequinha. Acho que ela tá com uma bonequinha na mão brincando e a mãe tá observando a bonequinha da filha, dando atenção pra ela.

→ Título? “Carinho de mãe”

→ Como era o relacionamento entre elas? Acho que a mãe é bem carinhosa com a filha, bem atenciosa...

→ O que vai acontecer no futuro? Acho que vão começar a brincar a mãe e a filha

Pch 7 MF

TLI- 10” TT- 39”

Aqui é uma mãe lendo uma história para uma criança, uma criança com uma boneca na mão e que não tava dando muita atenção para história que a mamãe tava contando.

→ Título? Deixa eu ver (pausa). Não acho palavras para falar, risos (pausa). Eu sei que não tá dando atenção mas não acho uma palavra certa. Não acho a palavra agora para falar, não tá dando importância para aquilo que a gente tá falando, lendo. “Fazer pouco caso”. Não é bem isso mas acho que aproximou mais.

→ Como era o relacionamento da menina com sua mãe? Eu acho que era bom, ela só tava dispersa nesse momento.

→ E o que você acha que vai acontecer depois da cena? A mãe vai chamar atenção dela, por que ela não deu ouvido para o que a mãe tá falando, lendo.

Pch 8 MF

TLI- imediata TT- 1’

Esse aqui acho que é uma senhora fazendo pose pra tirar foto, fazer um quadro, alguma escultura.

→ Título “O grande Dia”

→ Como ela está se sentindo? Bem...

→ O que vai acontecer no futuro? Ah, acho que é para fazer um quadro.

Pch 8 MF

TLI- 6” TT- 19”

Essa aqui é um mulher pensativa, quieta ta com o pensamento bem longe.

→ Título “Pensamento”

→ O que você acha que ela ta sentindo? Tristeza

→ Qual seria o motivo da tristeza? Hum... deixa eu ver... Deve ter acontecido algo na família.

→ Depois, o que você acha que vai acontecer depois da cena? (Suspira) Acho que ela vai sair e vai tentar resolver o problema. Eu acho, risos. É que não tem certo e errado na cena.

Pch 16

TLI- 15” TT- 2’

Ih! não tem nada? risos, suspiro, risos, É pra mim inventar? riso ah! que horror. hum.... Um garoto passeando com o seu cachorro, levando ele na rua. Agora é pra falar como se eu tivesse falando a história inteira? É... ele tá levando na corrente porque seu cachorrinho é bravo, pra ele não fazer sujeira dentro de casa ele leva ele na rua, na rua ele encontrou com um coleguinha, e se esqueceu do cachorro ou então o cachorro fugiu. Tá bom? Acabou, (risos) então pronto.

→ Título? “O cão amigo fiel”

→ O que vai acontecer no futuro? O cachorro é bravo, vai morder alguém.

Pch 16

TLI- 5” TT- 26”

Estou vendo um folha em branco. Assim somos nós, uma folha em branco, sempre aprendendo, buscando desafios, sempre prontos a aprender mais e mais.

→ Título? “Um ser inacabado”.

→ Qual você acha que é sentimento diante disso que você falou, dessa busca? Acho que a gente sempre tem que procurar novas coisas para a gente ta aprendendo, a gente nunca sabe tudo, a gente ta sempre aprendendo.

QUAL PRANCHA MAIS GOSTOU? POR QUE?

2002 - 7MF - A mãe e a criança. Por que? ah... passou assim uma forma

2008 – 1 e 2 - Hum, e agora? Acho que foi a primeira. Pode ver? Pode. A do violino e a da moça, correndo atrás dos sonhos dela. Porque na um é que ele ta pensando no desafio e a segunda porque por mais que seja uma família humilde ela ta correndo atrás de poder fazer algo melhor, né? Aprendendo estudar talvez a ler um pouco mais, para ter uma cultura melhor, um aprendizado melhor.

QUAL PRANCHA MENOS GOSTOU? POR QUE?
2002 – 16 - Esse branco. Porque tinha que inventar a história inteira.
Ansiosa para encerrar logo as histórias ("pronto, acabei!) se soltou um pouco mais na última.

2008- 7MF - Da mãe e a da menininha. A mãe lendo e a menininha fazendo pouco caso, né? Não tava nem ligando.
Por isso que você gostou menos?
É.

4.2.4.1. Interpretação das pranchas

Prancha 1

Frente à atitude frente ao dever e também ao ideal de ego apresenta razoável integração egóica para fazer frente à ansiedade nos dois momentos do tempo em que foi aplicada a prancha. Na primeira aplicação, pode-se pensar em ter havido referência à dificuldade frente à tarefa apresentada tendo aparecido indícios de insegurança e necessidade de aprovação da aplicadora se estava executando corretamente o que havia sido solicitado.

No que se refere à análise da apercepção, ambas as aplicações foram parecidas, tendo havido percepções adequadas dos principais elementos o que aponta para uma preocupação de Mara em seguir regras e realizar adequadamente a tarefa.

Frente ao conflito de realização versus impotência que marcou as duas histórias, Mara tenta agir por méritos próprios para solucioná-lo, demonstrando mais energia vital e iniciativa no segundo momento do tempo, aspecto que também apareceu no DFH. O medo e a ansiedade da primeira fase deram lugar ao pensamento, análise e disposição frente aos desafios. De toda forma, em ambos os casos a solução fica remetida ao futuro, demonstrando

o quanto Mara se sente insegura frente ao novo (aspecto que apareceu bastante frente às modificações corporais decorrentes da gravidez no DFH).

Prancha 2

Apresenta razoável integração egóica para fazer frente à ansiedade despertada nas relações familiares, percepção do ambiente e nível de aspiração em ambos os momentos do tempo. Assim como na primeira prancha aplicada no segundo momento do tempo, a escassez de recursos percebida no ambiente dá lugar a ação que visa modificar a situação adversa anterior. Empenho é uma característica marcante da segundo história enquanto as relações foram o aspecto mais destacado na primeira, tempo em que se identificava mais com uma figura que ainda era filha e merecia preocupação. No entanto, há sim, necessidade de estar próxima e ajudar as pessoas presentes em seu meio na segunda aplicação (o que mais uma vez aparece também como característica em seus desenhos), porém o foco e a atitude estão localizados no personagem principal, com o qual se identifica e que se apresenta muito mais proativo e forte que a mulher jovem percebida na primeira história.

Há uma inversão: na primeira história o ambiente era fértil (plantação) e a moça jovem merecedora de preocupação. Já na segunda o ambiente é mais adverso (a plantação deu lugar ao sertão) mas a moça jovem se apresenta mais atuante e confiante em transformar a situação desprazerosa. O conflito entre autonomia e dependência parecer ter dado lugar ao conflito clichê frente à Prancha 2 na segunda aplicação, que é o de razão *versus* emoção.

Assim como no DFH, o personagem masculino que recebeu algum destaque na primeira história passa a ser omitido no segundo momento.

Frente ao conflito, em ambos os momentos, apesar de alguma movimentação no sentido de solucioná-lo, permanece em aberto.

Prancha 4

Apresenta razoável integração egóica para fazer frente à ansiedade que perturbou a execução da tarefa quando esteve diante da temática que envolve conflitos nas relações heterossexuais.

Oscila entre distanciamento e perda de distância construtiva mas tal oscilação não prejudica as apercepções que foram adequadas em relação a todos os elementos. Além disso, se manteve na norma temática apesar de se utilizar de negação nos momentos de reforço defensivo para lidar com a conflitiva evocada.

Há busca de solução socialmente aceita e que lhe favorece.

Prancha 7MF

Frente à relação com a figura materna apresenta razoável integração egóica para fazer frente à ansiedade no primeiro momento o que se intensificou na segunda aplicação na qual demonstrou ansiedade perturbadora e perda de distância construtiva na execução da tarefa.

Na primeira aplicação há indícios de problemática frente à maternidade o que se associa ao fato de se identificar com o personagem menina, o que a localiza ainda em um papel de filha em conflito caracterizado pelo prazer em contraposição à realidade, conflito que naquela ocasião foi negado frente à satisfação da necessidade de agir sem maiores propósitos, por pura diversão. Tal dinâmica é reforçada pela não percepção do livro (símbolo representante da realidade, das leis e da ordem) e pela não apresentação solução para a conflitiva evocada.

A relação mãe e filha que anteriormente foi marcada por envolvimento afetivo e cuidados dá lugar a certo distanciamento que parece ser vivenciado com culpa. O conflito entre prazer e realidade é novamente evocado, só que desta vez é dada mais atenção às exigências superegóicas (percepto livro percebido como implícito e “bronca” da mãe por não estar prestando a atenção). Apesar de tentar racionalizar a culpa que surge frente ao “fazer pouco caso” (sic) da figura materna, não soluciona o conflito, assim como na primeira aplicação, sendo que desta vez volta contra si o impulso agressivo, punindo-se.

Prancha 8 MF

Na primeira aplicação, apresentou fraca integração egóica para fazer frente à ansiedade, demonstrando impulsividade e perda de distância frente aos conflitos atuais. Tal dinâmica se manteve no que se refere à integração do ego, tendo se observado no entanto, redução da manifestação de impulsividade no segundo momento do tempo.

Na primeira aplicação a mulher jovem é percebida como senhora, o que vai ao encontro da imagem mais adulta no DFH também característica desta primeira aplicação.

Em ambos os momentos do tempo, os perceptos cadeira e pedaço de tecido foram omitidos, porém vale ressaltar que estas são omissões bastante comuns.

Frente aos conflitos atuais aos quais a prancha remete, Mara distancia-se, negando-os e defendendo-se com auxílio do isolamento afetivo. Na segunda aplicação, frente à conflitiva, observa-se a capacidade de reflexão, modificação que se assemelha ao encontrado na análise da Prancha 1.

Em ambas as aplicações, quando diante do conflito o mantém em aberto, ficando a solução remetida ao futuro. Vale destacar que no segundo momento, novamente sentimentos de tristeza são associados à sua posição dentro da família no sentido de não se sentir confiante em resolver as situações que envolvem as figuras familiares, particularmente nos momentos em que parece estar pensando em outras coisas (Mara tem se dedicado aos estudos o que ocasiona certo distanciamento em relação aos cuidados com os filhos e casa). Há, ao longo de ambas aplicações, momentos como este em que aparecem manifestações superegóicas que refletem uma preocupação em Mara de estar fazendo certo ou errado.

Ao longo do tempo, parece ter havido uma movimentação por parte de Mara, no sentido de ir ocupando o vazio e transformando a posição de expectadora frente à vida e aos ideais, em função de uma auto-percepção do quanto é capaz de sonhar ainda que a realização seja incerta.

Prancha 16

Frente às necessidades mais preementes, em ambas as aplicações, apresentou fraca integração egóica para fazer frente à ansiedade, demonstrando impulsividade e perda de distância em relação ao estímulo (houve momentos de auto-referência).

Na primeira aplicação fica implícita a conflitiva controle *versus* impulso e a necessidade de afiliar-se. Frente a eminência de perda de controle, Mara teme perder o contato afetivo. Coincidentemente, esta é a prancha eleita por Mara como a que menos gostou naquela ocasião. Frente aos conflitos o fracasso no primeiro momento dá lugar a suspensão e remissão para o futuro. Na segunda história há marcante necessidade de contato com coisas novas, que possam ser agregadas, aprendidas por Mara a auxiliando na resolução dos problemas.

4.2.5. Movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho

A posição psíquica de mãe

Há necessidade de estar próxima, mas alternando presença e ausência. Há atualmente uma conflitiva em função de seu distanciamento como mãe (Pch 7 MF) o qual lhe gera sentimentos ambivalentes: ora muita culpa quando se depara com suas exigências superegóicas e ora satisfação e vivacidade frente à auto-valorização que os estudos e o trabalho lhe trazem.

Referências aos aspectos inerentes à feminilidade, preocupação com a aparência e modificações corporais foram mais intensas na primeira coleta. Há em ambos os momentos indícios de controle repressivo, demonstrando preocupação com valores morais e socialmente aceitos, aparecendo a necessidade de policiamento dos impulsos, porém maior vitalidade sexual durante os desenhos executados gravidez. Com exceção deste momento, as análises dos desenhos de Mara chegaram a conotar muita ansiedade frente à sexualidade, principalmente os realizados durante a gestação.

Quando ficou grávida teve medo de transmitir vitiligo para o bebê mas, depois ficou sabendo que não é hereditário. Talvez possa se localizar aí o temor inconsciente de Mara frente a ambivalência que sente na relação com Alexandra: "a criação é diferente da Alexandra e do Fábio. Queremos proteger Fábio e para isso dizemos que não queremos que ele namore sério, devido à nossa própria história em que engravidamos e casamos cedo." (*sic*). Outra fala que chama a atenção nesse sentido foi quando, ao ser perguntado o que ela lembrava do encontro anterior com a pesquisadora Mara retoma que foi a pergunta que havia sido feita sobre se ela já tinha tido outros filhos ou algum aborto.

Há presença de muita ambivalência na posição de Mara enquanto mãe, pois ao mesmo tempo em que delega os cuidados da filha ao filho mais velho e mãe (avó materna), mostra-se indignada com o programa "Super Nanny": "porque precisa ir alguém fazer o que os pais poderiam fazer" (*sic*).

Vale aqui uma ressalva quanto à doença psicossomática que Mara apresenta, o vitiligo. Dias (2007) afirma que os problemas de pele surgem por falta de contato físico com a mãe e que pacientes com problemas dermatológicos apresentam um estado de dependência e insegurança em relação à mesma. Já suas mães em geral são pessoas que apresentam personalidade ansiosa, são rejeitadoras ou superprotetoras, e dotadas de personalidade infantil, com hostilidade disfarçada em ansiedade. Seriam mães que não gostam do toque, privando seus bebês do contato cutâneo. Complementando tais informações faz-se referência ao trabalho de Nogueira, Zancanaro e Azambuja (2009) o qual define o vitiligo como uma doença de pele e que na maioria dos casos este tipo de adoecimento é expressão de fatores emocionais. Nota-se no material de Mara que há muita rigidez, muita preocupação com a imposição de limites e alto nível de auto e hetero-exigência o que pode ter relação com aspectos decorrentes da maternagem que ela própria recebeu enquanto filha.

Suposição do sujeito

Apesar de Mara fazer referência à Alexandra como "sistemática, bravinha" (sic) e que só faz o que quer, em outros momentos aparece a "filhinha" (sic), a menina tão desejada por Mara ao longo da gravidez. Há uma frase de Mara que chama a atenção nesse sentido: "lembramos dela e nos fortalecemos porque sabemos que eles dependem da gente." (*sic*). Parece haver aí uma dupla mensagem, uma dialética que encobre a fantasia de completude que parece haver na relação de Mara com Alexandra. Além disso, com relação ao funcionamento marcado por isolamento afetivo, Mara compara sua maneira de ser com a da filha: "É muito reservada, puxou pra mim na relação com crianças" (*sic*).

A partir da fala de Mara, a filha, por sua vez parece alternar momentos que permanece neste lugar e outros em que se impõe: "ela o obedece (referindo-se ao irmão), mas quando os pais estão eles são soberanos. Ela é o xodozinho da casa, manda em todo mundo. Mas é boazinha" (*sic*). Parece que se impor têm sido o jeito que Alexandra encontrou de marcar seu lugar. Alexandra, foi a todo momento comparada ao irmão 11 anos mais velho!

Aspectos do desenvolvimento do filho da realidade e da relação mãe e filho

Alexandra, no geral, tem se desenvolvido bem. Apresentou desenvolvimento da fala e psicomotricidade dentro do esperado, do ponto de vista cronológico. No entanto recomenda-se atenção quanto a alguns aspectos regressivos presentes em seus comportamentos tais como, por exemplo, o fato de ainda usar fraldas, precisar receber a comida na boca e tomar leite na mamadeira na casa da avó. Mara conta que a filha "cobra atenção" (*sic*). Talvez, frente a percepção da ausência da mãe Alexandra encontre um jeito de trazer para perto os cuidados maternos e assim justificam-se os supracitados comportamentos típicos de fases anteriores do desenvolvimento. Levanta-se a hipótese de que Alexandra encontre aí a mãe que Mara não teve.

Mara acha que a filha se relaciona com mais facilidade com adultos o que pode estar relacionado com o fato de Alexandra conviver muito mais com pessoas desta faixa etária do que com crianças.

Mara faz referência à Deus e agradece pela filha. Localiza-se nesta fala a existência de referência a um terceiro, o que é característica marcante da relação estabelecida entre Mara e Alexandra: há Deus, o filho mais velho, os estudos e o marido. Desta forma fica garantida a função paterna operante e assim, a possibilidade de mãe e filha se tornarem autônomas uma da outra.

Relações na família e aspectos sócio-culturais

Parece haver com marido certa disputa inconsciente no que se refere à projeção profissional: figuras masculinas foram sendo menos valorizadas ao longo do tempo. Não se pode deixar de inferir no entanto, frente ao falecimento do pai de Mara quando ainda era pequena, que em sua própria história a figura masculina foi perdendo lugar. Além disso, sua mãe, desde que seu pai morreu já se envolveu com mais duas pessoas e estando atualmente no terceiro casamento.

Suas relações familiares, apesar de serem descritas por Mara como muito boas e como tendo uma família muito unida, por ocasião da primeira aplicação houve no protocolo de TAT a presença de um vazio (privação materna?) que tem dado lugar aos sonhos que têm feito Mara estudar e "correr atrás", como ela própria fala. Outro momento que reflete a contradição entre o que tenta transparecer e o que sente foi quando se referiu às informações concernentes à sexualidade: "tudo natural mas, diálogo não" (*sic*)

Parece ter amadurecido no sentido de estar sendo mais capaz de adiar o prazer e extrair benefícios secundários da vida adulta. A vivência do prazer e do agir sem maiores propósitos têm dado lugar à ação em busca da satisfação de suas necessidades de realização. No entanto, a sublimação do impulso agressivo em atividades socialmente aceitas, nos estudos, por exemplo, tem gerado sentimento de culpa em Mara que se ressente e se cobra pela atenção que não tem podido oferecer à família, aspecto que tanto preza. Esta dinâmica fica muito bem ilustrada nas respostas que Mara dá ao final da aplicação do TAT quando questionada sobre que pranchas que gostou mais, menos e por quê.

Campos (2006) afirma que o casal diante de uma relação dual, torna-se objeto de desejo um do outro ocorrendo um encontro afetivo e emocional. Porém o marido de Mara aponta momentos em que aparecem nele sentimentos de exclusão frente ao lugar que Alexandra parece ocupar junto à mãe: "acabamos dando mais abertura para ela. Meu marido reclamou sobre isso de Alexandra dormir tarde. Diz que atrapalha o relacionamento entre marido e mulher, atrapalha na escola." (*sic*).

Além desta fala, nota-se que Mara pouco fala da relação com o marido, especialmente no que se refere à intimidade e aos momentos do casal. Além de Alexandra, Fábio parece ter um lugar muito especial para Mara, muitas vezes funcionando na família como o pai de Alexandra. "parece que ele é o pai de Alexandra porque damos espaço para ele participar e depois se dá ao direito de cobrar" (*sic*). No puerpério, no entanto, Mara refere os cuidados que recebeu do marido como de extrema valia, o que corrobora com o que aponta De Felice

(2000) que constatou que a qualidade da relação conjugal parece fornecer o apoio necessário para que às vivências da maternidade possam se associar sentimentos positivos.

Há várias referências à amigos e parentes mas sempre relacionadas à momentos em que estão todos juntos: ela, marido, filhos, familiares próximos e amigos. Mara afirma que se "precisar" deixar Alexandra tem com quem contar mas não inclui momentos em que quer, deseje deixá-la para sair sozinha com o marido. Parece se satisfazer no momento com o social compartilhado em eventos sociais.

4.3. Caso 3 – Felícia e Ana – Quando as projeções maternas pedem passagem

Último encontro na pesquisa inicial (1ª coleta): 09/08/01

Encontro na nova coleta: 12/ 04/08

Local do encontro: residência de Felícia

4.3.1. Recortes da história de vida da mãe e o filho imaginário

Felícia, 36 anos, no primeiro contato encontrava-se casada por dois anos e gestante de 37 semanas de sua primeira filha, Ana. Por ocasião da 2ª coleta já havia se separado há 1 ano e meio, e Ana estava com 6 anos.

Namorou por 14 anos com seu ex-marido e relata ter sido um namoro tumultuado. Josué tinha muito ciúmes dela por ser mais velho 10 anos. Após o casamento melhorou um pouco e a convivência era boa. Josué sempre trabalhou como pedreiro.

Felícia tem 2º grau técnico, magistério, e após o nascimento de Ana ingressou no curso de pedagogia que estava por terminar por ocasião da segunda entrevista. Já estava inclusive trabalhando na área como oficial de escola. Antes deste emprego Felícia trabalhou por 14 anos em um órgão público. Atualmente tem planos de fazer especialização em "inclusão social" (sic) (refere-se às crianças com necessidades especiais em escolas regulares). "Quero trabalhar com crianças deficientes com Síndrome de Down, autistas" (sic). Felícia é filha única – "às vezes é bom, ruim não ter companhia." (sic). Conta que seus pais são separados há 23 anos: "por 6 anos a vida foi normal, depois da separação meu pai se afastou. Construiu outra família mas não tem filhos. A separação surgiu de repente, "do nada. Estávamos na casa de Praia e de repente ele não apareceu mais. Para minha mãe foi um choque." (sic).

Felícia relata que teve muita atenção dos avós maternos o que compensou a distância do pai. Ela e a mãe voltaram a morar com os avós. Sempre foi muito apegada à família. Foi a única neta durante 16 anos, quando o tio teve 3 filhos. Este avô materno faleceu há 4 anos por problemas de saúde mais especificamente decorrente de "alguma coisa ligada à próstata além de complicações decorrentes da diabetes" (sic). Sua avó veio morar com a mãe tem mais ou menos 2 meses sendo que há 4 anos e meio atrás caiu, teve derrame, infarto, depressão e após a perda do marido (avô de Felícia) está acamada até hoje. Felícia relatou que a avó recebe cuidados "mas não se esforça para melhorar" (sic).

Após nascimento de Ana, segundo ela, nada mudou na forma como se relaciona com seus pais. Apenas pelo fato de Ana ser a única neta acha que sua mãe é uma "avó coruja" (sic). A mãe (avó materna) auxilia nos cuidados com a filha já que mora na casa de cima da delas há 6 meses. A mãe de Felícia trabalha e seu atual marido é pedreiro também, assim como o atual namorado de Felícia, e estão juntos há 3 anos. Felícia se relaciona bem com ele.

Com a família do ex-marido não convive muito com os quatro cunhados que tem, um deles inclusive mora em outro estado. Os filhos destes cunhados raramente vão à casa da avó paterna. Felícia acha que a ex-sogra mudou um pouco após o nascimento de Ana porque ela virou o xodó da avó. Relata que sua cunhada ficou até com ciúmes da Ana. Josué tem uma outra irmã que tem problemas psicológicos e psiquiátricos: "certa vez teve uma grande decepção amorosa e às vezes agredia a mãe. Toma remédio, não trabalha, não estuda, quer as coisas fácil" (sic)

Sobre o relacionamento com a mãe, Felícia contou que esta "nunca foi de esconder nada" (sic), referindo-se ao assunto sexo. A mãe sempre achou que o namorado (ex-marido de Felícia) era muito mais velho. Depois foi se apegando a ele e, inclusive, nas brigas ficava contra ela mas hoje em dia não mais: "ela tinha razão no que ela falava" (sic).

No que diz respeito à saúde, Felícia conta que fez uma cirurgia no pé por causa do nervo ciático (tem pino de platina no pé). Relata que com a gravidez voltou a ter dores nas costas.

Quanto ao uso de drogas e álcool Felícia contou que ela e o ex- marido bebiam "socialmente" (sic). Diz que quando brigavam nunca era quando ele tava "não - sóbrio" (sic). Conta que deixa Ana experimentar bebida alcoólica e que com 1 ano e meio já teve até febre por ter querido experimentar vinho na casa de uns amigos que não ofereceram para ela. Foi parar no hospital e o médico falou que a causa da febre "era em função de algo que ela estava com vontade de comer e não deram" (sic). O avô materno bebia mas com a diabetes fez cirurgia (tinha tumor benigno na medula) e precisou parar.

Ao final do primeiro contato com Felícia foi perguntado se ela gostaria de acrescentar algo e ela então comenta que tanto em sua família quanto na do marido tinha muitos gêmeos. Falou que ela e o marido tinham receio: “duas crianças de uma vez não é fácil, Se eu tiver gêmeos não sei como vai ser” (sic). Contou que uma sobrinha da avó tinha 3 casais de gêmeos e outra prima trigêmeos. “Eu já não tenho experiência, situação nova, imagine gêmeos? se viesse ia ter que dar um jeito, né?”(sic).

Quanto à gravidez Felícia disse que queriam mas não planejaram. Ela queria mais que o ex-marido. Antes de engravidar usavam camisinha e “coito interrompido” (sic) pois não podia tomar anti-concepcional. Nunca tinha tido aborto. Ficaram felizes diante da notícia: “alegria geral” (sic). Contou que a gravidez era desejada.

No referente aos sintomas físicos e/ou psicológicos decorrentes da gestação Felícia contou que tinha cólicas intestinais mas não atribuía à gravidez uma vez que dizia sempre ter tido estes sintomas. Sentia azia nas últimas semanas. Referiu-se às mudanças no corpo e à uma “irritação com a roupa” (sic). Relatou: “a cabeça muda, penso diferente, tenho manias de limpar a casa, por exemplo, que não posso fazer. A gente passa a ver o mundo diferente, tudo fica mais lindo. Mas também há dificuldades porque é outra disposição” (sic).

Com relação ao sexo do bebê, haviam confirmado que era menina mas tinham receio de que estivesse errado. Não tinham preferência. Felícia contou que ficou feliz pois só tinha sobrinhos homens. Ana seria a primeira bisneta.

Quando questionada acerca do que imaginava com relação ao bebê Felícia disse que não ficava pensando para não ter decepção. Deu exemplo de uma amiga que teve uma decepção pois queria um sexo para o bebê e veio outro. Disse apenas que queria um bebê saudável, tanto fazia menino ou menina. O bebê já tinha nome, Ana. Escolheram a partir do livro de nomes. Também já haviam decidido como se chamaria o bebê se este fosse menino. Percebia os movimentos do bebê ora como incômodos, ora não, apenas como uma “sensação diferente” (sic). Por ocasião da primeira coleta não queriam mais filhos após o nascimento de Ana. Queriam curtir o bebê para depois de 2 anos, mais ou menos, começar a pensar.

Quis comentar que o que não havia acontecido durante a gravidez que ela queria que assim o tivesse ocorrido era ter tido “desejo”(sic) e o marido sair correndo para comprar algo de madrugada.

Para finalizar a entrevista Felícia foi questionada sobre de que forma foi percebido o contato anterior com a pesquisadora por ocasião da gravidez. Ela disse que lembrava da conversa, da sala e qual era o assunto, mas detalhes, não. Na época achou “bem legal” (sic) e lembra que também fazia o curso para gestantes: “acho muito legal ouvir outras opiniões.

Gostei muito do trabalho do HU, não trocaria o HU pelo S Luiz. É... o que foi falado no curso de gestante não foi bem o que aconteceu, por exemplo quanto à bolsa estourar, escorrer água, muitas coisas não aconteceram comigo assim. Na hora de Ana nascer vi uma menina de 16 anos se debatendo, gritando e fiquei com medo de chegar a minha vez" (sic). Lembra do contato anterior como uma experiência de acolhimento.

Da consulta ao prontuário de Felícia não surgiu nenhuma informação diferente das obtidas em ambos os encontros com ela. Após o recebimento do telegrama que a pesquisadora enviou, ligou no dia seguinte. Como não obteve retorno entre o período da manhã e o da tarde, ligou novamente.

4.3.2. Felícia após o nascimento de Ana e a relação mãe e filho da realidade

Ao voltar a conversar com Felícia após 7 anos do primeiro contato a primeira informação que dá no início da entrevista, após a entrevistadora comentar sobre uma foto de Ana em um porta retrato na sala, é que o parto foi à fórceps e que a criança ficou "com uma bola roxa na testa" (sic). Felícia relata que desmaiou. Contou que houve uma parada no trabalho de parto denominada Distocia de rotação e por conta da ausência de contrações e do uso do fórceps o bebê desenvolveu paralisia facial a qual após um dia, desapareceu. Disse que a criança "se debateu"(sic) no momento do parto por falta de oxigênio. Este hematoma na testa da criança regrediu após 15 dias mas foi um período muito difícil para Felícia. Ela guarda a carteirinha de gestante e demais documentos, tanto referente ao nascimento de Ana, quanto ao seu próprio, juntos em uma pastinha de plástico que vai buscar para mostrar à pesquisadora.

No referente ao pós-parto e amamentação contou que foi um período difícil pois levou muitos pontos: "o médico brinca que fez cesária do lado errado" (sic). Contou que tinha muito leite e doava o que sobrava para o banco de leite do hospital em que Ana nasceu. Amamentou até 8 meses um menininho que nasceu com problemas e cuja mãe tinha sido vizinha de quarto de Felícia na maternidade. O marido desta moça ia até casa de Felícia e levava 4/5 mamadeiras. Ana mamou até 3 anos e meio e parou porque Felícia não deixou mais, passou Boldo do Chile nos seios: "mamãe tá tragado (referindo-se ao que a filha falava na ocasião)" (sic).

Ana sempre comeu de tudo na escola, mas quando Felícia chegava do trabalho Ana já ia puxando a roupa da mãe para mamar. Felícia acha que era mais porque a filha queria que ela ficasse por perto. Conta que Ana dormia mamando. A avó materna dizia que Ana usava o

peito da mãe como “chupeta para dormir à noite” (sic). Ana nunca teve cólica e uma vez ou outra choramingava um pouquinho.

Depois que Ana nasceu Felícia que havia engordado 25 quilos levou apenas 15 dias para perder. Ficou por 8 meses de licença e, ao voltar a trabalhar o TRE pagou escola para sua filha até os 4 anos de idade. Enquanto Felícia trabalhava Ana ficava na escola “sempre foi muito sossegada” (sic). Comentou como se até fosse um problema o fato de que quando era bebê Ana não estranhava ninguém. Seu ex-marido a levava à escola porque quando ela ia, Ana chorava. Comenta que até hoje é assim (o pai leva Ana para escola).

Quando vai à faculdade Ana fica com sua mãe ou com o ex-marido (no momento da realização da entrevista Ana estava na casa do pai pois Felícia tinha ido para a faculdade).
Com relação à separação, Felícia ressaltou que procuravam não brigar na frente da filha mas Ana sempre percebia o clima ruim que era uma constante entre ela e Josué. Felícia falava para a filha que talvez para que as brigas parassem eles tivessem que separar. Ana dizia “não...”(sic). Como as brigas não pararam, ela avisou que iriam se separar. O ex-marido não quis sair do apartamento e Ana chorou “mas quando soube que teria um quartinho para ela ficou bem” (sic). Sendo assim Felícia saiu com a filha. O ex-marido ajuda com as coisas da escola. Felícia e Ana moraram por 6 meses com a mãe de Felícia (avó materna de Ana). Felícia acredita que Ana tinha medo que a mãe “tirasse as coisas” (sic) dela por ocasião da separação. Disse: “toda separação tem seu lado bom e seu lado ruim. O lado bom é que eu aprendi muita coisa.” (sic).

Felícia alegou que o motivo da separação foi o mesmo “de sempre”(sic): a diferença de idade “ele tinha muito ciúmes, qualquer rapaz que se aproxima achava que eu estava dando ‘trela’. Daí chega na parte afetiva você não faz as ‘coisas’ (referindo-se à vida sexual) por vontade, mas sim por obrigação” (sic). Contou que após a separação a qualidade da relação com Josué melhorou muito porque tudo relacionado à Ana fazem juntos e se relacionam melhor e com mais respeito, “ele acordou para vida. Dá mais valor porque percebe que é difícil limpar a casa e trabalhar e ele exigia muito isso de mim” (sic).

Ao ser questionada sobre como ficou a situação do casal após o nascimento do bebê, Felícia respondeu que após 1 ano e meio, 2 anos “tudo mudou” (sic). Começou a perceber que o ex-marido se dedicava mais à filha e esqueceu da mulher porque o sonho da vida dele era ter um filho. Felícia conversava e o marido dizia que ela via problemas onde não tinha mas após a separação ele notou que era verdade, Felícia tentava conversar e cobrar atenção dele. No referente à vida sexual Felícia comenta que já estava ruim há mais de 2 anos. No final do

casamento já não dormiam mais juntos. Confessa que usava a filha como “escudo na cama” (sic) para não ter relações sexuais com o marido.

Como Ana tinha rinite alérgica desde que nasceu. Tratou com pediatra, alergista e o tratamento inclui natação em água tratada com ozônio. Nunca mais precisou de medicação direta. Nesta época tinha uns 3 anos e meio, 4 anos. Por conta deste problema Felícia dormia na cama a filha e o ex-marido no quarto da menina. Ana ao nascer dormiu até 8 meses no quarto da mãe (Felícia disse que por ser época de frio tinha preguiça de ir até o outro quarto no qual ficava o bebê) e depois foi para quarto próprio.

Neste momento da segunda coleta Felícia disse que nunca amou o ex-marido “a vida inteira” (sic). Atualmente está saindo com uma pessoa que segundo ela amou muito há 8 anos atrás e na época tinha boatos que ele tinha casado e logo ela também casou. Já havia namorado este rapaz na adolescência. Se re-encontraram porque atualmente o trabalho dele é ligado ao dela e ele a procurou, mas os dois estavam em situações com os companheiros, ela com ex- marido e ele com ex- mulher de quem atualmente ainda não se separou: “aliás eles nunca casaram no papel” (sic). Contou que Ana adora este “amigo” da mãe e que o ex-marido tem ciúmes desta situação. Ao ser questionada se Ana ainda não sabe que eles estão namorando Felícia responde: “quando ela perguntar nós falaremos, agora não é o momento” (sic).

Segundo Felícia, Ana no aspecto emocional é muito difícil: “principalmente no primeiro contato, tem gênio forte” (sic). Contou que releva algumas vezes e acredita que isto seja possível por conta da experiência que já teve na vida com as crianças mas em outros momentos não tem muita paciência: “o pai é um paizão, se ela quiser subir na lua ele leva. Ele nunca deu limite a nada. Ele acha que se não for assim ela (filha) não gostaria dele” (sic).

Durante a gravidez Felícia fumava e parou. O marido também. Não esperava mais voltar mas quando se separou voltou. Relata que fuma mais ou menos dependendo do estado emocional, quando está calma diminui.

Quando perguntado se era assim que esperava ser sua relação com Ana, Felícia diz que como sempre trabalhou com criança não tinha tanto sonho e sendo assim foi bem melhor do que poderia esperar “somos grandes amigas, uma não vive sem a outra. Ela se dá muito bem com o pai” (sic). Conta que até pensou em ter outro filho, mas como a situação conjugal estava complicada não quis. Conta que Josué queria e muito, mas como ela visualizava a situação (da separação), achou melhor não. Já Ana ora queria, ora dizia “ainda bem que não tenho irmão, é bom ser filha única” (sic). Felícia acha que Ana aceitaria um irmão sem maiores dificuldades.

Felícia percebe que não pode cobrar da filha algo que ela não oferece. Fez referência ao excesso de horas que trabalha e que nesses momentos Ana fica muito com o pai, avó ou sogra. Disse que avó "estraga"(sic), e deu o exemplo de deixar pular na cama. Para saber o que Ana precisa Felícia às vezes vai pela via da conversa mas acha que a filha não costuma contar tudo para a mãe. Felícia disse não insistir, puxa vários assuntos até descobrir o que aconteceu: "quando é o assunto que tá pegando, ela fala" (sic). Quando Ana fica muito próxima, para agradá-la Felícia a abraça, faz carinhos, conversa dando o que ela precisa nos momentos de dificuldade.

Relatou que Ana é uma criança saudável, feliz, apesar de todos os momentos difíceis (referiu-se às brigas e separação). Citou que um momento na relação com a filha do qual menos gosta é o de ensinar lição de casa. A filha diz que a mãe não explica como a professora dela. Felícia disse que em geral, na relação com a filha não tem tanta dificuldade. Às vezes quando Ana volta da casa do pai e lá faz tudo que quer, sente dificuldade em impor limites (tem que ligar para ele e dar uma chamada). No que se refere à sua rotina com Ana, Felícia conta que procura sempre tirar férias junto com ela.

Sobre o desenvolvimento biopsicossocial de Ana, Felícia conta que as aquisições na fala e na motricidade ocorreram dentro do esperado: sentar (8 meses); andar (1 ano); falar ("pá-pá"- comida; "mamãe"; "agá"- aguá). Quanto à alimentação Ana come bem dependendo da época. Felícia disse que como Ana é movida por desafios, quer sempre fazer o melhor, "não quer ficar para trás" (sic), trata as questões referentes à alimentação como se fosse um desafio para a filha.

Quando questionada acerca do sono de Ana, Felícia entra em contradição com o que já havia dito (que Ana era uma criança muito sossegada) disse que ela é uma criança muito agitada e sendo assim, de vez em quando, o sono dela fica agitado. No que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo Ana já estava na primeira série, tem amigos. Porém Felícia disse que de um ano e meio para cá Ana está em fase de adaptação por conta da separação. Acredita que as amigas da escola ajudem "ela vinha num ritmo acelerado e com a separação ficou meio confusa" (sic). Felícia recebeu um relatório da escola que foi feito com objetivo de avaliar o quanto a separação afetou Ana. O resultado final apontou que está tudo bem com a menina "que era fase de adaptação"(sic). Felícia mostrou o relatório à pesquisadora que se deparou com um relatório de triagem fonoaudiológica.

Quanto à maneira como se imaginava enquanto mãe, Felícia disse imaginava ser uma mãe bem "melosa" (sic), cheia de cuidados com o primeiro filho. Porém disse que não foi nada disso. O ex- marido tinha muitos amigos e a casa vivia cheia de gente. Foi bem

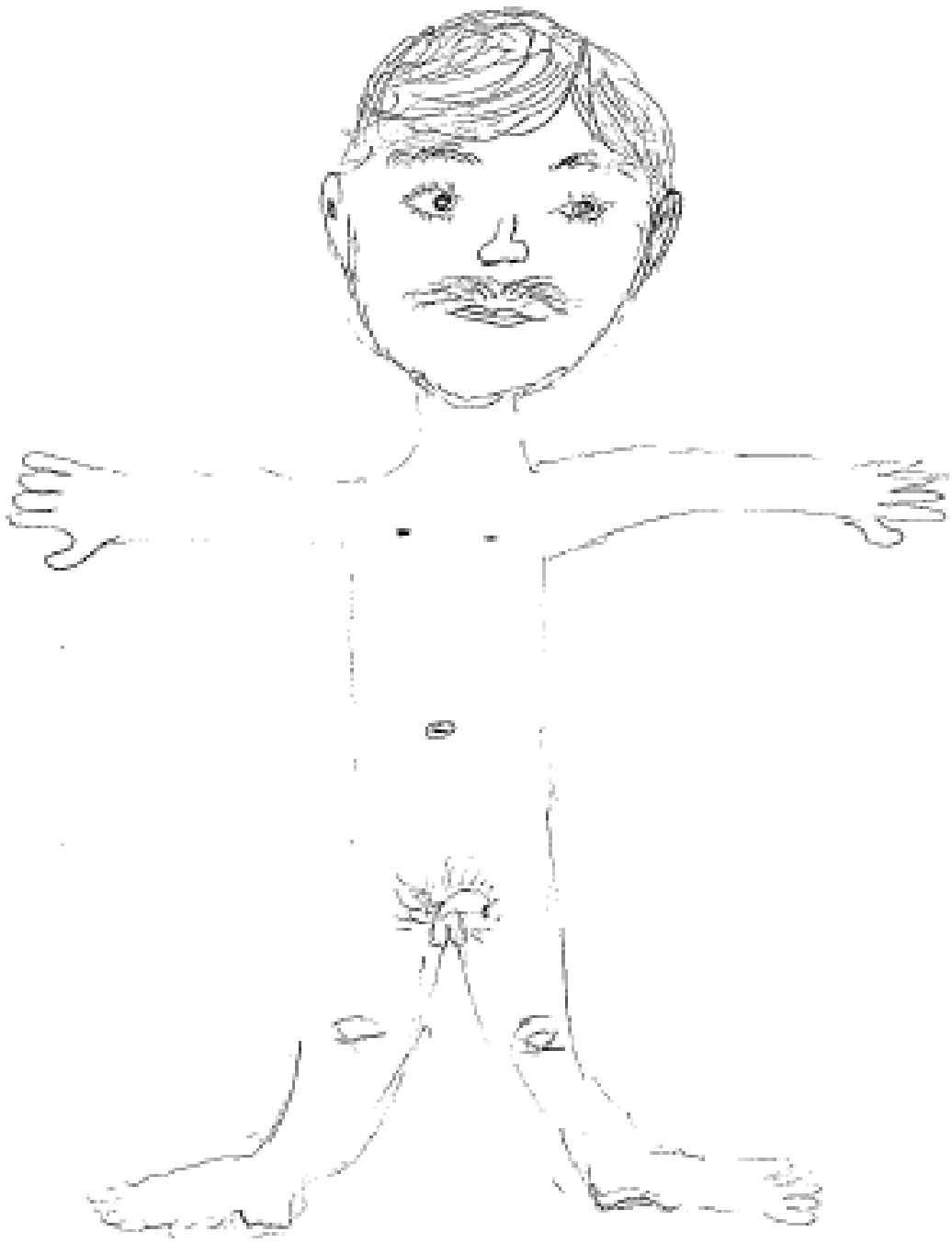
sossegada “acho que por isso Ana ia com todo mundo. Logo que nasceu tive ajuda da minha mãe e minha sogra. Só pude carregar Ana após 25 dias” (sic).

Em sua percepção, o magistério a ajudou no que se refere aos cuidados com a filha assim como o curso de gestante já que trouxeram informações que segundo ela lhe foram úteis. A novidade para ela era que teria um bebê no quarto, “não iam levar o bebê embora como na escolinha que trabalhava” (sic).

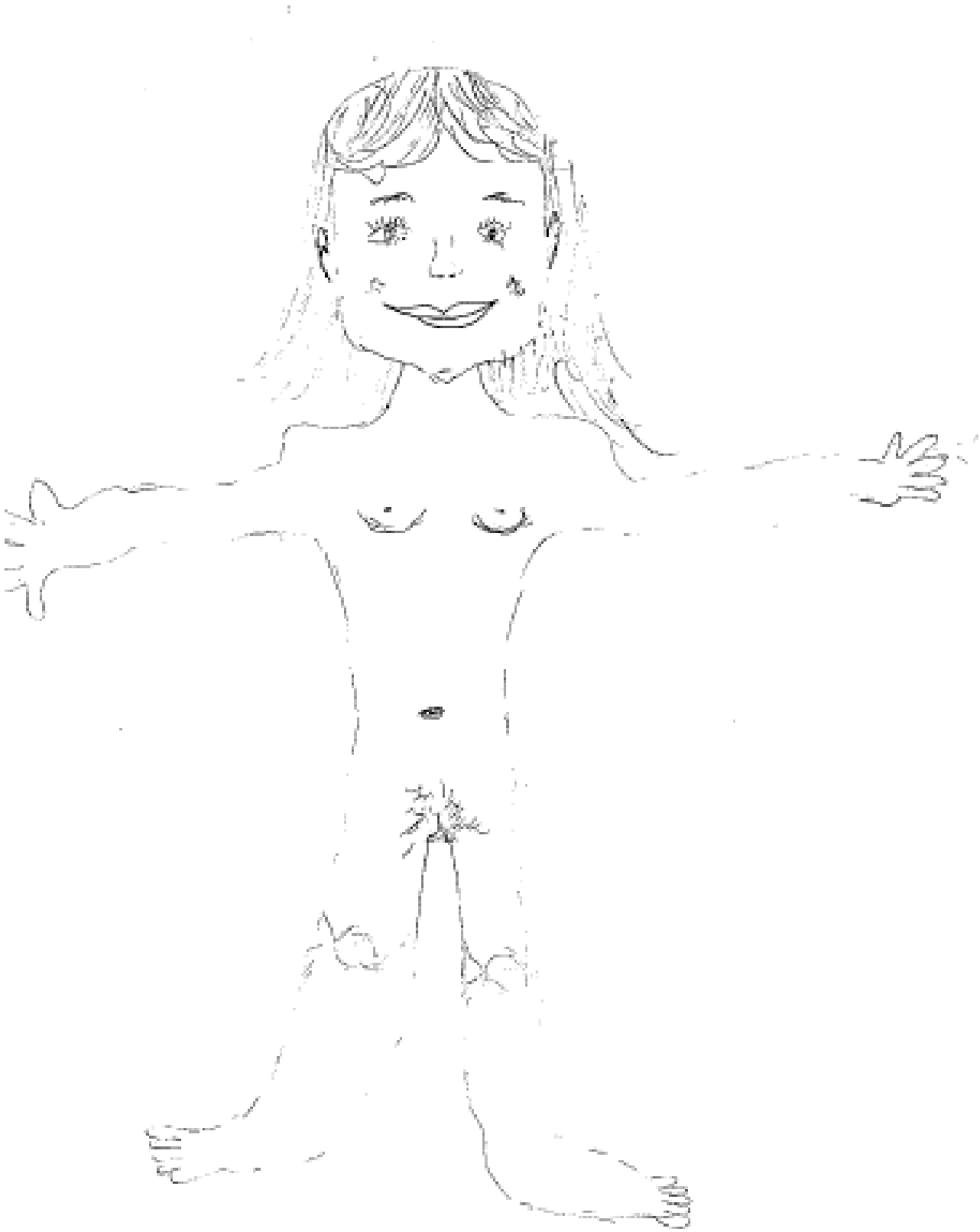
Sobre o que Ana representa para ela naquele seu momento de vida, Felícia respondeu: “ tudo, né? Se muitas coisas eu não desisti foi por causa dela. Não desisti de tudo por causa dela” (sic). Foi perguntado se Felícia após o nascimento de Ana e separação do marido pretendia ter mais filhos. Ela respondeu que sim, mas com o companheiro atual. Comentou que o namorado nunca quis ter filhos com a atual companheira e que o conhece há mais de 20 anos. O objetivo dele nunca foi ter filhos.

4.3.3. Análise e interpretação do Desenho da Figura Humana

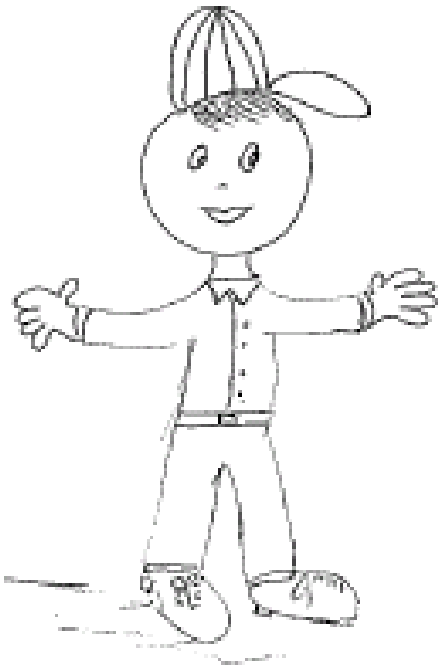
Felícia - figura 1 – 2001



Felícia – figura 2 – 2001



Felícia – figura 1 -2008



Felícia – figura 2 – 2008

Na primeira coleta observou-se a tendência de adoção de padrões básicos de comportamento típicos do sexo oposto o que pode indicar em Felícia uma forte ligação com a figura paterna já que se pensar em maior estima pelo sexo oposto (pelo fato de ter desenhado a figura masculina em primeiro lugar) não se confirma quando se analisa o tratamento diferencial dado às duas figuras – a figura feminina apesar de preterida quanto à ordem dos desenhos recebeu mais detalhes, apresentou-se ligeiramente maior e, no segundo momento do tempo, foi à ela que Felícia dedicou mais tempo para elaboração do desenho. O que é marcante em seus desenhos, mais nos da primeira coleta e um pouco menos nos da segunda, é a falta de segurança quanto à própria auto-imagem no que se refere à identificação com o próprio sexo, o que pode estar relacionado às modificações biopsicossociais durante a gravidez e à necessidade de reorganização dos papéis sexuais e da relação conjugal após o nascimento de Ana.

Observa-se em Felícia que durante a primeira fase da coleta, ao longo da gestação havia um predomínio dos instintos em suas produções (figuras nuas) o que transformou-se em uma produção marcada pelo conflito entre impulso e controle e pela tentativa de racionalização da tensão na segunda aplicação.

Tanto a questão da ansiedade frente à auto-imagem quanto ao predomínio dos aspectos instintivos, ou seja, pobre controle dos impulsos na primeira fase da coleta vão ao encontro da aguda ansiedade em relação ao corpo ao lado de forte sensualidade e narcisismo, aspectos estes típicos da psicodinâmica da gravidez. No material decorrente da segunda coleta continua aparecendo certa preocupação somática porém esta parece estar muito mais atrelada à questão do esforço de contenção dos impulsos do que no período anterior quando Felícia teve como característica predominante em seus desenhos o domínio dos impulsos sexuais sobre os intelectuais.

No que se refere ao contato com o meio, tanto na primeira quanto na segunda coleta notou-se sentimento de frustração e de falta de confiança na própria produtividade o que resulta em contato superficial e pouco afetivo provavelmente decorrente da introversão e do movimento repressivo respectivamente. Na primeira coleta chamou a atenção o indício de medo de responsabilidade, aspecto bastante condizente com a chegada do primeiro filho e que desapareceu no encontro posterior.

Na primeira coleta,para além da característica falta de controle foram observados sentimentos de expansão e idéias de grandeza os quais poderiam estar à serivço de enconbrir sentimentos de inadequação e indecisão. No segundo momento do tempo tais aspectos deram lugar à sentimentos de passividade, inibição, reserva e certa nostalgia, o que indica um

possível desejo de retornar ao passado. Talvez isto se deva ao retorno do namorado da adolescência que Felícia reencontrou após a separação do marido.

4.3.4. Análise do TAT

Data da aplicação: 09/08/2001
Data da reaplicação: 12/04/2008

Pch 1
TLI: 30” TT: 2’
(Pega e põe na mesa a prancha olha para pesquisadora, olha para a prancha, ri.) Eu acho que isso aqui é um violino. Não, sou muito ruim para fazer história... Bom, é... “O menino e o violino” é o título, tá? Hum... o sonho dele era ter um violino, e, é, só que os pais eram muito pobres e não podiam comprar o violino então, ele vivia assim sempre sonhando com o violino. E, um belo dia uma pessoa perguntou para ele porque que ele tava tão triste e ele disse que ele gostaria de ter um violino mas, não podia. Só que essa pessoa tinha um em casa, que não servia para nada e deu o violino para esse menino... e ele ficou feliz da vida mas o sonho dele era ter um violino mas ele não sabia tocar (risos) então ele ficou pensando como que ele iria tocar esse violino pensando, pensando, pensando ele decidiu procurar algum lugar onde ele pudesse ganhar uma bolsa para poder tocar esse violino... e de tanto andar, andar, andar com esse violino em baixo do braço porque não sabia tocar, ele conseguiu uma bolsa ficou feliz da vida e conseguiu tocar o seu violino... putz.

Pch 1
TLI -3” TT – 2’
Bom esse menino, ele gosta de violino, né? O menino gosta de tocar violino, mas ele tá preocupado com alguma coisa, ou que o violino não toca, porque ele tá bem chateado olhando para o instrumento dele, né? Tem uma toalha, não sei se é tolha ou se é papel em debaixo do violino, que ele se apóia, pensando o que ele vai fazer com esse violino. E acho que é só do menino do violino, pensativo, não tem muito o que fazer não, ele tá bem triste com essa história do violino, provavelmente não deve tocar, né? Só isso que vejo aqui nesse.
→ Título? “A tristeza de um menino”

→ E o que você acha que vai acontecer no final? Com esse menino? Olha, honestidade, acho que ele deve tá pensando o que vai fazer com esse violino, ou ele vai dar pra alguém, ou ele vai arrumar, ou ele tá pensando, o que vou fazer com isso? vou jogar fora, vou dá. Pela cara que o menino tem acho que é isso.

Pch 2

TLI- 30” TT- 3’

Hum... põe a prancha na mesa. ... Então o título é... “A jovem estudante” então em um certo lugar do interior havia uma fazenda aonde havia alguns, umas pessoas que trabalhavam na lavoura. E essas pessoas então, elas trabalhavam o dia todo, nem todas elas poderiam estar indo para a escola, né? E passavam o dia então nessa lavoura, hum... eram pessoas muito humildes que tiravam seu sustento da lavoura, né? Mas é, uma jovem, né? Que era muito bonita, muito simpática ficava em casa cuidando enquanto seus pais iam para a lavoura.... e, essa jovem, então, conseguiu, é..., conseguiu que seus pais permitissem que ela fosse a escola. E ela estudou, estudou, estudou até que conseguiu se formar, né? E... abriu uma escola para as crianças dessa lavoura... e assim ela realizou o sonho dela de dar aula e que não deixava as crianças sem escola enquanto os seus pais iam para a lavoura trabalhar. Hum... só.

→ Como está se sentindo? Olha bastante para a prancha. Se sentem cansadas, o trabalho é pesado em lavoura. Tem muito sol, o cansaço é maior. Com cansaço ou sem cansaço tem que trabalhar nem todos trabalham feliz da vida.

→ As pessoas se conhecem? Acho que sim porque todas as pessoas são da roça, garimpeiros se conhecem.

Pch 2

TLI – 6” TT- 1’02”

Daria o nome da história “a estudante... a estudante numa lavoura”. Porque ela aparenta também estar bem preocupada, pelo que tá no desenho é uma lavoura, tem um cavalo, um homem, tem até uma mulher que provavelmente tá grávida, encostada na árvore e essa moça deve ser filha dessa mulher, então ela deve tá bem preocupada, porque vida na roça não é fácil não, né? então, é isso que eu vejo dessa foto.

→ Como é o relacionamento dessa moça com a mãe? Olha deve ser bem rígido, a mãe dela deve ser uma pessoa bem... como eu posso dizer...que não é tão amiga, que devida a situação, da vida na roça ser bem difícil, a educação mesmo já era bem rígida, então eu acredito que seja assim, bem da antiguidade mesmo, uma educação bem antigona mesmo, que a mulher,

bom essa aqui deve estudar que ela tá com livro na mão, mas pelo que passava antigamente, a mulher era pra cuidar da casa, cuidar de filho, de marido, da casa e só, não trabalhava, não estudava, não fazia nada. A cara da mãe dela diz isso, agora da filha, ela até estuda, é uma estudante, eu vejo assim. Não tem um relacionamento aberto não com a família, educação mais rígida mesmo.

→ Qual o motivo da preocupação? Deve tá preocupada com alguma coisa né? Ah sei lá, aqui tem um rapaz bonitão, sei lá e a mãe ali né, provavelmente deve ser a mãe, ah sei lá ela apaixonada pelo rapaz e a mãe não dá trégua pra ela sei lá, não sei, o que passa na cabeça da moça.

→ E o que você acha que vai acontecer? Ah, sei lá.. essa moça fica sozinha, porque se a educação dela era rígida, a mãe dela não vai dar muita trégua porque geralmente quando a educação é assim o pai é que escolhe o marido, o fim dela é triste.

Pch 4 **(história coletada apenas na reaplicação)**

TLI - 3” TT- 1’

Bom aqui, é um homem que é bem bonito e que com olhar dele deve seduzir algumas mulheres, que tem essa moça que tá do lado dele que é apaixonada por ele, com cara de apaixonada, pedindo pra ele não ir embora por alguma razão e ele não tá nem aí com ela, então daria o tema “o galã do cinema, o galã da história”

→ Qual era a relação deles, desse homem com essa mulher? Bom, pela cara que ele tem aqui a dele era mais de uma farra e nada mais, mas a dela é de uma mulher muito apaixonada, né?

→ E o que você acha que vai acontecer? No final, com certeza ela vai ficar sozinha. Porque pela cara que ele tem, ele deve ter mil e uma.

→ O que eles estão sentindo? Ele com vontade de ir embora e ela com vontade que ele fique, e a coisa tá difícil, né? Porque ele não tá nem aí com ela, tá pedindo pra ele “não vá embora!”

→ O que é isso? É um quadro na parede... deve ser um quadro na parede...de algum lugar onde eles estão. Dá a impressão que eles estão num lugar bem romântico.

Pch 7 MF

TLI- 1’ 10” TT- 4’

Suspira, põe a prancha na mesa.... Bom, deixa eu começar.... (...) bom em um certo lugar de São Paulo existia uma menina que, era, que era muito presa pelos pais, né? Então ela não podia sair para brincar com outras meninas e nem, é... e nem ir para a escola, ela tinha uma

professora em casa e, os pais não deixavam ela ir para ter contato com outras meninas. Então, toda tarde, uma professora ia dar aula para ela e, contava histórias para ela. Só que ela cansava de, de ouvir (risos) sempre as mesmas coisas, ela quase sempre não prestava atenção, né? E ela não tinha outra alternativa a não ser as suas bonecas, né? Então às vezes nem as bonecas é, deixavam essa menina feliz... e, essa menina, ela, com o passar do tempo, ela foi se tornando uma pessoa, assim, muito fechada, muito revoltada porque, pela janela da sua casa ela via as outras meninas todas brincando, e ela tinha muita vontade de ir lá mas não podia, então ela era uma menina assim, muito triste, que vivia angustiada mas, não podia tá contando e... sua professora por sua vez, não era muito assim, sua amiga... o negócio dela era ir lá ensinar, contar história e só. Ah, é isso. E o título para isso? "A menina e a professora"(risos). Só isso.

→ Questiono "fechada", é futuro? As pessoas quando não podem fazer nada vão se fechando... pelo que parece nessa foto é tempo antigo as pessoas, era tudo muito fechado, muito reservado era tudo o que se podia fazer.

Obs: Quando ela fala das bonecas, faz um gesto com o braço, como se estivesse segurando o bebê.

Pch 7MF

TLI – 7" TT- 2'

Nossa! aqui tem uma mulher que deve ser a mãe da menina, lendo uma história e a menina cansada de ouvir, uma boneca na mão, é uma boneca que ela tem na mão, um bebezinho, e a menina já ta cansada de ouvir o que a mulher tá lendo, mas a mulher não desiste, e quer que ela preste atenção e é isso que eu vejo. A menina tá cansada e tem que ficar ouvindo, vai ter que dar um nome pra história, né? Eu daria "a história sem fim". Porque o que a mulher tá lendo ali não vai ter fim não.

→ Relacionamento das duas? Olha, poderia até ser bom o relacionamento, o que não agrada a meninas é a história que a mulher tá lendo pra ela, o relacionamento é muito bom, o que não tá agradando é a história que ela tá lendo.

→ E aí? O que será que vai acontecer depois? Depois que a menina se livrar dessa história, ah a vida volta ao normal, né? O relacionamento delas volta como é no dia- a- dia, contanto que ela não pegue nenhum livro chato pra ler, porque a impressão que dá pelo rosto da menina é que a história que a mulher tá lendo é muito chata, porque ninguém fica cansada com uma história bonita.

Pch 8 MF

TLI- 30” TT- 3’

Suspira, põe a prancha na mesa. ... Então o título é “O sonho de uma jovem”... então era, era uma jovem senhoura de mais ou menos (pega a prancha, olha de perto, ri e fala 38 anos. Fica segurando a prancha.) uns 38 anos (risos) que tinha muitos sonhos, então ela sonhava em conhecer uma pessoa, em namorar e ... ter um futuro, construir uma família, né? só que, ela não conseguia achar essa pessoa porque ela não saía de casa, era uma pessoa que era muito envergonhada mas que, vivia com esses sonhos na cabeça. E toda a tarde quando acabava seus afazeres, ela sentava e ficava pensando o que podia acontecer, né? E muitas vezes ela via alguns rapazes passando e ficava imaginando que um daqueles poderia ser o seu príncipe, né? Mas nunca aconteceu. Então ela, sozinha, triste, pensando que poderia encontrar uma pessoa. Até que depois de muito tempo ela encontrou uma pessoa, construiu uma família, realizou seus sonhos e ficou feliz para sempre (risos).

Pch 8 MF

TLI – 6” TT- 3’

Bom aqui tem a história de uma mulher, que dever ter feito algo e tá muito pensativa, ou ela fez algo, ou ela vai fazer alguma coisa pra vida dela... tá pensando, analisando, pensamento longe no que vai ser feito, é isso que vejo pra essa mulher aqui, pensamento longe, ou no que fez ou no que vai fazer, né?

→ Título? “Além do pensamento” que ela tá pensando aqui... a coisa ou foi boa ou vai ser muito boa.

→ Como você acha que ela está se sentindo? Pela cara dela, angustiada, né? Porque tá com pensamento longe... sei lá, se é angustiada, ou tá pensando, vai saber o que essa mulher tá pensando, ou de alguma coisa boa que aconteceu na vida dela, parando pra analisar ou revivendo aquele momento bom.

→O que vai acontecer depois? No final? Bom dependendo do que ela tá pensando, se for coisa boa ela vai ficar muito feliz, né?

Pch 16

TLI- 11” TT- 5’

Ai meu Deus... não tem nada! (risos) ai... aqui eu posso contar qualquer história? Então...(Suspira, pega a prancha... põe a mão na cabeça, pensando...)... então, o título que eu

vou dar é... bom, vou dar um título “Vivendo no mundo dos sonhos” então, no início, era uma, era um sonho muito grande, é, duas pessoas, né? que gostariam de ter um bebê (risos). Então, com o passar dos anos, né? essas pessoas foram tendo é, foram tendo assim uma expectativa muito grande, até que chegou um dia que aconteceu o sonho delas, né? Ter um bebê! E... foi uma alegria muito grande essas pessoas ficaram muito contentes começaram a preparar para a a chegada desse bebê...e a mãe ficou muito feliz, começou a ir ao médico (risos), ah, começou a ir ao médico, a se preocupar com esse bebê. Só que é um tempo muito longo e a espera, a angústia e ansiedade é muito grande, então quando o tempo foi passando, foi passando, foi se aproximando o dia da chegada a ansiedade deles era maior, o pai não se agüentava de ansiedade de ver a carinha do bebê, a mãe também, até que chegou o grande dia, da chegada do bebê, e, essa felicidade foi muito maior porque eles puderam estar vendo o bebê, pegando, sentindo, ouvindo seu chorinho, e, a felicidade deles foi completa e os sonhos deles foram realizados. Só. Ai, é difícil contar uma história que não tem nada no papel! (risos)

OBS: Após a aplicação comenta: “É a mais complicada (passa a mão na testa) por isso que contei do bebê é a foto mais nítida que se pode ter... só que descabeçado sem começo meio e fim.” (Sic)

Pch 16

TLI - Im TT- 2’

(risos) Bom o que eu vejo aqui é papel branco, quadrado, quadrado não, como se chama? retângulo branco, onde só tem a cor branca e mais nada onde só tem a cor branca e mais nada. Bom a história que eu contaria desse branco... o que eu contaria disso aqui? ... Toda nossa vida não se resume em um papel branco... sempre tem uma história que a gente pode contar com alguma coisa, né? se fosse escrever tudo aqui como te contei, não daria teria que ser umas 5 folhas dessa.

→ E o que você acha que vai acontecer no futuro? No futuro? Com esse papel em branco? Ah, espero que acabe com final feliz tudo de bom, com bastante paz e felicidade para todo mundo que nos cerca.

QUAL PRANCHA MAIS GOSTOU? POR QUÊ?

2001 – 16 - A do bebê porque me faz pensar no meu filho.

2008 – 16 - Do último, do papel em branco algo que é um mistério, que você tem que imaginar o que seria. Por isso que eu gosto mais desse, é um resumo de tudo aquilo que eu te contei (Felícia referia-se ao conteúdo da entrevista).

QUAL PRANCHA MENOS GOSTOU? POR QUÊ?
2001 – 7MF - A da menina presa e solitária. Porque o fim é triste.
2008 – 1 - Ah, a do menino do violino, aquele menino desconsolado. Porque... Ah, um menino olhando para um violino é difícil contar uma história.

4.3.4.1. Interpretação das pranchas

Prancha 1

Na primeira fase da coleta Felícia apresentou contenção inicial e bom domínio da ansiedade, conseguindo manter distância construtiva do tema da relação com a autoridade, atitude frente ao dever e também ao ideal de ego. Tal dinâmica não se apresentou da mesma forma na segunda aplicação na qual Felícia perdeu a distância em relação ao estímulo (vide comentários e risadas que indicaram que ela estava se identificando com o que falava) o que demonstrou sinais de ansiedade perturbadora e dificuldade de solucionar o conflito evocado o qual girou em torno do tema da realização.

No primeiro momento há certa passividades mas também persistência além de Felícia ter podido contar com apoio externo e certo refúgio na fantasia para resolver a problemática, assim como na primeira história, frente à necessidade de realização, suportes estes que não apareceram na segunda história. Esta última é marcada por conformismo e sentimentos de impotência além da volta do impulso agressivo contra o próprio ego ao invés de canalizá-lo para atitudes que pudessem trazer solução ao problema.

Esta prancha foi eleita por Felícia na segunda aplicação como a que menos gostou por conta do “desconsolo” (sic) em que se encontra o menino e provavelmente com o qual ela em muito se identificou. Em decorrência disto, aparece também na segunda história a necessidade de fugir, “livrar-se” do problema frente à percepção de que não tem recursos para fazer frente à questão conflituosa entre querer mas não sentir-se capaz de obter o que quer.

Prancha 2

Há boa utilização das defesas contra a ansiedade evocada frente às relações familiares, percepção do ambiente e nível de aspiração. Felícia consegue manter distância construtiva e abordar tanto a questão da realização profissional quanto se posicionar quanto ao papel feminino ao qual é atribuída a função de cuidar e educar (aspectos que são bastante marcantes no funcionamento e cotidiano de Felícia). Felícia constrói uma história bem estruturada na qual soluciona o conflito evocado agindo por méritos próprios e respeitando o socialmente aceito, porém para tanto, neste momento precisou isolar o afeto o qual parte sublima e parte racionaliza.

Já no segundo momento Felícia não consegue articular tão bem seu relato, o que demonstra que se lança na situação mas não consegue dominar a ansiedade. As relações são mais restritas e reduzem-se ao par mãe e filha e o tema da preocupação que não encontra saída (perseveração da Prancha 1, segunda fase) volta a aparecer. A relação materno-filial se apresenta marcada por rigidez e cobranças por parte da figura materna e os papéis feminino e masculino são apresentados como muito característicos: “mulher era para cuidar da casa, cuidar do filho, de marido, da casa e só, não trabalhava, não estudava, não fazia nada” (sic).

Parte dos afetos é racionalizada, parte sublimada e parte volta contra o próprio ego gerando sentimentos de tristeza e impotência.

Na primeira história o conflito entre razão e emoção não fica tão evidente quanto na segunda que também traz a temática da relação heterossexual como fonte de angústia e sofrimento. Quanto à modificação da apercepção, durante a gravidez Felícia se projeta como filha e há relação desta com o casal parental. Após o nascimento de Ana, Felícia projeta-se também como filha mas desta vez está interditada pela figura materna a qual proíbe a relação com a figura masculina percebida como fonte de desejo. Vale lembrar que durante a segunda aplicação Felícia já havia se separado do marido e estava iniciando um relacionamento com um rapaz comprometido, relação na qual fica como terceira.

Prancha 4

Felícia apresenta sinal de impulsividade e ansiedade frente aos conflitos nas relações heterossexuais. A figura masculina é percebida como hostil e geradora de sofrimento enquanto a feminina é percebida como desvalorizada por estar envolvida afetivamente. Felícia não consegue apresentar solução para o conflito entre a necessidade de afiliar-se e a perda de companhia. Há tentativa de contar com apoio da fantasia e também com apoio da negação como forma de defesa mas o desfecho não apresentou-se favorável. Felícia, assim como na maioria de suas

histórias frente às outras pranchas, em ambos os momentos do tempo, apresentou recusa no engajamento dos afetos e tentativa de racionalizá-los.

Prancha 7MF

Na primeira fase da coleta Felícia apresentou nesta prancha o maior período de latência o que aponta ansiedade frente à relação com a figura materna. A primeira história apresenta influência da ansiedade a qual foi manifesta ao longo do relato mas não chegou a impedir que fosse apresentada solução para a conflitiva que girou em torno do tema da dependência *versus* autonomia. Não só nesta prancha e não só na primeira aplicação Felícia demonstra muita necessidade de aprovação por parte da pesquisadora o que aponta para um forte sentimento de inadequação e insegurança presentes .

Os mecanismos de defesa não foram eficientes nem no controle da ansiedade e nem no auxílio da elaboração do desfecho já que a solução apresentada foi auto-punitiva e manteve-se em aberto a necessidade de afiliação emocional. Foi uma história bastante marcada também pelo sentimento de solidão, impotência e resignação. A figura materna foi percebida como distante e preocupada somente com a educação (aspectos racionais, princípio de realidade) em detrimento dos sentimentos e prazeres (princípio do prazer).

Quanto ao segundo momento do tempo a dinâmica de Felícia se manteve muito semelhante já que a temática girou em torno de uma relação bastante distante afetivamente entre mãe e filha e houve manifestação de labilidade emocional e ansiedade ao longo do relato, as quais não foram contidas pelos mecanismos de defesa.

No referente ao tema da maternidade, apesar de não ter havido distorção ou hesitação em relação à boneca, Felícia traz em ambos os momentos do tempo histórias onde a relação mãe e filha é esvaziada de afeto e marcada por muita rigidez. Na primeira aplicação Felícia apontou esta prancha como a que menos gostou por conta da menina ter ficado “presa e solitária” (sic), atributos que possivelmente povoam seus pensamentos e suas fantasias acerca da relação mãe e filho.

Durante o inquérito na segunda aplicação pensa-se que em uma das respostas Felícia podia estar se referindo também aos aspectos transferenciais quando verbalizou que o relacionamento entre os personagens poderia até ser bom mas o que não estava agradando era a história. Tal fala aponta o visível desconforto de Felícia em relação ao tema que estava sendo evocado pela prancha.

Prancha 8 MF

Durante a primeira aplicação Felícia demonstra ansiedade porém o reforço das defesas permitiu que a história fosse bem estruturada apesar da influência da fantasia e das expressões esvaziadas de conteúdo afetivo.

Inicialmente Felícia se conteve na primeira aplicação frente aos conflitos atuais e conteúdos de devaneios. Já na segunda aplicação demonstra impulsividade e ansiedade menos controlada o que prejudicou a qualidade da história.

No primeiro momento Felícia faz referência ao relacionamento homem mulher como algo que deseja realizar e acaba conseguindo apesar de muita dificuldade e até vergonha de se abrir para o encontro amoroso. Soluciona o conflito entre necessidade de afiliação e medo do fracasso com apoio da fantasia.

Na segunda história Felícia não especifica o conteúdo dos devaneios mas a história faz alusão novamente ao relacionamento heterossexual o qual é percebido com forte conotação afetiva apesar da dificuldade de Felícia de entar em contato com os afetos que vêm junto com o relato.

Os protocolos de Felícia foram marcados por forte sentimento de passividade e resignação e em quase que a totalidade das histórias não conseguiu apresentar solução onde agiu por méritos próprios e satisafez suas necessidades. Porém nesta prancha da segunda fase da coleta Felícia faz menção de sair do registro do pensamento e partir para ação, embora demonstre-se insegura quanto aos próprios atos.

Prancha 16

Frente às necessidades mais prementes Felícia durante a primeira aplicação apresenta boa estruturação egóica no que se refere ao controle da ansiedade e capacidade de se adaptar à situações novas, o que não se repete na segunda história a qual sofre grande perturbação por conta da ansiedade. No entanto no segundo momento há referência direta à relação transferencial na situação de teste.

Na primeira fase da coleta apresentou história bem estruturada de conteúdo auto-biográfico marcada por forte influência da fantasia. Referiu-se ao relacionamento conjugal e às expectativas em torno da vinda do bebê, o que estava totalmente de acordo com seu contexto de vida naquela ocasião. Mesmo fazendo referência à coisas boas que estavam por acontecer, Felícia demonstra-se e atribui grande ansiedade e angústia aos personagens da história o que, comparado às outras verbalizações desta primeira etapa da coleta aponta para o fato de ter sido a gravidez um momento marcado por muitos anseios, temores e ansiedade, o que vai ao encontro dos aspectos encontrados na análise de suas produções gráficas frente ao DFH.

A segunda história frente à esta prancha percebe-se que houve praticamente uma recusa, uma rejeição o que aponta para um possível bloqueio de Felícia que não conseguiu elaborar uma história efetivamente. Por outro lado, ao ser questionada sobre qual prancha mais gostou na segunda aplicação Felícia elege a 16 novamente fazendo referência à relação transferencial "é um resumo de tudo aquilo que te contei" (sic).

A segunda aplicação é finalizada, assim como a primeira, com um momento em que Felícia se mostra mais esperançosa quanto ao futuro, diferentemente do que demonstrou seu estado emocional tanto durante a gravidez quanto após o nascimento de Ana, estado este marcado por muita insegurança e ansiedade. Ambos os protocolos tiveram como característica a ausência de solução para os conflitos evocados.

Vale ressalatar que desde a Prancha 7MF na primeira aplicação Felícia suspirou dando sinais de cansaço com relação à tarefa, provavelmente de extrema mobilização emocional para Felícia.

4.3.5. Movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho

A posição psíquica de mãe

Observa-se que a posição na relação com Ana sofre grande influência da relação de Felícia com a mãe, figura percebida como extremamente autoritária e distante afetivamente. Além disso parece ser alguém que sempre esteve preocupada muito mais com a satisfação das próprias necessidades em detrimento das necessidades de Felícia. Esta própria mãe volta para casa dos pais quando seu pai saiu de casa o que indica que teve dificuldades de cuidar sozinha de Felícia. Na relação com Ana há inconscientemente uma revivescência desta dificuldade por parte de Felícia a qual projeta em Ana o medo que teve que lhe "tirassem as coisas" quando seu pai saiu de casa.

Apesar dessas dificuldades Felícia tem tentado se aproximar de Ana e em muito se respalda na teoria, no que aprende no curso de pedagogia, no curso de gestantes do HU e nas experiências que tem tido no trabalho como educadora. Observa-se também que o curso de pedagogia entra como uma justificativa racional para que Felícia se aproxime e cuide, o que indiretamente satisfaz sua necessidade de afiliação que há muito tempo está em aberto.

Quando Felícia fala de sua relação com a mãe comenta que esta nunca foi de esconder nada mas por outro lado Felícia parece não sentir que as informações tenham vindo

acompanhadas do afeto correspondente (vide percepção acerca da figura materna que aparece nas histórias frente ao TAT).

Durante a gravidez Felícia temia que viessem crianças gêmeas o que talvez estivesse apontando para o medo da responsabilidade, característica que vai ao encontro do que surgiu em seu DFH durante a gravidez. Além disso, a "irritação com a roupa" que Felícia refere durante a gravidez parece denunciar a dificuldade com o novo papel, o de mãe. Pincus e Dare (1981) afirmam que para oferecer às crianças um ambiente sadio favorável a seu crescimento, os pais tem, individualmente e como casal, que se sentirem suficientemente seguros como também estarem aptos a reconhecer seus sentimentos confusos para com as novas exigências que os aguardam. Parece que estes dois pré-requisitos não estavam satisfeitos quando Ana veio ao mundo. Felícia demonstra ser uma pessoa bastante insegura em relação ao seu próprio potencial e também com relação à escolha do parceiro não parece ter sido algo que Felícia fez conscientemente. Mais parece ter ido em busca do pai perdido do que de um parceiro sexual.

Funcionamento bastante racional se extende para a relação com a filha, a escolha do nome de Ana foi feita a partir do livro de nomes, não de um gosto ou história pessoal dela ou do marido, ou ainda da família.

Outra passagem da entrevista com Felícia que chama a atenção é quando ela, espontaneamente complementa a entrevista dizendo que uma coisa que sentiu falta durante a gravidez foi não ter tido "desejo" que tenha feito o marido sair de madrugada para comprar algo para ela comer. Nesta fala se observa a questão da oralidade de Felícia, característica importante e que se extende para a relação dela com Ana e também a insatisfeita necessidade de obter atenção, afeto e mesmo companhia que se apresenta no material de Felícia. Ela lembra do contato anterior com a pesquisadora como um momento de acolhimento. Na relação com a pesquisadora aparece também a ansiedade de Felícia quando em um curto período de tempo ela faz duas ligações telefônicas quase seguidas: por que não obteve resposta do telefonema que realizou no período da manhã ela volta a ligar para a pesquisadora no início da tarde em resposta ao telegrama da mesma.

Quanto à maternagem suficientemente boa ficam questões acerca da disponibilidade afetiva de Felícia, especialmente no que se refere ao exercício da função materna no que diz respeito à capacidade de nomeação uma vez que Felícia demonstra dificuldades de contato com seus sentimentos.

O *holding* também parece ter sofrido um abalo à medida que Felícia delegou os cuidados com Ana nos primeiros 25 dias à sua mãe e sogra. Desde o princípio parece ter havido um desencontro entre Felícia e o bebê real, desencontro este relatado nos primeiros

minutos da entrevista quando Felícia conta da “bola roxa” que havia na testa de Ana, a qual resultou do parto à fórceps e pela qual Felícia não esperava. Acredita-se ter sido este momento um abalo narcísico muito grande em Felícia.

Quanto à maneira como se imaginava como mãe parece haver conteúdos muito idealizados por Felícia quando esta afirma que se imaginava uma “mãe bem melosa” (sic). Observam-se aí provavelmente aspectos da mãe que Felícia gostaria de ter tido e não teve. Além disso, quando perguntada acerca da diferença entre o que imaginava e a realidade da maternidade Felícia disse que, por ter trabalhado muito tempo com crianças, acredita que a única diferença é que após o nascimento de Ana pasou a ter “um bebê no quarto” (sic). Tal afirmação faz pensar que novamente Felícia faz referência à aspectos mal resolvidos de sua sexualidade.

Suposição do sujeito

Dificuldades se apresentam neste aspecto. Desde o primeiro evento concreto de separação, o parto, houve algumas dificuldades já que foi realizado um parto à fórceps. Há na relação de Felícia com Ana uma certa simbiose que inicialmente se instaura por conta de questões fantasmáticas de Felícia mas as quais já se somaram respostas de Ana. Felícia guarda os documentos referentes ao nascimento de Ana juntamente com os de seu próprio nascimento, dormiu por muito tempo na mesma cama que a filha, teve dificuldades no período do desmame e precisou contar com ajuda externa (a mãe que a repreeendia, o chá de boldo que passava no seio), não leva a filha na escola porque senão ela chora e sendo assim o pai se encarrega desta tarefa, usou a filha como “escudo na cama” para não ter relações sexuais com o marido. Estes são alguns exemplos que ilustram que há em Felícia dificuldade de supor em Ana um sujeito separado dela, havendo muita necessidade de ajuda de um terceiro para separar o corpo da filha do corpo da mãe.

Por outro lado, Felícia de certa forma tem consciência da importância da autonomia de uma e de outra (faz faculdade, trabalha e deixa Ana aos cuidados dos familiares) e Ana também tem esta noção o que fica claro quando pede para a mãe que quer ter seu quarto e se assustou quando, por ocasião da separação dos pais, se percebeu correndo o risco de voltar a dormir com a mãe.

Em relação à alimentação surge a suposição de Ana como um sujeito que é “movida por desafios”(sic). Felícia tenta fazê-la comer com base em sua percepção do que move a filha e isto não só supõe em Ana a existência de um sujeito separado dela como também é um

momento em que Felícia se coloca na posição de atender à demanda da filha supondo que sabe o que a filha quer/precisa.

Aspectos do desenvolvimento do filho da realidade e da relação mãe e filho

Ana se desenvolveu de forma tranqüila do ponto de vista biopsicossocial apresentando apenas certa mobilização emocional por ocasião da separação dos pais, o que é bastante esperado.

A relação de Felícia com a filha é definida por ela como: “somos grandes amigas, uma não vive sem a outra” (sic) e completa: “ela se dá muito bem com o pai” (sic). Nestes dois recortes de fala observa-se novamente a dificuldade de Felícia de se separar da filha apesar dela ter em mente de que ela pode não viver sem a filha mas Ana tem ao pai.

Parece haver certa distanciamento afetivo na relação das duas o que pode estar relacionado ao fato de haver muitos intermediários entre Felícia e Ana e de ter sido assim desde os primeiros tempos da relação das duas. Felícia parece ter dificuldade também em se colocar na posição de responder aos apelos de Ana e expressa: “não posso cobrar dela o que não ofereço” (sic). Além disso Felícia suspeita que a filha não conta tudo para ela e reconhece ter dificuldades de impor limites necessitando em alguns momentos da intervenção do ex-marido.

Na relação com Ana o momento do qual menos gosta é o de ensinar a lição. Talvez haja aí uma certa revivescência de Felícia de fragmentos da sua relação com a própria mãe, figura percebida como muito exigente e rígida.

Foi perguntado à Felícia o que Ana representava para ela naquele momento da vida e ela respondeu: “tudo, né?” (sic). Felícia em sua resposta não afirma que Ana representa tudo mas sim pede a aprovação da pesquisadora esperando que esta confirme sua fala que parece ter sido mutio mais emitida em função do que esperado socialmente como resposta politicamente correta do que em função de seus próprios sentimentos. Após esta fala Felícia volta a se confundir com Ana: “ se muitas coisas eu não desisti foi por causa dela” (sic).

Relações na família e aspectos sócio-culturais

Parece que a separação dos pais de Felícia deixou marcas importantes no que se refere à capacidade dela de se relacionar e estabelecer vínculos afetivos com o sexo oposto. Provavelmente esta experiência de separação também esteve por sua vez influenciada pela forma como Felícia vivenciou o Complexo de Édipo.

Fragmentos edípicos já aparecem na forma como Felícia escolheu seu primeiro marido: um homem 10 anos mais velho com quem se casa apesar de dizer que a relação com ele sempre foi conturbada desde a época do namoro.

A figura masculina tem sido percebida como alguém em quem não se pode confiar mas por outro lado Felícia está se envolvendo com um rapaz que ainda estava comprometido com a esposa o que possivelmente faz sem tomar consciência de que o relacionamento já se inicia com fortes chances de trazer-lhe sofrimento. Talvez o forte sentimento de insegurança e a intensa necessidade de afiliação de Felícia a impulsionem na busca de um parceiro de forma impulsiva, outra característica muito presente em seu material. Ela afirma que pretende ter mais filhos com o namorado atual ao mesmo tempo em que conta que o conhece há mais de 20 anos e este nunca quis ter filhos. Pode haver aí mais um episódio de repetição por parte de Felícia no qual ela se boicota e vai se colocando nas relações de forma que seus projetos estejam fadados ao fracasso (percepção que aparece de forma inconsciente em seus desfechos frente ás histórias do TAT em que predominam soluções do tipo auto-punitivas ou de fracsso).

Felícia apresenta um funcionamento marcado por projeção como o mecanismo de defesa predominante: diz que a avó “não se esforça para melhorar” aspecto este (passividade e resignação) que é marcante em suas histórias frente ao TAT; diz que para a mãe “foi um choque” a separação quando na verdade ela é que temeu que lhe “tirassem as coisas” (fala que projeta na filha ao se referir à maneira como percebe que a filha reagiu à sua separação); conta que certa vez a filha teve febre porque “estava com vontade de comer algo e não deram”, sendo esta uma necessidade de Felícia visível também nas histórias frente ao TAT; relata que uma amiga se decepcionou quanto ao sexo do bebê mas ela própria confessa que não tinha muitas expectativas em relação ao bebê porque temia se decepcionar e ainda comenta que o ex-marido sempre foi ciumento mas foi Felícia quem não suportou ver o carinho entre pai e filha (Ana e Josué), sentindo-se preterida.

Além disso Felícia apresenta ora rigidez ora dificuldade defensiva deixando transparecer em seu funcionamento momentos em que há uma brusca passagem entre um funcionamento marcado pelo predomínio dos impulsos e outros em que há uma dura cobrança do princípio de realidade. Isto aparece também nas idealizações em contraposição aos sentimentos de impotência e resignação frente às dificuldades, além de aparecer também na maneira como descreve a filha e inconscientemente a si mesmo: ora agitada ora sossegada.

Felícia não faz quase nenhuma menção à amigos ou momentos de lazer.

4.4. Caso 4 – Lina e Giovana – Quando a mãe aprende com a filha

Último encontro na pesquisa inicial (1ª coleta): 23/08/01

Encontro na nova coleta: 13/ 05/08

Local do encontro: residência de Lina

4.4.1.Recortes da história de vida da mãe e o filho imaginário

Lina, 29 anos. Por ocasião da 1ª coleta ainda era solteira e iria casar no mês seguinte ao nascimento do bebê, Giovana, sua primeira filha. Conhecia o pai da criança há sete anos. Tinha 2º grau completo e trabalhava em instituições hospitalares. O marido, Ivan, trabalhava no comércio, tem 2º grau completo e é dez anos mais velho que Lina.

A gravidez foi inesperada. Acha que Ivan recebeu a notícia melhor, ela ficou deprimida. Apesar disso disse que a gravidez era desejada. Não tinha preferência pelo sexo do bebê e o marido tinha certeza de que era menina. Já haviam escolhido nomes para menino e menina em comum acordo.

Sobre a gravidez Lina relatou que sentia-se privilegiada pois só no início tinha um pouco de náuseas, dependendo do cheiro de alguma comida. Tinha muita preocupação com peso e um pouco de hipertensão (tomava medicamento). Até os 8 meses estava tudo bem apesar do cansaço e um pouco de cãimbras. Pretendia sim ter mais filhos desde que as condições fossem favoráveis.

Com relação à sua família de origem, Lina tem mãe e 3 irmãs. O pai era autônomo (pintura, eletricista) e havia falecido há 5 anos. Nesta época a mãe passou a trabalhar como copeira (salão) após morte do pai que. A irmã mais velha de Lina é a "tia do coração de Giovana" (sic). Com a mais nova o relacionamento é diferenciado porque ela é um pouco ciumenta. Lina conta que Giovana e esta irmã disputam tudo: atenção da avó, as coisas que querem ganhar. Conta que sua filha percebia esta tia mais como prima do que como tia. No entanto esta foi a que mais tomou conta de Giovana "até semana passada" (sic). Em relação à sua família disse ter "desentendimentos comuns" (sic).

Com os pais e irmãs o relacionamento é bom em todos os sentidos. Se entitula "meio mãe" em casa pois sempre trabalhou desde 16 anos. Quando o pai faleceu ficou com sensação de responsabilidade. A mãe sempre foi muito rigorosa, "não é de muito papo, o pai sim era mais carinhoso, sempre fui mais apegada ao pai" (sic).

Já o marido tem mais 6 irmãos. Uma das irmãs foi quem cuidou muito da Giovana. Ela tem uma filha de 7 anos que é "parceria"(sic) de Giovana. Todos moram perto e se dão bem.

Só não se vêm muito por causa dos horários. Quando Giovana tinha 2 anos o sogro faleceu. Foi difícil porque era centro da família ficou internado e mobilizou muito os filhos. Quando o pai morreu os filhos foram “cada um para um lado” (sic).

Com relação à possíveis mudanças nas relações familiares com a vinda da filha, Lina contou que bastante coisa mudou. Quando Giovana nasceu ainda morava na casa da mãe. A filha é a querida das tias. Com a mãe, como ela trabalha, se vêem pouco e sua filha vê mais a avó, mãe de Lina, do que ela própria.

Com o marido Lina se dá muito bem, apesar de pequenas discussões, desentendimentos que são resolvidos na hora. Define que se sentem responsáveis um pelo outro.

Assim como pretendia, Lina voltou a trabalhar 5 meses após o nascimento de Giovana (licença mais férias). No começo disse ter sido meio conturbado. O bebê ficava na creche do hospital. Lina contou muito sentida que no setor que trabalha a jornada é de 6 horas contínuas e isto a atrapalhava na hora das mamadas. O bebê chorava muito, estranhava, perdeu peso e Lina não tinha carro, trabalhava preocupada. Na época ficava muito dividida com a sobrecarga de serviço. Hoje em dia por ter mais estabilidade acredita que teria sido mais tranqüilo. Um mês após o nascimento de Giovana tiveram que comprar um carro o que fez a vida melhorar bastante.

4.4.2. Lina após o nascimento de Giovana e a relação mãe e filho da realidade

Fez cesárea um dia após o último encontro com a pesquisadora na 1ª coleta. Contou que o parto foi tranqüilo e a amamentação também. Mamou até 10 meses e parou por conta própria (bebê quando começou a tomar mamadeira parou de querer o peito).

Giovana usou mamadeira até 4 anos. Até hoje tem mamadeira em casa para casos de urgência como por exemplo não querer comer ou em dias em que almoça tarde: “se der toma, se não, não toma, não é viciada em mamadeira” (sic). Contou que Giovana tirou a chupeta com 4 anos e que no início foi sofrido, depois aceitou.

Quando Giovana tinha 10 meses tirou da creche do hospital porque o peso não aumentava (100 gramas/ mês). Os pediatras reclamavam porque cresceu e engordou proporcionalmente, mas sempre abaixo da linha média. Achava que a creche não tinha uma estrutura planejada para cuidar de crianças.

Quando Lina estava em dois empregos (ambos em hospitais) Giovana ficou muito sentida: chorava, não queria ir para escola, tinha dores de cabeça. Acabava ficando com a avó e tia (materna). Com 11 meses foi para creche que a cunhada de Lina trabalhava e até 4 anos

ficou lá. Ganhou muito peso e foi acompanhada bem de perto. Com esta cunhada Giovana tem um grande vínculo afetivo.

Depois acabou indo para a creche da USP e lá ficou 1 ano. Na época a creche era muito concorrida porque o auxílio creche era muito baixo mas como atualmente é melhor conta que as mães preferem pagar e colocar em uma creche perto da casa. Ficou esperando vaga e enquanto isto Giovana ficou 3 meses em uma escola particular próxima de casa. Acabou indo para a creche da USP e ficou 2006 e 2007 (creche central). No ano em que a segunda coleta foi realizada mudou de creche e tiveram que fazer toda adaptação da rotina da família (horários, conduções). Hoje em dia o pai leva e Giovana volta de perua e o vizinho a recebe até a mãe chegar (intervalo de 30 minutos).

Lina comentou que a estrutura do novo ensino fez Giovana sentir muito a perda dos amigos e da creche da USP. Por outro lado disse que foi também coincidente com o período em que Lina trabalhou em 2 empregos. Atualmente estuda em colégio particular do qual Giovana gosta e tem lá muitos amigos.

A mãe definiu Giovana como muito carinhosa, calma e companheira. Lina contou que Giovana é muito esperta, por exemplo segue suas orientações acerca de segurança e não abre a porta para ninguém quando está em casa sozinha. Lina às vezes vem o caminho todo voltando do serviço conversando com ela pelo telefone. Quando tem qualquer coisa para resolver, Lina apanha a filha e vão juntas. Está pensando que talvez tenham que colocar Giovana na perua escolar para melhorar os horários da família e passarem mais tempo juntos.

No referente às modificações na relação com o companheiro após a vinda de Giovana Lina disse: “muda muito, bastante. É difícil explicar o quanto muda. Ele é um pai perfeito faz tudo por ela e Giovana é apaixonada pelo pai. Até brincamos que eu sou o marido” (sic). Lina conta que desde as primeiras palavras Giovana chamava no meio da noite pelo pai e ele ia vê-la “tem um cuidado de bibelô com ela” (sic). Lina e Ivan não chegaram a casar e foram morar junto quando a filha nasceu. Nunca tiveram uma “convivência juntos”(sic). “A novidade da casa, casamento e novidade do filho foi uma fase muito difícil para mim porque minha mãe sempre trabalhou e não podia ajudar. Passei quatro meses sozinha com o bebê. Final de semana meu marido precisava ajudar na reforma da casa do pai que já estava doente. Às vezes minhas irmãs vinham ajudar mas eu é que tinha que conduzir” (sic).

Quando ela nasceu Lina confirmou que o nome do bebê seria mesmo Giovana porque “tinha cara da Giovana” (sic). Lina se sentia muito sozinha pois a filha sempre dormiu bem a noite e durante o dia nada: “às vezes nem dava tempo de tomar banho, tinha que esperar meu

marido chegar, não conhecia vizinhos... perdi o chão, comecei do zero. Hoje pela experiência anterior, me sairia melhor" (sic).

O relacionamento de Lina com Giovana é bom, Lina disse que a filha é tranqüila, carinhosa, acata o que os pais falam. Não sabe se freqüentar a escola ajudou a ser uma criança que acata bem regras. Lina disse que é um pouco estressada e Giovana também e sendo assim "se bicam" (sic). Têm um relacionamento tão bom, tão seguro que pensa que é isso que a bloqueia de ter outro filho pois teme que não seja assim também. Relatou que Giovana não é "birrenta" (sic). Quando era bebê queria muito colo. Lembrou-se que as últimas palmadas que deu foi quando Giovana estava tirando as fraldas com 2 anos porque fez xixi no sofá "de propósito" (sic). Lina acha que Giovana, pelo convívio com os adultos, acabou amadurecendo "as idéias dela" (sic). Disse que a filha argumenta bem mas que se sentam, conversam e resolvem quando há problemas.

Por outro lado, como mãe Lina não considera que estava preparada para ser quando Giovana nasceu: "Ah, acho que não porque a gravidez não foi planejada, mas nunca tinha parado para pensar na vida da mãe. Queria ter filhos, mas, planejado. Sei que faço o melhor. Acho que sou uma mãe moderna não sou a mãe antiga que fica engomando, só cuidando dos filhos não sou uma mulher do lar, prefiro pagar para alguém fazer isto" (sic). Relata que tenta ser prática na hora de fazer as tarefas domésticas, faz o básico e saem muito, são muito companheiras. Lina resolve tudo na rua e na organização da casa, disse que procura fazer o melhor, fazer tudo em função de Giovana.

Às vezes chega até a falar para o marido que tem que fazer as coisas mais separada da filha, dedicar um pouco mais de tempo para si e para o casal. Mas só de uns tempos para cá é que tem sido possível. Eventualmente sai com marido e deixam Giovana com as irmãs de Lina: "não sou aquele modelo de mãe perfeita, não sou que nem minha mãe que era do lar. Nesta parte de mulher mais caseira meu marido, que é mais caseiro, sente até mais minha falta do que Giovana" (sic). Lina contou que quando quer comer alguma coisa diferente pede para a mãe fazer pois trabalha muito, inclusive aos domingos faz plantão.

Quando questionada acerca do que a filha representava para ela naquele momento da vida, Lina respondeu: "sabe, teve uma época da minha vida que eu não sei onde estava. Não curtia a gravidez, passei por ela mas não lembro o que vivi." (sic). Retoma o que foi perguntado e continua: "a razão da minha vida, assim é ela. Uma peça assim, minha estrutura é ela. Acho que tenho dois momentos de minha vida, antes e depois de Giovana. Coisa muito doida. Amor de mãe, amor incondicional. Algumas coisas só consegui entender na minha mãe depois que tive o primeiro filho" (sic). Lina fala da preocupação que uma mãe sente por

ocasião da adolescência e lembra esta fase de sua vida. Fala também que uma mãe se preocupa com doença, horário da perua escolar chegar, “essas coisas” (sic).

Lembrou pouco das entrevistas que realizou durante a gravidez. Disse lembrar dos desenhos, de ter que dizer o que estava vendo, lembra onde era o ambulatório.

Para saber o que Giovana precisa Lina disse que precisa pesquisar. Falou que a filha é muito calma, muito tranqüila mas ao mesmo tempo é muito calada. Contou que certa vez ia ter uma festa do dia das mães e a menina não queria participar da dança da escola – Lina acabou indo em um outro compromisso. Quando chegou a filha estava “amoada” (sic) com cara triste. Lina fica insistindo para saber o que a filha tem e às vezes fica até irritada e fala: “se você não tem nada desmancha esta cara” (sic).

Lina confessou que está com pouco de dificuldade de lidar com esta característica de Giovana e que a menina sempre fica com febre quando está na expectativa de alguma coisa, fica muito ansiosa. Quando estava trabalhando em dois empregos ficou morrendo de medo que Giovana entrasse em depressão e não soubesse lidar com uma depressão infantil. Conta que a filha só chorava na escola, dormia, fica com dor de cabeça. Disse que a menina é muito emotiva e que ela (mãe) tem dificuldade de diferenciar quando são os momentos ‘de pegar pesado” (sic) ou acolher a filha – “se deve dar duro” (sic) ou relevar; tem dificuldade de lidar com esta parte emocional: “não sei quando é chantagem emocional” (sic). Ela própria reconhecesse que tem dificuldade com o sua própria vida emocional: “dar apoio emocional para alguém eu sou uma negação” (sic).

Quanto ao desenvolvimento biopsicossocial de Giovana, Lina disse que a filha dorme bem, no quarto dela desde pequeninha. Às vezes em caso de doenças ou muito frio vai para a cama dos pais. É tímida enquanto não conhece as pessoas e o ambiente, depois se solta e conversa, brinca quando se sente à vontade. Com relação ao aspecto cognitivo Lina contou que a filha nunca teve dificuldade nenhuma, pois sempre teve muita ajuda da escola. Relata que a maior dificuldade dela foi no quesito alimentação. Falou que Giovana fica sem fome e perde peso com muita facilidade: “não come besteira e nem comida normal” (sic). Disse que não liga para comida, sempre deu trabalho para comer.

Nos cuidados com Giovana disse que gosta de fazer de tudo, principalmente de ajudá-la. Sua maior dificuldade está nos momentos em que a filha usa da “chantagem emocional” (sic). Também pelo fato de Giovana ser muito caseira Lina acha que demora muito para se aprontar para sair. Momentos em que para de comer ou que Giovana pede para tomar banho também são estressantes para Lina.

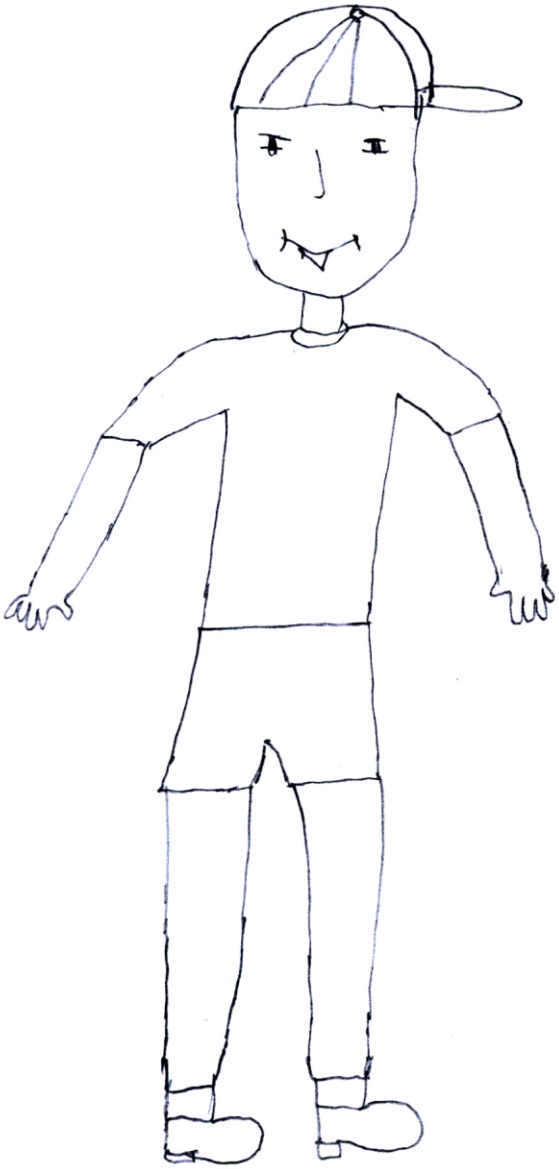
Quando questionado se Lina pretende ter mais filhos ela responde que talvez. Disse que tem vontade sim e que ainda tem um tempo, mas que está chegando um momento de decisão por conta dos 30 anos. Acredita que tenha que ter um filho em um momento que seja capaz de cuidar, e não só pelo fato de dar um irmão para Giovana. Tem um pouco de receio não sabe se por "problema emocional"(sic) ou se pelo fato do relacionamento dela com Ivan não estar muito bom. Contou que o marido nunca se posiciona a respeito. Seria como se tivesse que tomar a decisão sozinha e assim, tem medo de arrumar outro filho e arrumar um problema com o marido, tem que ser em um momento de certeza: "a não ser que fosse de surpresa, se não ficar pensando na estrutura emocional/financeira" (sic). Outra coisa que a preocupa é que engordou muito na gravidez da Giovana e que tem muita dificuldade em perder peso. Neste momento a pesquisadora pontua a diferença com relação à filha. Lina concorda e diz que Giovana tinha um padrão de beleza que é ser magra. Fica pensando se passou este "trauma" (sic) para a filha.

A pesquisadora sugeriu um atendimento psicológico e Lina comentou que no final do ano que passou tinha pensado em procurar. Por enquanto Lina para evitar nova gravidez usa preservativo e anteriormente usou D.I.U. por 4 anos mais ou menos.

4.4.3. Análise e interpretação do Desenho da Figura Humana

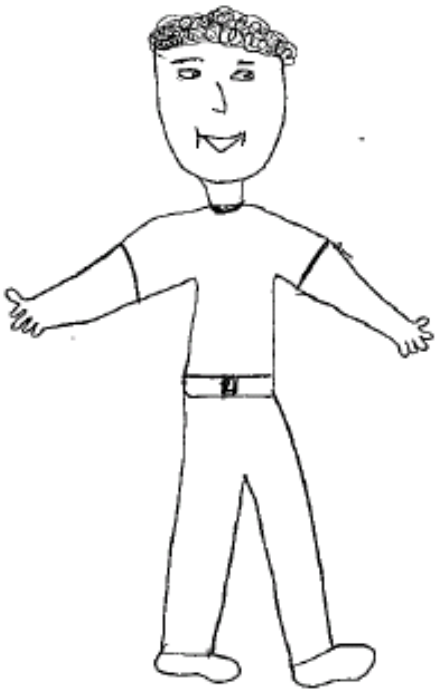
Lina – figura 1 - 2001

Lina – figura 2 – 2001



Lina – figura 1 -2008

Lina – figura 2 – 2008



As primeiras produções de Lina comparadas às da segunda coleta evidenciam foique as figuras “amadureceram”, deixaram de aparentar crianças e passaram a ter feições e vestimentas de adulto. Por outro lado, na primeira aplicação Lina demonstra materialismo, orientação para o concreto, sentimentos de insegurança, e inadequação (vide localização de seus desenhos na página) enquanto posteriormente os traços passaram ser representativos de passividade, inibição, reserva e fantasia. Demonstrou durante a gravidez preocupação com as modificações corporais e sentimentos de instabilidade e dependência.No segundo momento do tempo, houve reforço defensivo no que se refere à contenção dos impulsos assim como abertura e sensibilidade com relação ao meio e preocupação e interesse em se apresentar de forma aceitável.

No material resultante da primeira coletaia indícios de muita preocupação com o policiamento dos impulsos e controle rígido por parte de seu superego chegando a caracterizar moralismo. Na segunda coleta Lina oscilou entre momentos marcados pelo predomínio dos impulsoe e outros pelo predomínio do controle e racionalização da tensão, dos conflitos.

No que se refere à ansiedade, após o nascimento de Giovana surge preocupação com os próprios pensamentos o que de fato vai ao encontro do conteúdo manifesto na entrevista e inferido das histórias frente ao TAT: Lina tem passado por um processo de tranformação acerca dos seus sentimentos maternos e projetos de vida.

4.4.4. Análise do TAT

Data da aplicação:23/08/2001
Data da reaplicação:13/05/2008

Pch 1

TLI- 30” TT- 2’

Deixa eu ver... é o... aqui (risos) eu vejo um menino tá olhando para o violino, talvez triste, com uma cara triste. Pode ser que não é isso que ele quer, um presente que ele ganhou e... talvez estivesse esperando um outro tipo de presente e ... e acabou ganhando um violino que não agradou muito, né? talvez ele esteja pensando o que que ele vai fazer com o violino, se ele resolve gostar do violino ou falar que não gostou...

→ Título? – O presente

→ O que vai acontecer? Vai falar que não quer, que não gostou, não quer que preferia ter ganhado um outro presente que talvez estivesse esperando ganhar aquele outro

Pch 1

TLI- 5" TT- 1'50"

Bom título, vou começar pelo título (pausa) vai ser ... nossa, não vem..."O som do violino". Essa é historia de um menino que ganhou um violino e gostava muito de tocar, só que um dia ele chegou em casa e o violino dele tinha estourado uma corda, tava quebrada ai ele ficou muito triste porque ele não poderia mais praticar e triste também porque a mãe dele não poderia comprar uma corda do violino para ele, para poder concertar o violino para ele praticar. Uma tia dele, quando foi visitar ele na casa dele, desse menino, aí ela viu que ele tava muito triste e perguntou "por que tanta tristeza?" e ele falou que tava triste porque arrebentou a corda do violino e ele não poderia tocar e ele não conseguia viver sem o som do violino. A tia comovida com a história comprou a corda do violino pra ele e assim ele pode consertar o violino dele e tocar pra toda família ouvir.

→ Como era o relacionamento dele com mãe? Com a mãe tinha um bom relacionamento era um menino bonzinho, porém ele entendia que a mãe dele não ia ter condições de comprar a corda do violino pra ele naquele momento.

→ E com a tia? Ele gostava muito da tia, ele não pediria para ela comprar a corda do violino, mas a tia também por saber que ele é uma criança que merecia comprou pra ele.

Pch2

TLI- 15" TT- 2'

Bom esse daqui vejo uma menina que mora no campo, rural e com os livros na mão indo para a escola, né? para estudar e ela tá observando alguma coisa que está chamando a atenção dela e ela dá uma paradinha para olhar mas... como ela está olhando assim meio de frente mesmo não dá para saber o que que muito bem chamou a atenção dela né? acho que observando isso ela continua, ela continua ir para escola né? Título né? (...) A caminho da escola.

→ O que vai acontecer depois? se for algo interessante que ela viu ela vai chegar na escola e vai contar para alguém que ela observou aquele fato acontecendo no meio do caminho.

→ Como ela está se sentindo? Pela expressão dos olhos, curiosidade, como se tivesse curiosidade de ver o que estava acontecendo e parou para observar.

Pch2

TLI- 13” TT- 1’57”

O título desse desenho eu vou dar “A estudante”. Uma jovem estudante tava indo para escola com os cadernos na mão, porém ela tava um pouco triste porque ela tinha brigado com a mãe. Tanto que esse dia quando ela tava indo para a escola a mãe nem se despediu dela, ficou com um olhar assim meio distante como se tivesse ignorando a menina, isso fez ela ir para a escola muito triste. Eles moravam num sítio numa fazenda. Aí quando essa menina chegou da escola resolveu naquele dia ela resolveu conversar com a mãe, aí pediu desculpas pelas coisas erradas que ela havia feito. Aí a mãe voltou a falar com ela.

→ Qual o motivo da briga? Um namorado novo, que ela gostava e a mãe não gostava.

→ Como era o relacionamento dela com a mãe? Essa mãe tem a cara de uma severa, ditadora. Porém na ditadura dela sempre querendo o bem da filha.

Pch 4 **(história coletada apenas na reaplicação)**

TLI- 12” TT- 2’ 02”

Vou dar o título de... ai... título... o título pode ser o amor desprezado. A história de uma moça que gosta muito de um rapaz mas que não corresponde esse amor. E num momento que ela foi atrás dele ela encontrou ele com uma outra mulher. Porém ela gostava tanto dele que ela foi atrás dele e perdoava essa traição se ele resolvesse falar com ela. Ela parece ser uma moça muito submissa e tava disposta a passar por cima daquela traição para continuar com ele, mesmo sabendo que ele não gostava tanto dela assim.

→ O que vai acontecer depois? Ele vai fazer de novo. Ela vai ficar sempre na dependência desse relacionamento porque ela gosta dele, porém ele não vai dar o devido valor porque ele sabe que a qualquer momento ele vai ter ela ali do lado, independente do que ele faça. E vai demorar para por um limite.

→ E como é o relacionamento deles? Ela sempre submissa as vontades dele, ele gosta muito dela, mas é o jeito dele, o jeito que ela conheceu ele e ela vai ter escolher se vai ficar com ele assim ou não.

OBS: comenta que ouvir as coisas que estava falando a estavam fazendo pensar.

Pch 7 MF

TLI- 15” TT- 2’ 30”

Aqui uma menina com... ela tá com um olhar meio que de reprovação porque talvez a mãe dela está lhe dizendo. A mãe dela com um livro na mão, como se estivesse contando uma história para ela talvez que dê uma lição de moral por alguma coisa né? Ela tá que meio assim sem paciência de ouvir, né? Tá até com a boneca assim largada na mão, não está dando muita atenção pro que a mãe dela está falando, tá lendo no livro. Talvez ela esteja sentindo... ah, não sei não. Talvez um pouco ansiosa para sair dali logo quando a mãe dela parar de falar, né? E acho que o título pode ser “A lição”. Talvez ela tenha feito alguma coisa para a mãe dela para dá uma bronca, alguma coisa tá lendo, né? alguma historinha que tenha a ver com que ela fez, né? Como que chegando a alguma lição de moral, né só que ela tá reprovando... No futuro ela vai sair dali chateada, talvez não sei se ela vai dar muita importância pro que a mãe dela tava lendo. Talvez na hora de repetir aquele ato que fez, né? De levar uma bronca ela pode parar e pensar “não depois eu vou ouvir outro sermão”, outra historinha daquela.

→ Título? A lição

→ Como era o relacionamento dela com a mãe? Um bom relacionamento como toda criança.

Pch 7 MF

TLI- 14” TT- 2’ 03”

Essa história pode se chamar “A menina que não gostava de história”. Era uma vez uma menina que a mãe sempre lia pra ela porque queria que ela fosse uma criança que gostasse da leitura. A mãe queria que a filha fosse professora, então ela sempre dizia que ler é bom. Mas a menina não gostava de ler, então a mãe todos os dias fazia o momento da leitura, pegava o livro e contava uma história pra ela. A menina ficava olhando assim pra bem longe como se nem tivesse ouvindo que a mãe estava perto, com uma cara muito infeliz porque ela estava fazendo uma coisa que não gostava. E a mãe praticamente obrigava ela escutar a história. Então para agradar a mãe, para não arrumar encrenca ela ficava ali ouvindo, mesmo que ela não estava entendendo, mas todos os dias no mesmo horário, ela ficava ali ouvindo a mãe contar história.

→ Como era a relação da mãe com a filha? Um relacionamento bom a mãe só queria um futuro bom para a filha, mas por ela ser muito novinha de idade não entendia que a mãe só tava fazendo isso para o bem dela.

→ O que é isso aqui? A criança sempre tava com um brinquedo na mão. Uma boneca, ela é muito novinha, então ela quer brincar, não quer pensar no futuro dela agora, pensar em ser professora, pensar em estudar. As histórias que ela queria no dia a dia dela é a que ela podia inventar com sua boneca e não ficar ouvindo história de aprendizado, de lição, literatura, alguma coisa intelectual assim. Ela queria curtir um pouco mais a parte de infância.

Pch 8 MF

TLI- 5” TT- 3’30”

Aqui tem uma mulher pensativa.... (...) pensando em alguma coisa, pensando da vida mas... ela não tem um olhar de que esteja pensando assim num assunto específico, né? só olhando assim para longe como se tivesse esperando alguma coisa, alguém, e nesse intervalo fez seu pensamento dar uma fugidinha né? Ficou pensando em algo ou várias coisas. Aqui no futuro acho que vai dar, a pessoa que estiver esperando pode chegar e ela vai se levantar da cadeira porque a posição dela tá sentada aqui...

→ Título? O encontro

→ Sentindo? O que ela tá sentindo?... não sei dizer... tá difícil... ah não sei a ansiedade de estar esperando alguém, né? Ela tá sentada ali, esperando com o olhar longe, né? Tá demorando... De pressa pra essa pessoa chegar logo e ela tá ali sentada esperando, está demorando e ela está ali sentada com o olhar longe, né de pressa para alguém chegar logo.

Pch 8 MF

TLI- 3” TT- 1’24”

Essa outra história, o título é “a mulher sonhadora”. É a história de uma mulher madura, porém que passava muito tempo da vida dela sonhando, sonhando, pensando, fazendo plano, como poderia ter sido feita sua vida, fazendo reflexões da vida dela e por vários momentos, várias vezes na vida ela se pegava com a mão no queixo, olhando para o horizonte, pensando na vida, o que ela poderia fazer para mudar para ser feliz. E acho que ela tinha um pouco de dificuldade de por em prática os planos dela.

→ O que você acha que vai acontecer depois? O que vai acontecer é que ela tem que ser um pouco mais realista no que ela tá pensando na hora de planejar o que ela pode fazer no futuro para ser feliz, um pouco mais realista para poder conseguir colocar em prática porque não adianta ficar só pensando, só planejando coisas que não se pode alcançar além do limite.

Pch 16

TLI- 10” TT- 2’

É bem diferente (risos)... (...) Deixa eu pensar um pouquinho. Eu posso estar... Não precisa ser uma coisa que pode... (abstrato). Pode ser um ... fato real. Várias pessoas ansiosas com a chegada de um bebê... que vem vindo e que a data já está chegando próximo e... sentem-se felizes, né? Com a criança que vai chegar, que vai mudar a vida da maioria dessas pessoas... mudar para melhor. Essa criança que está sendo esperada e que vai ser bem vinda, amada, e no futuro... ah, no futuro acho que essas pessoas vão fazer de tudo por essa criança né? Acho que vai ser... uma vida confortável, uma vida boa uma vida feliz, fazendo de tudo, contribuindo com tudo o que ela possa precisar, né?

→ Título? A família feliz

Pch 16

TLI- 7” TT- 2’36”

Nessa imagem? Eu vejo uma mulher madura, decidida, porém um pouco confusa. Ela tá no trabalho, num ambiente de trabalho conversando com as amigas. O nome dessa história (pausa), “A grande mudança”. É a história de uma mulher que tomou uma decisão de mudar um pouco sua vida que tava numa rotina de vida que a deixava infeliz, mas agora com a maturidade do tempo, da idade ta traçando outros planos. Vai mudar a vida profissional, investir nos estudos em busca de mudança.

→ E como era o relacionamento dela com as amigas? Um relacionamento bom, se relacionavam bem, amigas confidentes e que apoiavam ela nas decisões que ela tinha que tomar.

→ Qual o motivo da confusão? Buscar uma nova oportunidade, ou não, medo de largar o certo pelo duvidoso, a vontade de ter uma mudança, porém o medo de largar o concreto para ir buscar uma outra atividade profissional que de repente não vai dar certo.

→ E o que vai acontecer depois? Que se ela não fizer essa mudança pode ser uma pessoa frustrada depois por não ter tido coragem de ir atrás dessa mudança.

QUAL PRANCHA MAIS GOSTOU? POR QUÊ?

2002 – 16 - A última por parecer com meu momento.

2008 – 7MF- A da menina com a boneca que a mãe obrigava ela ouvir história e estudar, e ela não queria..queria continuar ser criança, e brincar com brincadeira de criança e boneca

ainda. Gostei mais dessa porque eu consegui no meu ver retratar um pouquinho mais o que eu tava vendo.

QUAL PRANCHA MENOS GOSTOU? POR QUÊ?
2002 – 1 - A do menino porque ele parecia triste.
2008 - 16 - Acho que dessa última. Porque é difícil a gente associar, imaginar uma imagem e relatar o que tá acontecendo nela, tava meio perdida na hora, de contar a história.

4.4.4.1. Interpretação das pranchas

Prancha 1

No material resultante da primeira coleta Lina se contém mas não consegue dominar a ansiedade frente ao dever. Tenta se esquivar da resolução do conflito marcante entre o princípio do prazer (fazer o que gosta) e o de realidade (não poder fazer o que gosta) mas acaba por enfrentar o problema com o auxílio do isolamento afetivo. Não se pode deixar de fazer alusão à gravidez e a quanto Lina estava em dúvida acerca do que esperava por ela com a vinda do bebê.

Já por ocasião da segunda coleta, Lina apresentou boa estrutura egóica para lidar com a ansiedade despertada pelo tema das relações com as figuras e autoridade. Apresenta história bem estruturada e consegue elaborar o conflito entre passividade e necessidade de realização contando com ajuda externa. Respeita o socilamente aceito e age a seu favor, o que não foi possível no primeiro momento da coleta de dados no que se refere à esta prancha.

Também na segunda coleta, há referência às relações familiares e há menção à uma figura materna ora idealizada e afetuosa e ora impotente, o que faz pensar que Lina talvez esteja enfrentando este processo de se apropriar do lugar que ocupa na relação com a filha porém, para tanto, tem se deparado com a figura materna internalizada da relação com a própria mãe e percebido que terá que fazer de um jeito um pouco diferente, terá de se a ver com os afetos para solucionar efetivamente a problemática que envolve ajudar a figura filial.

Parece que de certa forma Lina conseguiu extrair prazer da relação com a filha e tem aprendido junto com ela a lidar com seus sentimentos ainda que, por enquanto, precise de ajuda.

Prancha 2

Na primeira coleta observou-se bom funcionamento defensivo no controle da ansiedade apesar de ter havido negação seguida de racionalização frente ao tema da sexualidade.

Fica claro o conflito entre razão e emoção e o domínio dos afetos pela razão. No enatnto, aparece a curiosidade acerca do assunto, como se no fundo Lina demonstrasse interesse de entar em contato com a questão da sexualidade apesar de perceber ser algo difícil de fazer.

No segundo momento da coleta, os afetos já estão em cena porém ainda cercados por muitas defesas, tais como a volta do impulso agressivo contra o próprio ego e a racionalização. A relação com a temática da maternidade se apresentou conflituosa em comparação com a aplicação anterior na qual nem aparece. Na segunda coleta há desfecho para a conflitiva porém não é apresentada solução efetiva mas sim uma formação de compromisso com base em justificativas racionais.

Prancha 4

Bom domínio da ansiedade despertada pela temática dos relacionamentos heterossexuais, o que demonstra também boa capacidade de adaptação à situações novas. A relação com o sexo oposto é caracterizada como fonte de sofrimento e angústia mas há percepção de que pode haver saída ainda que para esta seja preciso contar com a passagem do tempo.

À figura feminina, com a qual se identifica, são atribuídas características de passividade e submissão o que por sua vez também é fonte de sofrimento. A figura masculina é percebida ora como hostil e enganadora ora como afetiva, o que impõe um impasse entre satisfazer sua necessidade de afiliação emocional e a de autonomia.

Apesar do comentário que deixa claro que Lina se identificou com a problemática da prancha, não houve perda de distância construtiva e Lina pode estruturar bem seu relato sem a interferência de comentários e referências pessoais.

Prancha 7MF

Após análise da Prancha 7MF percebe-se que Lina tem se questionado acerca de seu próprio referencial materno. Ambas as histórias trazem uma percepção de que para além da razão havia algo importante que estava sendo deixado de lado e soma-se a isto alguns

momentos em que claramente aparece o isolamenteo afetivo que aponta para o temor de Lina em entar em contato com seus sentimentos, o que resulta em ansiedade.

Mais uma vez, assim como surgiu no segundo momento do tempo ao longo da aplicação da Prancha 2, Lina demonstrou estar questionando o modelo de figura materna internalizado o que é inferido pela forma como entrou em contato com o conflito evocado pela prancha e conseguiu propor solução a seu favor e partindo do que é socialmente aceito. Houve controle racional, o que corrobora com o encontrado na análise do DFH, também da primeira aplicação. Ao longo da história houve bom funcionamento egóico, apesar de em alguns momentos ter havido manifestação de ansiedade rapidamente controlada.

No segundo momento do tempo (segunda coleta) o questionamento fica ainda mais claro e a solução para o conflito evocado (deferência *versus* autonomia) é ainda mais eficaz. Há percepção clara dos papéis da mãe e da filha, o que implica em necessidade de submissão por parte da filha. Pensa-se que Lina tem podido aprender a ser mãe com a filha Giovana e recriar a imagem da mãe idealizada que trouxe da infância (na entrevista relata: "não sou aquele modelo de mãe perfeita, não sou que nem minha mãe que era do lar").

Apresentou bom controle da ansiedade ainda que tenha se utilizado menos da racionalização. Ressalta-se que nesta hsitória Lina consegue entrar em contato com que sente sem se assustar e ela própria percebe a diferença entre razão e emoção. Outro ponto importante é a percepção de Lina de que pode haver discordância entre o que a mãe e filha pensam sem haver medo de rompimento desta relação como ocorreu na história frente à Prancha 2 aplicada na primeira coleta.

Na resposta à última pergunta do inquérito Lina demonstra vontade de viver uma história nova com a filha: "As histórias que ela queria no dia a dia dela é a que ela podia inventar com sua boneca e não ficar ouvindo história de aprendizado, de lição, literatura, alguma coisa intelectual assim. Ela queria curtir um pouco mais a parte de infância" (sic). Tal hipótese se fortalece se for levada em conta a resposta acerca de qual história gostou mais nesta segunda aplicação: "a da menina com a boneca que a mãe obrigava ela ouvir história e estudar, e ela não queria..queria continuar ser criança, e brincar com brincadeira de criança e boneca ainda. Gostei mais dessa porque eu consegui no meu ver retratar um pouquinho mais o que eu tava vendo." (sic). Tal afirmação dá margem para se pensar o quanto Lina estava tendo a percepção do processo que vinha vivendo.

Prancha 8 MF

Na primeira coleta houve boa estruturação da história resultante do controle da ansiedade frente aos conflitos atuais e conteúdos de devaneios. Houve atuação do mecanismo de negação que aparece para dar conta de distanciar Lina do contato com conteúdos ansiógenos, provavelmente relacionados aos sentimentos decorrentes do não saber sobre a maternidade. Pensa-se que existem muitas passagens, tanto da história quanto do inquérito que fazem alusão à gravidez e à chegada do bebê tais como " como se tivesse esperando alguma coisa, alguém", "a pessoa que está esperando pode chegar" ou "ansiedade de estar esperando alguém".

Na segunda coletao "pensando e esperando" marcados por passividade e isolamento afetivo dão lugar ao "sonhando e realizando" e há, tanto uma postura mais ativa na resolução dos conflitos quanto afetividade. Lina faz referência à uma mulher madura, a qual pensa-se ser ela própria após o nascimento de Giovana, mais realista e que idealiza menos, postura bastante diferente da encontrada na história contada na primeira coleta frente à Prancha 1.

Prancha 16

No primeiro momento do tempo (primeira coleta) houve manifestação de ansiedade e reforço defensivo seguido de melhora na qualidade do relato o que indica que Lina esteve refletindo acerca de sua produção o que possibilitou uma retomada de controle sobre a situação. A história é auto-biográfica e confirma a hipótese levantada em decorrência da análise da Prancha 8MF: ansiedade frente à gravidez e à chegada do bebê, além de insegurança quanto às mudanças que estariam pela frente. História marcada por forte componente afetivo e bem estruturada.

No material resultante da segunda coleta teve-se novamente uma história auto-biográfica porém atualizada no tempo e no espaço no que se refere ao contexto da vida de Lina: volta a fazer referência à maturidade mas ainda se mostra confusa com relação aos seus papéis. Assim como na Prancha 2, a solução para o conflito entre a necessidade de realização e o medo do fracasso é obtida com ajuda externa. Tal percepção de que pode contar com auxílio do meio também aparece durante a entrevista quando Lina disse que chegou a pensar em procurar um psicólogo.

Nesta última história Lina apresenta o mecanismos de sublimação como alternativa ao de negação dos afetos, o que indica uma boa evolução com relação ao destino que vinha dando à sua vida afetiva. Observou-se ainda que inconscientemente Lina parece ter podido

contemplar nesta história a questão do conflito conjugal o qual aparece de forma muito discreta durante a entrevista. Consegue também visualizar uma saída para o mesmo.

4.4.5. Movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho

A posição psíquica de mãe

Lina demonstra boa capacidade de adaptação à situações novas e nisto se inclui a adaptação frente à maternidade. No material de Lina observou-se claramente que conforme aponta a literatura (Cimenti, 1998; Cranley, 1993; De Felice, 2004; Herzberg, 1986, 1993) suas primeiras vivências acerca da maternidade que ocorreram já durante a gravidez foram preditivos da maneira como ela vem desempenhando seu papel materno, a saber, muito cuidadosa e portanto apreensiva e exigente o que acaba a tornando insegura quanto ao que considera uma boa maternagem. No entanto foi notado também que para Lina a maternidade parece que tem funcionado como uma experiência emocional terapêutica e corretiva, permitindo a reformulação parcial de antigos conflitos com relação à sua própria mãe e ao conceito bastante idealizado do que é a maternagem.

Lina relatou que inicialmente havia ficado deprimida frente à notícia da gravidez no entanto ao longo do tempo estabeleceu uma relação tão próxima com a filha que chega a ter "receio" de ter outro filho porque diz que tem um relacionamento muito bom e seguro com Giovana.

Considerava que não estava preparada para ser mãe quando Giovana nasceu e relacionava isto ao fato da gravidez não ter sido planejada. Se diz uma mãe moderna que não fica engomando e sim senta, conversa e resolve os problemas. Por outro lado culpa-se por trabalhar muito e trás internalizado um modelo de mãe ideal "não sou aquele modelo de mãe perfeita, não sou que nem minha mãe que era do lar" (sic). Conta que procura fazer o melhor que pode e tem Giovana como uma grande companheira. Tem consciência, inclusive, que precisa fazer as coisas mais "separada" (sic) da filha e dedicar um pouco mais de tempo para si e para o casal.

Parece que Lina teve um pouco de dificuldade em adentrar no papel de mãe por conta de um ideal de mãe muito alto além de fantasias de que se tivesse casado e planejado a gravidez teria mais facilidade com a nova vida. O fato é que Lina, em alguns momentos se identifica muito com a posição de filha, posição da qual tem procurado sair (vide desenhos da primeira aplicação em comparação com os da segunda e vide o relato de que está conseguindo deixar a filha para cuidar mais de si e da realação com o marido).

Chama a atenção quando Lina fala que não sabe onde estava que parece que passou pela gravidez mas não a viveu. Tal percepção de Lina se torna observável no escasso material acerca dos aspectos referentes à gravidez que pode ser coletado na primeira fase da pesquisa.

Já no segundo momento do tempo Lina aponta a diferença que sente entre sua vida antes e depois do nascimento de Giovana, a qual ela localiza ser a razão da vida dela. Nota-se aí, provavelmente a denúncia do desejo que Lina já trazia consigo e que resultou na gravidez "inesperada e não planejada, apesar de desejada" (sic). Caracteriza como "doida" a mudança no funcionamento na vida dela após o nascimento de Giovana. Como aponta Winnicott (1982/1964), há uma transformação na vida da mulher após a concepção de um filho, sendo este uma carga de trabalho e um entrave tolerável, caso tenham sido desejados. É este diferencial de ter sido o bebê desejado que permite que a mulher assuma a Preocupação Materna Primária, estado que Lina conseguiu desenvolver em relação à Giovana e que ainda segundo Winnicott (1982/1964) pode ser comparada a um estado de dissociação, uma espécie de loucura a qual Lina faz referência.

Além disso aparece também o que Spitz (2004/1979) aponta como "vínculos afetivos extraordinariamente poderosos" (Spitz, 2004/1979, p.128). Lina fala que sente um amor incondicional pela filha, amor este que se utiliza como sinônimo de amor de mãe.

Para saber o que Giovana precisa Lina diz que é preciso pesquisar, ou seja, esta fala supõe que ela não saiba tudo a respeito da filha que é percebida então como alguém diferente dela "muito calma, muito sossegada mas também muito calada" (sic). Lina ao definir a própria mãe disse que esta era alguém que não era "de muito papo" (sic), caracaterística que provavelmente também marcou Lina em sua condição materna.

Suposição do sujeito

Lina supõe que Giovana tenha parado de mamar "quando quis" (sic), o que dá indícios de que há desde que Giovana é bem pequena uma percepção de que há na filha um sujeito que quer e demanda coisas às quais ela tenta responder satisfazendo.

Por mais que haja um traço projetivo na fala de Lina quando afirma que acredita que a filha tenha ficado sentida quando ela trabalhou em dois lugares, há também aí uma certa capacidade empática importante na relação mãe e filho. Além disso, Lina supõe que Giovana tenha sentimentos que lhe são próprios quando relatou que foi sofrido para a filha quando esta largou a chupeta. Supôs que a filha tenha feito xixi no sofá "de propósito".

Ao ser questionada sobre dificuldades na relação com Giovana, Lina afirma que não sabe lidar com as características emocionais da menina, com o fato de ser calada e

introspectiva. Disse ser pega pela “chantagem emocional” e não consegue diferenciar muito bem os momentos de pegar pesado ou de acolher a filha – se deve dar duro ou relevar as coisas que a filha faz ou deixa de fazer.

Aspectos do desenvolvimento do filho da realidade e da relação mãe e filho

A preocupação com relação ao peso de Giovana se manteve em Lina até que a filha completasse 10 meses, idade na qual ocorreu o desmame. Pensa-se que talvez haja nesta preocupação de Lina uma certa projeção em Giovana que acaba por atualizar na filha a questão do corpo da mãe – Lina se preocupa com o peso e é a filha que não come. A questão da comida parece estar intrínsicamente relacionada à ansiedade que tanto mãe quanto filha sentem. Em Lina provavelmente esta ansiedade decorra da conflitiva entre ter que fazer e não sentir-se capaz ou não saber bem porque (Lina costuma isolar o afeto correspondente aos eventos), o que faz com que os objetivos fiquem extremamente idealizados e portanto praticamente inatingíveis fazendo surgir em Lina o sentimento de impotência. A comida teria a função, inconscientemente, de preencher o vazio que muitas vezes Lina sente.

Esta dinâmica é resultante de um superego bastante rígido, o que aparece na caracterização de sua própria mãe e na maneira como descreve Giovana: “ boa filha, tranqüila, carinhosa e que acata o que os pais falam” (sic).

Talvez haja aí uma possível relação entre a dificuldade de Lina em saber identificar o que a filha precisa e sua capacidade de nomear sentimentos e “o mundo em pequenas doses” para Giovana, havendo nesta dinâmica um movimento de recíprocas influências. Lina cometou que às vezes não consegue saber o que a filha pensa/sente porque esta não conta e com isto Lina se irrita apesar de provavelmente haver neste interjogo algo da relação que não permite que a comunicação entre elas seja efetiva. Outro ponto que indica que há um percalço neste processo de nomeação é que, segundo relato da mãe, Giovana responde em muitos momentos com seu corpo, fazendo, por exemplo xixi no sofá, tem febre, fica muito ansiosa e não come ou ainda nos momentos em que apresenta dores de cabeça quando se separa da mãe.

Lina por sua vez teve medo de que a filha entrasse em depressão quando ela estava trabalhando em dois empregos mas ela própria reconhece que tem dificuldades de entar em contato com seus aspectos emocionais e consequentemente também com os da filha. Fica confusa. Talvez este sentimento de confusão e a projeção na filha de algo que a própria Lina temia em relação a si mesmo estejam de acordo com o que aponta Maldonado (2000) acerca das mulheres, principalmente as que trabalham fora e contribuem financeiramente no orçamento familiar, que ao se perceberem proporcionando aos filhos não só privações reais

mas também afetivas se deparam com um aumento de tensão que acarreta uma intensificação de ambivalência e regressão em seu psicodinamismo.

Relações na família e aspectos sócio-culturais

Lina mantém uma relação muito próxima com as irmãs, com quem deixa Giovana e saí despreocupada. As irmãs ajudaram quando Giovana nasceu e uma das irmãs tomou conta dela para Lina trabalhar até bem recentemente.

Já com relação à vida conjugal Lina parece confundir um pouco os papéis de mãe com os de filha e esposa: conta que quando o pai morreu passou a sentir-se "meio mãe", acredita que como mulher do lar deixa muito a desejar ao seu marido (quem considera como caseiro) já que tem como ideal materno a mulher do lar que sua mãe foi e que ela não é. No entanto, ela própria se define como uma mãe moderna.

Mais um indício da dificuldade de Lina com relação aos afetos é que somente ao final da entrevista consegue falar da questão de não estar em uma boa fase com o marido.

Poucas foram as menções de Lina às amizades.

4.5. Caso 5 – Jace e José – Quando o filho imaginário nasce na realidade

Último encontro na pesquisa inicial (1ª coleta): 06/09/02

Encontros na nova coleta: 03 e 17/08/06

Local do encontro: Hospital Universitário

4.5.1. Recortes da história de vida da mãe e o filho imaginário

Jace, 33 anos, casada, estava no início da gravidez de seu segundo filho por ocasião do primeiro contato com a pesquisadora. Já estava há 12 anos em São Paulo: "vim do nada" (sic). Vieram do interior, "um por um" (sic) de sua família, e após um tempo todos estavam morando em São Paulo, morando perto uns dos outros e gostando do lugar.

Casada há 11 anos por ocasião do segundo contato, já se conheciam há 12: "dei uma canseira nele e ele insistiu. Eu tinha namorado na minha cidade e tinha a intenção de voltar" (sic). Comenta que Mauro é uma pessoa muito boa, "maravilhosa" (sic). No interior o namorado tinha um filho e assim Jace achava que ele "não prestava" (sic). Hoje em dia considera Mauro um "pai maravilhoso" (sic). Mauro trabalha em uma empresa.

Jace possui 2º grau completo e trabalha em uma função admisntrativa da qual já gostou mais. Estava fazendo o curso de enfermagem pois acha o trabalho administrativo muito estressante porque precisa trabalhar sábado e domingo. Trancou o curso pois vai precisar terminar à noite. Gostaria de tentar trabalhar nessa área (saúde). O marido apóia, dá força para tudo: tirar carta, fazer o curso.

Quando José nasceu Jace já era mãe de Beth que na época tinha 3 anos. Por ocasião da segunda coleta José estava com 3 anos e 7 meses de idade e Beth 7 anos.

Jace é a penúltima filha de uma família de 11 irmãos. Como é muito independente não gosta se ser "paparicada" (sic). Todo mundo acha que ela é caçulinha porque é muito dengosa. É a preferida do pai com o qual é "muito grudada até hoje" (sic). Relata que o pai faz tudo que ela quer. A irmã mais nova brinca com Jace dizendo que ela queria ser a caçula. Trabalhava com o pai na venda de feijão e isso os aproximou muito. No entanto, o pai não é de diálogo. Já a mãe é de conversar mais. Do pai sentia carinho apesar deste não demonstrar muito. O pai faleceu (enfarto) há mais ou menos 12 anos. A mãe era muito dependente e agora está começando "a se soltar" (sic).

Com a mãe nunca teve muito diálogo. Sobre a primeira menstruação por exemplo ela comentava mas as informações mais precisas vieram mesmo da leitura de revistas. Sobre os relacionamentos, Jace comentou que não era muito namoradeira. O que durou mais foi o último relacionamento que teve antes do Mauro.

Quanto à maneira que percebia o relacionamento dos pais, Jace disse que após 54 anos de casados os pais continuavam a manter um relacionamento bom. Ela e os irmãos se preocupavam muito com o pai e com a mãe. Sabe que a mãe gostava de outra pessoa quando se casou com seu pai. A mãe até hoje é assim, diz para Jace que não se casa com quem se gosta. Ao ser perguntada sobre o que pensava desta "teoria" Jace responde: "talvez não seja com todo mundo, porque a partir do momento que você casa é porque você gosta." (sic)

No que tange ao aspecto relacional, Jace disse que com os irmãos a relação é boa e com afamília do marido se dá bem. Mauro tem apenas um irmão mais novo. Em sua percepção a sogra é muito mais próxima do marido dela (sogro de Jace) do que sua mãe era de seu pai. Exemplifica contando que a sograão vai para o interior sem o marido. Jace percebe a relação deles como muito próxima. Atualmente a mãe de Mauro não tem ficado muito com a Beth porque está estudando. Jace diz que a sogra é como uma mãe para ela apesar de não morar perto. Relatou que a família do marido é pequenase comparada à sua. Em sua opinião o marido é muito paparicado pelo pai, figura adorada por ambos os filhos.

No que se refere à saúde em geral, na família de Jace a saúde é boa e na do marido não. Com relação à Jace, contou que a ginecologista está detectando novamente diabetes alta e terá que refazer uns exames. Ao final da gravidez de José Jace apresentou diabetes. Sua mãe e avó têm diabetes e o pai havia recentemente descoberto que também tinha antes de falecer.

No que se refere à vida conjugal, Jace a define como muito boa, de muita conversa. Se considera "meio agitadinha" (sic) e ele "é paciência" (sic). Na gravidez estava mais agitada, "já sou pavio curto" (sic). Considera sua relação muito segura. Atualmente põe as crianças para dormir e vão conversar.

No primeiro parto a bolsa estourou e fez cesárea. Passou muito bem tanto na gestação quanto no parto. Até o momento da entrevista por ocasião do 1ª coleta o parto de José se encaminhava para ser normal e às vezes Jace tinha receio de passar pelo parto natural. A segunda gravidez foi planejada (mas não sabia que estava grávida e pegava a filha no colo). Diante da notícia a filha Beth de 3 anos, até que aceitou bem. A irmã estava grávida e perdeu (o bebê não se desenvolveu) e Beth pediu irmãozinho. Beijou a barriga quando soube. A gravidez foi desejada. Com relação aos sintomas físicos/psicológicos, queixava-se de cansaço, mas tinha pouca azia. Dos enjôos já havia melhorado, porém sentia muito sono.

Em relação à preferência quanto ao sexo do bebê como José era o segundo filho e queria encerrar por aí, então Jace preferia menino "mas se vier com saúde, se vier menina vou tentar o terceiro" (sic). O bebê ainda não tinha nome se fosse menina mas se fosse menino ela já tinha escolhido.

Após o nascimento de José o marido fez vasectomia. Beth sugeriu o nome do irmão para o pai o qual aceitou e Jace concordou.

4.5.2. Jace após o nascimento de José e a relação mãe e filho da realidade

José foi com 9/10 meses para creche e ficava com a sogra antes disso (ficava na casa dela). A adaptação na creche demorou, José chorava muito "mais o problema era a mãe - não queria desgrudar dele" (sic).

O relacionamento entre Beth e José é marcado por muitas brigas "Beth é pirracenta, ela faz um pouco de chantagem e ele pede desculpa. Brigam mais se amam" (sic).

Antes do nascimento de José a relação de Jace com Beth era um pouco tensa pois a filha chorava muito e trocava o dia pela noite. Durante 3 meses só tomava leite materno sendo que não conseguia mamar direito (Jace tirava o leite). Aos 3 meses começou a tomar leite em pó e tinha dor de ouvido e cólicas. Jace afirma que Beth até hoje é ruim para comer. Quando

José nasceu a filha estava “na fase da teimosia, era muito independente, determinada e nervosinha”(sic). Falou que Beth era o “xodó do pai, mas gruda com a mãe quando ela chega!” (sic). Na hora de dormir a filha queria que ela contasse história inventada. Atualmente Jace diz: “Ela (Beth) é mais para o pai e o José para mim” (sic).

Sobre José ela refere que ele é mais calmo e que atribui a este fato ter aprendido muito com a experiência da primeira filha (trocava o dia pela noite, dormia na cama deles, era preguiçosa e fazia muita manha). Afirma que Beth já foi muito agitada e que hoje “cortou muitas manias” (sic).

Quanto ao impacto do nascimento de José na relação do casal diz que não teve muita alteração no casamento, e que Mauro queria muito um menino.

No referente ao que imaginava ser como mãe Jace comentou: “era assim que imaginava? Assim... talvez eu sou muito grudada, talvez eu deixe de fazer alguma coisa por conta deles, tipo o curso, mas eu gosto, sou muito apegada e poderia ser um pouco menos. Acho que sou assim porque gosto de ser mãe. Mesmo depois que crescerem acho que não vai mudar muita coisa (referindo-se à relação com o marido). Ele não fala que sou muito exagerada, talvez os dois sejam.” (sic).

No que diz respeito ao sexo do segundo filho ter sido homem ela sorriu e disse: “É melhor do que imaginava, é muito bom ser mãe de menino!” (sic). Relata que o pai também dá muita atenção para os filhos. As crianças são muito carinhosas “falam eu te amo” (sic).

Para saber o que José precisa Jace tenta conversar e conseguir que ele fale alguma coisa: “que foi José?” (sic). Antes quando ele era menorzinho era pelo choro “pela carinha deles acabamos sentindo e diferenciando” (sic). Quando questionada sobre o que esperava de José ela responde: “não tinha nenhuma expectativa assim formada, eu acho que cada um tem assim uma personalidade formada sei lá” (sic).

Os cuidados com José Jace dividia com a sogra. No que se refere ao desenvolvimento biopsicossocial dele, relatou que foi tudo dentro do esperado. Com 10 meses começou a andar mas, como caia muito parou e voltou a andar com 11. Comparada os dois filhos dizendo que Beth andou com11 meses, quase 1 ano. Quando perguntado sobre a alimentação de José Jace lembrou que Beth não gostava de comer. Lembrou também que José nem chupeta pegou e Beth chupou chupeta e usou “paninho” (sic).

Nos cuidados com José Jace disse que não havia nada de que menos gostasse de fazer: “Nada que incomode, gosto de fazer de tudo” (sic).

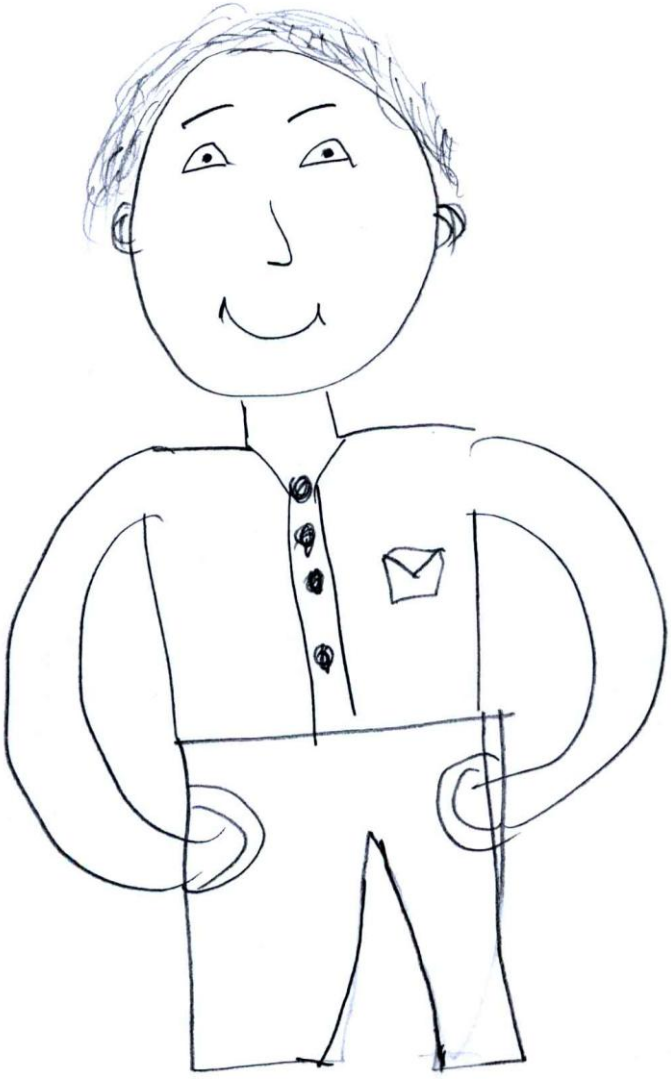
Jace relembra que não pretendia e não pretende ter mais filhos, no entanto havia dito em contato anterior que se o segundo filho viesse menina novamente e viesse com saúde, iria tentar um terceiro filho.

Da consulta ao prontuário foi verificado apenas que Jace após o nascimento de José freqüentou o hospital universitário para consultas de rotina, tanto ginecológicas quanto pediátricas.

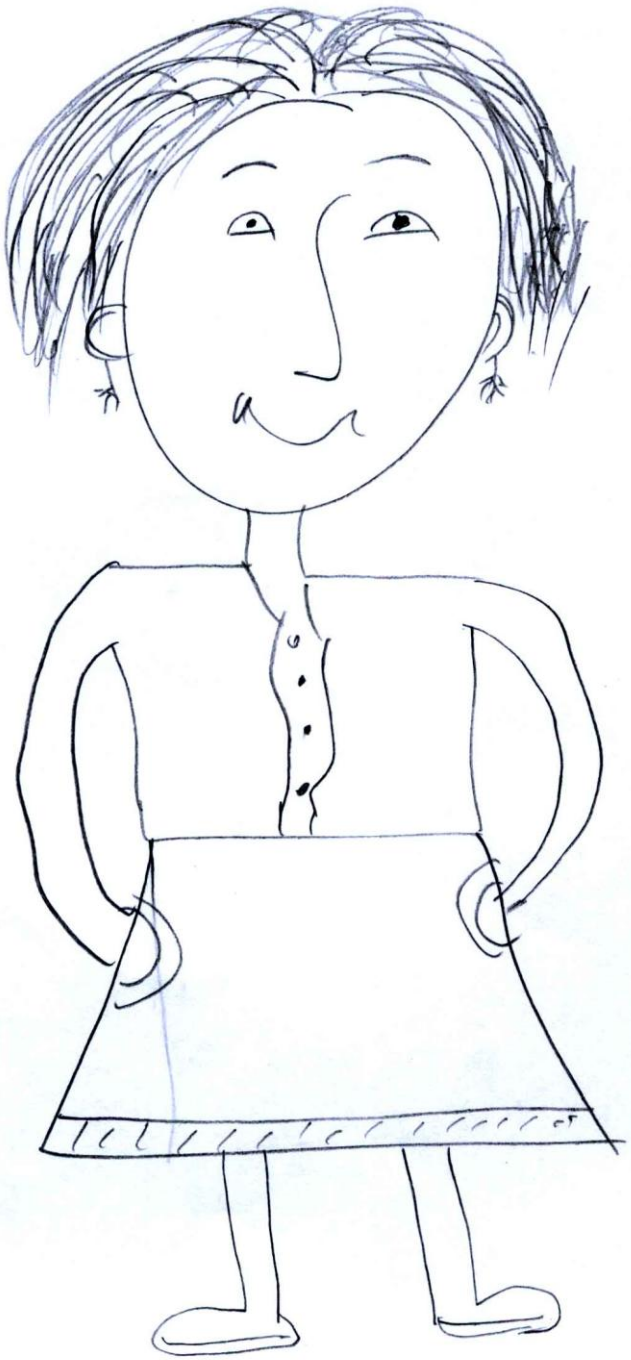
Quando do primeiro contato telefônico, após a pesquisadora se identificar a colaboradora contou que estava mesmo pensando, na noite anterior, no contato que havia tido há quatro anos atrás e, muito solicitamente e espontaneamente começou a contar detalhes do fim da gravidez (teve diabetes gestacional no sétimo mês, a qual regrediu após nascimento do bebê, não teve mais filhos pois formou um casal com o nascimento do segundo). Contou detalhes do nascimento do filho (José que estava com três anos) e de como estava sua vida atualmente (os filhos estavam na creche e escola na USP no período da tarde). Prontamente se colocou a disposição para colaborar. No primeiro contato do segundo momento do tempo mostrou foto de José e disse: “nunca desista dos seus sonhos” (sic). Um detalhe desse segundo momento do tempo é que a pesquisadora estava grávida de 8 meses de seu terceiro filho, uma menina.

4.5.3. Análise e interpretação do Desenho da Figura Humana

Jace – figura 1 - 2002

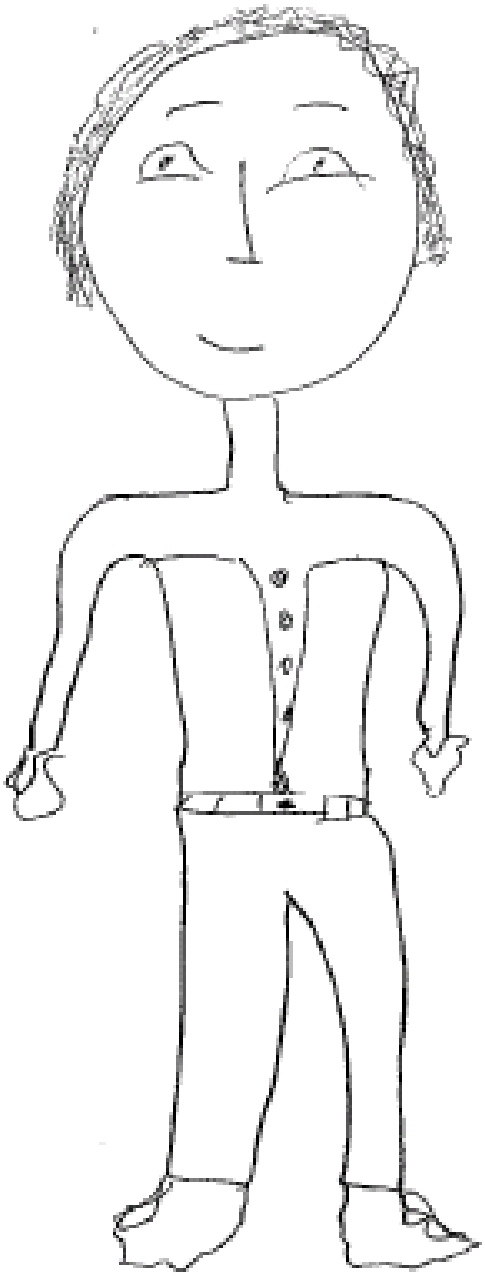


Jace – figura 2 – 2002



Jace – figura 1 -2006

Jace – figura 2 – 2006



Observou-se nas produções decorrentes da primeira coleta características de expansão, falta de controle, narcisismo e idéias de grandeza provavelmente decorrentes de defesa contra sentimentos de inadequação aspectos bastante condizentes com o período da gestação. Nesta ocasião Jace desenha a figura masculina em primeiro lugar apesar de menor e com menos detalhes do que a feminina e na segunda coletaesta situação se inverte: a masculina, desenhada em segundo lugar, passa a se apresentar maior e com mais detalhes. Ao lado disto, há na primeira aplicação percepção de certa necessidade de reafirmação de seu papel sexual feminino e também desejo de atrair.Em ambos os momentos do tempo Jace demonstrou-se uma pessoa segura, emotiva, que se auto-valoriza e centrada em si. Parece ser alguém que valoriza as funções sociais e ideacionais em detrimento do corpo e dos impulsos vitais o que atribui certo caráter regressivo aos seu funcionamento. Na associação que faz após realização da figura feminina durante a gravidez pode-se confirmar tal preocupação com a aparência e certo apego ao concreto como forma de se distanciar do que eventualmente lhe causa angústia: "(ai!...) não sei... isso aqui eu fiz como se fosse uma boneca. Ela tá posando para uma foto, a pose dela, não tá preocupada, não tá nada, tá tirando uma foto para documento, tá muito séria." (sic)

A região dos seios que recebeu ênfase durante a gravidez não apresentou representatividade na segunda coleta e a divisão do corpo em zonas foi mutio mais marcante também durante a gravidez o que dá lugar a um maior reforço defensivo nos desenhos após o nascimento de José.

A preocupação com o controle é característica também recorrente nos desenhos de Jace. Há momentos de atitudes superdefensivas, agressividade e crítica.

Durante a gravidez Jace apresenta necessidade de expandir seus horizontes mas sem sentir-se capaz (surgem sentimentos de constrição, falta de autonomia e castração), o que de certa forma se mantém em fase posterior quando aparece necessidade de ajustamento ao ambiente mas certa dificuldade pois permanecem os sentimentos de dependência. Há, nas duas ocasiões, justificativas racionais para tais aspectos terem marcado as produções de Jace, uma vez que a gravidez é uma crise normativa que demanda readaptações e ajustes tanto internos quanto em relação ao ambiente e às relações e a vinda de um segundo filho e toda responsabilidade inerente aos cuidados com as crianças são fatos que possivelmente têm funcionado como barreira contra a autonomia. Um exemplo disto é a tentativa de Jace de levar adiante o curso de enfermagem e não dar conta em função das atribuições como mãe.

Há nos desenhos de Jace alguns indícios de organicidade (tais como as pernas afastadas e o sombreamento na região do tórax) que podem estar relacionados à diabetes.

4.5.4. Análise do TAT

Data da aplicação: 06/09/2002

Data da reaplicação: 17/08/2006

Pch 1

TLI- 1’ 30” TT- 2’

Ele tá é com que? com um violão? Isso aqui é um violão gente... Eta! (risos) o cara está enrolado aqui não sei o que ele tá pensando, é... “Meu tipo de música pra o meu pai” eu tô vendo aqui que ele tá pensando, pensando ou tentando imitar, eu tô achando que é um violão, eu acho que é um violão, Como o pai dele gostava muito de música, e ouvia muita música quando menor, ele está tentando lembrar que música ele pode tocar aqui nesse violão para o seu pai. Eu acho que é isso (risos) já que tem que ter princípio, meio e fim, eu acho que eu estou vendo isso aqui, que ele tá pensando, isso aqui eu tô vendo um violão, que ele tá tentando lembrar na música pra tocar pro seu pai. Acredito, tá tudo bem?

→ Título? “Música para o meu pai” como o pai dele gostava muito de música, música para seu pai.

→Como você acha que é o relacionamento do menino com o pai? com o pai dele? Como ele tá tão pensativo, pra lembrar da música, acho que é bom.

→ Como você acha que ele está se sentindo?Eu acho que ele tá triste.

→E aí no final, ele vai,o que vai acontecer com ele? Ele tá tentando lembrar da música, eu acho que ele vai, que ele vai tocar uma música que ele gosta muito pra... pra ver se melhora essa carinha dele e aí, que agrade também ao seu pai.

OBS: comentou que estava ansiosa para saber o sexo do bebê. Saber se está tudo bem. Referiu estar sentido dor nas costas e sono. Ficou meio desconfiada com o gravador.

Pch 1

TLI: 2’ TT:6’

Cada figura eu vou ter que dar um título? Cada uma história com começo, meio e fim? Acho que aqui ele tá pensando o que fazer...minha criatividade tá fraca, deixa eu ver... O que parece é que ele tá pensando, pensando...o que fazer...Pensando no que? Talvez como, isso aqui é um violino. Ele tá pensando aqui por onde começar, a tocar talvez. Tá um pouco preocupado,

observando assim, com muita, como se diz? da maneira como se ele não conseguisse tocar. Da maneira que ele não conseguisse tocar. Tá um pouco preocupado por não saber tocar ou o que fazer pra tocar.

→ Qual o título? Que título vou dar aqui? O que fazer? Talvez ele seja tão preocupado em não fazer, não consegui tocar e ele tá aqui concentrando pra saber por onde começar...

→ O que você acha que vai acontecer depois? Eu acho, no fim, ele tanto tá observando com tanta concentração, acho que vai conseguir fazer o que deseja. Porque acho que agora ele deve tá pensando uma coisa assim, se ele vai conseguir o que ele quer fazer. Quando a gente quer de tanto a gente pensar e pensar, na realidade acontece.

Pch2

TLI- 30” TT- 3’

(...) faz mensão de começar. “Indo para a escola”... Aqui me parece, aqui eu vejo a mãe dela gestante, essa mocinha indo pra escola, mas e aqui do lado tem um rapaz forte que pode ser irmão dela. A senhora que eu falo que é mãe dela tá muito pensativa e a mocinha que tá indo pra escola também. Mas por que será que as duas estão assim? a mãe preocupada e a filha pensativa. Será algum problema em casa? Eu acho que o relacionamento da mãe com a filha não é dos melhores, não sei, pela cara preocupada das duas eu não sei como deve ser com o pai. Eu vejo aqui uma família, só que eu não vejo o pai, não vejo esse rapaz como pai, talvez como irmão, hum... não sei explicar explicar a cara preocupada das duas mas eu não consigo entender porque, talvez ela não esteja bem nos estudos mas pra mãe que está gestante não tem porque essa cara triste, não tem tanta gestante triste não sei, a não ser algo que a preocupe, o estado de uma gestante é quase sempre de felicidade, alegria. Ela tem com ela a vida. Não sei se eu consegui terminar?

→O que que você acha que vai acontecer assim né depois dessa cena se fosse ter uma, imaginar uma continuidade? É isso que eu não consigo ver, se for pela cara das duas e o rapaz tá ali tão distraído com o seu animal eu não consigo ver depois o que poderia acontecer. Eu acho que tudo possa, pode ser alguma coisa tanto a preocupação da filha como da mãe talvez das duas que elas cheguem a conversarem pra ver o que tá acontecendo. Eu acho que a partir de tudo quando se tem alguma coisa em conflito eu acho que conversar é o que dá resultado. Eu acho que você vai passar o que a pessoa sente, eu acho que as duas precisam conversar. talvez vão conversar.

→ E você falou que estão com uma cara de preocupada? É, as duas.

→ O que você acha que pode estar as deixando preocupadas? A mãe tá muito pensativa e a filha tá com uma carinha meia triste, precisa ir talvez pra escola mas pra ir pra escola não precisa tá com aquela carinha tão assim, não consigo ver porque.
→ Como você acha que é o relacionamento da menina com o irmão? Eu acho que não é dos melhores, pela mãe tá pensativa e ele de costas só cuidando do cavalo eu acho que não é um relacionamento de de irmão próximo, irmão chegado que chega conversar, eu acho é um pouco distante.

Pch 2
TLI:1’ TT:3”
(...) Silêncio (aproxima a prancha) observa bem. “Amanheceu” vai o título... aqui é uma família, aqui tem a mãe não sei, talvez, seja a mãe meio preocupada, meio pensativa... ou talvez...não sei. Aqui em baixo tem o que? Cavalo, cela, celar o cavalo, parece ser isso. E aqui uma garota indo pra escola, também preocupada pela fisionomia dela. Pensando se vai ou não, talvez ela fosse e acabou parando, mas com um semblante meio preocupado. E aqui o moço que tá com o cavalo tá muito tranqüilo, não sei, tá mexendo aqui no cavalo. Parece que são as duas, que tá ou pensativa, talvez a maneira de pensar a mãe e a filha parece que tá com um semblante um pouco preocupado, acho que é isso.
→ E essa mãe e essa filha tinha algum tipo de relacionamento com o moço do cavalo? Talvez seja irmão da menina, da moça.
→ E aí, o que vai acontecer com essa preocupação delas? Talvez a menina, a mocinha que vai pra escola volte ou não, talvez ela tenha parado ali pra conversar com a mãe não sei se é mãe se é irmã, talvez conversando resolva o que tá acontecendo, o que se passa.

Pch 4 **(história coletada apenas na reaplicação)**
TLI:1’ TT: 2’
O título “vamos conversar”, acho que o casal talvez estivesse conversando e de uma hora pra outra o marido tem que sair, queria sair, queria conversar e acho que é isso, a moça tá tranqüila, mas ele parece tá nervoso, tá meio bravo. Eu acho que ela tentando puxar ele pra conversar ou alguma coisa que ela falou e ele não gostou, talvez seja isso. E ele tá meio irritado não sei, não querendo conversa, ela tá puxando ele, puxando pra uma maneira mais tranqüila, mas ele tá meio bravo nem olha pra ela, como se falasse “chega, não quero conversar coisa nenhuma”. Eu acho que é isso, o que mostra aqui é isso, que eu tô vendo.

→ E como você acha que é o relacionamento desse casal de forma geral? A moça parece tranqüila, ele parece mais agitado. Por ela, pela tranqüilidade dela talvez ela consiga conversar com ele pra ele ser uma pessoa mais calma, porque ele parece ser uma pessoa muito nervosa, sei lá. Tá meio bravo, mas não acho que é um relacionamento ruim não, talvez falta de diálogo, não sei.

→ E depois desse momento que você disse que ela tá segurando ele de um jeito mais calmo, pra tentar conversar, o que você acha que vai acontecer depois? Eu acho, pela calma dela, ela vai conseguir conversar com ele talvez ele consiga mudar, com calma a gente consegue muita coisa, calma, muita paciência.

Pch 7 MF

TLI- Imediata TT- 3'

Que lindo! "A chegada do bebê". Vamos ver... a menina não muito feliz com esse bebê. Parece que ela não tá, não sei não tá gostando da chegada do bebê. A mãe tá tentando é, aproximá-los os dois, as duas não sei e ela não tá querendo muito ela tá se retraindo um pouco, por ela nem olhar na carinha do bebê. Eu acho que a mãe tá tentando aproximar as duas... e com esforço de mãe que mãe sempre quer e sempre consegue, como ela sabe lidar muito com os filhos eu acho que aqui vai ter um final muito feliz. Eu acho que ela vai gostar muito desse bebê, que se fosse no meu caso eu faria isso eu tentaria o máximo a aproximação, cuidar sempre, pedir ajuda pra cuidar do bebê, falar que o bebê é dela, dar atenção pra esse bebê, e a mãe também dá muita atenção a ela que é maior, pelo bebê ainda se muito pequenininho, ele não vai sentir tanto talvez ela sinta porque ela já é uma menina de sete, oito anos eu acho que isso demorou muito então ela sentiu que era ela até então, era só ela, daqui há pouco passou um bebê, então talvez ela sinta muito ciúmes, a carinha dela aqui é de ciúmes, mas o esforço da mãe eu acho que esse final vai ser muito bom e ela vai amar muito esse irmãozinho aqui.

→ Como você acha que é o relacionamento delas? Eu acho que é bom, um relacionamento bom, agora, com a chegada do bebê talvez a menina tá sentindo muito ciúmes como se a mãe não fosse mais dar atenção pra ela por ter um bebê, um bebezinho ela já é uma mocinha no caso, já entende já é menina de sete oito anos então pra ela, ela já cresceu e agora é o bebê então talvez ela pense que a mãe não dê atenção mas se fosse eu até daria mais atenção a ela por ser maior que o bebê, porque o bebê ainda é um bebezinho precisa de atenção mas dê muita atenção também pra maiorzinha.

→ Como era o relacionamento da mãe com a menina? Acho que é bom. (comenta que está ansiosa)

Pch 7 MF

TLI:Imediata TT:4'

Ela tá muito séria e a mãe tá tentando falar alguma coisa com ela. Mão no queixo... Aqui a menina com a boneca, tá tipo brincando com a boneca, mas pra ela tá brincando com a boneca, talvez ela esteja muito séria e a mãe tá tentando falar alguma coisa com ela.... o título talvez "brincando de boneca". Mas as duas estão muito sérias e tá com a carinha virada pra mãe e tá tentando conversar o que? Não sei, mas eu acho se for um bebê, ou ela tá segurando assim como se fosse cair, se fosse uma boneca... não seria um bebê talvez, mas se fosse um irmão segurava mais pra cima dela, talvez a mãe dela tenha chamado atenção dela por isso e ela não gostou. Acho que é isso, só a filha está muito chateada, não sei por que ela tá de cara virada pra mãe, a mãe tá... como mãe sempre tem a maneira de falar talvez esteja meio querendo, como se diz, querendo ver se ela melhora talvez a maneira dela ter falado, talvez a filha ache que é uma bronca e ela tá tentando amenizar essa situação pra ver se ela melhora essa carinha, ela tá muito triste.

→ E como você acha que de forma geral é o relacionamento dela com a filha? Sei lá, parece um relacionamento bom, talvez tenha que conversar mais de uma maneira melhor pra menina entender melhor, mas parece bom pela foto.

→ E aí, o que você acha que vai dar esta situação das duas? Acho que as duas vão ver, torço pra que elas fiquem bem, em paz, eu acho que vai acontecer isso.

Pch 8 MF

TLI- Imediata TT- 1'

Por que será que todas que eu tô vendo as pessoas estão "pensando longe"? Está com uma cara tão pensativa, tão triste, o que será que ela está pensando, pensando longe. Aqui eu vejo uma senhora, só que ela estaria pensando em que? Essa está muito pensativa. Eu acho que aqui ela está meio preocupada por ela ter um filho que saiu a noite que está demorando pra chegar. Ela deitou muito tarde ela não conseguiu dormir e ficou olhando no relógio esperando seu filho. Acho que só, ela está muito pensativa aí, não sei, talvez seja isso.

→ E como você acha que é o relacionamento dela com esse filho? Como um relacionamento de mãe amiga só que ele precisa sair, mas sempre chegar num devido horário. Talvez esse dia ele tenha se atrasado e ela ficou esperando, preocupada como toda a mãe se preocupa com os seus.

→ E o que você acha que vai acontecer em seguida? Ele vai chegar e vai ficar tudo bem, ela vai perguntar o porquê do atraso, que ela ficou preocupada que não conseguiu dormir, o filho vai falar que se atrasou um pouco, que o passeio estava muito bom, então ele se atrasou.

(atende o telefone celular– fala do horário, preocupação com o trabalho...)

Prancha 8MF

TLI: 1’ TT:4’

(...) Mão no queixo. Isso aqui é uma senhora pensativa, não preocupada, não parece preocupada, parece estar pensando em alguma coisa, uma coisa talvez, no que fazer, mas... não sei o que mostra aqui é que ela tá pensativa, não preocupada, pensando em alguém, talvez que esteja distante, mas não tá preocupada, tá pensativa numa maneira... assim saudade talvez de alguém que esteja distante, alguma coisa assim.

→ Que título você daria pra essa? Hum, saudades, talvez, saudades, acho que ela tá pensando alguma coisa que tá longe.

→ Qual poderia ser a relação dela com essa pessoa? Um filho talvez, um filho que viajou foi trabalhar para estudar fora e ela tá pensando, com saudades porque não mostra que ela tá preocupada, como se ela tivesse sentindo falta, com saudade e o relacionamento acho que é um filho.

→ E antes dela estar ali pensando, o que aconteceu antes dela estar ali nesse momento pensativa? Antes? Dessa cena, né? dela ir pensando, né? O que pode ter acontecido antes que levou nessa cena? Talvez ela esteja em casa, vendo foto e do nada ela parou assim, pra pensar, o que tava fazendo, o que tava fazendo essa pessoa essa hora? O que tá fazendo? Como está? Estava feliz.

→ E depois o que vai acontecer com ela? Depois? O que vai acontecer com ela depois? Acho que ela vai sair desse pensamento e vai continuar nos afazeres de casa.

Pch 16

TLI- 1’ TT- 2”

Não tem nada!!! (Risos) Como eu encaro isso aqui... eu sou péssima, inventar o quê? eu não sei... não sei...um papel em branco o que eu vou pensar aqui. Era um casal muito feliz é pra inventar uma história né? Tá, é... passeando no parque, eu não sei o que tem aqui mas vou contar uma história. É...Pai e mãe e dois filhos passeavam muito felizes no parque, a filhinha tinha quatro anos, e a meni... o rapazinho tinha sete. Então era uma linda tarde de domingo, eles foram no parque passear no parquinho como eles gostavam, tomar sorvete, estavam todos muito sorridentes muito felizes porque estava ali os quatro então nada melhor que uma família unida passeando. Então foram tomar sorvete, foram brincar no parquinho e no final da tarde foram embora muito felizes e as crianças muito cansadas. Chegaram em casa tomaram seu bom banho, jantaram que já era muito tarde, e foram dormir. Só.

→ Título? “Passeando no parque”

Pch 16

TLI:1’ TT: 5’

Já tinha esse papel em branco na outra? um título... “Vamos para praia”. Pegar um lindo dia de sol, final de semana muito bom, olhamos para as crianças e dissemos “Hum, que dia mais lindo”. Aí como José gosta muito de praia, vou criar uma história com as crianças, pode? (Claro). Então José falou: “vamos mãe, vamos na praia? Tá sol, tá quente, quente, quente. E Mauro foi e eu estávamos bem animados, vamos, vamos, vamos numa linda sexta- feira, lá em casa costuma estar todo mundo de folga, então vamos a praia, vamos a praia. Resolvemos ir os quatro na praia, claro que sempre a gente leva a avó junto. Ligamos pra vó: “vó vamos pra praia?” estava todo mundo animado, então a avó vai sempre com a gente vai, ela vai junto. Então vamos todos a praia, nós cinco, Beth, José, Mauro, eu e a avó. Chegamos na praia, chegamos em casa, guardamos as coisas fomos direto para praia. Ficamos sentados olhando as crianças brincando...Como Deus nos presenteou com duas crianças maravilhosas. Beth e José vão cair na água, eu fico ali um pouco sentada na cadeira, olhando o tempo, e as crianças brincando, cheias de saúde, de alegria, isso nos traz muita paz. Ali a gente fica na praia, gostoso, passeando. Mais tarde voltamos pra casa, sempre no final de tarde a gente volta pra tomar um sorvete e ali a gente fica o final de semana muito gostoso. O que mais gostamos de fazer, ficar junto com as crianças. Às vezes a gente deixa de sair um pouco de sair nós dois pra ficar junto com eles. O que acontece é que às vezes a gente ah, vamos sair nós dois, e as crianças? Tá então tá bom, então vamos fazer um passeio mais simples pra levar

as crianças, uma coisa de dia. Às vezes a gente consegue sair nós dois assim, tem um tempinho pra nós também, conseguimos, mas a gente quando não tinha eles era mais fácil de sair, hoje acaba sendo um pouco, assim, acaba não digo se prendendo, porque a gente quer participar também com eles, mas a gente também, a gente pensa assim, quando eles tiverem um pouquinho maiores a gente pode sair mais, a gente saia mais, com eles a gente tá saindo menos assim. Assim, às vezes acaba nos prendendo, mas não numa maneira que sacrifique, não é sacrifício nenhum, assim, mas a gente gosta de ir em lugares que eles possam ir também, é o que a gente costuma fazer, no parque, na praia, no clube, é sempre com eles e isso, nos deixa assim muito felizes. Nos beneficia e eles também. Deixamos de sair um pouco nós dois, mas isso não interfere em nada, não prejudica em nada não. Conseguimos sair, não com muita freqüência como a gente saía, mas às vezes a gente consegue sair nós dois e deixar as crianças com a avó. Então, ali na praia a gente sempre sai com eles, final da tarde ou a noite pra tomar um sorvete, mas assim, a gente gosta mesmo de sair com as crianças. E ali no final de semana na praia, voltamos da praia, desse passeio que a gente gosta de fazer, na praia com as crianças.

QUAL PRANCHA MAIS GOSTOU? POR QUÊ?

2002 – 16 - A que eu inventei agora. Porque as outras eram assim de carinha muito triste aí eu achei que podia montar uma família mais feliz.

2006 – 16 - a da história que eu contei , tem outra que eu contei a da menininha, que não sei até agora se é boneca ou bebê.

QUAL PRANCHA MENOS GOSTOU? POR QUÊ?

2002 – 2 - Daquela que tinha a moça indo para a escola e tinha a mãe gestante que tava um pouquinho preocupada. Por que? Porque não vejo uma gestante triste mesmo se tiver preocupada em casa. Não sei se é porque também estou e vou ficar muito mal se ficar triste.

2006- 4, 2 ou 1 - Não tem uma assim que eu menos gostei, eu gostei...basicamente eu gostei de todas tem que citar uma...esse do casal ou a daquela da montanha...Porque as outras gostei muito, a do menino pensativo, talvez por não conseguir ver mais alguma.

4.5.4.1. Interpretação das pranchas

Prancha 1

Em ambos os momentos do tempo Jace apresentou recursos egóicos insuficientes para controlar a ansiedade evocada pela relação com as figuras de autoridade e atitude frente ao dever. Apresenta expressões espontâneas que refletem certa impulsividade e labilidade emocional, além de perda da distância em relação ao estímulo. Ao longo das duas aplicações Jace busca aprovação da pesquisadora o que indica certa insegurança característica que já havia parecido na análise do DFH no que se referiu à seu posicionamento no mundo.

A área evocada pela prancha é bastante mobilizadora para Jace que desde a primeira fase da coleta se vê às voltas com a necessidade de realização porém não parece sentir-se muito capaz. Tal aspecto aparece reforçado pelo não comprometimento de Jace com o relato já que sempre que pode evitou se comprometer e fazer afirmações diretas.

No primeiro momento do tempo Jace faz referência à uma figura paterna percebida como bastante representativa e admirada e com quem estabelece uma relação com grande envolvimento afetivo. Satisfaz a necessidade de deferência e de exibicionismo, ser vista, ouvida e encantar causando uma impressão mas com certa dificuldade pois a tendência foi de deixar o conflito em aberto.

Na segunda aplicação, apesar de se conter, as defesas também fracassam na elaboração da situação conflituosa porque a ansiedade esteve ainda mais manifesta prejudicando a realização da tarefa. Acaba recorrendo à fantasia como forma de aliviar um pouco a mobilização emocional causada pela prancha. Novamente Jace se percebe impotente e preocupada diante do dever.

Prancha 2

Tanto na primeira aplicação quanto na segunda a relação com a figura materna é marcada por uma determinada problemática a ser resolvida. Em ambos os momentos a saída para as preocupações seria conversar. Não há resolução efetiva para a conflitiva entre passividade e necessidade de realização. Jace apenas contempla a problemática da qual procura esquivar-se.

Assim como ocorreu com relação à Prancha 1 as defesas de Jace se enfraqueceram da primeira aplicação para a segunda deixando a ansiedade mais evidente assim como o grau de elaboração do conflito perdeu força após o nascimento de José.

À gravidez durante a primeira fase da coleta são atribuídas características tais como felicidade, alegria e momento de “não ter porque estar triste”(sic). Por outro lado à maternidade é associado o tema da preocupação em ambos os momentos o que aponta para a atuação de mecanismos de defesa de negação, racionalização e formação reativa.

Nesta prancha a figura masculina é percebida como distante afetivamente, tanto em na primeira coletaquanto posteriormente. Na primeira aplicação, assim como na Prancha 1 Jace faz referência à figura paterna embora na Prancha 2 esta não participe efetivamente da história.

Em ambos os momentos do tempo Jace elege esta prancha como a que menos gostou de fazer. Primeiro porque se sentiu angustiada por imaginar como uma gestante poderia estar triste, e no segundo momento por perceber a problemática entre mãe e filha e não conseguir resolver.

Prancha 4

Jace apresenta certa contenção inicial o que não resolve o problema da perda de distância em relação ao estímulo (vide trechos em diálogo) por conta da ansiedade extremamente perturbadora despertada pela área dos conflitos nas relações heterossexuais e também aqueles relacionados a controle versus impulso. Assim como no DFH há indícios de agressividade e a figura masculina é percebida como hostil e dominante.

Pelo que Jace apontou em entrevista, há nesta prancha uma projeção de seus conteúdos não desejáveis “agitadinha”, “pavio curto” na figura do sexo oposto.

Novamente há dificuldade de solução do conflito, solução esta que fica remetida ao futuro.

Prancha 7MF

Na primeira coleta Jace parece ter dado vazão às suas preocupações acerca da chegada do seu segundo filho se atendo à área da relação com a figura materna e problemática referente à maternidade. Foi uma das poucas pranchas em que foi possível para ela manter certo controle da ansiedade e elaborar uma solução para o conflito evocado. A figura materna é percebida como acolhedora e afetiva (de certa forma idealizada) e a relação fraterna marcada pelo sentimento de ciúme (ciúme que ela própria imagina ter despertado por ser a mais apegada ao pai e ter sido tratada como a caçula tendo o pai sempre feito tudo o que ela quis).

Na segunda coleta momento do tempo a relação com a figura materna já não é tão amistosa apesar da referida figura permanecer idealizada e disponível para acolher. Assim como na Prancha 2 da fase da reaplicação Jace não consegue uma aproximação efetiva entre mãe e filha já que à esta última é projetado maior interesse pelo distanciamento (necessidade de autonomia) do que pela aproximação da figura materna (manter-se dependente). Tal aspecto é reforçado se somar-se a isto a apercepção da boneca ou bebê que anteriormente havia sido percebida como bebê irmão da menina e no segundo momento Jace apresenta muita dúvida se boneca ou bebê, ou seja, parece ter se distanciado do estímulo e chega a verbalizar inclusive: "mas eu acho se for um bebê, ou ela ta segurando como se fosse cair..." (sic).

Prancha 8 MF

Comparando-se o material resultante da primera com o obtido na segunda coleta,percebe-se que Jace conseguiu se afastar da preocupação (com auxílio da negação como defesa) que parece se caracterizar com um estado constante em seu funcionamento psíquico principalmente no que se refere à relação mãe e filho. Não apresentou tantos recursos egóicos na segunda aplicação no controle da ansiedade quanto na primeira fase da coleta.

Em ambos os momentos do tempo Jace se apresenta insegura e dependente, ou seja, com grande necessidade de afiliação com relação à figura filial. Ela própria fala nas entrevistas que é muito "grudenta" – diz que até o pai falecer era grudada nele, teve dificuldade de desgrudar de José por ocasião da entrada do filho na escola e diz que Beth gruda nela quando chega.

Prancha 16

História auto-biográfica em ambos os momentos assim como foi eleita, também em ambas aplicações como a prancha preferida de Jace. Apesar de certa manifestação de ansiedade esta foi a única prancha frente à qual jace conseguiu estruturar bem as histórias e resolver o conflito evocado.

As histórias apresentaram a temática do cotidiano familiar bastante tranqüilo e feliz marcado por relações afetivas e muita proximidade entre seus integrantes.

No segundo momento Jace vai perdendo a distância em relação ao estímulo e em determinado momento faz referência à sua preocupação consciente com a vida conjugal que precisa ganhar espaço, aspecto que não conseguiu abordar na entrevista.

4.5.5. Movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho

A posição psíquica de mãe

A ansiedade parece ser uma característica do funcionamento de Jace, no entanto ao longo da gravidez isto se mostrou ainda mais exacerbado prinipalmente no que se referiu ao conhecimento do sexo do bebê. Jace desejava muito ter um filho menino e se sente extremamente realizada com a vinda de José. Durante a gravidez Jace dizia que preferia menino e que se viesse menina iria tentar "o terceiro" (sic) e ainda não tinha escolhido nome para menina mas sim para menino.

Apesar dos percalços que conta ter passado quando sua primeira filha nasceu Jace consegue perceber características na filha que ela própria não tem: fala que Beth é independente e determinada (provavelmente características idealizadas por ela). Conta algo que vai ao encontro do que a literatura aponta no que se refere à certa postura desafiadora da filha que segundo ela estava na "fase da teimosia" (sic) durante a gravidez de José. Pereira e Piccinini (2007) concluíram que aumentam os episódios de enfrentamento entre mãe e primogênito durante a gestação do segudo filho.

Quando questionada acerca de como se imaginava como mãe de José Jace confessa que é grudada aos filhos e que em alguns momentos deixa até de fazer algumas coisas por conta disso. No entanto Jace consegue extrair prazer e se distrair enquanto exerce a maternagem: "acho que sou assim porque gosto de ser mãe" (sic). Por outro lado, não há nenhuma referência na fala nem nas produções de Jace que apontem para uma problemática na constituição psíquica das crianças, o que descarta o que Winnicott chamou de distúrbios maternos sendo que um deles é caracterizado quando a mãe abre mão de todos os interesses próprios tornando-se compulsiva, tendendo a estar sempre preocupada com o filho, não conseguindo alternar seu interesse pelo bebê com outras coisas e pessoas, o que se torna patológico uma vez que impede que o bebê simbolize sua ausência, fator também estruturante da vida psíquica. Apesar de perceber que é difícil para ela e por mais que a tendência de Jace seja estar sempre grudada aos filhos, ela tem elaborado esta separação o que fica muito bem marcado nas histórias frente à Prancha 8MF do TAT onde há, em ambos os momentos do tempo da coleta, menção a saudade que uma mãe sente do filho. Apontou na entrevista que a mãe era muito dependente do pai e que após o falecimento deste ela está começando a se "soltar". Esta também parece ser a movimentação de Jace.

Os filhos parecem se beneficiar desta característica de Jace e aprenderam a reconhecer que a mãe está disponível afetivamente, por exemplo, quando Beth pede que Jace conte histórias “inventadas”, momento no qual parece que está a função materna posta em ato.

O caso de Jace e José é bastante ilustrativo no que se refere à importância do desejo materno como mola propulsora para uma maternagem suficientemente boa. É claro que no material de Jace também se localizam momentos de insegurança, ambivalência, de negação do sentimento de raiva e de agressividade, de menção aos entraves que os filhos causam em sua vida, ou do quanto eles a preocupam. No entanto há o trabalho dos mecanismos de defesa que mantém estes sentimentos em equilíbrio quando Jace está exercendo a maternagem.

Há, como observado principalmente nas histórias frente ao TAT certa insegurança característica no funcionamento de Jace e que já havia parecido na análise do DFH no que se refere ao seu posicionamento no mundo quando diante da necessidade de realização já que um sentimento básico de incapacidade. Tal aspecto aparece reforçado pelo não comprometimento de Jace com o relato já que sempre que pode evitou se comprometer e fazer afirmações diretas. Se utilizou muito do “talvez”, “acho”, “pode ser”, “parece” dentre outras expressões mais ou menos diretas as quais apontaram para este comportamento de esquiva em Jace.

Suposição do sujeito

Jace, apesar de ter desejado e esperado muito pelo filho menino consegue sim supor que exista em José um sujeito sobre quem não sabe tudo. Quando acho que o filho está diferente questiona: “que foi José?” esperando assim que o menino lhe conte o que se passa com ele já que já sabe falar. Antes desse advento da fala Jace se mostrava bastante sintonizada com as demandas do filho a partir do modo como José se expressava pelo choro ou mímica facial.

Outra passagem que aponta para a difernciação entre o que Jace poderia esperar do filho e o filho nascido é quando Jace afirma que se deixou surpreender pela criança que nasceu: “não tinha nenhuma expectativa assim formada, eu acho que cada um tem assim uma personalidade formada sei lá” (sic).

Aspectos do desenvolvimento do filho da realidade e da relação mãe e filho

Desenvolvimento biopsicossocial dentro do esperado. José é apresentado por Jace como uma criança calma e atribui a este fato ter aprendido muito com a experiência da

primeira filha. Jace se sente mais segura e se coloca com mais firmeza na relação com os filhos por conta disso.

Como é de se esperar a relação mãe e filho é um sistema retroalimentado e sendo assim algumas características de Jace geram efeitos em José e vice-versa. Ao falar da adaptação na creche Jace tem consciência de que a dificuldade que o filho apresentou estava em parte relacionada à dificuldade dela em se "desgrudar". Como aponta Edelstein (2000) o bebê é sensível a estas projeções iniciais através da linguagem não verbal expressa nas condutas de suas mães, tais como: a forma da mãe amamentar, a forma desta mãe segurá-lo, a forma como é colocado no berço e como esta mãe experimenta emocionalmente a separação.

Pereira e Piccinini (2007) chamaram a atenção para uma espécie de crença que existe de que o encontro com o segundo filho seria mais fácil do que com o primeiro tendo em vista a experiência anterior do nascimento do primeiro filho. No caso de Jace ela reafirma o que os autores criticam e não confirma os dados obtidos em pesquisas empíricas que contrariam esta crença no sentido de não ter se apresentado como despreparada para o incremento das responsabilidades inerentes aos cuidados de dois filhos. O contrário pode ser observado sim porém em outro caso apresentado anteriormente (vide caso de Anne e Paulo).

Relações na família e aspectos sócio-culturais

Mauro, marido de Jace tem um papel bem demarcado e atua constantemente como aquele que interdita Jace no que se refere ao interesse exclusivo pelos filhos: ele a incentiva a tirar carta de motorista, a estudar e a sair com ele.

Os pais também tiveram influência bem marcada em Jace no que se refere à internalização da Lei e dos papéis dentro da família.

Com relação à vida conjugal, Jace considera sua relação muito segura, provavelmente aos moldes do que percebia na relação de 54 anos de casados dos pais. Diz que o marido é uma pessoa maravilhosa, adjetivo o qual também se utiliza para definir Mauro como pai. Aparentemente há afeto na relação dos dois mas não há muita referência à Mauro como parceiro sexual. Neste sentido chama atenção uma fala da mãe de Jace que diz que "não se casa com quem se gosta" e uma fala da própria Jace que diz que põem os filhos para dormir e vão "conversar". Há de fato certa relutância em Jace de entar em contato com questões relativas à sexualidade, dificuldade que fica aparente principalmente nas histórias frente às Pranchas 2 e 4 do TAT. Comenta: "mesmo depois que crescerem (os filhos) acho que não vai mudar muita coisa (referindo-se à relação com o marido)" (sic).

Por ocasião da pesquisa inicial (primeira coleta) houve uma preoupação com relação ao pensamento de Jace de que o bebê por nascer não precisaria de tanta atenção quanto à filha mais velha enquanto estivesse bem pequeno. Pensava-se que talvez isto pudesse ser prejudicial à constituição da criança que estava por vir. No entanto, após acompanhar longitudinalmente o estabelecimento da relação de Jace e José observa-se que a força do desejo que tinha por este filho do sexo masculino garantiu o advento de José e quanto à Beth, esta também pode se desenvolver e se constituir como sujeito e pode inclusive encontrar as tias e o pai como alternativa nos momentos em que Jace não se encontrava tão disponível.

4.6. Caso 6 – Cristiane e Tábata – Quando o desejo materno é determinante

Último encontro na pesquisa inicial (1ª coleta): 21/02/02
Encontro na nova coleta: 15/04/08
Local do encontro: residência de Cristiane

4.6.1. Recortes da história de vida da mãe e o filho imaginário

Cristiane, 27 anos, é casada há 9 anos com Fernando o qual conhece desde a época da escola. Tem 1º grau completo e até antes de engravidar de Tábata, sua segunda filha, trabalhava no comércio. Enquanto estava grávida achava que não ia dar para voltar a trabalhar por causa das crianças já que, além do novo bebê, sua primeira filha ficava sob os cuidados de uma moça que a maltratou: “aparentemente tava tudo bem até a idade de 10–11 meses. Ficou 3 meses sob os cuidados desta moça até que perceberam que Helena não queria mais ficar. A própria mãe da moça que cuidava de Helena denunciou a filha. Meu pai ficou furioso já não queria mesmo que eu trabalhasse” (sic). Decidiu que matricularia Helena em uma escolinha “as coisas ruim é que guardam para o resto da vida”(sic). Apesar de todos estes argumentos a favor de não trabalhar, por outro lado Cristiane disse que não gostava de depender do marido.

Fernando tem a mesma idade que Cristiane e trabalha como auxiliar adminstrativo.

Quando Cristiane engravidou novamente, Helena, sua primeira filha estava com 1 ano e meio. Por ocasião do segundo contato, Tábata, a segunda filha já estava com 6 anos, Helena com 8 e Cristiane já tinha tido o terceiro filho, um menino chamado Isac que estava com 2 anos de idade.

Por ocasião do início da segunda entrevista Cristiane já conta logo que este seu terceiro filho quase nasceu no consultório do pronto-socorro de tão rápido que foi o parto.

A primeira gravidez “foi e não foi planejada, queria” (sic). Não teve problemas na gravidez que foi muito esperada. O pai da criança estava “todo bobo”(sic). Helena nasceu de parto normal: “foi simples, dor normal, foi tranqüilo não teve problema nenhum. No começo estava com muito medo e queria cesárea” (sic). Já a Segunda gravidez não foi planejada. Estava tomando remédio: “não sei o que aconteceu!” (sic). Quando soube, ficou “alterada” (sic). Ela e o marido pensaram em optar por um aborto mas o marido ficou depressivo e as pessoas ficavam comentando. “Claro que não vou tirar mesmo. No caso, já não daria mais” (sic). Cristiane também tinha receio de “traumatizar” (sic) a filha mais velha já que quando esta era ainda menor ela julga não ter dado muita atenção para ela e agora daria menos ainda pois teria que dar atenção também para o novo bebê.

A gravidez do terceiro filho, Isac, também não foi planejada, mas esperada. Cristiane disse que recebe muitas críticas porque ela e o marido são jovens. Os vizinhos e a família falam que Fernando não usou a cabeça porque são muito jovens e já têm três filhos pra sustentar.

Quando engravidou de Isac ficou contente apesar de ter dito em entrevista anterior que não queria filho tão cedo. Seus planos eram tentar um menino quando Tábata estivesse com uns 8 anos de idade. Quando ficou grávida pela terceira vez ficou novamente na expectativa pela vinda de um menino. Desde a primeira gravidez Cristiane tinha preferência por um filho do sexo masculino. Quando Helena nasceu Cristiane ficou em depressão pós parto mais ou menos por 3 meses pelo fato do bebê não ter sido um menino. Ficava irritada e chorava muito. Durante a segunda gestação manteve expectativas elevadas de que viesse um bebê menino. Em uma determinada consulta pré-natal da segunda gestação de Cristiane, sua mãe pediu para falar com a pesquisadora e declarou sua preocupação com a filha, pois como não dava para ter certeza acerca do sexo do segundo bebê, tinha receio de que a filha entrasse novamente em depressão.

Apesar de toda esta mobilização emocional durante a gravidez, em nenhuma delas Cristiane apresentou sintomas físicos desagradáveis, tais como vômitos, azia, enjôos, alteração de pressão, etc. No entanto, quanto ao aspecto psicológico tinha muito receio durante a primeira gravidez de que o bebê não estivesse crescendo direito. Nas segunda e terceira gestações apresentou placenta envelhecida: “tenho medo de dá algum problema, o bebê ter algum problema, medo de morrer, medo do parto. Na 1ª gravidez estava mais natural. Agora estou mais sistemática, mais medrosa, desconfio dos médicos estarem me escondendo algo” (sic).

Helena estava na maior expectativa pela chegada do bebê (Tábata), beijava a barriga da mãe e demonstrava ciúmes do pai com a barriga. Atualmente é “mãezona dos outros” (sic). Se dá muito bem com Isac que tem Tábata como preferida. Helena dizia que Cristiane preferia os outros dois porque Cristiane vivia fora, em hospitais, médicos e com ela não. Um dia Cristiane decidiu levá-la junto e ela viu que não era exatamente um passeio o que a mãe fazia com os irmãos.

O pós- parto de Cristiane após o nascimento de Tábata foi bastante corrido, pois a filha ficou internada por volta de 20 dias em função de uma disfunção sexual congênita a qual resulta em um aumento do clitóris deixando a genitália ambígua, ou seja, parecida com a masculina. Atualmente Tábata faz acompanhamento médico e psicológico no Instituto da Criança, no Hospital das clínicas. Tábata tem um leve retardo mental e apresentou atraso em vários aspectos do desenvolvimento psicomotor - custou a sustentar o pescoço, sentar e andar, sendo que esta última aquisição foi com a ajuda da fisioterapia. Apresenta também problemas na dicção. Até hoje ainda tem certas dificuldades que envolvem coordenação motora (amarrar o cabelo, tomar banho sozinha). Quanto à escola Tábata estava freqüentando o primeiro ano do Ensino Fundamental e não há por parte da escola, referência quanto à dificuldades cognitivas. No entanto, Cristiane relatou que Tábata tem “como se fosse um transtorno de humor – às vezes está bem e de repente fica emburrada. Isto já foi percebido pela professora.” (sic).

Isac, o terceiro filho, também nasceu com este problema. Cristiane contou que apesar disso ficou muito feliz: “Deus me concedeu, não sei se eu fui pouco injusta por ter pedido tanto e ele veio com mesmo problema da Tábata” (sic).

Enquanto esteve grávida de Tábata, Cristiane ainda não tinha escolhido nome para menina. Quem escolheu o nome para a bebê foi o pai. Quando Isac nasceu o marido de Cristiane não a deixou colocar o nome que ela havia escolhido durante as gestações anteriores caso os bebês fossem meninos: “ele não deixou eu por meu nome” (sic).

Ao final da entrevista durante a gravidez, Cristiane relatou que queria ter três filhos, que sempre quis um menino. O marido dizia que dois estava bom. No entanto, ainda não tinham parado para pensar, conversar sobre prevenção. Após o nascimento de Isac o marido decidiu pela vasectomia e enquanto aguarda a cirurgia Cristiane está tomando injeção contraceptiva: “só tomo injeção mesmo para evitar estas doencinhas” (sic).

Por ocasião da segunda gravidez, seu relacionamento com sua primeira filha, segundo Cristiane, era um pouco estressante. Diz que ambas são nervosas e não havia muito carinho de mãe e filha. Contou que Helena é muito geniosa. Cristiane dizia que a pesquisadora poderia

lhe ajudar muito já que reconhecia seu descontrole com a menina. Diz que sua família “tem problema de nervos” (sic) e passou muito nervoso na gravidez (precisava ajeitar as coisas para o bebê, não tinha dinheiro). Ficava muito brava com o marido. Ao perguntar mais sobre como era Helena, Cristiane respondeu que a menina era esperta como o pai. A pesquisadora interveio e perguntou: “como o pai?”. Cristiane então respondeu: “é, a mãe fugiu da escola com 12 anos” (sic).

Quanto à família de origem, Cristiane referiu que ela e os irmãos foram criados com muita rigidez e não quer ser como seus pais foram “a gente era um robô” (sic). Tem cinco irmãos dentre os quais, sua irmã Renata com quem conta muito para ajudar nos cuidados com os filhos. Ela e os irmãos brigavam muito. Relata que depois que a 1ª irmã casou, ela e a mais nova se aproximaram mais. Se contradiz e afirma que quando pequena “era bem danada” (sic).

Quando Cristiane precisava falar com os pais, tinha medo de ouvir “não” então ficava calada, não pedia nem para o pai nem para a mãe, por isso foi trabalhar cedo para comprar suas próprias coisas: “ meus pais não me davam nem um absorvente” (sic). Cristiane, no entanto, confessa: “não gosto de receber não, tenho medo” (sic). Começou a trabalhar e já tinha que ajudar em casa. Sentia-se como uma pessoa de fora porque bancava suas próprias coisas e não pedia nada (diferente dos irmãos).

Disse que o relacionamento com os pais quando era pequena era mais amigo, confiava neles. A mãe conversava muito até que começou a discordar de tudo. Cristiane diz que não sabe, mas lhe parece que os pais não aceitaram o fato dos filhos terem crescido e terem vida própria. Principalmente a mãe não aceita as pessoas do jeito que elas são, “parece que só ela tem problemas” (sic). Cristiane diz que a convivência com sua família de origem piorou muito depois que os filhos casaram. Ela diz que quer ser uma mãe diferente. Ela e o marido querem dar educação para os filhos obedecerem e não, terem medo. Conta que ela e os irmãos tinham que ser perfeitos.

Cristiane relatou que a mãe sofre com estas coisas até hoje, tem problema de depressão e acaba sufocando eles (ela e os irmãos) com os problemas dela. Inventa que está doente “às vezes dá até nervoso” (sic). Atualmente está mais afastada porque ela quanto mais perto fica mais “manhosa”(sic) a mãe fica. Conta que a mãe continua com um comportamento muito rígido, e em relação às crianças não as deixando fazer nada “nem respirar” (sic). Comentou que a sogra já é o contrário: “mima, da às coisas na mão, dá comida na boca. Uma é de menos e a outra demais” (sic). Cristiane acha que “cortou um pouco o excesso de educação rígida”

(sic) pelo fato de não gostar do tipo de educação que recebeu: “Ainda mais que agora envolve também meu marido que teve outra criação. Ele não aceita certas coisas” (sic).

A mãe conversava sobre menstruação, mas sexualidade não – a mãe queria que Cristiane fosse próxima e contasse as coisas, mas não passava confiança. O apoio que tinha era da irmã. Teve também uma tia com a qual conversava “coisas de mulher” (sic), coisa que a mãe nunca fez. Sua mãe achava que mulher tinha que ser virgem. Fala que parece que sua mãe ficava querendo descontar algo nela e ela fica magoada com isto: “por isso corremos loucos para sair fora de casa!”(sic).

Quando sua mãe estava grávida dela, seu pai foi embora de casa e a vizinhança então passou a dizer que ela era filha do pastor da igreja que sua mãe freqüentava. Cristiane conta que seu pai nunca foi muito seu “fã”. Não sabe se ele tem algum tipo de mágoa por isso, mas conta que se acostumou a ser desprezada por ele. Cristiane se emociona quando diz que até hoje seu pai não liga muito para sua filha mais velha, prefere os outros netos e chega a desprezar a menina. Ela fica muito triste, chora muito neste momento da primeira entrevista.

Conta que seus pais sempre xingaram os filhos de “vagabunda, galinha”(sic) apesar deles (em especial as mulheres) ajudarem em casa.

Para Cristiane, o relacionamento entre seus pais nunca foi bom, eles nunca se deram muito bem. A mãe queria se separar e o pai não. O pai traiu e voltou. Não sabe se a mãe tinha outro relacionamento. Não sabe se vivem juntos, mas todos vêem que o pai dorme na sala e a mãe no quarto.

Certa vez a mãe teve uma crise no casamento (Cristiane já tinha tido Helena) e tentou cortar os pulsos. Contou que ela tem epilepsia e faz tratamento psicológico já tendo inclusive ficado internada em sanatório. Também já teve doenças sexualmente transmissíveis as quais contraiu do marido e já foi fumante. Quanto a seu pai este tem suspeita de problemas no coração, fuma e tem um pai (avô de Cristiane) que é alcoólatra. Cristiane já fumou na adolescência, mas diz ter sido por muito pouco tempo. Em relação à drogas nunca experimentou mas não sabe sobre seus irmãos à esse respeito.

Por parte de pai não tem contato com a família. Teve uma vez um tio (irmão do pai) que a levou para morar com ele prometendo pagar faculdade, mas nesta época seu pai saiu de casa e ela teve que voltar para ajudar sua mãe.

No segundo encontro com Cristiane sua percepção com relação a seu pai, principalmente no que se referia a relação com os netos estava um pouco diferente: “ele é muito vozão, tem carinho do jeito dele, é Paraibano. Se a criança estiver suja de doce não

pega mesmo. Comento com minha irmã que o pai tem uma quedinha pelo lado dos meninos e também a neta primogênita (filha da irmã) tem um carinho especial por ela" (sic).

Com os familiares do marido se dá bem, mas não gosta de muita proximidade. Sogro e irmão do marido (único irmão) bebem. Evita contato quando estão bêbados. Cristiane percebe que Fernando não tem muito jeito de se relacionar, é meio seco. Já a sogra é uma mãe para ela. Cristiane diz ter mais liberdade com ela do que com a própria mãe. Tanto seus pais quanto a sogra moram perto dela. Depois que Tábata nasceu morou um tempo com a sogra e depois compraram a própria casa.

No que se refere aos relacionamentos afetivos Cristiane contou que sempre foi "sossegada" (sic). Disse que até a irmã casar, tinha cabeça "de menina" (sic) - tinha 14/15 anos. Fala que depois se "soltou" (sic) e teve namoros mais sérios. Teve mais ou menos 3 namorados.

Sobre a vida conjugal contou que seu relacionamento com o marido era "legal, parecem duas crianças, ele é novo mas, é responsável, amoroso, bom pai, atencioso, dá muita manha para a filha, procura resolver a discutir" (sic). Por ocasião da segunda entrevista o relacionamento de Cristiane com Fernando estava sofrendo um abalo por conta de questões financeiras: "às vezes tem uns altos e baixos, anda meio nervoso por causa do serviço. Ultimamente tá meio difícil. Ele sempre foi calmo" (sic).

Cristiane falou que para outras pessoas Fernando tem dificuldades em pedir desculpas. O marido acha que atualmente a família dele é ele, ela e os filhos. Cristiane vai definir o marido e comete um ato falho: "meu irmão, quer dizer, meu marido é muito certinho e o irmão dele é o torto" (sic).

Quanto aos aspectos relativos à saúde, durante a primeira fase da coleta Cristiane estava tomando Tofranil (droga antidepressiva) há 2 meses desde quando descobriu "que tinha dado menina" (sic) no resultado da ultrasonografia. Disse ter ficado "meio chateada" (sic). No entanto disse que havia tomado apenas alguns comprimidos e não pretendia continuar. O marido acha que foi só uma crise, sistema nervoso já que Cristiane "sempre teve obsessão por menino" (sic). Alega que ficou agitada. Quando questionada do por que desta "obsessão" por menino ela respondeu que sempre gostou, não sabe o porquê, "acho uma fofura, sempre achei menino lindo, não pelo fato do sexo, desde pequena sempre pensava em menino, achava que seria a minha vontade" (sic).

4.6.2. Cristiane após o nascimento de Tábata e a relação mãe e filho da realidade

Desde que Tábata nasceu e até fazerem o diagnóstico foi muito difícil, Cristiane e Fernando ficaram muito tristes. Depois entenderam que tinham que cuidar da filha (se emociona). Alega que para ela e o marido, pais da criança " não houve cuidados" (sic), referindo-se ao aspecto emocional uma vez que eles ficaram bastante "abalados" (sic).

Sobre o relacionamento com Tábata Cristiane afirma que repreende quando precisa – "filho tem que respeitar pai e mãe" (sic) e ao mesmo tempo dá amor "exageradamente" (sic). Falou que da mesma forma que trata Tábata, trata os outros dois: "eu sou aquela mãe muito leoa. Sou muito cismada (lugar com muito homem) não é qualquer lugar que deixo eles irem. Às vezes, me percebo até exagerada, paranóica (medo de que alguém faça alguma coisa com elas" (sic).

Para saber o que Tábata mais precisa Cristiane diz que percebe pelo choro: quando é choro de fome, manha, dor: "a gente sabe, percebe isto" (sic).

No referente aos aspectos do desenvolvimento biopsicossocial, Cristiane relata que Tábata é um pouco difícil para comer, além disso demora por conta da dificuldade de coordenação motora que apresenta. Já quanto ao sono, dorme bem. A amamentação ficou prejudicada por causa das internações. Mamou até 6 meses e depois entrou na mamadeira. Acrescenta que Isac também ficou muitas vezes internado, inclusive na UTI. Teve meningite, bronquiolite, dentre outras coisas. Praticamente nem mamou. Hoje em dia Isac adora a mamadeira ("Tetê"), faz o bico de chupeta.

Cristiane descreve Tábata como uma criança muito alegre, simpática, que se dá bem com todo mundo. Comenta que agora está ficando um pouco diferente do que ela imaginava por causa dos "problemas que ela tem" (sic). Cristiane não imaginava que fosse ter um filho cujos problemas ficassem "aparentes" (sic). Cristiane relata que Tábata teve "depressão" no pós-parto e se sentiu muito culpada por saber que isto era decorrente da rejeição que provavelmente a criança sentiu durante a gravidez: "ela passou por tudo que passei. Como eu comecei a ter depressão desde que Helena nasceu, o médico disse que se estendeu para Tábata. Do Isac já não, eu estava extremamente feliz! No momento que soube o diagnóstico dele fiquei um pouquinho abalada mas não cheguei a ficar deprimida" (sic). Cristiane disse que Tábata tomava medicação para "depressão" e como sentia muito sono a mãe interrompeu.

Cristiane disse que gosta muito quando está parada e vem um dos filhos e lhe dá um beijo: "eu sou muito família, gosto de viver junto. Adoro ir ao parque, viagem, curto bastante a vida em família. Criança é muito gratificante quando o filho obedece" (sic). Ela conversa

muito com todos até com o pequeno Isac. Ajoelha, conversa, faz combinados: “é gratificante ver que o trabalho tá dando certo” (sic).

Sobre o que Tábata representa para ela neste momento da vida ela responde: “ ah, sei lá...ela, meus filhos são a coisa mais importante da minha vida. O marido até fala que ele tem que ser mais importante e eu respondo que não. Primeiramente Deus e em seguida os filhos. O marido se pode até trocar – não que seja o caso...(risos)” (sic).

Acerca do contato anterior lembra e denomina de “consultas” mas não se recorda de nenhum aspecto específico, lembra de forma geral. No entanto lembra dos efeitos que acredita que teve para ela. Diz Cristiane: “ajudou bastante porque tive depressão por que queria menino e não menina, e ela não pediu para nascer... fico até com vergonha de ter vivido aquilo. É importante reconhecer o erro e dá tempo de corrigir (se emociona)” (sic).

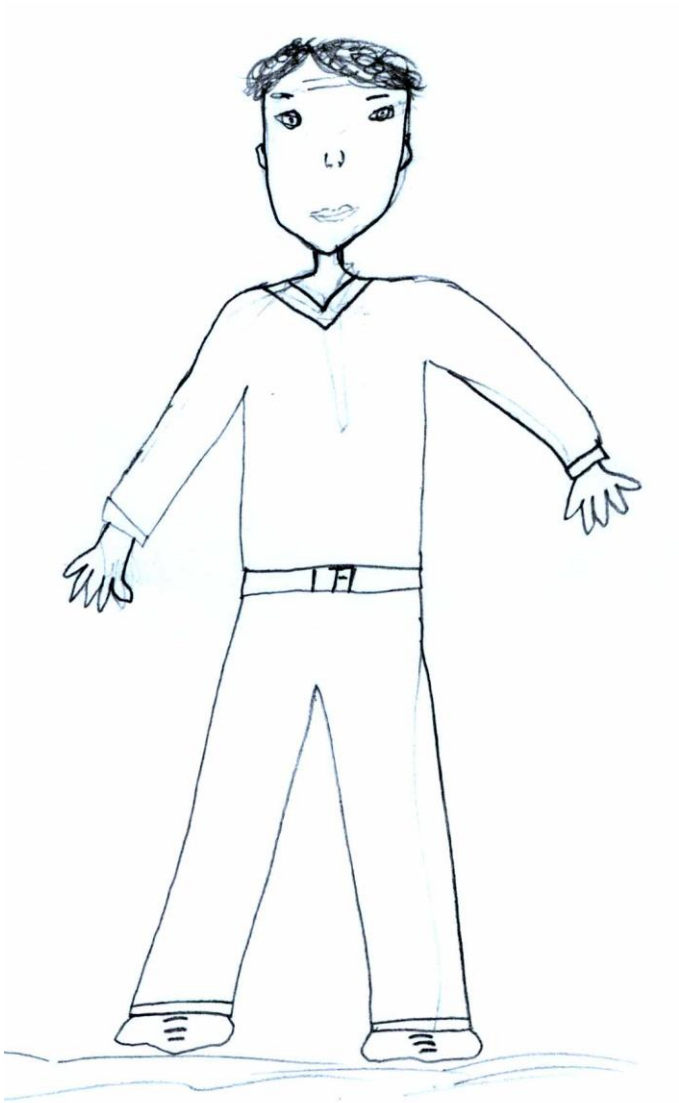
Cristiane estava se referindo a um acontecimento que se passou após já ter sido encerrada, teoricamente a coleta de dados da qual participou no trabalho de mestrado. No entanto, ao longo da permanência da entrevistadora no HU, o que houve foi o seguinte: quando o bebê desta mulher nasceu, como já foi aqui referido, o sexo do bebê foi caracterizado como indefinido. Esta paciente entrou num quadro de depressão reativa e, como a pesquisadora já tinha feito alguns contatos com ela, foi solicitada por parte das enfermeiras responsáveis pelo pós-parto para que intervisse da maneira como fosse possível. Após a visita da pesquisadora, que se ateve a ouvir e acolher a paciente com palavras que visaram ao reforço egóico (ela estava se achando incapaz de dar conta de cuidar dde um bebê com problemas), segundo informações das mesmas enfermeiras, a paciente que só chorava e se recusava a amamentar o bebê até então, passou a alimentar-se e também a amamentá-lo.

Pensa-se que após o nascimento do segundo filho, a paciente tinha várias razões concretas (além das psicológicas) para ficar triste, já que o bebê nasceu com uma má formação raramente descrita pela medicina e que iria requerer cuidados e intervenções médicas e psicológicas especiais ao longo da vida. Além disto, a paciente relatou ter sido “acusada” pelo seu marido de ter sido “culpada” pelos problemas apresentados pelo bebê.

Enquanto a pesquisadora e Cristiane conversavam as crianças ficaram na cozinha. Cristiane chamou para “brigar” porque o pequeno Isac bateu em Tábata. Ele já veio direto olhando nos olhos dela e mãe e filho conversaram enquanto Tábata chorava.

4.6.3. Análise e interpretação do Desenho da Figura Humana

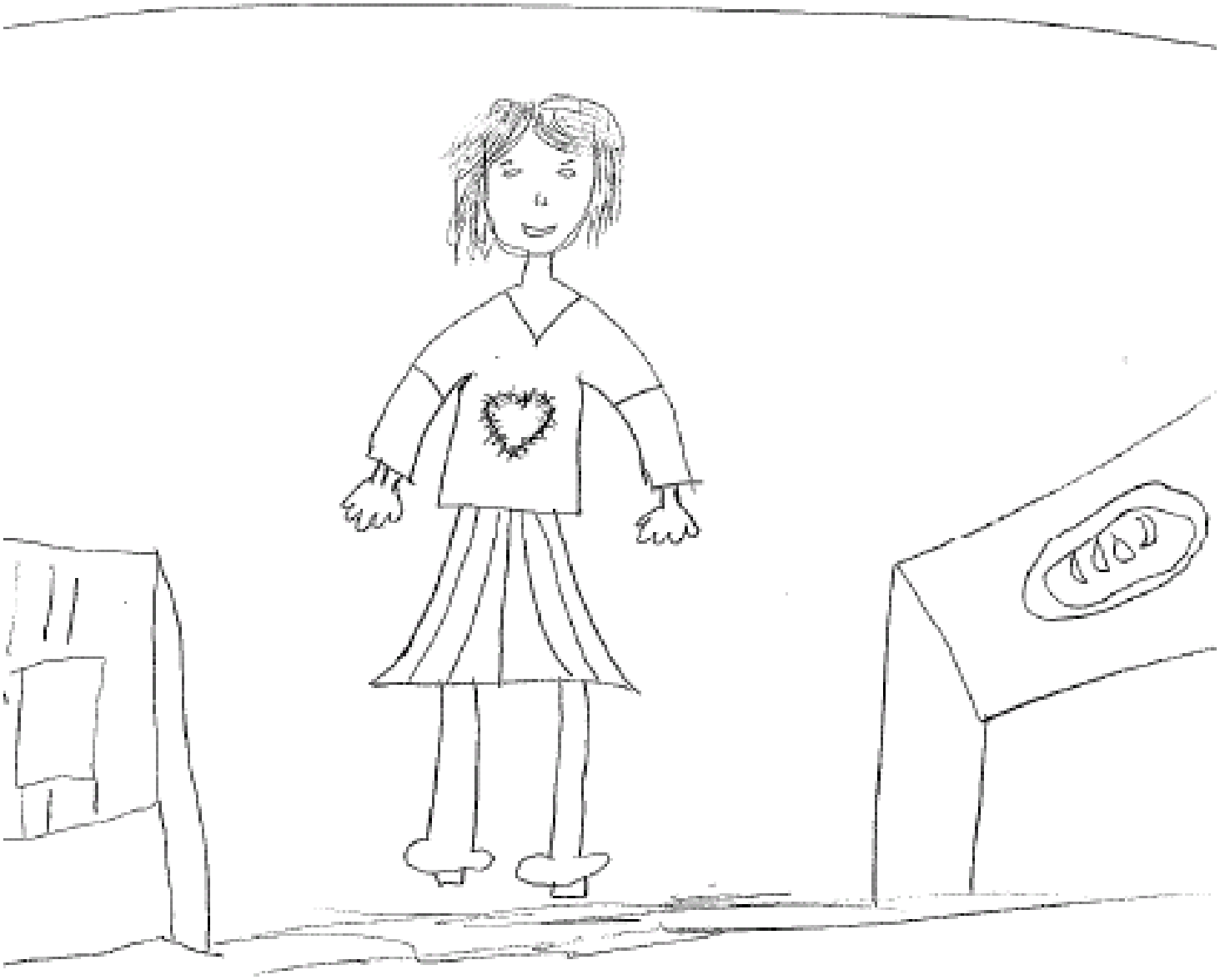
Cristiane – figura 1 - 2001



Cristiane – figura 2 – 2001

Cristiane – figura 1 -2008

Cristiane – figura 2 – 2008



Os desenhos de Cristiane obtidos na primeira coleta de dados denotavam passividade, atitude de expectativa diante da vida, nostalgia, fantasia e desejo de retornar ao passado. Tais aspectos parecem guardar relação com os objetivos bastante idealizados e portanto percebidos como muito além do que sentia-se capaz de alcançar. Surgiu também medo de assumir responsabilidade e tentativa de compensação de sentimentos de indecisão e racionalização dos conflitos.

Já na segunda coletano que se refere à idealização dos objetivos tal aspecto permanece como característica marcante no desenho de Cristiane porém há mais segurança, auto-valorização e emotividade.

Há, especialmente durante a gravidez, muitos indícios de obsessividade em Cristiane assim como muita ênfase às partes do corpo com conotação sexual. Na primeira coleta houve presença de vitalidade sexual e sensualidade porém também aparecem sentimentos de inadequação intelectual. Este último aspecto faz pensar na relação transferencial já que a pesquisadora era denominada de “doutora” por Cristiane que por sua vez talvez estivesse preocupada com suas habilidades artísticas. Outro aspecto que pode estar relacionado aos referidos sentimentos é o abandono da vida escolar por Cristiane que não se considera “esperta” uma vez que largou a escola aos 12 anos de idade. Além disso, a associação que faz após o desenho da figura feminina também corrobora esta hipótese: “por que eu desenhei ela? Essa mulher deve ter uma vida cheia de compromissos, muito atarefada, só que um tanto preocupada, triste com alguma coisa”. A pesquisadora então lhe pergunta o que será que a preocupava, a deixava triste. Cristiane responde: “as coisas da vida, correria, às vezes filho, tem algum problema em família, algo que chateou mas não sou eu viu porque essa mulher trabalha e eu não, só se eu me imaginar trabalhando. Acho que só, ... mulherzinha estranha” (sic).

Em ambos os momentos há bastante sombreamento na região da cabeça, principalmente durante a gravidez o que dá sinais de que Cristiane estivesse muito preocupada (ela afirma que estava mesmo preocupada tanto na associação após o desenho quanto durante a entrevista) e também do quanto estaria às voltas com o conflito entre impulso e controle.

4.6.4. Análise do TAT

Data da aplicação: 04/01/02

Data da reaplicação: 15/04/2008

Pch 1

TLI- Im TT- 4'

Não entendi nada, tem que começar por isso aqui? (novas explicações da entrevistadora) Hum... uma criança tá pensando... é uma criança bem pensativa..., no caso, aí meu Deus (risos)... muito pensativa... ah, estaria estudando... ai eu não... é difícil assim essa figura está muito difícil... ah, no caso assim é uma criança estudando, meditando, algum texto, né? Ah, tem que contar uma história inteira? Ih meu Deus do céu! Hum... ai. Eu acho melhor não... ai acho que você deveria cortar (se refere ao gravador) , não estou conseguindo.... (pausa para explicação e tranqülização da entrevistadora para com a grávida) é... meditando, né?, uma criança muito pensativa e estudando, talvez pensando no próprio futuro, né? Que é, ou... pensando como fazer como fazer para poder crescer assim, sei lá na vida, né? Ah, não tem mais nenhuma criança pensan... pensando no futuro, no que vai fazer daqui para frente... às vezes é... tem é... parece o caminho tá muito difícil mas dá pra tem como ver por onde que se sai melhor, né? E procurar a melhor forma de poder crescer, naturalmente, né? E... acho que só, né?

→ Título? "Como será meu futuro?"

→ Como ele estava se sentindo? Muito preocupado, hoje em dia é só preocupação com o futuro. De repente não teve uma vida muito boa, os pais não tinham uma vida muito boa, um bom emprego, então de repente pensou em ser rico, em se formar. Quem não quer ter uma vida melhor?

→ Pergunto se tinha mais alguma coisa na prancha, ela responde que não.

→ Aponto violino e pergunto o que é? Suporte, suporte de livro.

Pch 1

TLI: 2" TT:1'

Bom, era uma vez um menino muito inteligente que gostava muito de ler. Passava a tarde estudando, focalizado em seus livros.

→ Título? Se bem que é uma história, mas eu falei 3 palavras. “O garoto inteligente”

→ Como ele estava se sentindo? Ah, eu acho que ele não tem nenhuma demonstração de sentimento, tá concentrado, não tem nenhuma demonstração que ele tá feliz ou triste...

→ O que vai acontecer depois? Ah sei lá, acho que ele vai ficar meio paranóico de tanto estudar e vai ter algum problema mental (eu digo assim em relação ao que comecei a falar).

Pch2

TLI- 15” TT- 2’

Humm... aqui, só uma coisa: aqui no caso aqui é uma outra história, né? Ah, tá ... (risos) o que me passa essa figura é... é... é quase parecido assim, né? Porque tem é... me passa uma moça jovem, e era uma vez uma moça jovem no sertão procurando uma vida melhor e... deixando para trás né? É... aquela vida mais humilde para poder procurar... ah, aqui no caso, (risos) crescer também no estudo, está parecendo uma mocinha de escola assim, e... talvez pensando né? Se seria melhor ou não, se compensaria mesmo ela deixar aquela vida ali pra tentar sobreviver, de repente pode sair, não dá certo, tem que ir para um outro lugar pensar que ia melhorar mas acaba, igual a gente vê pessoa que vem de outros lugares acha que vai, depois não passa, acaba virando mindingo, essas coisas, né? Então de repente ela estaria procurando mas um tanto, um tanto também preocupada em se... se vai dar certo ou não, né? Hum... tá bom né?

→ Título? Para essa história... é ... (...) ah, “Uma nova vida”, assim uma nova vida. (risos)

→ O que vai acontecer? Acho que ela tem, bom, como é que se diz... ela, eu acho que ela pode, dependendo da vontade dela, ela pode conseguir o objetivo, né? Que ela quer. É que às vezes a gente é um pouco pessimista, né? E acaba pensando sempre ao contrário um pouco, mas eu acho que ela tem capacidade porque a gente sabe que... a vida que ela leva é, é mais difícil. É lógico que sempre, é... a vida que ela leva é mais difícil então, ela procura esse outro caminho para ela seria melhor, né? Aí eu penso isso...

→ Como você acha que ela está se sentindo? Ah, eu, eu acho que... ela, essa daí, ela tá mais, mais confiante,... mais, apesar de pensar em deixar a família, deixar aquele lugar pensar que tudo o que ela viveu ali, ela deve estar mais confiante e acreditando mais em si, né? É, é jogando mais em si, né? Para dar certo...

Pch 2

TLI:2” TT:4’

Bom, nessa foto eu vejo o campo, pessoas humildes trabalhando, mas de coração aberto, pessoas alegres, e que, com rosto sofrido pelo desgaste do trabalho, do tempo, mas de coração alegre porque são felizes com o que fazem e gosta do que faz, né? E mesmo na humildade são feliz pelo que eles vivem. Aparentemente uma mulher religiosa, com o coração muito cheio de fé, e eu acho que quando a gente tem um pouco de fé, ajuda muita coisa.

→ Título? “Um belo dia no campo”

→ Como era o relacionamento entre essas pessoas? Eu percebo um relacionamento de amizade, relacionamento de ajuda um pelo outro, de carinho e atenção.

→ E o que você acha que vai acontecer depois? Depois? É difícil falar assim depois, mas sei lá, eles vão continuar vivendo, trabalhando, conquistando terras, conquistando aquilo que eles planejam, terras pra eles e ter uma boa vida depois, poderem crescer, constituir família alguns aqui são jovens, e ter uma vida feliz, continuar ter uma vida feliz. Não vejo eles como uma família triste, mesmo eles trabalhando na roça assim, eu vejo eles como uma família feliz e isso seria só o progresso do que vivem hoje.

Pch 4 **(história coletada apenas na reaplicação)**

TLI:Imed TT:2’

Bom, esse daqui tem uma boa história, vai se chamar Fernando e Cristiane, não sei se pode dar nome real, (risos) mas eu vou chamar de Fernando e Cristiane. Dois jovens casal que se apaixonaram, se conheceram, constituíram uma família linda e alcançaram alguns objetivos que eles queriam, e correndo atrás de outros, com algumas desavenças no caminho mas com fé que tudo vai se constituir e aí chegaram aí a 3 filhos, e compraram a casinha deles, o carrinho deles e pensam em manter futuramente, poder dar bons estudos para os filhos e continuar mantendo a família e crescendo profissionalmente e alcançar os demais objetivos que eles têm juntos, né? se assim eles conseguirem continuar juntos pro resto da vida, assim são um casal muito apaixonado.

→ E como é o relacionamento deles? Ah, então, são relacionamento muito amigável, as vezes é meio estressante porque a mulher é meio brava, mas, ela é uma pessoa que o ama muito, ele também a ama muito, respeita muito, e quando se tem respeito primeiramente tem tudo pra dar certo.

→ Relacionamento com os filhos? Como os filhos também, ela é um pouco mais rude às vezes, mas ama muito, gosta muito de tê-los perto, ele é muito paizão, em todo tempo, às vezes ele até esquece de corrigí-los, mas é o pai que toda criança gostaria de ter.

→ O que é isso? Hum, daqui eu acho que é...uma bela história que eu contei é cena bisbilhoteirinha querendo atrapalhar a vida deles, é uma terceira pessoa querendo atrapalhar.

Pch 7 MF

TLI- 15" TT- 4'

(...) ai meu Deus... hum... (risos) ah, eu acredito é... um ensinamento de mãe para filha sobre, sobre os cuidados de uma criança sobre, talvez essa criança... para mim teria essa figura dois sentido... ou até mesmo assim, eu poderia contar duas histórias, em relação a ser irmão, em relação a se, hoje em dia do jeito que estão as coisas se troca o filho pela mãe, mas eu vejo mais como, uma relação de mãe ensinando e prevendo o futuro. Porque, é... porque, é, porque é, as coisas não é fácil assim, pra, pra ela ir tomando consciência porque tão pequena pode às vezes as mães, as mães, às vezes não tem costume, tem aquele receio de ficar conversando e aí acontece das crianças se perderem, e, e, às vezes por medo do pai e da mãe acaba se mostrando uma mãe bem amiga, né? Uma mãe amiga alertando a filha... não digo perigo... do que pode acontecer com ela, né? O que ela deveria estar previnindo se fosse isso que ela desejasse para ela, soubesse escolher a pessoa certa para que ela tenha uma vida feliz. Às vezes as pessoas pensam que , que é feliz mas na verdade, é, acaba é misturando muito as coisas ruins para a vida, né? Pensa que é feliz mas na verdade não é, e aí, às vezes por causa de uma coisinha já, que a gente pensa que não é nada, tem é, vai estragar o resto da sua vida, né? Então é isso que me passa. Ah, acho que só.

→ Título? Minha adolescência ("vai ficando mais difícil")

→ Como você acha que é o relacionamento dela com a mãe? É, é, eu achei, um relacionamento muito amigo, muito aberto, que eu acho que no meu entender, no que eu penso é que hoje em dia se as mães fossem muito amiga de seus filhos, né? A gente não via tantas coisas, às vezes a mãe tem vergonha, às vezes a mãe é muito bruta, a mãe e o pai, né? Não quer previnir, aí, às vezes trata mal e a criança cresce com aquilo aí então cresce revoltada e só quer fazer só o que quer da vida, né? Não se... não quer se importar com nada, no caso às vezes acaba até indo embora conhecendo, acaba tendo, saindo com uma pessoa aqui, outra ali, acaba engravidando, colocando filho no mundo, colocando os coitadinhos para sofrer, né? Aí o pai não quer ter responsabilidade, o pai é outra criança também, então eu acho

que, no caso da nossa figura eu achei um relacionamento muito amigo, né? Muito amigo, muito aberto e, seria bom que muitas mães fossem assim... (risos)

OBS: Cristiane parece estar mais tranqüila. Pesquisadora sente muito sono.

Pch 7MF

TLI:7” TT:2’

Bom, essa história eu vejo uma mãe com sua filha em um momento de prazer as duas juntas e talvez ela passando alguma coisa pra filha sobre a vida, explicando, a filha inclusive tá com um boneco no colo, o que se torna uma menina mesmo, brincando de boneca, só que, a mãe mostrando como a vida é difícil o que pode acontecer ou não... e a menina é uma menina bem cuidada feliz, tem prazer de estar perto da mãe, porque elas estavam numa sala, né? sentada, a mãe está lendo e elas estão ali próximas, e então ela tem prazer de estar ali perto, senta ali do lado, fica ali do lado, então isso transmite um amor assim, um ambiente familiar mãe e filha.

→ Que título você daria? É...ah, “meu futuro”.

→ E como era o relacionamento da mãe com a filha? Então, aqui como parece uma criança mais adolescente provavelmente podia ser que tenha algumas, provavelmente não, geralmente quando é uma criança- adolescente a gente tem alguns problemas, algumas divergências entre pai e mãe, mas é uma relação amigável, amorosa, cheia de cuidados.

→ O que você acha que vai acontecer depois? Ah, eu acho que essa menina vai crescer, vai se casar, ter seus filhos e essa mãe vai tá sempre do lado dela...porque se ela tá cuidando agora de pequena, ela vai crescer vai continuar do lado dela, ajudando e aconselhando o necessário.

Pch 8 MF

TLI- 15” TT- 2’

Vou ver se mudo um pouco...(...) hum... ah, é uma jovem senhora, assim, sentada na varanda de sua casa, uma jovem senhora, não, uma moça. Deixa eu ver... me passa assim sentindo abandonada...e... talvez carente, de carinho, de atenção de alguém né? Eu observo... uma moça, né? Sentindo... sentindo falta de companhia às vezes não só uma companhia de marido e mulher mas, mas uma companhia familiar, uma companhia mais amiga mesmo...e... ela não sabe como desabafar sobre seus problemas, alguma coisa assim, e sente um pouco oprimida, muito carregada de muitas coisas... e pensativa talvez, é... tentando ver que solução dar pra vida, né? Que solução conseguir para se livrar desses pensamentos, né? É muita angústia, assim, vive angustiada, amargurada. Só.

→Título: Título? É, hum... “Minha solidão” (risos)

→ No futuro, que solução dará para vida? Futuro assim, ela pensando, ela está angustiada, amargurada, sozinha, o que vai acontecer? ai... solução, deixa eu ver... não tem solução, só o tempo mesmo...acho que... uma pessoa.... eu penso assim, uma pessoa solitária, né? Pra a solução prá ela é tempo, é continuar vivendo e tentar curtir melhor a vida, tentar se distrair... e, então com isso que vão, que vai descarregando essa coisa, né? Eu acredito que isso assim...

Pch 8MF

TLI: 3” TT: 2’

Bom, aqui nesta figura a história que eu tenho que contar, o título da minha história é “uma linda mulher”. Estava lá sentada uma bela mulher sentada na varanda do seu jardim, pensando na vida, pensando nos seus afazeres, e a espera que um grande amor pudesse aparecer, em frente a ela ou talvez um príncipe encantado, mas tava confiante que isso um dia ia acontecer. Hum...e era uma mulher muito feliz, muito bonita, e um dia chegou seu príncipe encantado, apareceu, ela avistou de longe, foi amor a primeira vista e ela viveu eternamente feliz.

Pch 16

TLI- Im TT- 2’

Ah! É, essa é bem diferente, (risos)... é ah, deixa eu ver com calma, uma história, é... tipo assim, o que eu vejo nesse papel, né? Ah, eu vejo um jardim lindo, verdinho assim, como se fosse um jardim lindo, verdinho com rio corrente, umas montanhas, um lugar de paz, né? Um lugar de passarinhos, na natureza, um lugar que tem que se, alivia mais a sua alma, aliviar o espírito, onde não tem nada que eu contei, nada de preocupação, nem de solidão, e, um lugar de... é acho que isso assim, como se fosse um jardim, um rio no meio, um rio correndo, sol nascendo, faz de conta que é eu que estou lá... no jardim, uns bancos de praça, e eu ali, pensando, clareando as idéias e, é isso, e... pensando em dar um novo rumo para minha vida, só isso... só... (risos)

→ Título? “Paz e alegria”

→ O que está chamando de Rumo? Que novo rumo... ah, pensando como fazer para melhorar ... às vezes a gente é, às vezes a gente de repente faz as coisas erradas, a gente precisa melhor, é, às vezes é com o esposo, às vezes é com filho, às vezes é o seu jeito de ser, às vezes até com uma pessoa distante... é procurar melhorar o seu jeito, procurar se dar bem com as pessoas por mais, por mais que te façam mal, conseguir, está até na Bíblia, então procurar

fazer sempre o melhor, né? Às vezes a gente pensa que está fazendo o bem e se a gente for ver, está fazendo tudo errado, né? então é isso...rever o que está se passando. No nosso meio é importante parar para pensar é um meio de ajudar as outras pessoas, eu mesmo tenho uma filha porque eu achei importante.

Pch 16

TLI: Imed TT: 3'

Eu não tô vendo nada...bom... é uma vaquinha que comeu todo o pasto, aí ficou em branco, brincadeira (risos) Bom, vou descrever assim... eu tô vendo uma casa muito bonita, um jardim muito bonito nessa casa, um céu azul claro, mas bem vivo, sol muito bonito e... ah e uma piscina também bem gostosa, uma churrasqueira em um lugar de lazer, essa é minha figura.

<u>História</u>

Bom, havia uma casa muito bonita onde morava uma família muito feliz. Hum... que difícil, e esta família estava em um dia de festa muita carne, churrasco, muita salada, refrigerante, e ali eles tiravam fotos, comiam, bebiam tinha sobremesa de todos os tipos, estava alí num momento de lazer com a família, toda a família, comemorando o aniversário da dona da casa, e todos muito felizes... e depois quando terminou a festa, a família do local ficou, comentaram sobre o que tinha passado. Foram fazer a limpeza e terminaram o dia na sala, assistindo um filme de comédia para poder finalizar aquele dia tão feliz que eles passaram juntos, depois foi cada um pro seu quarto dormir.

→ Título? "A grande festa" pode ser?

→ E como é o relacionamento desta família? Sim, mas na minha história incluía duas famílias, vamos se dizer. A família, eu, meu marido e meus filhos e a família local. Tá perguntando qual? Da família local, era uma família muito unida, eu falo assim, porque eu acho que toda família devia ser assim, então eu vejo assim, uma família muito unida, muito cheia de vida, é, alegre, que compartilha a festa com os demais, porque gosta de compartilhar os momentos bons também, porque a gente não pode só compartilhar os momentos ruins e ali no meio tinha alguns amigos que era importante, também se tornaram da família, eu vejo assim, muita alegria, muita animação, muito amor e o que eu gostaria que fosse com todas as famílias.

QUAL PRANCHA MAIS GOSTOU? POR QUÊ?

2002 – 7MF - A da mãe com o neném, na verdade não sei, fico entre ela e a minha (um lugar de paz quem não gosta? Nos dias de hoje, violência).

2008 – 2 - De todas? Ah eu acho que a que eu gostei mais foi a dos camponeses, a do campo. Porque para ser feliz na vida não precisa ter dinheiro, dinheiro não traz felicidade, pra você ser feliz é preciso estar em paz com Deus, em paz com seu coração, com quem te rodeia. Aquele pessoal, cada um era uma família diferente, então eles eram famílias felizes mesmo vivendo no campo eram felizes, gostavam do que eles faziam e assim que eles conseguiram progredir então assim, pra mim foi a família a mais importante das minhas histórias porque eu acho que prevalece é a força de vontade, a coragem, determinação, eu acho muito importante também, então ter um objetivo, uma determinação, eu acho isso muito importante, então pra mim foram eles.

QUAL PRANCHA MENOS GOSTOU? POR QUÊ?

2002 – 1 - Acho que gostei de todas mas já que tenho que responder acho que a 1ª, não sei se porque foi a 1ª. Eu dei essa história mas eu acho que não temos que pensar assim, só os filhos do riquinho (às vezes a pessoa cresce com muita ambição) acho que a pessoa tem que ser o que realmente é.

2008 – 1 - Ah, que eu gostei menos foi a do menininho, que ele era muito inteligente, mas por não saber controlar, estudou demais e acabou se prejudicando, acabou ficando doente mental porque querer fixar muito numa coisa só, e não abrir a mente pra outras, saber conviver com outras coisas também, né?

4.6.4.1. Interpretação das pranchas

Há uma significativa diferença que marca todo o protocolo obtido na segunda coletaem relação ao obtido na primeira: tanto os tempos iniciais de latência quanto os tempos totais tiveram redução apesar da estrutura das histórias terem sido razoavelmente aprimoradas. Tal modificação pode estar associada à uma melhor organização do funcinamento egóico de Cristiane, hipótese que ganha força se for observada a análise do tipo de solução apresentada no primeiro e no segundo momento (na primeira aplicação Cristiane

não resolve nenhum conflito em comparação com não ter deixado nenhum conflito em aberto na segunda fase da coleta) e a qualidade das respostas durante a segunda entrevista com ela.

Prancha 1

Na primeira coletaCristiane demonstra impulsividade e ansiedade perturbadora no que se refere à atitude frente ao dever e aspectos do ideal de ego. Sua história é relativamente estruturada e seus mecanismos de defesa não dão conta de auxiliar na elaboração do conflito que gira em torno da necessidade de realização e de superar obstáculos, o qual se mantém em aberto. Há também sinais de labilidade emocional e perda de distância em relação ao estímulo chegando em alguns trechos da história a fazer auto-referência. Pensa-se que houve comprometimento da produção em função de problemática emocional que dificultou que Cristiane se adaptasse à situação. Como esta foi a primeira prancha a ser aplicada e, assim como ocorreu em relação ao DFH, talvez Cristiane tenha se sentido constrangida em relação à sua produção e a um possível julgamento de sua capacidade cognitiva por parte da pesquisadora. Como o percepto violino foi distorcido e percebido como suporte de livro é importante também que se retome a questão das dificuldades que Cristiane apresentou em relação ao prosseguimento da vida escolar (abandonou a escola) o que aparece em sua produção como preocupação com relação ao futuro e à qualidade de vida

Na segunda fase da coleta observa-se uma melhora na estruturação egóica no que se refere ao controle da ansiedade. Cristiane consegue apresentar uma maior integração dos processos primários e secundários embora se utilize da volta do impulso agressivo contra si e assim, fracassa na elaboração do conflito frente à necessidade de realização. Se adapta de forma mais tranqüila à situação nova embora oscile entre distanciamento e perda de distância construtiva em relação ao estímulo da prancha. Cristiane apresenta alto índice de idealização o que acaba por tornar inalcançável o objetivo.

Pensando-se que as histórias frente à esta prancha também podem contemplar a relação com a autoridade e reflete a atitude do indivíduo frente à situação de teste, se forem levadas em conta ambas as justificativas que Cristiane apresentou em ambas as aplicações para o fato de ter sido esta a prancha de cujas histórias menos gostou, pode-se inferir que houve por parte de Cristiane um ataque à pesquisadora por conta da idealização (possivelmente geradora de inveja) da mesma: “só os filhos do riquinho” (sic) e “ele era muito inteligente mas por não saber controlar estudou demais e acabou se prejudicando, acabou ficando doente mental” (sic).

Prancha 2

Cristiane apresentou-se impulsiva e insegura durante a primeira aplicação frente à percepção do ambiente e nível de aspiração. Houve perseveração do conflito entre a necessidade de

realização e o medo do fracasso. Apresentou pouco domínio da ansiedade o que dificultou que Cristiane apresentasse solução para a problemática evocada. O conflito razão *versus* emoção é também contemplado. Não houve menção ao tema da maternidade e, somando-se a isto a percepção do campo como sertão e a dificuldade de confiar nos próprios recursos levanta-se a hipótese de que Cristiane esteve bastante desanimada com relação ao futuro, o que inclui a gravidez e a chegada do segundo bebê. Se utilizou de isolamento afetivo o que reforça o quanto Cristiane esteve mobilizada pela temática da prancha.

Na aplicação seguinte (2008) Cristiane apresentou bom controle da ansiedade embora tenha apresentado hesitação frente a solução da conflitiva entre trabalho (princípio de realidade) e recompensa (princípio do prazer). Há percepção de um ambiente, inclusive o familiar, não só muito menos hostil como também afetivo. Cristiane esteve muito mais confiante em seu potencial, provavelmente em função dos objetivos idealizados terem passado a mais realistas. Nenhuma menção à gravidez porém sim à construção de família como algo que veio satisfazer a necessidade de afiliação emocional apresentada por Cristiane. A solidão da aplicação anterior deu lugar a um ambiente que oferece companhia e parceria. Cristiane elegeu esta história como a sua preferida durante a segunda aplicação o que provavelemente guarde relação com seu momento de vida na época, marcado por força de vontade, coragem e determinação para progredir e conseguir se satisfazer com uma vida real e não mais idealizada.

Prancha 4

Apesar da auto-referência e portanto perda de distância em relação à prancha, Cristiane consegue controlar bem a ansiedade despertada frente ao tema da relação heterossexual, relação à qual atribui características bastante afetivas e é percebida por ela como fonte da satisfação de suas necessidades de afiliação e realização, o que inclui a vinda dos filhos. Há certa perseveração da prancha anterior no que se refere à preocupação com o futuro porém apresenta-se mais otimista, resolvendo o conflito por méritos próprios, a seu favor e respeitando o socialmente aceito. Há desconforto frente à possibilidade do triângulo amoroso se configurar porém o referido sentimento é mantido sob controle com o mesmo mecanismo de defesa (negação) que atua para eliminar a percepção da questão conflituosa entre o casal.

Prancha 7MF

Há tentativa de se conter frente à ansiedade despertada pela área da relação com a figura materna durante a aplicação realizada na gravidez. Cristiane teve dificuldade de manter distância o que aponta para a possibilidade de problemática referente à maternidade, principalmente levando-se em conta a hesitação em relação à boneca e a temática da vida feliz *versus* a infelicidade. Busca sentir-se segura por meio da aprovação por parte da pesquisadora a qual começa a sentir-se cansada e com sono durante a aplicação. Cristiane percebe a figura materna com muita ambivalência, ora como alguém que cuida e é próxima (mãe ideal) e ora como alguém hostil de quem é preciso manter distância (mãe real) mesmo que isto implique em mais conflitos e dificuldades. À figura do sexo oposto é desqualificada e percebida como alguém sem maturidade e em quem não se pode confiar. A figura do filho é percebida como aquela sem significância ("por causa de uma coisinha"), "coisas ruins" e que vem "estragar o resto da vida" e portanto representa perigo.

Apesar de tudo isso, provavelmente por conta dos momentos de idealização da relação com a figura materna, Cristiane elege esta história como a que mais gostou de todas as que compuseram o primeiro protocolo coletado .

Na segunda coleta, os mecanismos de defesa de Cristiane estiveram muito mais atuantes no que se refere ao controle da ansiedade o que resultou em uma história bem estruturada e marcada por cumplicidade e cuidados na relação mãe e filha. A referida relação é percebida como prazerosa e fonte de confiança e ensinamentos. Não há negação da existência de momentos de conflito porém estes são percebidos como parte integrante da relação pais e filhos e passíveis de serem resolvidos sem a ameaça de rompimento do vínculo.

Prancha 8 MF

Na primeira coleta o tema da solidão e do desamparo volta a perseverar na história frente à prancha que evoca associações referentes aos conflitos atuais e conteúdos de devaneios. Apesar de referir-se à certo desencontro na relação marido e mulher Cristiane consegue dominar a ansiedade a partir de reforço defensivo o que permite a elaboração de uma solução que fica condicionada à passagem do tempo mas também ao esforço pessoal dela. Cristiane faz referência à necessidade de ser escutada para descarregar, desabafar e assim se sentir melhor. Coincidência ou não, ao longo desta primeira aplicação ela inicia extremamente angustiada e desorganizada e, conforme vai falando e a pesquisadora vai escutando, torna-se tranqüila e consegue dominar a ansiedade despertada pelas pranchas a apartir de um certo momento. Isto faz pensar sobre o efeito organizador, efeito da oferta de

escuta e portanto do empréstimo de recursos afetivos e simbólicos, os quais produziram um efeito organizador intra-psíquico em Cristiane. Por esta razão é que Barros (2004) e Celia et al. (1977) defenderam em suas pesquisas a idéia de que mesmo antes dos bebês nascerem, a gravidez já é um momento particularmente interessante para esse tipo de intervenção, já que a mulher está sensibilizada emocionalmente, favorecendo as reflexões sobre os aspectos inconscientes e infantis, daí a importância de trabalhos de caráter preventivo. No material resultante da aplicação do TAT surgiram vários aspectos que apontavam para uma problemática emocional especialmente no que se refere às fantasias de doença.

Na segunda coleta Cristiane domina ansiedade e constói uma história bem estruturada na qual consegue, apesar de certo auxílio da fantasia, satisfazer a necessidade de afiliação, de causar uma impressão e atrair o sexo oposto. Há conciliação entre princípio do prazer e princípio de realidade, sinal de bom funcionamento egóico, e a ansiedade frente à auto-imagem e à própria capacidade dão lugar à auto-confiança e ao sentimento de satisfação.

Prancha 16

Nesta última prancha uma vez que o estímulo é totalmente em branco, o sujeito é levado a projetar-se e às suas necessidades mais prementes, o que foi extamente o que se passou com Cristiane durante a aplicação da primeira fase da coleta. Ela apresentou vivacidade e capacidade de se adaptar à situação. Trouxe novamente a questão da relação conjugal e das dificuldades que encontra na relação com a filha. No entanto parece que foi possível que nesta história Cristiane, bem menos angustiada do que no início da aplicação, começasse a perceber que tem parte nas coisas que acontecem com ela já que as escolhe, percepção que por sua vez também devolve a ela a condição de resolver seus próprios problemas. Pode se reconciliar com a figura do marido, da filha e consigo mesmo, o que conforme previsto por Murray, pode ser reflexo da relação transferencial estabelecida durante a coleta de dados, especialmente durante a situação de teste.

No segundo momento do tempo Cristiane apresenta certa ansiedade inicial a qual é dominada e assim consegue se adaptar bem à situação. Conta uma história auto-biográfica repleta de afeto e relações familiares marcadas por companheirismo. Novamente se observa conciliação do princípio primário do funcionamento mental com o secundário uma vez que Cristiane estruturou bem a história, com criatividade, atribuindo à ela certo toque pessoal que deu originalidade à sua produção. Cristiane recorre aos mecanismos de idealização, racionalização e sublimação para manter a ansiedade sob controle o que aponta para um bom

funcionamento egóico o que fica ainda mais evidente se for levado em conta o desfecho apresentado.

4.6.5. Movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho

A posição psíquica de mãe

Durante a gravidez observou-se a existência de muita insegurança em Cristiane o que apareceu sob a forma temores em relação ao parto, e preocupação e medo acerca da integridade física do bebê. Tais temores se evidenciam novamente na maneira com que Cristiane se refere aos filhos quando questionada acerca do método contraceptivo que vinha se utilizando após o nascimento de Isac: “só tomo injeção mesmo para evitar estas doencinhas” (sic).

Além disso, tinha receio de não conseguir dar atenção à primeira filha, Helena, após o nascimento de Tábata, o que se assemelha ao observado em Anne (referindo-se ao segundo filho que esperava) e também em Lina (referindo-se a um possível segundo filho). Isto vai ao encontro do que Pereira e Piccinini (2007) apontam acerca da diferença qualitativa que existe em relação às expectativas frente à vinda do segundo filho apesar dos pais já terem, em geral, assumido seus respectivos papéis na nova configuração familiar após o nascimento do primogênito. Afirmam que a passagem de um sistema triádico para um poliádico aumenta a complexidade em que se configura e funciona o sistema familiar e sendo assim, deveria ser trabalhada a preparação para a chegada de um novo bebê, ainda durante a gravidez.

Observou-se também muita culpa no funcionamento psíquico de Cristiane, por exemplo, ela acredita que tenha pedido tanto um bebê do sexo masculino que Isac veio “com o mesmo problema de Tábata” (sic). Tal efeito superegóico deixa marcas na posição psíquica de Cristiane como mãe a qual parecer ser influenciada pela dificuldade com relação à frustração: possivelmente por perceber os pais de forma tão rígida a Lei passou a ser confundia com autoritarismo, exigência esta que foi introjetada por ela. Tanto parece haver aí uma construção de Cristiane acerca da relação com suas figuras parentais que ela se contradiz definindo-se ora como robô e ora como danada quando era pequena.

É importante a percepção de Cristiane sobre a dificuldade dos pais em aceitarem o fato dos filhos terem crescido e terem vida própria. Ela faz referência a mãe como alguém que não aceita as pessoas do jeito que elas são, “parece que só ela tem problemas” (sic). Cristiane diz

que quer ser uma mãe diferente, ou seja, a relação com a própria mãe tem estado em jogo na maneira como Cristiane vem exercendo a maternagem. Ela e o marido querem dar educação para os filhos obedecerem e não, terem medo. Conta que ela e os irmãos tinham que ser perfeitos.

Sua percepção de que seu pai sempre teve uma "quedinha pelo lado dos meninos" (sic) talvez tenha influenciado o desejo de Cristiane por um filho do sexo masculino. Identifica-se neste ponto a atuação de fragmentos inconscientes e revivescências inerentes à sua própria história no referente à maternidade assim como pontuam De Felice (2000), Gianlupi (2003), Herzberg (1986;1993), Maldonado (2000) e Soifer (1992). O marido de Cristiane acha que ela entrou em crise quando soube que tinha dado menina" (sic) no resultado da ultrasonografia já que Cristiane "sempre teve obsessão por menino" (sic). Quando questionada do por que desta "obsessão" por menino ela respondeu que sempre gostou e não soube explicar o motivo: "acho uma fofura, sempre achei menino lindo, não pelo fato do sexo, desde pequena sempre pensava em menino, achava que seria a minha vontade" (sic).

Pode-se encontrar também aí, no desejo de Cristiane pelo filho menino, a criança esperada como herói da qual fala Mannoni (1995), o seja, aquela que trás consigo a incumbência de completar o corpo da mãe (Aulagnier, 1990). Talvez, esta "quedinha"(sic) do pai de Cristiane "pelo lado dos meninos"(sic) já existisse desde que Cristiane estava por nascer, o que justificaria a atitude do pai de se afastar dela quando esta nasceu talvez decepcionado quanto ao seu sexo feminino e não masculino. Talvez isso tenha se passado em um nível mais inconsciente vivências às quais se somariam as suspeitas de que Cristiane era filha do pastor da igreja. Estas fantasias de Cristiane parecem ter se atualizado quando, após o nascimento de sua primeira filha, também menina, ela se emociona na entrevista ao contar sobre a maneira como seu pai tratava a neta, com desprezo.

Tais idéias ganham força ao lado do que apontava Freud (1996/1914) e posteriormente Battikha (2008) quanto à presença do bebê como fator responsável pela recolocação da mãe narcisicamente ao mesmo tempo em que esta transmite ao filho seu narcisismo primário "(...) lhe dá um sexo, teme que adoeça, que tenha malformações (...)" (Solis-Ponton, 2004, p. 32).

Suposição do sujeito

Cristiane descreve Tábata como uma criança muito alegre, simpática, que se dá bem com todo mundo. Comenta que agora está ficando um pouco diferente do que ela imaginava por causa dos "problemas que ela tem" (sic) e que não imaginava que fosse ter um filho cujos

problemas ficassem “aparentes” (sic). No entanto, Tábata já nasceu diferente muito antes do bebê que nasceu na realidade, desde que Cristiane passou a conhecer o sexo do bebê que esperava. Nesse sentido, desde bem precocemente parece ter havido uma grande dificuldade de Cristiane em aceitar e conseguir supor em Tábata um sujeito diferente daquele que esperava, dificuldade em Cristiane que já se evidenciava desde a depressão pós-parto que se instaurou após o nascimento da primeira filha e que também fica evidente na terceira gravidez a qual apontou para sua insistência em tentar ter um filho do sexo masculino, o que finalmente aconteceu. No entanto, com a vinda de Isac também com o mesmo problema congênito de Tábata parece que finalmente Cristiane pode perceber que, para além e apesar do seu desejo, a criança que nasce é diferente daquela com a qual sonhava, o que parece estar tendo efeitos muito positivos na relação de Cristiane, inclusive, com os outros filhos. Parece que com a vinda de Isaac ela pode finalmente se liberar da “missão” de ter um filho menino para então poder se dedicar à maternagem das crianças que nasceram.

Tais inferências podem ser ilustradas pelo seguinte trecho: Cristiane relata que Tábata teve “depressão” no pós-parto e se sentiu muito culpada por saber que isto era decorrente da rejeição que provavelmente a criança sentiu durante a gravidez: “ela passou por tudo que passei. Como eu comecei a ter depressão desde que Helena nasceu, o médico disse que se estendeu para Tábata. Do Isac já não, eu estava extremamente feliz! No momento que soube o diagnóstico dele fiquei um pouquinho abalada mas não cheguei a ficar deprimida” (sic).

A dificuldade de supor em Tábata um sujeito para além do que esperava volta a aparecer quando Cristiane responde sobre o que Tábata representava para ela naquele seu momento da vida: “ ah, sei lá...ela, meus filhos são a coisa mais importante da minha vida. O marido até fala que ele tem que ser mais importante e eu respondo que não. Primeiramente Deus e em seguida os filhos. O marido se pode até trocar – não que seja o caso...(risos)” (sic). Observa-se nesta fala que Cristiane não consegue falar de somente de Tábata necessitando incluir os outros filhos em sua resposta e também a figura simbólica do pai (Deus).

Aspectos do desenvolvimento do filho da realidade e da relação mãe e filho

O pós- parto de Cristiane após o nascimento de Tábata foi, segundo ela, bastante corrido, pois a criança ficou hospitalizada por volta de 20 dias em função da doença com a qual nasceu. Tal internação causou muitas dificuldades e potencializou outras na relação de Cristiane com a filha, o que inclui por exemplo, os entraves na amamentação.

Atualmente Tábata faz acompanhamento médico e psicológico no Instituto da Criança, no Hospital das clínicas e segundo Cristiane apresenta um leve retardo mental, além de ter apresentado uma série de atrasos no desenvolvimento psicomotor. Além disso, apesar de a professora de Tábata nunca ter se referido à qualquer problema de aprendizagem, notou uma instabilidade de humor "às vezes está bem e de repente fica emburrada. Isto já foi percebido pela professora" (sic).

Tal diagnóstico de retardo mental leve se confronta com a fala de Cristiane de que Tábata é "esperta como o pai" (sic). Para Cristiane Tábata talvez esteja identificada com o marido pelo fato de não ter correspondido ao filho esperado por ela e assim não seja possível para Cristiane identificar partes suas nela.

Cristiane se ressente da falta de cuidados que tanto ela quanto o marido sentiram quando, por ocasião do nascimento e diagnóstico do problema de Tábata, tiveram que cuidar da filha (se emociona neste trecho da entrevista) mas sem terem tido quem cuidasse deles.

Sobre o relacionamento com Tábata Cristiane afirma que repreende quando precisa – "filho tem que respeitar pai e mãe" (sic) e ao mesmo tempo dá amor "exageradamente" (sic). Falou que da mesma forma que trata Tábata, trata os outros dois. Para saber o que Tábata mais precisa Cristiane diz que percebe pelo choro: quando é choro de fome, manha, dor: "a gente sabe, percebe isto" (sic). Tal resposta de Cristiane aponta para o quanto, apesar de todas as dificuldades Cristiane tem conseguido exercer uma maternagem suficientemente boa assim como se observa que lhe foi possível experenciar a preocupação materna primária. Se percebe como uma mãe "leoa", extremamente preocupada e protetora com os filhos.

Cristiane parece extrair prazer da relação com os filhos. Disse que gosta muito quando está parada e vem um dos filhos e lhe dá um beijo: "eu sou muito família, gosto de viver junto. Adoro ir ao parque, viagem, curto bastante a vida em família. Criança é muito gratificante quando o filho obedece" (sic). Ela conversa muito com todos eles, até com o pequeno Isac. Ajoelha, conversa, faz combinados: "é gratificante ver que o trabalho tá dando certo" (sic).

Acerca do contato anterior lembrou dos mesmosos quais denominaou "consultas"(sic) apesar de não se recordar de nenhum aspecto específico, lembra de forma geral. No entanto recordou os efeitos que acredita que teve para ela. Diz Cristiane: "ajudou bastante porque tive depressão por que queria menino e não menina, e ela (referindo-se a filha) não pediu para nascer... fico até com vergonha de ter vivido aquilo. É importante reconhecer o erro e dá tempo de corrigir (se emociona)" (sic).

Relações na família e aspectos sócio-culturais

Cristiane tem uma relação de muita cumplicidade com o marido Fernando. Sobre a vida conjugal definiu durante a gravidez seu relacionamento com o marido como “legal” e complementou dizendo: “parecem duas crianças, ele é novo mas, é responsável, amoroso, bom pai, atencioso, dá muita manha para a filha, procura resolver a discutir” (sic). Frente à Prancha 7MF Cristiane conta uma história na qual uma menina muito jovem “acaba engravidando, colocando filho no mundo, colocando os coitadinhos para sofrer né? Aí o pai não quer ter responsabilidade, o pai é outra criança também” (sic). Tal recorte somado às informações de ambas as entrevistas dão indícios da preocupação de Cristiane com a falta de maturidade tanto dela quanto do marido, preocupação que ao longo do tempo vem dando lugar a um posicionamento que vem assumindo e percebendo no marido, cada vez mais claro como mãe, pai e casal. Tais apropriações referentes aos seus respectivos lugares aparecem nas histórias dela durante a segunda aplicação, vide pranchas 2, 4, 8MF e 16.

No que se refere à esta apropriação com relação a sua posição de mãe e mulher, faz-se uma ressalva do quanto neste processo tem sido importante para Cristiane deixar as influências de sua mãe de lado. Apresenta uma relação marcada por muita rigidez com as figuras parentais, rigidez esta que por mais que Cristiane tente se livrar, já faz parte integrante de seu funcionamento: “criança é muito gratificante quando o filho obedece” (sic), “é gratificante ver que o trabalho tá dando certo” (sic).

Por ocasião da segunda entrevista o relacionamento de Cristiane com Fernando estava sofrendo um abalo por conta de questões financeiras: “às vezes tem uns altos e baixos, anda meio nervoso por causa do serviço. Ultimamente tá meio difícil. Ele sempre foi calmo” (sic). Apesar das dificuldades financeiras Cristiane após descobrir que a primeira filha estava sendo maltratada pela pessoa a quem havia delegado os cuidados com Helena não voltou mais a trabalhar. Desta forma passou a ser a única responável pelos cuidados com os filhos, dedicando-se integralmente à esta função a qual lhe gratifica. Pelo lado de Tábata esta proximidade da mãe somada às suas dificuldades motoras a deixam ainda mais regredida o que pode ser observado durante a segunda coleta de dados realizada na residência de Cristiane, no momento em que Isac bateu em Tábata a qual dependeu da intervenção de Cristiane para se defender já que não apresentou nenhuma atitude além de chorar.

Enquanto esteve grávida de Tábata, Cristiane ainda não tinha escolhido nome para menina. Quem escolheu o nome para a bebê foi o marido. Segundo ela, quando Isac nasceu o marido de Cristiane não a deixou colocar o nome que ela havia escolhido durante as gestações anteriores caso os bebês fossem meninos: “ele não deixou eu por meu nome” (sic). Tais

passagens fazem referência aos resultados da pesquisa de Piccinini et al. (2004) que indicaram que as mães, desde a gestação, procuram oferecer identidade ao bebê, atribuindo-lhe expectativas e sentimentos quanto ao seu sexo, nome, características psicológicas e saúde.

Com relação ao encontrado no material de Jace foi observado que os conflitos com a primeira filha se acirraram durante a segunda gestação "era um pouco estressante" (sic). Cristiane diz que tanto ela quanto Helena são nervosas e não havia muito carinho de mãe e filha. Cristiane dizia na época, que a pesquisadora poderia lhe ajudar muito já que ela própria reconhecia seu descontrole com a filha.

Cristiane refere certo "sufocamento" por parte da mãe que de tão rígida não deixa as crianças da família (referindo-se aos netos) respirarem. Até hoje se afeta com a "chantagem emocional" da mãe, figura bastante significativa para Cristiane. Atribuí às dificuldades de relacionamento com os pais, especialmente com a mãe, o fato dela e dos irmãos terem ido embora de casa. Percebe que há algo mal resolvido no casamento dos pais e talvez sinta-se culpada especialmente pelo que aconteceu por ocasião de seu nascimento época na qual havia boatos de que Cristiane talvez fosse filha do pastor da igreja que sua mãe freqüentava. Cristiane diz que seu pai nunca foi muito seu "fã" e que se acostumou ser desprezada por ele.

4.7. Caso 7 – Janaína e Juca – Quando a função paterna faz a diferença

Último encontro na pesquisa inicial (1ª coleta): 14/09/2001
Encontro na nova coleta: 08/04/2008
Local do encontro: residência de Janaína

4.7.1. Recortes da história de vida da mãe e o filho imaginário

Janaína, 27 anos, solteira por ocasião da primeira coleta, morava com o pai da criança e com os sogros há 1 ano. Quando da segunda fase da coleta, Janaína estava casada, porém com outro homem, pai de seu segundo filho o qual nasceu no intervalo de tempo entre o primeiro e o segundo contato com a pesquisadora e estava com um mês e uma semana de vida. Juca, o bebê que esperava em 2001 estava com 1 ano e 3 meses de idade quando se separou de seu primeiro companheiro. Por ocasião da segunda coleta já estava com 6 anos de idade.

Janaína conheceu o pai de Juca dois anos antes de engravidar e relata que desde a gravidez o relacionamento com ele já não estava bom. Quando se separaram Janaína relata que voltou para as baladas e “entregou o filho para a mãe (avó materna) de mão beijada” (sic).

Janaína tem 2º grau completo e quando estava grávida de Juca tinha a intensão de fazer faculdade. Trabalhava como vendedora, função da qual dizia gostar muito. Durante a gravidez de Juca trabalhava com vendas e no momento em que houve a segunda entrevista não estava mais trabalhando. Quando Juca nasceu Janaína não pretendia mais voltar a trabalhar, mas após o nascimento do segundo filho, Fred, tem pensado a respeito, mas acha complicado por conta dos horários já que estão morando longe, em uma cidade vizinha à São Paulo.

O pai de Juca, Jorge, era dois anos mais velho que Janaína e o atual companheiro também apresenta esta diferença de idade. O primeiro companheiro tinha o colegial completo e trabalhava com o pai . Gerônimo, pai de seu segundo filho fez até segundo ano da faculdade e trabalha como empresário. O conhece há mais de 10 anos. Desde que se separou foi praticamente a única pessoa com quem ficou.

Jorge, seu namorado na época em que engravidou usava maconha. Janaína dizia que ele era dependente químico e que diminuiu um pouquinho o uso depois que ela engravidou. Janaína tinha esperança de que Jorge parasse até o bebê nascer, mas este só parou mesmo quando Juca tinha 6 anos. Nesta ocasião Janaína e Jorge já estavam separados.

A gravidez de Juca não foi planejada, assim como a segunda também não. Janaína estava com pedra nos rins e por conta de uma internação teve que suspender o uso do anti-concepcional e acabou engravidando novamente. Apesar disso, relatou que a segunda gravidez foi desejada e, inclusive o atual companheiro queria ter um filho com ela até pelo fato dela já ter tido um com outra pessoa. Sendo assim a gravidez “foi bem aceita por todos” (sic). Janaína diz que por outro lado, “foi uma catástrofe porque apesar de querer ter outro filho as circunstâncias não estavam apropriadas - morava em São Paulo e meu namorado distante, estava trabalhando, e o pior é que meus pais não queriam criar outro filho - agora é o ‘preto’ e o ‘branco’” (sic), Janaína refere-se à maneira carinhosa como seus pais chamam Juca e Fred.

A segunda gravidez foi marcada por muitos sintomas físicos. Apesar dos enjôos terem ocorrido só nas três primeiras semanas sentia “muito, muito sono. Engordei 5 quilos a menos do que a primeira que engordei 20 kg. Fiquei deformada!” (sic). Na segunda gravidez enjoou de suco de caju e feijão. Durante a primeira gravidez estranhou muito o aumento de sua sensibilidade, teve enjôos e diminuiu sua vontade de ter relações sexuais, o que na ocasião,

associava à pouca beleza do corpo na gravidez. Enjôou de coisas que sempre comia e, por outro lado, sentia vontade de comer coisas que nunca comia (ex: massa e bife de fígado, os quais segundo ela "ama" até hoje desde então). Tentou evitar refrigerante. Falava que se sentia "uma verdadeira cadela" (sic), pois seu olfato estava muito aguçado: não podia sentir cheiro de nada porque fica enjoada (ex: óleo de amêndoas).

Janaína disse que foi muito mais cuidadosa com a alimentação durante a segunda gestação na qual se cuidava para não engordar muito: "eu fiquei até bonitona, curtia a barriga, a pele estava bonita, só o seio que cresceu muito. O paladar também mudou muito. Estava feliz queria sair para tudo quanto é canto porém em outros momentos não queria falar com ninguém: nem ir à academia e nem falar com você" (sic). Janaína estava se referindo a pesquisadora uma vez que quando coincidentemente foi retomado o contato para combinar a segunda fase da coleta, Janaína tinha acabado de descobrir a gravidez e adiou por todo o período gestacional o encontro, aceitando o convite logo após o nascimento do bebê. "Fico insuportável quando fico grávida. Insuportável no sentido emocional, achava que ninguém me entendia. Parei os 9 meses, só dormia, não fazia nada. Mas hoje eu tô a fim de falar" (sic). Também se refere a bons momentos com as amigas após o nascimento de Fred.

Quando estava grávida de Juca dizia que não tinha preferência para o sexo do bebê. As pessoas (toda a família) falavam que seria um menino. Nas primeiras semanas ela achava que fosse ter uma menina. Ela diz que imagina o bebê muito bochechudo, cabelo escuro, olho escuro, formato do olho do marido "boquinha de coração, bem nenê" (sic). Cometa: "foi tudo assim! Jorge e Juca têm cílios enormes e pretos!" (sic).

Já o segundo filho imaginava que seria bem pequenininho – "isto foi diferente" (sic) boca do marido "isso foi igual" (sic), o nariz parecido com o dela, careca igual ao marido. Achava que ia nascer um pouco mais parecido com ela porque o Juca é muito diferente, achava que Fred fosse ser mais moreninho e ele é branquinho. Acha que acertou mais acerca do que esperava do Juca.

Juca foi o nome que ela já havia escolhido para o primeiro filho se este fosse menino. O segundo filho disse que preferia que fosse um menino pois já sabia cuidar. Via a sobrinha que é menina e achava tudo muito diferente, "mesmo em termos do cuidados" (sic). Queria outro nome para o segundo bebê, um nome também com a letra "J" mas o atual companheiro achava que este deveria ser um nome que o ex- marido gostava também e não aceitou. "Depois montei sozinha 'Fred' e meu marido aceitou porque eu estava bem resolvida" (sic).

Juca nasceu de parto normal, experiência que Janaína disse ter sido marcada por muito sofrimento "Ah, trabalho de parto!" (sic). Depois disso contou que quando via mulher grávida

na rua tinha um sentimento de horror. O segundo parto foi uma cesárea mas também disse que "não gostou muito" (sic). Antes de Juca nascer dizia que queria ter mais filhos, após o nascimento de Fred Janaína diz que não quer mais e, inclusive, gostaria de ter feito laqueadura.

Janaína vem de uma família de 4 filhos, 3 meninas e um menino que é o caçula. A irmã mais nova que ela, engravidou alguns meses depois de Janaína e isso causou um grande mal estar e, consequentemente, turbulências na dinâmica familiar pois elas brigavam muito e disputavam atenção da mãe. Janaína relatava que ficava muito sensível e ora chorava à toa, ora ficava feliz à toa. Com o irmão nunca se deu bem e da irmã se considera muito dependente, gosta muito dela. A irmã e o cunhado dão muito apoio à ela.

Com os primeiros sogros, se relacionava muito bem, "melhor com eles do que com meu próprio namorado" (sic). Afirmava que por ser muito dependente das pessoas acaba se relacionando bem com elas.

Com os pais Janaína conversava sobre sexualidade mas a mãe nunca falava "faz isso ou aquilo" (sic). Sua menarca veio aos 11 anos de idade "foi muito legal ir ao ginecologista e usar modess. Pegava muitas informações de revistas. Conversa com as amigas que estão atualmente todas grávidas" (sic). Contou que tinha vários parceiros com os quais "passava do limite mas como era bem orientada não engravidava" (sic). Conversava com a mãe e com as amigas.

Quanto à relação de Janaína com os pais ela afirmou que após o nascimento de Juca "tá pior ainda (referindo-se ao apego que eles têm por ela e ela por eles) eu sou terrível sabe Izabella? São muito superprotetores nem cresço direito, vai ver que é por isso que quando vim morar com meu atual marido foi doloroso porque lá (referindo-se à casa dos pais) tinha tudo prontinho" (sic).

Entre os pais, Janaína sempre teve a imagem de que eles são companheiros "os dois têm suas individualidades" (sic). No entanto Janaína percebe que sua mãe é "a vida do pai, se a mãe quiser uma estrela ele compra, vai até o céu e compra. Meu pai trabalha horrores, coleciona fuscas e tá sempre em casa (referindo-se a casa da mãe). Se minha mãe tá bem, ele fica bem" (sic). Janaína relata que a mãe ultimamente engordou 30 quilos devido à entrada na menopausa. Diz que o pai fica "abalado" (sic) por conta desta situação.

Referiu-se à família do atual companheiro como "diferente" (sic) porque a mãe e o pai são separados. Janaína adora o pai dele, pessoa muito humilde que mal sabe escrever (vieram da Bahia). A mãe do Geraldo sofreu muito com as traições do marido e atualmente com o

nascimento do netinho “tá mais humana vem conversar e antes era mais superficial” (sic). O pai dele tem outros filhos com outras mulheres.

Janaína referiu que o atual companheiro não foi muito sensível à algumas especificidades de gravidez “eu fico insuportável grávida, minha mãe dizia ‘grávida chata’” (sic). Janaína afirma que tanto na primeira como na segunda gestação ficou muito sensível, chorava por tudo, não se sentia cuidada. Janaína referia-se a um sentimento que oscilava entre sentir-se “bonita *versus* feia” (sic). Queixava-se de estar gorda e inchada. Tinha preocupação com relação ao aspecto financeiro. Ficava com medo, pensando se o bebê ia ser normal. Janaína dizia: “não que eu o rejeite ou me arrependa, só estou chata. Meu guarda-roupa mudou e enquanto isso minha irmã compra tudo. Não era nem para Jorge ser mais meu namorado, estou de saco cheio dele que é muito sistemático” (sic).

Ao se referir ao relacionamento com Jorge Janaína disse que nos momentos de discussão gostaria de ter “continuado brigando como se não fosse grávida”(sic). Janaína fez referência ao fato de Jorge não se sentir pai e acreditava que isto ocorria porque não tinha “nada dentro dele. Pai ele vai sempre ser, mas às vezes acho que vou cuidar da minha vida sozinha.” (sic). Janaína disse que já havia, por várias vezes ameaçado se separar.

Após a separação Janaína voltou a freqüentar **“**baladas”. Relatou que bebia bastante e chegou mesmo, em algumas “Raves”, a usar várias drogas (foi no ano de 2003), dentre elas êxtase. Atualmente acha que esta época foi uma fuga por ter dado “tudo errado” (sic) - ter tido um filho, ter separado- em sua vida. Este período durou um ano. Conta que gastava todo o dinheiro que tinha até que se deu conta de que “não ganharia nada com isto” (sic) e parou. “Ainda bem que não tive nenhuma seqüela” (sic). Alega que os pais faziam vista grossa aguardando para ver até onde ela ia. Janaína notou que ficou muito distante de todo mundo. Refere-se a tal época como a que serviu para dizer para todo mundo “o que não se deve fazer” (sic). Teve um momento de despedida no qual, já com o atual marido, beberam com amigos. Fala que adora vinho e está querendo tomar um vinho “e comer um queijinho” (sic).

Janaína fumava desde 13 anos até engravidar de Juca. Já tomou remédios para emagrecer. Após o nascimento do filho voltou e fumou “horrores” (sic). Parou novamente e enjoou de tal forma que não pretende mais voltar.

Relata que na família do atual companheiro “eles bebem bem” (sic). Janaína diz que eles “perdem horas bebendo uma cervejinha” (sic) e que isto tem sido motivo de constantes brigas entre ela e Geraldo.

Ao final da primeira entrevista de coleta Janaína encerra dizendo que ela era “um bebê levando outro” (sic). No entanto estava encarando a vinda do bebê como independência já que

estava se distanciando mais da mãe de quem alega ser muito dependente “sempre quero mais gente junto de mim” (sic).

4.7.2. Janaína após o nascimento de Juca e a relação mãe e filho da realidade

Após mencionar que Juca nasceu medindo 48 cm e pesando 3.160 quilos, Janaína compara com Fred que nasceu com 37 semanas (Janaína contou que tinha muita dor na barriga), pesou quase 3.500 quilos e mediu 49,5 cm.

A pesquisadora tentou direcionar a entrevista para a relação de Janaína com Juca e ela então lembrou que com o primeiro filho não teve nenhum problema na passagem das fases, desmame, início da alimentação ou sono. Tanto a saída das fraldas, como quanto a aprender a comer sozinho e a entrada na escolinha foram eventos muito tranqüilos, segundo Janaína.

Quando Juca nasceu ele dormia com Janaína em um quarto onde ficava seu bercinho. Quando Janaína se separou quando não coube mais no bercinho de viagem e então passou a dormir com ela em um colchão de solteiro até que engravidou novamente e então comprou outro colchão de solteiro e na hora de dormir os juntava. Já Fred dorme no carrinho e umas 5 horas da manhã Janaína o põe na cama dela até aproximadamente 8 horas.

No que se refere ao contato afetivo com o filho mais velho, Janaína diz que Juca é ora carinhoso e às vezes estabanado. Briga também com a irmã dela mas diz “eu gosto de vocês duas” (sic).

Relatou que Juca é uma criança que não tem medos mas por outro lado limites também não tem. Diz que é neste ponto que Janaína “bate de frente” com a mãe. Tanto Janaína como seus pais dão alguns castigos quando Juca faz coisas erradas. Apesar de Janaína dizer que não dá conta desta questão dos limites na relação com Juca, estranha que essa característica dele não apareça no social: não tem nenhuma reclamação da escola por exemplo e, inclusive, a professora diz que ele é o mais amoroso da classe. No entanto, Juca não se relaciona muito com as crianças, não gosta muito de brincar em grupo. Prefere jogar vídeo game ou usar o computador “e isto é igual ao pai. São individualistas” (sic). Joga GTA no computador, jogo que Janaína não aprova muito mas Juca diz que gosta porque os personagens trocam de roupa e têm “arma do futuro” (sic).

Prosseguiu discorrendo sobre esta questão da falta de limites de Juca e comenta que ele não obedece a ela, ao próprio pai, a avó e nem o atual companheiro de Janaína. Só ao avô materno. Janaína disse que Juca assume: “eu não obedeço pai e mãe” (sic). Janaína relaciona

esta fala de Juca com o fato dele assistir “padrinhos mágicos”, desenho animado no qual as crianças criticam e humilham os adultos.

Disse que quando Juca está de bom humor ele é um “docinho” (sic), diz que a ama. Já em outros momentos diz que a odeia.

Juca quase não tem contato com o pai e só agora, depois que Janaína engravidou novamente é que Jorge começou a dividir a mensalidade da escolinha e algumas outras coisas. Sempre pagou o convênio. Janaína relata que seu pai (avô de Juca) compra tudo para ele o que a faz achar que seu filho já não deseja mais nada “por exemplo, eu pergunto o que ele quer de presente de Natal e ele diz ‘nada’ (sic). Janaína acha que é por isto, pelo fato de na casa dos avós ter tudo, que Juca não quis voltar a morar com ela quando se mudou para casa do Geraldo. Além disso acredita que pelo fato de estar na escolinha terminando o pré , escola esta que fica perto da casa dos pais, em São Paulo, Juca não quer mudar-se agora.

Quanto à aprendizagem, Juca se queixa das contas de dividir mas quando pressionado, faz. Janaína acha até que ele é um pouco hiperativo pois odeia estudar em casa, “na escola não” (sic). Já sabe escrever o nome dele e pequenas frases e palavrinhas.

No tocante aodesenvolvimento da fala, Janaína conta que foi tudo tranqüilo, que Juca sempre falou muito corretamente, “ele é muito inteligente. Grava muito caminho de carro, boa memória. Um amigo meu disse uma vez que ele era uma figura e ele devolveu com ‘e você é uma jóia rara’” (sic).

Janaína estava em um determinado momento da entrevista com o bebê (Fred) no colo e “interpretou” um barulhinho que este fez e perguntou ao mesmo se ele queria mamar. Foi questionado se com Juca ela também se relacionava assim. Janaína relata que era diferente, era mais difícil e diz não saber se isto se devia à idade dela. Não lembra muito bem se “havia sintonia. Não tinha paciência para cuidar dele, queria fazer tudo rapidinho. Queria, por exemplo que ele dormisse até tarde porque ela queria dormir.

Falou que Juca não tinha muito horário para fazer as coisas. Janaína comenta que pela experiência de ter tido outro filho já sabe entender e se organizar com a rotina do bebê, “o segundo é um bebê muito mais previsível” (sic). Fala que seu segundo filho é calmo “é muito bom ter um bebê calmo. Com 40 minutos de sono já consigo ter um tempo para mim” (sic). Atribui a calma do bebê à experiência da mãe de saber cuidar.

Quando engravidou Janaína contou para Juca e ele disse que não queria ter um irmão. Janaína disse: “ah, mas você vai ter” (sic). Juca respondeu “nossa, que bosta!” (sic). Quanto à esta resposta Janaína associa isto a maneira como ela o trata, conversando com ele como um adulto. Neste momento Janaína diz que ele é muito parecido com o pai, que Juca é parceiro do

pai e que a autonomia do filho a irrita. No relacionamento com Janaína Juca dirige à ela muitos xingamentos, xinga inclusive o irmão: “esse bebê idiota!” (sic). Janaína pensa que Juca tenha muita noção da diferença de idade entre ele e Fred e acha que não vai aproveitar. Janaína no entanto acredita que este discurso não corresponde à pratica: “Juca tem uma casca”(sic). Refere-se ao fato dele ter se tornado muito companheiro dela e esta forma de se expressar em seu ponto de vista, não passa de uma aparência: “ele precisa passar em psicóloga, eu não sei se pelo que passei na gravidez e pela maneira como me separei do pai dele... nós brigávamos muito, chegamos a nos pegar de tapa quando Juca era bebê. A minha mãe dizia - eu não sei que relacionamento é esse que vocês têm (se referindo à relação dela com Juca). Brigam muito, se tratam como irmãos! Ele é mesmo para mim como um irmãozinho mais novo” (sic).

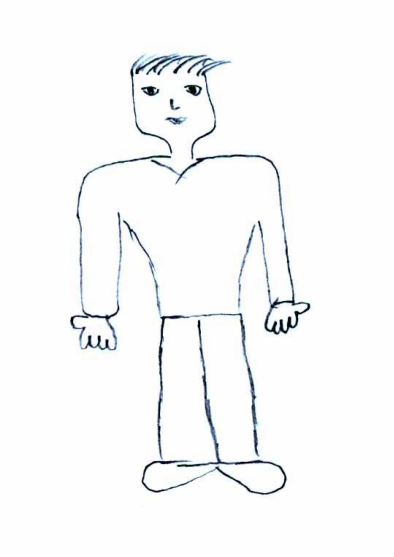
Atualmente, “para não repetir os mesmos erros” (sic), Janaína quer ajuda de uma terceira pessoa que não seja a avó (nem materna, nem paterna) para cuidar dos filhos porque o primeiro filho considera mimado e mal educado pelos avós: “paparicado e esperto para conseguir o que quer” (sic). Diz que “quando está no comando” (sic) não gosta que ninguém “se meta” (sic). Além do mais, percebe que a referência ficou a figura dos avós: “as descobertas dele ele compartilha mais com os avós primeiro” (sic).

Contou ainda que assim que se mudou para casa nova sentia-se depressiva. Referiu acreditar estarpassando por uma fase diferente, tentando conciliar o papel da mãe com o de esposa e o de mulher: “com o Jorge já não havia mais relação homem- mulher, queria distância” (sic).

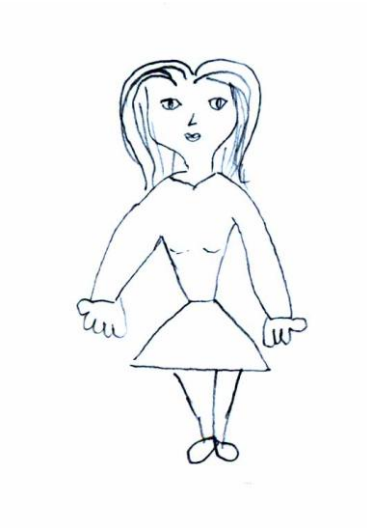
Janaína comentou que acha que a idade faz toda a diferença, “com o amadurecimento vem a paciência de cuidar e sabe-se que é uma fase” (sic). Com o Juca teve muito trabalho e não tinha paciência. Atualmente pede ajuda ao marido para descansar.

4.7.3. Análise e interpretação do Desenho da Figura Humana

Janaína – figura 1 - 2001



Janaína – figura 2 – 2001



Janaína – figura 1 -2008

Janaína – figura 2 – 2008

No material decorrente da primeira coleta Janaína apresentou características de passividade e expectativa diante da vida, inibição, reserva, desejo de retornar ao passado ou permanecer absorta em fantasias. Apesar de demonstrar mais energia em aplicação posterior Janaína demonstrou ter para si objetivos muito altos o que manteve a busca de satisfação na fantasia, a qual também lhe serve para escapar dos sentimentos de insegurança os quais estiveram menos intensos na primeira coleta quando Janaína parecia sentir mais poder de realização do que falta de confiança na própria produtividade. À esta falta de confiança na segunda coleta associaram-se sentimentos de frustração, negação da oralidade e dificuldade de contato nas relações sociais. Tais características provavelmente são decorrentes da forte situação de dependência emocional que Janaína apresenta em relação às suas figuras parentais o que aparece como aspecto marcante em seus desenhos.

A intensificação de aspectos regressivos em suas produções decorrentes da segunda coleta talvez possa estar relacionada ao fato de Janaína ter acabado de dar à luz ao seu segundo filho. Portanto, além de estar no pós-parto cuidando não só do bebê recém-nascido mas também acumulando a função de cuidar do filho mais velho (apesar do auxílio de seus pais nesta tarefa), Janaína estava se adaptando à vida de casada e ao fato de ter se mudado e estar morando em uma casa que é só dela e do marido, experiência que ainda não havia tido no primeiro casamento, período no qual morou com os sogros.

Em ambas as coletas as figuras masculinas demonstraram um interesse acentuado de Janaína pelas mesmas o que indicou envolvimento emocional e fantasias românticas. Houve queda na qualidade geral das produções na segunda coleta o que refletiu que Janaína esteve mais cautelosa e buscando disfarçar, porém sem sucesso, seus aspectos regressivos. Neste momento do tempo identificou-se sua conduta mais guiada pelos institntos do que durante a gravidez embora ambas produções tenham demonstado tendência de Janaína à vida instintiva e emocional muito mais do que preocupação com o policiamento dos impulsos e intelectualização.

Durante a gestação Janaína demonstrou preocupação com o poder físico e com a perfeição física (provavelemente decorrente das modificações do corpo na gravidez) e, na segunda coleta, conflito sexual. De fato durante as duas entrevistas Janaína comentou acerca de sua preocupação com o peso e com a vaidade, referia-se a um sentimento que oscilava entre sentir-se “bonita *versus* feia” (sic) e referiu diminuição do desejo sexual por conta da pouca beleza do corpo durante a gravidez, segundo à sua percepção. Queixou-se de estar gorda e inchada durante a primeira gestação em comparação ao sentimento de ter estado “bonitona” (sic) e poder “curtir a barriga”(sic) na gravidez seguinte.

4.7.4. Análise do TAT

Data da aplicação: 14/09/2001

Data da reaplicação: 08/04/2008

Pch 1

TLI- imed TT- 1’30”

Não precisa ser tipo da minha vida, não tem nada a ver com a minha vida é uma história assim... né? O que parece esse menino, parece que tipo, assim, ele e a mãe dele antes pela carinha que ele tá de que queria que ele tocasse, né? esse instrumento, mas era um gosto da mãe, do pai, de alguém assim da família e acho que ele tipo sabe tocar o violino mas não é uma coisa que faz por ele, ele faz pelos outros entendeu? é uma realização da mãe e do pai em cima dele. Pela carinha dele assim, tipo ele fala “ah, eu toco, um... mas não é o que eu gosto, sabe, de fazer... Por mim eu tocaria piano, por mim eu não tocaria nada e jogaria bola”, sabe, então por isso que ele, ele tem a cara meu, muito, muito infeliz, porque às vezes as pessoas tentam se realizar em cima das outras, né? principalmente de filho. Nossa! acontece muito isso, eu vejo meu pai com meu irmão... então ele... se ele continuar assim, isso seria o fim da história, se ele continuar pela vontade dos outros, ele não vai ser uma criança realizada mas pra frente, acho que você não pode, sabe, né? porque você você quis fazer uma coisa você não pode forçar o outro a querer a mesma coisa que você, porque ele tá com uma carinha muito infeliz assim sabe, de, jamais eu faria isso com uma criança muito – um filho meu... então... o final da história é um final assim, se ele continuar fazendo isso, alguém continuar forçando, ele não tem assim, ele não vai conseguir ser feliz não vai conseguir se realizar, que ele ainda é uma criança e isso traz conseqüências... né? Essa historinha, é assim mais ou menos?

→ Título? título? (risos) ai, ai não sei acho que eu daria um título tão triste...(risos) “a infelicidade” porque ele tá com uma carinha... entendeu, a infelicidade foi o que passou...

→ Você disse que se continuar assim ele vai ser infeliz, e você acha que esse seria o depois, o futuro? O futuro, com certeza, quer dizer, com certeza, eu porque, eu, vejo meu irmão, meu pai fez ele jogar bola, entendeu, tipo, enquanto ele era pequeno ele gostava mas ele ficou bem dois anos jogando pelo, por meu pai achar que ele tinha que jogar. Então foram dois anos da vida dele que ele acordava de manhã, triste que ele ficou uma criança chata e eu vou te ser sincera eu falava para ele, “ah eu gosto de jogar vôlei, não gosto mais de futebol”... mas meu pai trazia chuteiras e comprava uniforme não sei o que. Sabe, sei que meu pai ama futebol...

então enquanto ele não cortou e virou roqueiro, que é o que ele é agora, com 17 anos que ele tem, ele foi uma criança muito chata, muito infeliz, chegava fim de semana invés dele falar, “nossa que delícia, fim de semana, não tem escola vou brincar, não ele falava hoje é sexta, amanhã tem jóquei, domingo tem jóquei”, então, sabe, por experiência minha assim, né? da minha família.

Pch 1

TLI: Imed TT: 1’

Escola, né? Tá, esse menino sempre quis aprender a tocar esse violino, mas ele nunca teve o apoio do pai e da mãe pra fazer isso, então ele sempre quando ele via um violino tinha vontade de tocar e de aprender, mas ele nunca teve oportunidade até que mais pra frente, ele conversou com o pai e com a mãe e eles colocaram ele na aula de violino e ele foi um grande violinista, assim que ele cresceu, entendeu? Pode colocar o nome do texto “É o desejo”, porque ele olha o violino com vontade de aprendê-lo tocar.

→ Mas alguma coisa dessa? Não, dessa aqui não.

→ E como era a relação desse menino com esses pais? Você disse que nunca teve apoio deles, né? É, não, eu acho que ele tinha até um bom relacionamento, mas não conversava muito, então ficava meio assim a mãe e o pai não sabiam direito que era do gosto dele, acho que eles não tinham muito diálogo, mas era só isso que faltava.

→ E o que ele tava sentindo esse menino, olhando para esse violino? Assim, ele tava triste, assim porque ele falava assim, “pôxa era uma coisa que eu queria tanto saber tocar direitinho, é uma coisa tão simples, pôxa e ninguém me apóia”, então, ele olhava triste pelo fato dele querer e não saber como podia tocá-lo da melhor forma.

Pch2

TLI- 1’ TT- 2’ 30”

Nossa... essa aqui... ‘deixa eu vê, parece... nossa não tenho, peraí, vou ter... vou dar um pause, pode? (...) (não se preocupe, diz a pesquisadora. Janaína diz que não sabe o que contar, vai ficar gastando fita). Aqui parece uma moça de, do interior... vindo da, da escola... provavelmente duma escola mesmo porque tá com caderno na mão, um livro, sabe, deve mostrar a vida de uma menina nova que ela tem a sua vidinha assim tipo acordar, ir para escola, voltar, ajudar a mãe, mas, mas pela cara dela assim ela tá séria, normal, serena, não tá com cara de triste, então ela deve ter uma vida normal, se ela continuar assim, com essa

expressão nessa vidinha de campo assim ela pode encontrar uma pessoa, casar, ter filhos, pela cena assim porque interior geralmente é assim, né? tudo... então essa história eu acho que seria isso... num, essa figura me confundiu, assim não tenho o que contar muito dela... não teria uma história minha... tudo bem? eu acho que...

→ Título? título, vamos ver um título... "A vida no campo" assim porque... aqui em São Paulo você não tem muito de passar e ver cavalo, sabe, assim montanha, aqui é tudo meio prédio, então acho que ela tem uma vida bem tranqüila... se ela não, não, não ir pro caminho errado assim, ela vai ter uma vidinha normal ela vai casar mais tarde vai ter filhos quando ela bem entender, filhos planejados, não vai ser assim, sabe, assim de surpresa, ela vai encontrar um maridinho, arrumar uma casinha e vai ter filhinhos e netinhos e tudo bonitinho, sabe? tudo novinho (risos).

→ Caminho errado? Não, caminho errado não errado, um caminho diferente, de repente ela ganha uma bolsa de estudos e vem aqui para São Paulo, entendeu? aqui o ritmo é outro, é...é pelo menos o meu foi balada de 2ª a 2ª ... saí e conheci um monte de gente e de repente ela arruma, umas dessas, dessas paixões que nem no meu caso que vai virando amor, não é um... ali tudo indica que ela encontre um amor e desse amor ela vai estar a procura disso, eu a minha paixão virou amor e eu nem sei direito se é o amor da minha vida, sabe? então... não é errado, é um caminho diferente do dela, sabe do que a vida dela proporciona assim para ela... ela vem aqui, aqui é muito diferente, eu vejo, eu vou muito para Sorocaba, Sorocaba já é enorme só que o ritmo ainda é diferente, o ritmo deles lá entendeu? acontece tudo o que acontece aqui, só que é mais, imagina assim ela então que é bem campo mesmo, montanhas... aí...

Pch 2

TLI: Imed TT:1'40"

"A força de vontade" porque é uma menina que sempre morou no campo e ela assim, ela com os livros na mão, ela sempre teve muita vontade de estudar, então ela todos os dias, ela acordava de manhã e andava muito por esse campo, andava quilômetros, às vezes com barro, chovendo ou não, pra ir até a cidade estudar e apesar de todos esses contra- tempos que ela tinha ela com a força de vontade, ela conseguiu terminar o colegial e ela conseguiu se tornar uma professora, ela conseguiu, acho que sendo determinada na sua meta. Ah, aqui tem um detalhe, que é a mãe, parece ser uma mãe, que eu não tinha visto, aqui no canto. Não era uma mãe muito presente, era uma mãe, assim, como é a palavra, que era muito vaidosa, ligava muito só pra ela, que inclusive traia o pai com esse rapaz aqui que trabalhava que era um dos

funcionários da casa onde eles moravam, então ela não ligava muito pra essa filha, tava muito preocupada com ela, com o caso que ela tinha aqui com o funcionário dela.

→ E como era a relação da menina com a mãe, falou que não era boa? Não, não era boa.

→ E a menina como tava se sentindo? Ela se sentia, é... se sentia muito sozinha porque não tinha a mãe apoiando nessa parte dos estudos, apoiando no sonho que ela tinha de ser professora, não tinha uma mãe que acompanhava ela até a escola, não, ela sempre fez tudo sozinha e a mãe não ligava muito pra ela, não dava muito amor pra ela, então ela se sentiu muito triste mas isso não impediu dela ser uma grande pessoa.

Pch 4 **(história coletada apenas na reaplicação)**

TLI:Imed TT: 2'

Aqui é uma história de uma mulher, artista, muito bonita que fazia um grande sucesso e se apaixonou por um cara, um canastrão e perdeu tudo que tinha com esse cara, ela tinha dinheiro, tinha fama, ela era muito bonita, e ela perdeu tudo por causa desse amor, por esse cara que ela achava que era o homem da vida dela. E eu nem sei o nome pra dar pra essa história, não acho uma palavra para dar um nome, tem que dar...deixa sem título então.

→ E aí, o que vai acontecer depois com essa mulher? Perdeu tudo, depois ela pode começar de novo. Depois ela pode vir... ah, mas sem o cara.

→ Sozinha? Não com ele.

→ E como era o relacionamento deles? Dela com esse canastrão? Era doentio, era uma coisa que não tinha, ele batia nela, bebia e roubava, ele sumia com as coisas dela, era horrível, e ela sempre lá, trabalhando, tentando, né? manter a carreira dela, né? era atriz.

→ E aí como essa mulher tava se sentindo? Como ela tava se sentindo? Péssima, tava se sentindo muito infeliz, mas ela amava tanto ele que ela não sabia se tava feliz ou infeliz.

→ O que é isso? Dá impressão, de fundo que ele devia tá com essa mulher aqui. Traindo ela com essa mulher e ela indo atrás dele, e ele meio que esquivando porque essa aqui tava esperando por ele, de fundo. Primeiro eu pensei que poderia ser um quadro, mas ninguém teria um quadro assim em casa.

Pch 7 MF

TLI- 1’ TT- 3’

É um nenezinho? aqui? ah, não sei o que que é aqui,... nossa, não... acho que... bom aqui tem a... deve ser... bom a história dessa menina pela carinha, pela roupinha dela, ela deve estar segurando um neném de um parente, de uma tia e... mas aqui do lado é a mãe dela que está...e... falando, explicando para ela, ela deve já ser mocinha, alguma coisa assim então a mãe dela tá olhando, e ao mesmo tempo falando para ela, “olha oh, lindinha da mamãe (risos) isso se você, você já pode ter um neném então vê: ele não é só essa bonitinho, pequeninho, ele cresce, ele dá trabalho, então vê oh, como é lindo você tá com ele na mão segurando dos outros, não o seu, porque vai ser um grande trabalho, assim para você” ... e ela... ainda pensando que nem eu pensava a alguns anos atrás ela falava, “meu, se não precisa falar isso porque vai demorar acontecer comigo”... e não demorou tanto, até que demorou bastante, né? mas não demorou tanto assim, que eu pegava o neném dos outros e minha mãe falava exatamente isso para mim: “olha Janaína, é... não, sabe, ah é lindo um neném não é que você nunca tem que ter um filho, mas é muito trabalho, não é só você por no mundo entendeu? Mas olha como é bonitinho, já vai aprendendo, sabe?” é mais ou menos essa imagem que passa assim... essa história...é... ah se é “uma lição” o título porque assim sabe, já te ensina um pouco de ser mãe você pegar um nenê no colo, uma boneca no colo, mas ao mesmo tempo com alguém te explicando que é para esperar para segurar assim, entendeu?

→ Como é o relacionamento dela com a mãe? Eu acho que assim, por a, pela roupinha dela não deve ser tão aberto ainda mas eu acho que ela tem uma, uma instruçãozinha do tipo: “se você fizer isso não vai ser legal para você”... sabe?, “se você por a mão aí se vai se queimar, se você... agora que você é mocinha, se você , sabe?, se envolver com alguém não vai sair bom, a noite”, sabe? ela deve dar essa informação básica não deve chegar e sentar com a filha falar vamos conversar... eu acho que ela... sabe? é, avisa, conversa o básico não se aprimora muito assim no assunto, né? com a filha.

Pch 7MF

TLI:2” TT: 4’

O que ela tem na mão aqui? Um coelhinho, ou cachorrinho ou alguma coisa, tanto faz, (você decide – intervenção da pesquisadora). Ai, acho que aqui parece ser uma menina, que vivia com a mãe, foi criada pela mãe sem pai que ela sempre gostou muito dos animais e a mãe sempre a incentivou a gostar dos animais, né? assim ela foi crescendo, cresceu, estudou pra isso, virou veterinária e sempre só ela e a mãe na vida, uma pessoa que não teve a figura

masculina na vida, então parece isso, parece que a mãe ensinando, ajudando a menina, não sei se ela está lendo parece que ela está lendo pra menina, mas as duas, sem pai, sem irmão, sem família grande, só elas.

→ E essa, tem um título pra essa? Ah, também não, não vejo um título assim também.

→ E a relação delas? Ah, acho que era muito boa. É o que tô falando, a mãe apóia ela, está sempre presente, sempre tava cuidando dela.

→ E como a menina se sentia? Ah, ela se sentiu um pouco diferente, por ela não ter um pai, não ter uma família, com irmãos, tia, avó, acho que ela se sentia mediante outras crianças um pouco diferente, mas ela era feliz.

→ E aí o que vai acontecer, no futuro? Então no futuro, ela conclui, ela vira veterinária, ela constitui uma família que foi o que sempre ela quis ter, que ela sempre se achou diferente por não ter, então ela tem, marido, filho, trabalha, mas é uma pessoa normal.

Pch 8 MF

TLI- 5” TT- 1’ 30”

Ah, essa aqui acho que uma, uma mulher, mais velha que tentou ser... tentou assim construir família, tentou fazer tudo certinho e então... deve ter se casado novinha e se desiludido com o marido e foi vendo que agora o tempo está passando e aí? “o que que eu faço?”, sabe? tipo... deve tá pensando, “porque minha vida foi tão complicada assim? podia ter sido um pouco mais fácil mas eu ainda vou conseguir mudar”, acho que, esse é o fim assim dessa história é ela tendo a certeza de que ela tá aí parada agora, só que ela tem muito para fazer por ela mesmo... ah, eu não quero dar um título para essa aqui... porque eu não sei, pela...mais fácil eu falar de bebê agora do que (risos) falar de qualquer coisa nessas histórias o que tem bebê eu consigo falar o que não tem assim, sabe?... mas eu acho que é isso, ela pensando em recomeçar uma vida e incluindo (risos) bebezinhos nessas história dela, entendeu? e... só.

→ O que ela está sentindo? Sentindo? ah, um pouquinho de solidão porque ela tá muito, sabe, sozinha ela, porque as vezes a gente deposita muito as coisas, o sentimento nos outros eu sou muito assim, deposito muito, sabe?... se tenho uma percepção eu fico muito, muito, sabe? me sinto sozinha porque falo “pôxa, apostei tanta confiança, tanto tempo, tanta dedicação pra uma certa coisa e não dá certo”, entendeu? pôxa, tenho vontade de acabar com tudo... mas aí é nessas horas que eu paro, faço que nem ela, encosto assim, respiro e falo “não, você quer saber de uma coisa? olha sou muito novinha, tenho muita coisa pela frente, não vai ser agora que eu vou parar”, acho que ela deve tá... é assim.

Pch 8 MF

TLI:6” TT:1’

Me parece uma pessoa, a mulher, né? que foi abandonada pelo marido. Não tinha filhos ela era só casada e ela foi abandonada pelo marido e ele trocou ela por outra. E ai ela sozinha também, sem ter filhos você não tem nada, né? E ela aqui parece que ela tá sentada fazendo um balanço na vida dela, pensado nas coisas que de repente ela deixou de fazer, o que ela poderia fazer pra mudar essa situação, e fazendo isso acredito, que no futuro assim, tenha refletido bastante, vendo os erros e os a certos dela , ela conseguiu acertar, depois de um tempo ela encontrou uma outra pessoa, constituiu uma família e acabou acertando, tudo que ela fez, tudo que ela deixou de fazer ela fez e fez certo depois.

→ E o título? É...repensar, pode pôr...repensando, melhor.

→ E como era o relacionamento dela com esse ex-marido? Ah, acho que era mais pela comodidade, não tinha muito amor. É por isso que ela não tá chorando, ela tá mais é refletindo, nas coisas que de repente ela não fez, que ela poderia ter feito.

→ E como ela tava se sentindo? Vazia, eu acho que triste, vazia, triste por ‘tá sozinha e vazia.

Pch 16

TLI- imed TT- 2’30”

(olha para trás e vira a pch de lado e conta, olhando para a pch e para pesquisadora) ... Nossa! uma história minha pode ser? nossa! Aqui... eu vejo assim, então vou contar que eu espero para mim assim, que eu vou tipo uma mulher, um bebezinho e um homem, assim, um garoto e tipo eles tão aqui tão felizes, tão brincando, tão bem, acho que é isso que eu quero para minha vida, tou imaginando uma figura aqui tá... e... eles devem ter passado por muitos problemas antes, vários, de todos os sentidos mas agora, realmente assim se concretizou eles estão felizes, não cem por cento felizes que ninguém é cem por cento feliz mas eles estão bem eles estão estabilizados, sabe? ele já tão numa fase em que eles disseram “ufa! passei por isso e tô aqui curtindo um neném lindo” (risos) e... se eles continuarem assim o futuro deles vai ser assim ótimo, sabe? vai ser tudo de bom, assim eles vão vão ter mais filhos, pela imagem assim pelo rosto, pela felicidade é o que tudo indica aí eu chamaria isso... a minha história (risos) porque é assim que eu espero que seja a minha.

Pch 16

TLI: Imed TT:1’25”

(Descrição do que tá vendo) Eu não tô vendo nada. Essa tem que usar mais imaginação. Eu conto a minha história então, eu vou começar a chorar. (pode ficar tranqüila – intervenção da pesquisadora). Um pouquinho de cada história que eu contei. Eu, uma menina que tive família, bem educada, que nunca faltou nada, e aí, vai, tem um relacionamento e aí engravida não dá certo, meio que se perde, depois tem uma outra chance de construir uma família de novo, aí tem mais um filhinho e espero ser muito feliz agora.

→ E a relação com a família? Ah, a relação com a família, continua cada hora mais firme e forte, até um pouco ruim isso, às vezes tem que ser um pouco sozinho na vida. É, mas cada hora tá mais forte, cada hora mais ligada na família, pai, irmãos, entendeu? Mas tá super bem, super feliz, com o marido também, com os filhos, mas é uma segunda chance assim.

QUAL PRANCHA MAIS GOSTOU? POR QUÊ?

2001 – 1 - Acho a do menino porque eu acho que ele foi a que mais eu me, eu olhei assim e me identifiquei não com a minha vida mas é uma coisa que eu penso muito e eu não sei eu soube te explicar melhor, eu soube, eu olhei e falei, meu, isso é uma coisa que veio nítida, sabe olhei a figura do menino eu falei meu é uma coisa que eu não vou fazer com meu filho, filha, sabe, foi a uni..., foi uma que eu olhei e realmente eu consegui, na hora veio uma idéia eu não fiquei puxando ou imagem, sabe eu gostei mais, mas a da menininha assim se for em termos de, a figura, pela história de olhar foi uma figura que eu olhei putz! foi... sabe isso deu, deu nítido, deu para perceber nítido mas as outras eu fiquei... mas o que mais era da menininha, a mulher, não que alguém ninguém nunca se fez em cima de mim sabe, ninguém nunca se, imagina, se realizou, sabe mas é uma coisa que eu sempre como não fizeram comigo, eu fui uma criança feliz eu não vou fazer com ninguém. A que eu mais gostei foi a 1ª mesmo...

2008 – 1 - Qual eu mais gostei..do..deixa eu ver..do menininho. A primeira, acho que também gostei da figura, não da história que eu contei do artista.

QUAL PRANCHA MENOS GOSTOU? POR QUÊ?

2001 – 8MF - Hã? a que eu menos gostei, ah, também gostei muito da que eu pude contar da minha, muito assim sabe, mas ah, eu não gostei muito da ah, acho que da, da, da mulher, sozinha,... ah, porque eu conheço muita gente assim mais velha sabe? tipo não se sente realizada... passa essa cara assim às vezes tá assim mesmo, putz! e é uma coisa que eu tenho

muito medo que aconteça comigo que daqui há algum tempo eu pare e fale: meu, e aí? sabe o que que eu faço??? é isso...

2008- 8MF - Que eu menos gostei? Foi da mulher pensando, sozinha. Porque...Não sei, acho que eu me vi um pouco parada, pensando, acho que me vi um pouco nela meio vazia um tempo atrás, pensando, sem muita coisa, acho que é a cara dela, não era nem uma pessoa triste, nem uma pessoa, era vazia, sabe assim, sem... Talvez uma pausa para refletir e seguir em frente. Exatamente, eu não gostei muito por isso, não foi da figura, mas o que de repente me passou assim, a imagem, né?

4.7.4.1. Interpretação das pranchas

Prancha 1

Na primeira coleta Janaina apresentou boa capacidade de se adaptar à situação que evocou a relação com as figuras de autoridade e atitude frente ao dever. A ansiedade, apesar de ter se manifestado em alguns momentos, não atrapalhou a estruturação da história apesar desta ter sido marcada por referências auto-biográficas e perda de distância. A figura paterna foi percebida como extremamente castradora e autoritária e frente ao conflito evocado entre passividade e autonomia, Janaína não foi capaz de resolvê-lo permanecendo resignada frente à autoridade paterna. Apareceu forte defesa projetiva na qual Janaína parece lançar na relação da figura fraterna com a paterna, todo o descontentamento e submissão que ela própria apresenta no que se refere ao ambiente familiar. Provavelmente, frente a impotência gerada pela condição da gravidez (Janaína durante a entrevista diz por exemplo que gostaria de "ter continuado brigando como se não fosse grávida") Janaína entra em contato com a angústia de castração e, portanto se depara como uma imagem de si narcisicamente fragilizada.

Na segunda coleta a ansiedade é muito mais dominada frente à relação com a autoridade, atitude frente ao dever e também ao ideal de ego, no entanto ainda não consegue solucionar o conflito sem recorrer à ajuda externa, especificamente às figuras parentais. No que se refere ao relacionameno com as referidas figuras Janaína apresenta ambivalência ora definindo que há bom envolvimento afetivo e ora localizando a falta de diálogo como um problema estrutural e que a impede de ser reconhecida como um sujeito desejante, autônoma em relação a eles: "a mãe e o pai não sabiam direito que era do gosto dele, acho que eles não tinham muito diálogo, mas era só isso que faltava" (sic).

No que se refere à capacidade de realização, assim como no DFH surge também frente à Prancha 1 a percepção de ideais muito altos e conseqüentemente sentimentos de incapacidade de atingí-los: “assim porque ele falava assim, pôxa era uma coisa que eu queria tanto saber tocar direitinho, é uma coisa tão simples, pôxa e ninguém me apóia, então, ele olhava triste pelo fato dele querer e não saber como podia tocá-lo da melhor forma” (sic). Faz-se por fim uma analogia da temática da história de Janaína com a problemática que vem enfrentando frente à maternidade e aos cuidados com os filhos: na primeira aplicação parece que o dever de cuidar do filho se impôs e na segunda coleta, apesar da dificuldade e falta de confiança em seus próprios recursos ao dever vem associado o seu desejo.

Prancha 2

Houve na primeira coleta indício de impulsividade com posterior capacidade de adaptação frente à temática das relações familiares. Há forte manifestação de ansiedade e necessidade de reforço defensivo nos momentos iniciais o que aponta para a grande mobilização emocional causada pela prancha.

O conflito entre razão e emoção é elaborado com auxílio de justificativas racionais, respeitando o socialmente aceito e se apegando ao concreto. As relações familiares são percebidas com pouco envolvimento afetivo e à temática da maternidade é atribuída grande idealização “vai casar mais tarde vai ter filhos quando ela bem entender, filhos planejados, não vai ser assim, sabe, assim de surpresa, ela vai encontrar um maridinho, arrumar uma casinha e vai ter filhinhos e netinhos e tudo bonitinho” (sic).

Na segunda aplicação, assim como ocorreu na Prancha 1 também da segunda coleta, e nos indicativos trazidos pela análise do DFH, Janaína apresentou-se com mais energia para agir em prol da necessidade de realização a qual é satisfeita por méritos próprios mesmo diante de um ambiente percebido como hostil.

A figura materna novamente é percebida como distante e há pouco envolvimento afetivo na relação com esta.

No segundo momento do tempo Janaína apresenta bom funcionamento egóico, especialmente no controle da ansiedade a qual também é contida com auxílio de isolamento afetivo e racionalização.

Prancha 4

Recursos egóicos pouco eficientes no controle da ansiedade diante de conflitos nas relações heterossexuais, apesar do intenso uso de mecanismos de defesa (volta contra si, projeção, isolamento afetivo e compensação). Não só nesta prancha mas também na 2 (2008), 7MF (2008) e ambas as 8MF, Janaína apresenta a percepção de que os relacionamentos são marcados por ambivalência (amor e ódio) e estão sempre fadados ao fracasso e portanto fonte de sofrimento e infelicidade. Além disto a figura msculina é percebida ora como distante ora como hostil e em quem não se pode confiar. Ao final do inquérito há menção ao conflito edipiano de maneira latente (há triangulação e ao terceiro, figura da mulher ao fundo, é atribuída a causa da separação).

Há também referência à conflitiva controle *versus* impulso e Janaína atribui aos sentimentos, especialmente os dirigidos à figura do sexo oposto, a responsabilidade pela desordem em sua vida. Não consegue apresentar solução para o conflito evocado, diante do qual fracassa mantendo em aberto a necessidade de afiliação em detrimento da de realização.

Ora dirige o impulso agressivo contra o próprio ego e ora consegue canalizá-lo a seu favor para atividades socialmente aceitas, tais como o trabalho e o estudo.

Prancha 7MF

Na primeira coleta observou-se grande oscilação entre a posição de filha e a posição de mãe, oscilação marcada pela relação muito próxima com a figura materna que ora autoriza e ora repreende os movimentos rumo à autonomia. Janaína apresenta bons recursos egóicos no controle da ansiedade porém necessita em vários momentos de reforço das defesas o que não impede que por vezes Janaína perdesse a distância construtiva em relação ao estímulo. A maternidade é percebida como uma espécie de punição pela figura da filha não ter seguido as recomendações maternas. A partir desta história e até o final da primeira aplicação houve, como nos desenhos, indícios de aspectos regressivos e recusa no engajamento dos afetos como característica recorrente no funcionamento de Janaína.

No segundo momento do tempo Janaína apresentou-se mais defendida e conseguiu se distanciar do tema da maternidade, mantendo-se somente identificada com a posição de filha. Chega a apresentar uma importante distorção perceptiva quando aos invés de boneca ou bebê Janaína percebe um animal de estimação (coelhinho, cachorrinho). Satisfaz em primeiro lugar a necessidade de realização mas, apesar de apresentar muita resistência acaba por envolver-se afetivamente satisfazendo a necessidade de afiliação. Esta história apresenta certa perseveração da temática apresentada na Prancha 2, também da segunda coleta, o que aponta

para a intensa mobilização que a relação com a figura materna e a maternidade causam em Janaína, ainda mais levando-se em conta a distorção da boneca ou bebê durante a segunda aplicação.

Prancha 8 MF

Tanto na primeira quanto na segunda aplicação, apesar de bom funcionamento egóico no controle da ansiedade, Janaína precisou "livrar-se" da tarefa rapidamente o que demonstrou que a associação referente aos conflitos atuais e conteúdos de devaneios lhe foi bastante mobilizadora. Tal inferência ganha força se for levada em conta a escolha de Janaína por esta prancha, também nas duas aplicações, como a que menos gostou. Há muito isolamento afetivo nas duas histórias

Também nos dois momentos Janaína trás o fracasso na relação com a figura do sexo oposto e na figura do filho é depositada a esperança de uma vida melhor. Há percepção de que a solução para o conflito depende dela mas não há energia para atuar e sendo assim recorre à fantasia. A necessidade de afiliação não é satisfeita.

Prancha 16

Histórias auto-biográficas em ambos momentos do tempo. Na primeira coleta a ansiedade foi manifesta e houve momentos de necessidade de reforço defensivo e muito uso da idealização.

Na segunda coleta as defesas foram menos eficientes e Janaína perdeu a distância em relação à situação de aplicação e se emocionou ao contar a história da sua vida.

A temática da constituição de uma família a partir do que é certo e do que é errado do ponto de vista social volta a perseverar nas duas histórias. Tendo percebido tal movimento em Janaína na primeira coleta e sete anos depois novamente ter se constatado tão semelhante dinâmica, levanta-se a hipótese de que Janaína tem repetido a problemática familiar em busca de uma futura elaboração, ou seja, de uma resolução para a conflitiva familiar que provavelmente reproduz de sua própria vivência com sua família de origem. Ela mesmo verbaliza que para não mais repetir os mesmos erros vai precisar aprender a fazer as coisas diferente, e provavelmente contar com a ajuda de uma terceira pessoa que não da família (faz menção, inclusive, a pedir ajuda a uma psicológa).

4.7.5. Movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho

A posição psíquica de mãe

Apresenta relação bem ambivalente com a figura materna, ambivalência reatualizada na relação com o filho. Janaína apresenta-se aprisionada no lugar de filha e apesar da identificação com a figura materna não tem conseguido ascender a um lugar de mulher e de mãe, tendo entregado o filho Juca "de mão beijada" para a mãe cuidar.

Ao final da primeira entrevista de coleta Janaína encerra dizendo que ela era "um bebê levando outro" (sic). No entanto parece que tem tentado se distanciar da mãe real e internalizar a posição de mãe com a ajuda do filho.

Há muita idealização no que concerne à maternagem e Janaína se desvaloriza diante desta idealização.

Suposição do sujeito

Levando-se em conta a entrada das figuras parentais de Janaína nos cuidados com Juca, obeserva-se que de certa forma ele tem sido considerado como sujeito desejante assim como ela. Pelo funcionamento marcado por aspectos regressivos e pela dificuldade de Janaína se situar como mãe de Juca uma vez que ainda não consegue se distanciar da posição de filha, Juca acaba por se relacionar com a mãe mais como uma figura fraterna do que materna, parecendo que esta última foi eleita por Juca como sendo a avó materna. Janaína percebe que a referência para o filho ficou a figura dos avós: "as descobertas dele ele compartilha mais com os avós primeiro" (sic).

Se conforme Passos (2006) afirma, o interjogo que marca a relação mãe e filho os constitui mutuamente, e assim como o bebê é inicialmente totalmente dependente da mãe, ela por sua vez também depende dele para se constitutir como mãe, necessitando do olhar dele reconhecendo sua posição materna, houve neste interjogo um desencontro entre Janaína e Juca o que acabou dificultando o processo de "adoção mútua" (Passos, 2006). Por esta razão Janaína não reconhece Juca como filho e Juca não reconhece Janaína como mãe.

Nas primeiras semanas de gravidez Janaína achava que fosse ter uma menina mas apesar de ter tido um menino isto não parece ter afetado as imaginarizações que fazia: imaginava o bebê muito bochechudo, cabelo escuro, olho escuro, formato do olho do marido "boquinha de coração, bem nenê" (sic). Após o nascimento de Juca ela cometou que acertou tudo. Diz que ele é muito parecido com o pai (será coincidência?), que Juca é parceiro do pai

e que a autonomia do filho a irrita. Para Juca parece ter sido possível passar do narcisismo primário ao secundário, algo que para ela não tem sido fácil.

Por outro lado, no que se refere à sua condição de se colocar no lugar daquela que atende às demandas do filho Janaína recua. Em um determinado momento da entrevista Janaína estava com o segundo filho (Fred) no colo e "interpretou" um barulhinho que este fez e perguntou ao mesmo se ele queria mamar. Foi questionado se com Juca ela também se relacionava assim e ela disse que era mais difícil para ela ter esta disponibilidade interna, a qual chamou de "sintonia" e "paciência" e associa tal fato à idade que tinha (20 anos) e à dificuldade de abrir mão de suas próprias necessidades e desejos em prol das do filho.

Fala que Juca não tinha muito horário para fazer as coisas. Janaína comenta que pela experiência de ter tido outro filho já sabe entender e se organizar com a rotina do bebê, "o segundo é um bebê muito mais previsível" (sic). Fala que seu segundo filho é calmo e atribui a calma do bebê à experiência da mãe de saber cuidar "com o amadurecimento vem a paciência de cuidar e sabe-se que é uma fase" (sic). No entanto, observa-se que o que tem ocorrido com Janaína e Fred nada mais é do que ela estar conseguindo alternar sua presença com sua ausência e dedicar-se ao filho mas também aos seus interesses próprios, movimento que não conseguiu fazer com Juca com quem estabelecia uma relação de tudo ou nada. Não parece ser coincidência que é também com este caráter oscilante que Janaína descreve Juca: "quando está de bom humor ele é um docinho, diz que me ama. Já em outros momentos diz que me odeia" (sic).

Aspectos do desenvolvimento do filho da realidade e da relação mãe e filho

Janaína demonstra ainda muitas características típicas do funcionamento adolescente, tais como impulsividade, labilidade afetiva, desconforto com as modificações corporais (as quais incluem as decorrentes da gravidez) e confusão quanto aos seus papéis sociais. Tais aspectos geram efeitos na relação com Juca.

Segundo ela Juca é uma criança que não tem medos mas por outro lado limites também não tem, no enatnto estranha que essa característica dele não apareça no social. Tal dificuldade se relaciona à própria dificuldade de Janaína lidar com os limites, limites entre ela os pais, ela e o filho e ela consigo mesma, no que se refer aos afetos, desejos e dificuldades. Desde sempre Janaína teve uma percepção de que o pai oferecia tanto à ela e seus irmãos como à sua mãe tudo o que podia e não podia, não estabelecendo uma interdição do que era ou não possível. Até os dias de hoje Janaína mantém esta versão acerca de seu pai, o que se observa quando Janaína pergunta ao filho o que este quer de presente de natal e Juca responde

que não quer nada, o que ela atribui ao comportamento de seu pai de dar tudo e mais um pouco ao neto.

No entanto a história de Juca com o avô tem sido outra: Janaína comenta que Juca não obedece a ela, ao próprio pai, a avó e nem o atual companheiro, só ao avô materno. Janaína disse que Juca assume: “eu não obedeço pai e mãe” (sic). Janaína se isenta da responsabilidade que tem nesta história e relaciona esta fala de Juca com o fato dele assistir “padrinhos mágicos”, desenho animado no qual as crianças criticam e humilham os adultos.

No relacionamento com Janaína Juca dirige à ela muitos xingamentos, xinga inclusive o irmão: “esse bebê idiota!” (sic). No entanto acredita que este discurso não corresponde à pratica: “Juca tem uma casca. Ele precisa passar em psicóloga, eu não sei se pelo que passei na gravidez e pela maneira como me separei do pai dele... nós brigávamos muito, chegamos a nos pegar de tapa quando Juca era bebê. A minha mãe dizia - eu não sei que relacionamento é esse que vocês têm (se referindo à relação dela com Juca). Brigam muito, se tratam como irmãos! Ele é mesmo para mim como um irmãozinho mais novo” (sic). Neste momento já na segunda entrevista (2008) foi possível observar que Janaína tem começado a perceber que tem parte nos sintomas de Juca e que talvez precisem de ajuda, como diz ela, “para não repetir os mesmos erros” (sic).

Relações na família e aspectos sócio-culturais

Com os homens Janaína apresenta certa dificuldade em conjugar ternura e desejo sexual como ela própria relata durante as entrevistas. Tal dificuldade provavelmente se associe a uma dimensão edípica uma vez que a percepção de Janaína ao longo das entrevistas e material projetivo é de que há sempre uma terceira pessoa atrapalhando a relação do casal. Além disso, tanto do primeiro fiho quanto do segundo (Fred substituiu Juca na cama dela) Janaína não consegue se separar na hora de dormir.

Conforme aponta De Felice (2000), observou-se que a qualidade da relação conjugal parece fornecer o apoio necessário para que às vivências da maternidade possam se associar sentimentos positivos, o que fica claro no caso de Janaína. A desilusão e a conturbada relação que estabelecia com Jorge, pai de Juca não foram sem efeitos na maneira como ela se vinculou, ou melhor, não se vinculou ao filho.

Ora atribui à sua pouca idade a causalidade do fracasso no relacionamento com o sexo oposto e ora é esta mesma pouca idade que será a saída para seus problemas já que lhe permitirá chances de refazer oque deu errado em sua vida. Este pensamento nada mais indica do que a percepção que tem de que precisa ser menos impulsiva e amadurecer, ser capaz de

refletir antes de agir. Além disso, será necessário que Janaína comece a integrar razão e emoção para que as escolham lhe comecem a fazer sentido.

Janaína se queixou que o atual companheiro não foi muito sensível à algumas demandas suas ao longo da gravidez e afirma que fica “insuportável grávida”(sic), aspecto com o qual a mãe de Janaína concorda. Pensa-se que, se ela relata que durante a gestação ficou muito sensível, chorava por tudo, não se sentia cuidada e afirma que fica insuportável grávida tem-se aí uma relação direta entre os afetos e o que é insuportável, relação esta que aparece ao longo de ambos protocolos de TAT. Uma ilustração desta relação estabelecida fica evidenciada na fala de Janaína: “não que eu o rejeite ou me arrependa, só estou chata” (sic).

No que se refere à relação de Janaína com os pais localiza-se nesta a origem de suas dificuldades como mãe. A ambivalência sentida por ela que ora recebia tudo e ora não tinha intimidade com os pais fica bastante evidente em sua própria fala: “após o nascimento de Juca tá pior ainda (referindo-se ao apego que os pais têm por ela e ela por eles) eu sou terrível sabe Izabella? São muito superprotetores nem cresço direito, vai ver que é por isso que quando vim morar com meu atual marido foi doloroso porque lá (referindo-se à casa dos pais) tinha tudo prontinho” (sic). Janaína deixa claro que, em algum nível, tem consciência de que esta relação sufocante é ruim para ela quando define que quando mais apegada pior. Neste sentido, pode-se dizer que a qualidade da função paterna na história de Janaína faz a diferença para o tipo de mãe que tem conseguido ser.

4.8. Discussão geral

Após cuidadosa análise de todo o material, corroboram-se as palavras de Gardner (1971) no que se refere a serem os sentimentos maternos um conjunto complexo de fatores que interagem entre si, sobredeterminando-se. Soma-se a isso o fato de que cada sujeito materno é único e traz consigo uma história diferente, que se modifica e, muitas vezes, se reedita pela e na presença do filho, o que aumenta ainda mais a complexidade do objeto de estudo deste trabalho, o desejo materno especialmente no que se refere às modificações, algum tempo depois do nascimento da criança, nas expectativas, nos desejos e nos temores que as mães tinham em relação a si e ao filho durante a gravidez.

Faz-se necessário observar que, após a coleta longitudinal de dados, o criterioso estudo da psicodinâmica das sete mulheres realizado ao longo da gravidez, fazendo-se especial ressalva às contribuições do DFH e do TAT, já apontava para áreas potenciais de conflitos e dificuldades no estabelecimento da relação entre mãe e filho, assim como para facilidades que poderiam interferir, e que assim o fizeram, nesta relação.

A maior parte dos estudos preditivos da interação entre mãe e filho citados no referencial teórico utilizou-se, em seus escopos metodológicos, de instrumentos de avaliação objetiva, como por exemplo, questionários e instrumentos psicométricos. No entanto, o uso do DFH e do TAT foi de extrema valia no que se refere à identificação dos movimentos do desejo materno.

Notou-se que uma mulher do grupo de primíparas e outra do grupo de grávidas de segundo filho fizeram desenhos, no segundo momento do tempo, em que as figuras aparentavam ser muito mais jovens do que as do primeiro. Em compensação, uma mulher participante do grupo das secundigestas desenhou figuras com aparência mais madura em relação às do primeiro.

O Desenho da Figura Humana apresentou modificações do primeiro para o segundo momento do tempo, em alguns aspectos que chamaram a atenção, tanto corroborando os resultados de pesquisa anterior (Barros, 2004), quanto indicando algumas modificações, depois do nascimento da criança, nas expectativas, nos desejos e nos temores que tinham em relação a si e ao filho durante a gravidez. Apareceram mais diferenças quanto aos aspectos estruturais ou formais, no item “tipo de imagem do corpo” e, quanto aos aspectos de conteúdo, nos itens “narcação da região dos seios” e “desenho da cintura e/ou cinto”.

Pode-se considerar que houve uma forte tendência das grávidas em desenhar figuras (tanto a feminina quanto a masculina) compensatórias e fazer mais marcações na região dos seios. No que concerne à região da cintura, tanto no primeiro momento do tempo, quanto no

segundo, a tendência foi de marcá-la. Durante a gravidez, no entanto, os tipos de marca (predominantemente assinalamento e linha) indicaram uma preocupação maior com a área representada, diferentemente do que houve no segundo momento, em que as marcações (predominantemente linha e cinto) foram mais reforçadas principalmente no desenho da figura masculina, indicando reforço defensivo. Tais movimentos parecem estar a serviço da expressão das ansiedades típicas de cada momento da vida da mulher: durante a gravidez, há a preocupação com as modificações corporais e o predomínio da vida instintiva e, após o nascimento do filho, maior investimento no controle da vida pulsional deixando prevalentes os aspectos racionais.

Gardner (1971) ressaltou que, para se avaliar os sentimentos maternos, considerar apenas os aspectos conscientes pode levar a conclusões errôneas acerca do fenômeno. Ao encontro do que ressaltou o autor, estão os objetivos do Teste de Apercepção Temática: avaliar os aspectos psicodinâmicos do sujeito, tais como frustrações, conflitos, relacionamento social, ansiedade, identificação com o próprio sexo e com o sexo oposto, relacionamento com os pais, mecanismos de defesa, temores, desejos e dificuldades, ego, id e superego.

Sendo assim, os aspectos trazidos pelo TAT foram de relevante contribuição para o estudo das peculiaridades da função materna e da maternagem das mães analisadas, dando-se especial destaque às preocupações com os cuidados físicos e com a reorganização da vida e dos papéis sociais, à forte idealização do papel materno, à relação com a própria figura materna, à preocupação com os conflitos conjugais e os de todas as ordens (tendo sido mais recorrentes os conflitos entre a necessidade de realização e o sentimento de impotência e/ou de medo do fracasso, entre autonomia e dependência e/ou necessidade de afiliação, entre impulso e controle e entre razão e emoção).

Considerando o que havia sido encontrado em trabalho anterior, no que se refere à maternagem (Barros, 2004), a investigação mais profunda de alguns aspectos que poderiam funcionar como obstáculo à internalização da condição de mãe confirmou o fato de que as primíparas concentram suas preocupações consigo e com sua história (corpo infantil) mais do que as grávidas de segundo filho, aspecto esse observado em duas das três mulheres que fizeram parte do grupo das primigestas.

Já no que concerne a hipótese de na segunda gestação haver risco para o estabelecimento do vínculo com o novo bebê, considerando os casos em que a mãe avaliava que este não precisaria de tanta atenção e tantos cuidados tal qual a criança maior, não houve, nos casos estudados, comprometimento na qualidade do laço entre a mãe e o segundo filho, já

que a atenção dedicada à criança mais velha muitas vezes foi dada por outra pessoa, como, por exemplo, a avó materna ou a paterna, uma tia ou até o próprio pai da criança.

A questão da idealização do papel materno que aparece no TAT do grupo de mulheres aqui estudado foi algo que Stasevkas (1999) já havia encontrado como resultado de seu estudo que correlacionou as transformações na maneira de ser mãe e o papel social da mulher na sociedade contemporânea. No referido estudo o comportamento materno foi marcado por muita exigência, o que remete à idealização da mulher enquanto mãe, assim como ocorria na Grécia Antiga, em Roma e na França de vários séculos atrás, referência apresentada no presente trabalho no capítulo referente à maternagem. Outro ponto que coincide com os dados aqui obtidos refere-se às influências das próprias mães das mulheres, relação que também apareceu nos estudos de De Felice (2000), Gianlupi (2003), Herzberg, (1986;1993), Maldonado (2000) e Soifer (1992).

Luksys e Kniest (2005), durante um trabalho voluntário realizado junto a gestantes e mães de bebês, notaram que elementos socioeconômicos exerciam influência obstrutiva para o alcance do ideal de uma maternagem satisfatória e, por conseguinte, contribuíam para o possível aumento dos fatores de risco referentes a um bom início de desenvolvimento da personalidade, entre os bebês da classe pobre. As influências das mães das mulheres não ocorreram no grupo aqui estudado. Já a questão sócioeconômica apareceu nos casos em que as mães necessitavam trabalhar, o que fez com que houvesse maior distanciamento entre o par mãe e filho. Foi o caso, por exemplo, de Lina, que se ressente e se sente culpada de privar a filha de seus cuidados e de sua companhia. Já apontava Maldonado (2000) que, ao trabalhar fora, as mulheres podem proporcionar privações reais e afetivas e também sofrerem um aumento de tensão, que acarreta a intensificação da ambivalência e da regressão em seus psicodinamismos.

Observou-se que, em nenhum dos casos estudados, nem as mães nem os filhos permaneceram aprisionados às expectativas e projeções/introjeções, o que significa que estas não funcionaram como algo patogênico. As atribuições dirigidas aos filhos parecem ter se revertido em investimento na constituição psíquica, ou seja, foram abandonadas gradativamente e deram lugar ao encontro com o filho real permitindo, assim, uma recriação do bebê imaginário.

Pode-se dizer que elas possivelmente “recuperaram-se” da preocupação materna primária, o que também se associa ao fato de serem mães com função paterna operante (por si mesmas, pela entrada do pai da criança ou por conta de outros interesses próprios, tais como o trabalho e os estudos), já que se permitiram a abertura psíquica tanto interna (pensar em suas

questões, seus desejos, seus planos), quanto externa (considerando a diversificação de suas atividades profissionais e relações sociais). Há de se dizer que existe aí um regulador da economia do desejo no que se refere à mãe e ao filho (Dor, 1991), tendo sido possível às mães, depois do nascimentos dos filhos, um remanejamento psíquico na família, em seus papéis, na relação conjugal e na rotina em função da criança. Obviamente que, para cada uma delas, esses processos exigiram mais ou menos energia psíquica e que para algumas foi mais fácil e para outras ainda está sendo difícil. Cada uma tem uma história diferente e condições emocionais diferentes, assim como desejos e temores também próprios.

O conhecimento do sexo do bebê, por meio da ultrassonografia, foi significativo em apenas um dos casos: o de Cristiane. A questão do desejo desenfreado por um filho do sexo masculino foi fator determinante desde a gravidez para a qualidade da relação com Tábata. Nos outros casos, a ultrassonografia serviu mais à tranqüilização das mães em relação às suas fantasias de possíveis malformações.

Klatskin e Eron (1970) observaram, em seu trabalho, que as mulheres que tiveram um pós-parto mais tranqüilo foram aquelas que estiveram menos preocupadas com a gravidez e aceitando melhor a idéia da maternidade. No grupo aqui estudado, além de esse fato ter ocorrido, houve a percepção de que, enquanto a interação entre mãe e filho marcada por confirmação de temores trouxe decepções, como se viu no caso de Cristiane, a interação marcada por confirmação de expectativas positivas pôde ou não satisfazer desejos. Jace, por exemplo, ficou extremamente feliz com a vinda do filho do sexo que desejava, o que não ocorreu após a confirmação das caracaterísticas físicas diferentes das que Janaína atribuía ao bebê durante a gravidez. Apesar de ter, como ela própria disse, “acertado” nas imaginarizações, o dado não foi decisivo para que Janaína tivesse mais facilidade na relação com Juca e no exercício da maternagem suficientemente boa, o que provavelmente aponta para o fato de que nem sempre o que se quer é o que se deseja[6].

Gianlupi (2003) estudou a experiência subjetiva materna e concluiu que esta relaciona-se, mais do que ao processo gestacional, à própria história da mulher. O tornar-se mãe permite

---

[6] Há uma importante diferença, para a qual chamam a atenção Szejer e Stewart (1997) entre o desejo de se ter um filho e o projeto de ser mãe. Ter um projeto de ser mãe é projetar-se a si mesma no futuro como mãe desse filho. Já quando se deseja um filho, é o filho que se projeta imaginariamente no futuro. Também se destacam na categoria ambivalência, os conflitos entre o desejo inconsciente e a vontade consciente. Nesse último caso, uma ilustração de tal impasse são as gestações que surgem devido a “falhas” nos procedimentos anti-concepcionais.

assim que ocorra a reconstituição subjetiva em decorrência da possibilidade que se apresenta na maternidade, nas relações com seus bebês, de poderem vivenciar seus passados sem os conflitos originais. Daí a importância de uma escuta preventiva para que não haja contaminação da relação que se inicia pelos conflitos originais que, como observado após os sete estudos de caso apresentados neste trabalho, muitas vezes são reeditados na relação com o filho, como já apontava Freud (1996/1909).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o objetivo geral da pesquisa tenha sido alcançado, uma vez que foi possível a identificação, em três mães de filhos primogênitos e quatro de segundos filhos, de modificações, algum tempo depois do nascimento da criança, nas expectativas, nos desejos e nos temores que tinham em relação a si e ao filho durante a gravidez.

Quanto ao objetivo específico de apreender do material projetivo resultante da aplicação do DFH e do TAT, assim como do conteúdo das entrevistas, características do filho imaginário, expectativas, desejos e temores da mãe e verificar, após comparação do material coletado antes e depois do nascimento da criança, se estes aspectos poderiam apontar tendências na maneira como se estabelece a relação entre mãe e filho, considera-se que tenha sido possível atingi-lo também.

Observou-se que o uso do TAT representou a possibilidade de se avançar para além dos aspectos conscientes trazidos na entrevista tendo sido o material resultante de sua aplicação e da aplicação do DFH de grande valia para a obtenção de informações acerca dos desejos, dos temores e das expectativas maternas, além de garantidor de segurança e confiabilidade para as interpretações. Jace e Lina, por exemplo, falaram pouco nas entrevistas e muito por meio do TAT, instrumento que, por conseguinte, ainda se mostrou um grande facilitador na consecução dos objetivos propostos.

No caso específico do DFH, instrumento o qual ainda não recebeu parecer favorável do sistema de avaliação do CFP, diferente do que havia sugerido Hammer (1991), é importante lembrar que esta pesquisa pode servir a um futuro estudo de validação, uma vez que os estudiosos consideram significativa a análise da seqüência dos desenhos da figura humana de uma pessoa ao longo do tempo, paralelamente às mudanças do sujeito em suas situações vitais. O presente estudo, justamente, oferece essa possibilidade ao incluir, em seu método, a reaplicação do DFH após transcorrido um período de tempo e desde que tenha havido uma mudança significativa na posição subjetiva no papel social da mulher antes gestante e, posteriormente, se relacionando com seus filhos já nascidos. Pode-se investir em novas pesquisas que confirmem ou refutem os dados obtidos neste estudo, ampliando-se, inclusive, as bases para análise para além da proposta de Lourenção Van Kolck (1984), a qual foi privilegiada nesta pesquisa. Inclusive, o próprio Conselho Federal de Psicologia recomenda que sejam feitas pesquisas que comprovem e esclareçam a validade e precisão das técnicas que ainda não foram aprovadas. Além disso, as Técnicas Projetivas, especialmente as

gráficas, podem ser de grande valia para o estudo de aspectos da gravidez e da relação mãe-filho, em situações em que não se possa atender individualmente todas as pacientes, por exemplo. Nesses casos, o DFH poderia ser aplicado em salas de espera e fornecer ao psicólogo familiarizado com a técnica um rápido panorama acerca de algumas características principais do funcionamento da paciente, o que seria muito útil em triagens.

No que se refere aos aspectos possíveis de serem observados no DFH, tais como a preocupação com a sexualidade e com a necessidade de controle dos impulsos agressivos, assim como na gravidez são evidenciadas, por meio de desenhos, angústias decorrentes das modificações corporais, estes foram aspectos identificados justamente com a colaboração dos desenhos, de modo que seus efeitos também aparecem na relação das mães estudadas com seus filhos. Alguns desses aspectos podem, inclusive, pôr em risco a preocupação materna primária, ficando, assim, ameaçada a capacidade de uma maternagem suficientemente boa.

Quanto ao TAT, este tem se mostrado muito profícuo no estudo dos aspectos da relação mãe-filho desde a gravidez. Observou-se que, em um dos casos, planos e sonhos passaram a dar lugar aos temas referentes às dificuldades no relacionamento homem-mulher, dificuldades relacionadas à retomada da vida profissional além de referências à decepções. Em um outro, a situação se inverteu: o relacionamento familiar passou a dar lugar ao investimento na formação profissional, gerando um distanciamento no cuidado com a filha e, por conseguinte, sentimentos de culpa - dinâmica essa inerente às histórias do TAT.

Apesar das diferenças qualitativas nas contribuições, tanto o Teste de Apercepção Temática quanto o Desenho da Figura Humana foram instrumentos que permitiram o acesso ao material inconsciente com potencial para atuar ou já atuante na relação mãe-filho. Dessa forma, ressalta-se a contribuição das Técnicas Projetivas no que se refere ao estudo dos aspectos preventivos, uma vez que puderam ser observadas algumas tendências nas expectativas, nos desejos e nos temores que foram confirmadas no decorrer do estudo longitudinal pela oportunidade de se testar as mesmas mulheres em duas situações vitais distintas: durante a gravidez e após o estabelecimento da relação com os filhos que esperavam.

Duas das sete mulheres estudadas, a saber, Cristiane e Janaína, apresentaram aspectos mais patológicos do que as outras, em ambos os momentos do tempo, sendo que, desde a primeira coleta, já se viam nelas indícios desse funcionamento caracterizado pelo predomínio do processo primário de funcionamento mental e mecanismos de defesa bastante primitivos, fatores evidenciados em seus protocolos de TAT, marcados por omissões e distorções perceptivas. Considera-se, portanto, que a análise do material obtido pela aplicação das

Técnicas Projetivas em conjunto com o conteúdo das entrevistas semi-dirigidas resultaram em indicadores da maneira como a mulher posteriormente desempenharia a função materna e a maternagem. O material das entrevistas convergiu para os mesmos pontos clinicamente relevantes que surgiram como resultado da aplicação dos testes, possibilitando a identificação e o estudo das características do filho imaginário, das expectativas, desejos e temores marcantes no funcionamento das mães. Conforme apresentado, houve muitas coisas que puderam ser pinçadas no material dos testes. No entanto, tem-se consciência de que não houve uma análise exaustiva dos casos uma vez que se privilegiou o estudo de todas as mulheres que consentiram em participar da pesquisa.

Ainda em se tratando da questão da predição, vale fazer uma ressalva importante acerca da diferença entre a presença do indicador de determinada característica no material projetivo e a forma manifesta da referida característica. Trabalhou-se, muitas vezes com o nível latente de sentimentos, temores e desejos inferidos e apresentados como tendências. Faz-se importante ressaltar, ainda, a relevância do caráter longitudinal do estudo, o qual estabelece uma importante relação com o aspecto preventivo, pois vários traços de dificuldade ou de facilitação já apareciam como tendência do que viria a se pronunciar na e pela mãe após o nascimento do filho que esperava. No entanto, isso não significa que se possa ter certeza acerca do que, na criança, teve efeitos de inscrição uma vez que não foram observadas as crianças cujos funcionamentos foram acessados somente pela fala das mães. Notou-se que aspectos que predominaram durante as produções na gravidez, tais como preocupação com as modificações corporais, energia disponível para realizações, pré-disposição à iniciativa, insegurança, impotência, refúgio na fantasia e ansiedade, deram lugar a dúvidas relacionadas ao bom desempenho da maternidade (e associada às dúvidas, muita culpa), à retomada da relação com a figura materna e à conflitos de várias ordens.

Neste estudo, possivelmente pelo fato de se ter trabalhado com uma população não clínica não houve a identificação de nenhum caso em que a mãe não tenha feito nenhum tipo de representação imaginária do futuro bebê e nem de filhos que tenham permanecido unicamente no lugar daquilo que havia sido esperado pela grávida. No entanto, conforme discutido anteriormente, houve indicação de problemática emocional em dois dos pares de mãe-filho estudados – no de Cristiane e Tábata e no de Janaína e Juca. Felícia também demonstrou certa dificuldade psíquica a qual pôde ser observada nos vários momentos em que projetou maciçamente aspectos seus em Ana. Mas, como não foi possível observar diretamente as crianças, analisou-se o discurso das mães, a partir do qual não se detectou nenhum grau de sofrimento psíquico significativo nos filhos.

No que diz respeito ao relacionamento entre mãe e filho, o que pode ser observado é que houve, sim, as imaginarizações dos bebês enquanto as mulheres estiveram grávidas, mas a presença do companheiro, mesmo quando o relacionamento do casal não estava tão bom, os aspectos profissionais (aspectos estes bem determinantes na maneira como Mara se relaciona com Alexandra) e a própria alteridade das mulheres para além da posição psíquica de mãe foram variáveis imprescindíveis para o estabelecimento da alternância presença-ausência, variável esta que se apresentou bastante marcante no desenvolvimento saudável dos filhos, os quais foram apresentados pelo discurso materno como sujeitinhos desejantes que já estavam às voltas com suas escolhas, cada um a seu modo, com mais ou menos facilidade.

Nos casos analisados os filhos têm ocupado lugares específicos na economia do desejo da mãe. Havia um investimento libidinal nos segundos filhos tanto quanto nos primeiros, sendo que, por exemplo, a preocupação em dois dos casos analisados, em um mais e no outro menos, era justamente como fazer esse investimento em dois filhos diferentes simultaneamente. Dizia Anne: “duas educações e duas atenções”. Já Lina ainda nem havia engravidado pela segunda vez mas já temia a ruptura do intenso vínculo que tinha com a filha. Não houve diferenças entre os desejos, temores e expectativas em relação a si e ao filho nas mulheres que estiveram anteriormente grávidas do primeiro filho e as que estavam esperando seus segundos filhos que possam ser atribuídas somente a essa condição anterior. Dessa forma, não foram observadas semelhanças que indicassem que o fato de ser o primeiro ou o segundo filho era uma variável determinante para algum tipo de característica ou funcionamento específico.

Quanto à preocupação em discutir aspectos preventivos surgidos a partir deste estudo longitudinal e eventuais efeitos terapêuticos ocorridos a partir do contato breve da pesquisadora com as mulheres por ocasião de suas gestações, vale ressaltar que seria interessante acompanhar e, nos casos em que houver desejo e/ou necessidade por parte das mesmas, favorecer, a partir de intervenções terapêuticas, um reposicionamento subjetivo da mãe, no que se refere ao seu posicionamento materno para que ela possa atender às demandas decorrentes do desenvolvimento do filho.

Cristiane fez referência à necessidade de ser escutada para descarregar, desabafar e, assim, se sentir melhor. Coincidência ou não, no início da aplicação do TAT ela se encontrava inicia extremamente angustiada e desorganizada, mas, conforme foi falando e foi sendo escutada pela pesquisadora (e também por si mesmo), tranqüilizou-se e conseguiu dominar a ansiedade despertada pelas pranchas Isso faz pensar no efeito da oferta de escuta e portanto do empréstimo de recursos afetivos e simbólicos, os quais produziram um efeito organizador

intra-psíquico em Cristiane. Por esta razão é que se defende a idéia de que mesmo na gravidez já é um momento particularmente interessante para esse tipo de intervenção, considerando que a mulher está sensibilizada emocionalmente, e que isso favorece as reflexões sobre os aspectos inconscientes e infantis, o que comprova a importância de trabalhos de caráter preventivo.

Quais são as modificações que ocorrem nas expectativas, desejos e temores que as mães apresentavam (e representavam) em relação a si e ao filho durante a gravidez algum tempo depois de os mesmos terem nascido?

Quanto ao fenômeno da gravidez, parece haver mais semelhanças do que diferenças nas vivências das mulheres estudadas, especialmente no que se refere às modificações corporais decorrentes da gestação. Já em relação à maternidade, há um imbricado sistema de sobredeterminações que marcam cada caso como único. No entanto, pode-se dizer que semelhanças foram encontradas no tocante às expectativas das mulheres frente à maternidade, as quais estiveram marcadas pelo intenso desejo de ser mãe. Ao verificar quantas das mães estudadas afirmaram que a gravidez havia sido planejada, encontrou-se quatro respostas negativas, uma “mais ou menos”(sic) e duas positivas. Acredita-se que, nestes casos, o denominador comum seja o desejo materno, uma vez que, quando essas mesmas mães foram questionadas sobre o desejo que tinham em relação ao filho que esperavam, os números se modificaram: das sete, apenas uma alegou que a vinda do filho não era desejada. Soma-se a isto o fato de que as outras afirmaram ter preferência e/ou certeza quanto ao sexo do bebê, o que faz pensar em algo atuante aí que seja da ordem do desejo de filiação.

Após o procedimento das análises, uma outra relação destacou-se no material das sete mães, porém especialmente no de Felícia: a intrínseca ligação entre maternidade e Complexo de Édipo. Assim como apontam muitas das pesquisas consultadas, de fato as relações com as figuras parentais são determinantes para a maneira de a mulher exercer a maternagem, assim como o fato de ela ter sido marcada pela Lei, condição *sine qua non* para que se opere suficientemente bem a maternagem. Após o nascimento dos filhos, a rede de significações das pessoas envolvidas vai sendo reconfigurada. Conforme mencionado, não só a relação entre mãe e filho vai sendo estabelecida e recriada, mas também está em jogo a maneira como o pai, os avós, tios e irmãos se posicionam em relação à criança e ao par mãe-filho. Neste trabalho, buscou-se realçar as particularidades de cada mãe numa perspectiva positiva de saúde. Nesse sentido, supor saúde implica em a maternagem estar em condição suficientemente boa para operar a suposição do sujeito, funcionar a partir da alternância presença-ausência, estabelecer demanda assim como deixar transparecer a marca da função

paterna. Por essa razão, foi que se definiram da seguinte maneira como as quatro categorias dos movimentos do desejo e da posição materna antes e após o nascimento do filho: a posição psíquica de mãe, suposição do sujeito, aspectos do desenvolvimento do filho da realidade e da relação mãe e filho e relações na família e aspectos sócio-culturais.

Observou-se que os maridos que participaram mais como pais das crianças que nasceram e, também como parceiros sexuais da mãe conseguiram preservar um pouco mais a relação conjugal de crises intensas e conflitos. Entende-se, no entanto, que tal atuação não é fácil, uma vez que assumir o que propõe a nova perspectiva de paternidade, na qual do pai se espera presença constante nos cuidados com os filhos e divisão de responsabilidades com a esposa ainda têm sido um grande desafio. Apesar de se notar maior proximidade e afeto na relação pai-filho, nos cuidados e, especialmente na divisão de tarefas com a esposa, a participação dos maridos não se mostrou tão efetiva, de modo que as mulheres da pesquisa tinham de contar muito mais com as mães, sogras e irmãs do que com os companheiros no cuidado com as crianças.

As mulheres, tanto enquanto estiveram grávidas, quanto no segundo tempo da coleta de dados, de forma geral, estabeleceram um bom vínculo com a pesquisadora, aspecto que foi decisivo no que se refere à consecução dos objetivos deste trabalho. Demonstraram-se muito solícitas e até afetivas no contato. Pensa-se que isto se deve, em parte, à abertura oferecida desde o período gestacional para que falassem e às fases da vida em que se encontravam, nas quais a sensibilidade aflorada demandava uma escuta atenta aos seus anseios e temores. A qualidade desse vínculo chamou a atenção também porque houve um encontro com essas mulheres entre os anos de 2000 e 2002 e vários anos depois quando elas se dispuseram a contribuir novamente compartilhando suas experiências de vida.

Como já explicitado anteriormente, as mães estudadas demonstraram ser capazes de oferecer um banho de linguagem: a linguagem maternante - que ata o par mãe e filho, sustenta o narcisismo e organiza e media a relação dual que inicialmente estabeleceram com seus filhos. Elas estão às voltas com a complexidade do desejo materno, tentando dar conta dele. Percebe-se uma analogia dos movimentos do desejo materno, assim como de suas manifestações, com as palavras de Campbell (1990): “Os fados guiam àquele que assim o deseje; aquele que não o deseja eles arrastam” (Campbell, 1990, p.10).

Como todo trabalho psicanalítico, esta pesquisa aponta o caráter inacabado do conhecimento em ciências humanas, já que a maneira como se delineiam e se tratam as pesquisas pode ser sempre questionada, inclusive pelos próprios responsáveis.

REFERÊNCIAS

Alencar, A. J. C. de, & Rolim, K. M. C. (2006). Bases científicas do acolhimento amoroso ao Recém-Nascido. *Revista de Pediatria do Ceará, 7*(1), 27-32.

Almeida, S., Ataíde, A., Nascimento, M. J., Pires, P., & Silva, P. C. D. (2003). Representações mentais maternas: um caso de trigémeos. *Análise Psicológica, 1*(21), 103-110.

Anzieu, D. (1978). *Os métodos projetivos*. Rio de janeiro: Campus.

Aragão, R. O. de. (2007). *A construção do espaço psíquico materno e seus efeitos sobre o psiquismo nascente do bebê*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Recuperado em 19 de fevereiro de 2009, de http://psicopatologia fundamental.org/disserta/disserta_aragao_regina.pdf.

Aulagnier, P. (1990). *Um interprete em busca de sentido-II*. São Paulo: Escuta.

Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Barros, I. P. M. de (2004). *Características psicológicas da primeira e da segunda gravidez: o uso do DFH e do TAT na assistência pré-natal.* Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Barros, I. P. M. de. (2005). *O Trabalho em Cartel como Complexo na formação do psicanalista.* Texto apresentado no Café Cartel, EFCL-SP, São Paulo, Setembro. (Trabalho não publicado).

Barros, I. P. M. de, & Herzberg, E. (2003). As expectativas das grávidas em relação ao primeiro, o segundo filho. In *Anais, 12. Congresso Latino-Americano de Rorschach Y Otras Técnicas Proyetivas. Transformaciones en la subjetividad: Retos a la psicologia y sus instrumentos.* Montevidéo: Associación Latinoamericana de Rorschach.

Barros, I. P. M. de ,& Paiva, M. L. S. C. (2004). Contribuições do Teste de Apercepção Temática à pesquisa psicanalítica. In C. E. Vaz & R. L. Graef (Orgs.), *Técnicas Projetivas: produtividade em pesquisa* (pp. 96-100). Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Rorschach.

Battikha, E. C. (2008). A inscrição do estranho no familiar. In M. C. M. Kupfer & D. Teperman (Orgs), *O que os bebês provocam nos psicanalistas* (pp. 135-145). São Paulo: Escuta.

Bernardino, L. M. F. (2006). A abordagem psicanalítica do desenvolvimento infantil e suas vicissitudes. In L. M. F. Bernardino (Org), *O que a Psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição* (pp.19-41). São Paulo: Escuta.

Bick, E. (1987/1964). Notes on infant observation in psycho-analytic training. In M. Harris & E. Bick, *Collected papers of Martha Harris and Esther Bick* (pp. 240-256). Great Britain: The Roland Harris Education Trust. (Trabalho originalmente publicado em 1964)

Bleger, J. (1996). *Psico-higiene e psicologia institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas**.**

Bleger, J. (1998). *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. São Paulo: Martins Fontes.

Bowlby, J. (1988). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.

Bowlby, J. (2001). *Formação e rompimento dos laços afetivos* (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Brelet-Foulard, F., & Chabert, C. (2005). *Novo manual do TAT*: abordagem psicanalítica. São Paulo: Vetor.

Calil, R.C.C., & Arruda, S. L. S. (2004). Discussão da pesquisa qualitativa com ênfase no método clínico. In S. Grubits & J. A. V. Noriega, *Método qualitativo: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação* (pp. 173-213). São Paulo: Vetor.

Camarotti, M. C. (2002). Maternidade: mitos e desejos. In L. M. F. Bernardino & C. M. F. Rohenkohl, *O bebê e a modernidade: abordagens teórico clínicas* (pp. 33-47). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Campbell, J. (1990). *O poder do mito – Joseph Campbell com Bill Moyers*. (Org. por Betty Sue Flowers). São Paulo: Palas Athena.

Campos, L. P. L. (2006, novembro). *As repercussões psicológicas da gravidez no pai*. *Mental*, *4*(7). Recuperado em 12 de maio, 2009 de

http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167944272006000200010&lng=pt&nrm=iso. ISSN 1679-4427.

Caron, N. A. (org). (2000). A relação pais-bebê: da observação à clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Caron, N. A., Cardoso, M. M., & Kompinsky, E. (2000). Aplicação da observação na ultra-sonografia obstétrica. In N. Caron (Org.), *A relação pais-bebê: da observação à clínica.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Cavalcanti, L. B. (2006, setembro). A lógica da espera. In *Mente e Cérebro – a mente do bebê*. *2* (pp. 6-13). São Paulo: Duetto.

Celia, L. S., Fossari, M. A. S., & Celia, S. (1977). A importância das intervenções precoces no desenvolvimento do bebê. In *Acta Médica* (pp.458-466). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Chabert, C. (2004). *Psicanálise e métodos projetivos*. São Paulo: Vetor.

Château, P. (1995). Perinatal emotional adjustments and infant behavior. *Infant Mental Health Journal*, *16*, 41-45.

Chizzotti, A. (2000). *Pesquisa em ciências humanas e sociais* (4a ed.). São Paulo: Cortez.

Cimenti. M. E. (1998). De feto à criança: até onde podemos conhecer? Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, PUCRS, Porto Alegre.

Conselho Federal de Psicologia. (2004a). *Resolução CFP nº 002/2003*. Recuperado em 06 fev. 2004. POL (Psicologia On Line, Conselho Federal de Psicologia): http://www.pol.org.br

Conselho Federal de Psicologia. (2004b). *Lista dos testes aprovados*. Recuperado em 06 fev. 2004. SATEPSI (Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos, Conselho Federal de Psicologia): http://www.pol.org.br/satepsi/sistema/admin.cfm

Cramer, B. (1974). Interventions thérapeutiques brèves avec parents et enfants. *Psyquiatrie de L´enfant*, *17* (1), 53-117.

Cranley, M. S. (1993). The origins of the mother-child relationship: A review. *Physical and Occupational Therapy in Pediatrics, 12*(2-3), 39-51.

Dana, R. H. (1996). The Thematic Apperception Teste. In *Major psychological assessment instruments* (pp. 166-205). Boston: Allyn and Bacon.

De Felice, E. M. (2000). *A psicodinâmica do puerpério*. São Paulo: Vetor.

De Felice, E. M. (2004). *A maternidade e a relação mãe-filho: um estudo longitudinal.* . Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Debieux-Rosa, M. (2001). O não-dito familiar e a transmissão da história. *Psychê, 5*(8) 123-137.

Dias, H. Z. J. (2007). *Pele e psiquismo, psicossomática e relações objetais: características relacionais de pacientes portadores de dermatoses.* Tese de Doutorado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Recuperado em 5de agosto, 2008, de http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1190

Dolto, F. (1999). *Tudo é linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

Dor, J. (1991). *O pai e sua função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar .

Dunker, C. I. L. (2006, setembro). O nascimento do sujeito. In *Mente e Cérebro – a mente do bebê* (pp. 14-25). São Paulo: Duetto.

Duvidovich, E., & Winter, T. R. (2004). *Maternagem: uma intervenção preventiva em saúde – abordagem psicossomática*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Edelstein, T. M. (2000, janeiro/fevereiro). A interação mãe-bebê: os sintomas psicossomáticos e a pediatra. *Pediatria Moderna.* São Paulo, *36*(1-2), 70-74.

Faria, M. R. (2003). *Constituição do sujeito e estrutura familiar – o complexo de Édipo de Freud a Lacan*. Taubaté, São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária.

Fensterseifer, L., & Werlang, B. S. G. (2008). Apontamentos sobre o status científico das Técnicas Projetivas. In A. E. de Villemor-Amaral & B. S. G. Werlang (Orgs.),

Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica (pp. 15-33). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Fernandes, M. A. (1988). *Fantasias inconscientes de primigestas através do procedimento de desenhos-estórias*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.

Ferreira, A. B. H. (1986). *Novo dicionário da Língua Portuguesa.* Da Academia Brasileira de Letra (2a ed. revista e aumentada). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Ferreira, M. V. (2000). Separações mãe-bebê: diversos sentidos na construção de uma relação. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Figueiredo, B., Costa, R., & Pacheco, A. (2002). Experiência de parto: alguns factores e consequências associadas. *Análise Psicológica 2*(20), 203-217.

Fonagy, P. (1997). A importância do desenvolvimento do controle metacognitivo sobre as representações mentais para o desenvolvimento pais-bebê. In M. P. Mélega (Coord.), *Observação da relação mãe-bebê: Método Esther Bick – Tendências* (pp. 35-54). São Paulo: Ed. Unimarco. (Coletânea de artigos do 1º Simpósio Brasileiro de Observação da Relação Mãe-Bebê).

França e Silva, E. (Coord.), Ebert, T. N. H., & Miller, L. M. (1984). *O Teste de Apercepção Temática de Murray (TAT) na cultura brasileira: Manual de aplicação e interpretação.* Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas.

Freud, S. (1996). Análise de um caso de fobia de menino de cinco anos. In S. Freud, *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909).

Freud, S. (1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In S. Freud, *Obras Psicológicas Completas.* Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).

Freud, S. (1996). Notas psicanalíticas sobre um relato auto-biográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides). In S. Freud, *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).

Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (1996). Inibições, sintomas e ansiedade. In S. Freud, *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).

Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo – uma introdução. In S. Freud, *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud, *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).

Freud, S. (1996). Moisés e o monoteísmo In S. Freud, *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1939).

Freud, S. (1996). O Ego e o Id. In S. Freud, *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

Gallo, M. A. (2003). *A tristeza no espelho: reflexões sobre o olhar materno a bebês malformados*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Gardner, R. A. (1971). A proposed scale for the determination of maternal feeling. Psychiatric Quarterly, *45*(1), 23-34.

Gianlupii, A. G. F. (2003). Tornar-se mãe: a maternidade da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Golse, B. (2004). O que nós aprendemos com os bebês? Observações sobre as novas configurações familiares. In M. C. P. da Silva & L. Solis-Ponton, *Ser pai, ser mãe – parentalidade: um desafio para o terceiro milênio* (pp. 161-169). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Gomes, I. C. (1998). *O sintoma da criança e a dinâmica do casal*. São Paulo: Escuta.

Granato, T. M. M. (2000). *Encontros terapêuticos com gestantes à luz da preocupação materna primária*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Grant, W. H. (1984). *Ansiedade e gravidez*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Hammer, E. F. (1991). *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Hanns, L. A. (2000). Psicoterapias sob suspeita – a psicanálise no século XXI. In R. A. Pacheco Filho, N. E. Coelho Junior & M. D. Rosa (Orgs.), *Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise* (pp. 175-203). São Paulo: EDUC & Casa do Psicólogo.

Herzberg, E. (1986). *Aspectos psicológicos da gravidez e suas relações com a assistência hospitalar.*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Herzberg, E. (1993). *Estudos normativos do Desenho da Figura Humana (DFH) e do Teste de Apercepção Temática (TAT) em mulheres: Implicações para o atendimento a gestantes.* Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Herzberg, E. (2000). Use of TAT in multicultural societies: Brazil and the United States. In R. H. Dana, *Handbook of cross-cultural and multicultural personality assessment* (pp. 447-459). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Infante, D. P. (1997). O sujeito na clínica do desenvolvimento infantil. *Estilos da Clínica*, (3), 91-94.

Jerusalinsky, A. N. (2008). Considerações acerca da avaliação psicanalítica de crianças de três anos – AP3. In: R. Lerner & M.C.M. Kupfer (Orgs), *Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa* (pp.117-136). São Paulo: Escuta.

Jerusalinsky, J. (2002). Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês Salvador: Ágalma. (Coleção Calças Curtas, 3).

Jung, K. (2003). Aspectos preditivos da observação direta da relação mãe-bebê e o desenvolvimento ulterior da criança. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Kehl, M. R. (2006, setembro). Nos braços do papai. In *Mente e Cérebro – a mente do bebê 2* (pp. 36-43). São Paulo: Duetto.

Kerlinger, F. N. (1980). *Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual*. São Paulo: EPU.

Klatskin, E. H., & Eron, L. D. (1970, setembro/outubro). Projective Test content during pregnancy and postpartum adjustment. *Psychosomatic Medicine*, *32*(5), 487-493.

Krob, A. D., Piccinini, C. A., & Silva, M. R. (2009, junho). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP* [online]. *20*(2), 269-291, Recuperado em 15 de dezembro de 2009, de http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167851772009000200008&lng=pt&nrm=iso.ISSN 1678-5177.

Kupfer, M. C. M., & Voltolini, R. (2008). Uso de indicadores em pesquisas de orientação psicanalítica: um debate conceitual. In R. Lerner & M. C. M. Kupfer (Orgs.), *Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa* (pp.93-107). São Paulo: Escuta.

Kupfer, M. C. M., Jerusalinsky, A. N., Bernardino, L. M. F., Wanderley, D., Rocha, P.S.B., Molina, S. E. et al. (2009, maio). *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology*, *6*(1), 48-68. Recuperado em 25 de janeiro de 2010, de http://www.fundamentalpsychopathology.org/journal/v06n01/valor.pdf.

Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1948).

Lacan, J. (1998). O Estágio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1949).

Lacan, J. (1988). *Seminário 3: As psicoses*. Rio de janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956).

Lacan, J. (1998a). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 653-691). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).

Lacan, J. (1998b). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).

Lacan, J. (1992). *O seminário - livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-70).

Lacan, J. (1995). *O seminário – livro 4*: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.(Trabalho original publicado em 1956-57).

Lacan, J. (1999). *O seminário – livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1957-58).

Lacan, J. (1998/1969, abril). Duas notas sobre a criança. *Opção Lacaniana, 5-6*(21), (Trabalho original publicado em 1969).

Lacan, J. (1987). *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio e Alvim.

Langer, M. (1986). *Maternidade e sexo*. Porto Alegre: Artes Médicas.(Trabalho originalmente publicado em 1978).

Lebovici, S., Mazet, P., & Visier, J.-P. (1989). *L'évaluation dês interactions précoces entre le bébé et ses partenaires*. Genéve: Eshel Medicine et Hygiene.

Lejderman, A. T., & Kompinsky, E. (2000). Caráter preventivo da aplicação da observação da relação mãe-bebê em uma creche. In Caron, N. A. A relação Pais-bebê – da observação à clínica (pp. 268-290). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Levin, E. (2001). *A função do filho: espelhos e labirintos da infância*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Lourenção Van Kolck, O. (1981). *Interpretação psicológica de desenhos*. São Paulo: Pioneira.

Lourenção Van Kolck, O. (1984). *Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico*. São Paulo: EPU.

Luksys, M. I. d. A., & Kniest, G. R. (2005). A preocupação materna primária de Winnicott: um estudo de caso com mulheres grávidas em uma unidade do PSF - Algumas considerações. *Conceitos*, (11), 61-69.

Luna Fº, B. (1998, dec). Seqüência básica na elaboração de protocolos de pesquisa. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia, 71*(6), Recuperado em 24 de junho de 2009da SciELO (Scientific Eletrocnic Library On line): www.scielo.br

Machover, K. (1974). *Proyección de la personalidad en el Dibujo de la Figura Humana*. Colombia: Charles C. Thomas Editor. (Trabalho original publicado em 1949).

Maciel, R. A., & Rosemburg, C. P. (2006). *A relação mãe-bebê e a estruturação da personalidade. Saúde e Sociedade*, *15*(2), 96-112.

Maldonado, M. T. (2000). *Psicologia da gravidez*. São Paulo: Saraiva.

Mannoni, M. (1995). *A criança retardada e a mãe* (2a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Marcelli, D. (1998). *Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra.* Porto Alegre: Artes Médicas.

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.

Mathelin, C. (1999). *O sorriso de Gioconda*: *clínica psicanalítica com bebês prematuros*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.

Mezan, R. (1993). Que significa "pesquisa" em psicanálise? In M. E. L. Silva (Coord.), *Investigação e Psicanálise* (pp. 49-89). São Paulo: Papirus.

Minayo, M. C. S. (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec

Missonier, S. (2004). O início da parentalidade, tornar-se mãe, tornar-se pai. As interações dos pais e da criança antes do nascimento. In: M. C. P. da Silva & L. Solis-Ponton. *Ser pai, ser mãe –parentalidade: um desafio para o terceiro milênio* (pp.115-122). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mito, T. I. H., & Yoshida, E. M. P. (2004). Psicoterapia breve infantil: a prática com pais e crianças. In E. M. P. Yoshida & M. L. E. Enéas (Orgs.), *Psicoterapias Psicodinâmicas Breves – propostas atuais* (pp. 259-292). Campinas, SP: Alínea..

Murray, H. A. (2005). *Teste de Apercepção Temática*. Adaptado e ampliado por Maria Cecília Vilhena M. Silva. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1943).

Nascimento, M. J. (2003). Preparar o nascimento. *Análise Psicológica, 1*(21*)*, 47-51.

Nasio, J. D. (1995). *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Nasio, J. D. (1997). *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise* (pp. 47-74). Rio de Janeiro: Zahar.

Nogueira, L.S.C., Zancanaro, P. C. Q., & Azambuja, R.D. (2009, jan/fev). Vitiligo e emoções. In *Anais Brasileiros de Dermatologia*, *84*(1), 41-45, Recuperado em 16 de maio de 2010, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0365-05962009000100006&script=sci_arttext

Oliva, A. D. (2001). *Papel do input e da intersubjetividade na aquisição de linguagem: proposta de um modelo explicativo*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Oliveira, I. T. (2002, janeiro-junho). O papel dos pais na psicoterapia breve de crianças. *Psikhê. 7*(1), 22-28.

Oliveira, I. T. (2006). *O planejamento da psicoterapia breve infantil a partir do referencial do desenvolvimento*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Oliveira, T. M. V. de (2001, julho/agosto/setembro). Amostragem não Probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. *Revista de Administração* [On Line]. FECAP. *2*(3), .Recuperado em 24 de junho de 2009 de <http://www.fecap.br/adm_online/>.

Outeiral, J. O., & Graña, R. B. B. (1991). *Donald W. Winnicott*: estudos. Porto Alegre: Artes Médicas.

Passos, M. C. (2006, setembro). Os pilares do sujeito. In *Mente e Cérebro – a mente do bebê*. *4* (pp. 6-15). São Paulo: Duetto.

Pereira, C. R. R., & Piccinini, C. A. (2007, julho-setembro). O impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar. *Estudos de Psicologia, 24*(3), 385-395.

Piccinini, C., Ferrari, A. G., Levandowski, D. C., Lopes, R. S., & De Nardi. (2003, julho-dezembro). O bebê imaginário e as expectativas em relação ao futuro filho em gestantes adolescentes e adultas. *Interações, 8*(16), 81-108.

Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Moreira, L. E., & Lopes, R. S. (2004, setembro-dezembro). Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao seu bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 20*(3), 223-232.

Pincus, L. E., & Dare, C. (1981). *Psicodinâmica da família.* Porto Alegre: Artes Médicas.

Pio, C. (2007, setembro). *Da concepção ao primeiro ano de vida: reflexões sobre o relacionamento mãe-bebê.* México: Psicologia para América Latina, (11).

Raphael-Leff, J. (1997). *Gravidez: a história interior*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Raymundo, M. G. B., Freitas, N. K., & Cunha, J. A. (1993). Técnicas projetivas gráficas. In J. A. C. Cunha et al., *Psicodiagnóstico-R* (pp. 377-398). Porto Alegre: Artes Médicas.

Ribas, R. P., & Soares, S. S. D. (2010, janeiro-março). O atrito nas pesquisas longitudinais: o caso da pesquisa mensal de emprego (PME/IBGE). *Estudos Econômicos*. *40*(1), 213-244, São Paulo.

Richardson, P. (1981). Women's perceptionsof their important dyadic relationships during pregnancy. Maternal-Child Nursing Journal, *10*(3), 159-174.

Rocha, M. P. (2006). *Elementos da teoria Winnicottiana na construção da maternidade.* Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Safra, G. (Palestrante) (2 Out. 2004). Investigação em psicanálise. Mini curso promovido pelo Laboratório de Estudos da Transicionalidade (LET). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.

Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de pesquisa.* São Paulo: McGraw-Hill.

Scappaticci, A. L. S. S., Iacoponi, E., & Blay, S. L. (2004). Estudo de Fidedignidade Inter-avaliadores de uma escala para a avaliação da interação mãe-bebê. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul. RS, 26*(1), 39-46.

Settee, M. (1991). *A condição feminina na maternidade*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Shentoub, V. & Shentoub, S. A . (1958). *Contribuition à la recherche de validation du TAT*: Feuille de dépouillement. Révue de la Psychologie Apliquée, *8*(4), 275-341.

Siddiqui, A., & Hägglöf, B. (2000). Does maternal prenatal attachment predict postnatal mother–infant interaction? *Early Human Development, 59,* 13–25.

Silva, M. C. V. M. (1989). *TAT – Aplicação e interpretação do Teste de Apercepção Temática*. São Paulo: EPU.

Silva, M. C. V. M., & Montagna, M. E. (2008). O Teste de Apercepção Temática. In A. E. de Villemor-Amaral & B. S. G. Werlang (Orgs.), *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica* (pp. 133-146). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Simon, R. (1993). Pesquisa combinando Técnicas Projetivas e Psicanálise. In M. E. L. Silva (Coord.), *Investigação e psicanálise* (pp. 159-170). São Paulo: Papirus.

Soifer, R. (1992). *Psicologia da gravidez, parto e puerpério*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Solis-Ponton, L. (2004). A construção da parentalidade. In Silva, M. C. P. da & Solis-Ponton, L. *Ser pai, ser mãe – parentalidade: um desafio para o terceiro milênio* (pp. 29-40). São Paulo, Casa do Psicólogo.

Souza-Dias, T. G. (1999). *Considerações sobre o psiquismo do feto*. São Paulo: Escuta.

Spitz, R. A. (2004/1979). *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes.

Stasevskas, K. O. (1999). *Ser mãe: narrativas de hoje*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Stefanello, J. (2005). A vivência dos cuidados no puerpério: as mulheres construindo-se como mães. Dissertação de Mestrado, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto..

Szejer, M., & Stewart, R. (1997). *Nove meses na vida da mulher: Uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Szejer, M. (1999). *Palavras para nascer – a escuta psicanalítica na maternidade.*São Paulo: Casa do Psicólogo.

Teperman, D. W. (2005). Clínica psicanalítica com bebês: uma intervenção a tempo. São Paulo: Casa do Psicólogo, Fapesp.

Trad, P. V. (1990). Psicoterapia breve pais-bebê. Porto Alegre: Artes Médicas.

Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico qualitativa*. Rio de Janeiro: Vozes.

Violante, M. L. (2001). *Piera Aulagnier – uma contribuição contemporânea a obra de Freud.* São Paulo: Via Lettera.

Vorcaro, A. M. R. (2002). Linguagem maternante e língua materna: sobre o funcionamento linguístico que precede a fala. In L. M. F, Bernardino & C. M. F, Rohenkohl. *O bebê e a modernidade:* abordagens teórico clínicas (pp. 65-83). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Wanderley, D. B. (2008). Intervenção precoce nos transtornos psíquicos das crianças. In D. B, Wanderley (Org.), *O cravo e a rosa- a psicanálise e a pediatria: um diálogo possível?* (pp. 83-100). Salvador: Ágalma (Coleção Calças Curtas, 7).

Wendland-Carro, J. (1994). Qualidade de interação mãe-bebê: os efeitos de uma intervenção precoce. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Wendland-Carro, J. (2001). A Abordagem Clínica das Interações Pais-Bebê: perspectivas teóricas e metodológicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 14*(1), 45-56.

Wilheim, J. (2003). *O que é psicologia pré-natal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: JC Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1964).

Winnicott, D. W. (1999). *Os bebês e suas mães.* São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1988).

Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise.* Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1978).

Winnicott, D. W. (2004). Explorações *Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho originalmente publicado em 1989).

Winnicott, D. W. (2005). *A família e o desenvolvimento individual.* São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1986-1971).

Wirth, A. F. (2000). Aplicação do método de observação de bebês em uma UTI neonatal. In: N. A. Caron (Org.), *A relação pais-bebê: da observação à clínica* (pp. 207-231). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Wolff, L. S., Brasil, K. C., Amparo, D., Roque, F. C. F., & Silveira, L. M. (2009). A simbiose na relação mãe e filho: uma análise no Rorschach. In *Anais. 6° Congresso Norte Nordeste de Psicologias. Psicologia e Compromisso Social: unidade na diversidade*, Belém, Pará.

Yin, R. K. (2001*). Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

APÊNDICE A

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Datas das entrevistas e procedimentos:

1ª ____ / ____ / ____ - _____

2ª ____ / ____ / ____ - _____

3ª ____ / ____ / ____ - _____

I- Dados Pessoais

1. Nome:

2. Idade: anos Data de Nascimento:

3.Naturalidade:

4.Estado Civil:

Se casada, viúva ou separada há quanto tempo?

Conhece o pai da criança há quanto tempo?

Vivem juntos há quanto tempo?

5. Religião: 6.Cor:

7.Escolaridade: 8. Profissão:

9.Trabalha atualmente?

10. Quanto tempo depois que o 1º/2º filho nasceu voltou a trabalhar?

11. Como ficou a vida profissional?

12. Idade do (s) filho(s): 1º f_____ anos _____ meses - 2º f _____ anos _____ meses

3º f _____ anos _____ meses

II- Dados do pai da criança

1. Nome:

2.Idade: anos Data de Nascimento:

3. Naturalidade:

4. Religião: 5. Cor:

6. Escolaridade: 7. Profissão:

8. Trabalha atualmente?

III- Relações familiares (na infância, atualmente)

1. Estrutura familiar

a) da gestante

Pai e/ou substituto: – anos Mãe e/ou substituto: – anos

Número de irmãos e posição de nascimento

Nome	Idade aproximada	Comentário
	Anos	
	Anos	

b) Família do marido

Pai e/ou substituto: – anos Mãe e/ou substituto: – anos

Número de irmãos e posição de nascimento

Nome	Idade aproximada	Comentário
	Anos	
	Anos	

2. Relacionamentos

a) Quando criança e atual com os pais

b) Relacionamento entre os pais (infância e atualmente)

c) Relacionamento com irmãos (infância e atualmente)

d) Perturbações na dinâmica familiar (mortes, separações, etc)

e) Houve modificações nas relações familiares com a vinda do 1º/2º filho? Quais?

3. Observações:

IV- Vida conjugal

1. Número de matrimônios e/ou convivências

2.Relacionamento/ condições de adaptação ao casamento

3. Relacionamento do casal com outros familiares

4. Houve modificações na relação com o companheiro após a vinda do 1º/2º filho? Quais?

5. Observações:

V- Saúde

1. Saúde em geral

2. Alcoolismo, drogas

3. Suicídio

4. Internações e surtos anteriores

5. Observações:

VI- Antecedentes mórbidos familiares

1. Saúde em geral
2. Antecedentes epilépticos
3. Antecedentes psicóticos
4. Deficiências
5. Antecedentes de alcoolismo, drogas
6. Antecedentes de suicídio
7. Observações:

VII - Relação com o(s) filho(s)

1. Como é o relacionamento com o(s) filho(s)?
2. Era assim que imaginava?
3. No caso das mães de segundo filho, como é a relação do primeiro com o segundo?
4. Como se percebe como mãe? Era assim que se imaginava antes do 1º/2º filho nascer?
5. O que o 1º/2º filho representa para você neste momento da vida?
6. Como percebe o 1º/2º filho (impressões sobre as características do 1º/2º filho)?
7. Como faz para saber o que ele precisa?
8. Como estão ocorrendo os cuidados com o 1º/2º filho? Quem faz? Alguém ajuda?
9. Como você descreveria seu filho? Você acha que é diferente do que você imaginava? Explique.
10. Desenvolvimento biopsicossocial do 1º/2º filho:

a) Alimentação
b) Sono
c) Amamentação
d) Fala
e) Psicomotor
f) Relacionamento social
g) Desenvolvimento emocional
h) Desenvolvimento cognitivo

11. Nos cuidados com o 1º/2º filho, o que mais gosta de fazer? O que menos gosta?
12. Quais dificuldades nos cuidados com o 1º/2º filho?
13. Quais os modos de consolá-lo?
14. Como percebe sua capacidade de identificar os tipos de choro e as necessidades e sentimentos do 1º/2º filho?
15. Pretende ter mais filhos? Por que?

VIII -Observações acerca do contato anterior

1. De que forma foi percebido o contato?
2. O que ficou daquela experiência anterior?
3. Associa a algum tipo de efeito (em si ou na relação com o filho)?

IX - Do prontuário:

1. Queixas intermitentes:

( ) Ginecológicas ( ) Ortopédicas
( ) Clínica geral ( ) Pediátricas
( ) Psicológicas/ psiquiátricas ( ) Outras _____

2. Novas gestações:

Período:

Sexo do novo bebê:

Comentários:

3. Histórico obstétrico posterior ao primeiro contato:

( ) Patologias ( ) Abortos
( ) Laqueaduras ( ) Outras intercorrências _____
( ) D.I.U.

X - Observações gerais e comentários da entrevistadora

APÊNDICE B

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO (MODELO UTILIZADO)

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA OU LEGAL RESPONSÁVEL
NOME DA PACIENTE _____
DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº _____ SEXO M ☐ F ☐
DATA DE NASCIMENTO_____/_____/_____
ENDEREÇO _____Nº_____APTO_____
BAIRRO_____ CIDADE _____
CEP _____ TELEFONE _____

Eu, Izabella Paiva Monteiro de Barros, psicóloga, CRP n° 06/58733-2, tel.: 8259-0420, aluna regular do Programa de Doutorado em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo, estou desenvolvendo a pesquisa Bebê Imaginário e Bebê Real: Estudo Longitudinal da Relação Mãe-Bebê com o auxílio do Desenho da Figura Humana (fazer desenho de pessoas) e do Teste de Apercepção Temática (Teste de contar histórias), sob orientação da Profa. Dra. Eliana Herzberg, Pesquisadora Responsável, psicóloga CRP nº. 06/5051, tel. 3091- 4173. Para fazer essa pesquisa, que terá duração aproximada de três anos, entrevistarei mulheres que participaram de minha pesquisa de mestrado feita aqui no HU e cujos filhos já nasceram. Além das entrevistas, serão pedidos para as participantes 2 (dois) desenhos e algumas histórias (serão mostradas 5 figuras para que essas histórias possam ser contadas). Essa pesquisa tem o objetivo, dentre outros, de poder contribuir para o estabelecimento de uma relação mãe/bebê saudável. Os encontros (aproximadamente 5) serão feitos de preferência nos dias em que as pacientes tenham algum tipo de consulta médica no Hospital Universitário. É muito importante que a Sra. saiba que:

- Pode a qualquer momento pedir informações e esclarecer dúvidas sobre a pesquisa;
- Se for detectado algum problema de saúde previamente ao início da pesquisa, a Sra. Será encaminhada ao Sistema Único de Saúde (SUS) para tratamento;
- Pode a qualquer momento resolver parar de participar da pesquisa;
- Seu atendimento no Hospital Universitário não sofrerá qualquer prejuízo se por alguma razão a Sra. resolver não participar mais dessa pesquisa;
- As informações e os dados que a Sra. fornecer são confidenciais e serão mantidos observando-se o sigilo e a privacidade;
- Embora essa pesquisa não envolva riscos à sua integridade física e psicológica, caso sinta necessidade, pode entrar em contato com a psicóloga pelo telefone acima, mesmo fora dos horários marcados.

Declaro que, depois de ter recebido esclarecimentos pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

São Paulo, _____ de _____de 200__

Assinatura da participante da pesquisa	Profª Drª Eliana Herzberg Pesquisadora Responsável. Programa de Pós- Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.	Ms Izabella Paiva Monteiro de Barros Pesquisadora Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Comissão de Ensino e Pesquisa-HU: Endereço: Av. Prof. Lineu Prestes, 2565 – Cidade Universitária – CEP: 05508-900 – São Paulo – SP - Telefones: 3039-9457 ou 3039-9479 - E-mail: cep@hu.usp.br

APÊNDICE C

APÊNDICE C – TABELAS DE ANÁLISE DO DFH (MODELO UTILIZADO) baseado em Herzberg (1986/1993) e Barros, I. P. M. (2004). *Características psicológicas da primeira e da segunda gravidez: o uso do DFH e do TAT na assistência pré-natal.* Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. (p.229)

Aspectos gerais

a) Posição da folha de papel

	Manteve posição vertical	**Não manteve posição vertical**
Figura feminina		
Figura masculina		
OBS:		

b) Localização da figura na folha (utilização de crivo)

Localização da figura na folha	1ª gravidez/ 2ª gravidez									
	1º Quadr. canto sup. dir.	2º Quadr. canto inf. dir.	3º Quadr. canto inf. Esq.	4º Quadr. canto sup. Esq.	Metade sup. 1º e 4º quadr.	Metade dir. 1º e 2º quadr.	Metade inf. 2º e 3ºquad.	Metade esq. 3º e 4º quadr.	Centro da Folha	Total
Figura feminina										
Figura masculina										

c) Tamanho da figura em relação à folha (utilização de crivo)

Tamanho da figura em relação à folha		Figura feminina	Figura masculina
Muito grande	Folha toda		
Grande	2/3		
	½		
Médio	1/3		
	¼		
	1/6		
	1/8		
Pequeno	1/16		
	1/32		
Muito pequeno	1/64		
	1/128		
Total			

Aspectos estruturais ou formais

d) Tipo de imagem do corpo (figuras realistas ou compensatórias)

	Figura feminina	**Figura masculina**
Figura realista		
Figura compensatória		
OBS:		

e) Inclinação

	Figura feminina	**Figura masculina**
Figura ereta		
Para a direita		
Para a esquerda		
OBS:		

f) Ordem das figuras

	Figura feminina	**Figura masculina**
Desenhou primeiro		
OBS:		

g) Tratamento diferencial em relação ao tamanho, elaboração (detalhes) ou tempo de realização

Figura feminina X Figura masculina		
Tamanho		
Ligeiramente maior		
Ligeiramente menor		
Mesmo tamanho		
Elaboração (quantidade de detalhes)		
Mais detalhes		
Menos detalhes		
Mesma quantidade de detalhes		
Tempo de execução		
Menor		
Maior		
Mesmo tempo		

Aspectos de conteúdo

h) Marcação da região dos seios

	Figura feminina	**Figura masculina**
Ausente		
Assinalada		
Marcada com bolso		
OBS:		

i) Desenho da cintura e/ou cinto

	Figura feminina	**Figura masculina**
Apenas assinalada		
Marcada com linha		
Marcada com cinto		
OBS:		

APÊNDICE D

APÊNDICE D – TABELAS DE ANÁLISE DO TAT (MODELO UTILIZADO BASEADO EM HERZBERG, 1986,1993)

PRANCHA 1
Tempo de latência inicial:
Tempo total:

Personagem: Menino			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Violino			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Mesa			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

PRANCHA 2
Tempo de latência inicial:
Tempo total:

Personagem: Jovem mulher (com livros em suas mãos)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Homem (trabalhando no campo)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Mulher mais velha (observando)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Livros			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Campo			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

PRANCHA 4

Tempo de latência inicial:
Tempo total:

Personagem: Mulher (agarrando o homem)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Homem			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Mulher ao fundo			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

PRANCHA 7MF
Tempo de latência inicial:
Tempo total:

Personagem: Mulher mais velha (sentada num sofá)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Menina			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Boneca ou bebê (no colo da menina)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Sofá			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: livro			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

PRANCHA 8MF
Tempo de latência inicial:
Tempo total:

Personagem: Mulher jovem			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Cadeira			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Pedaço de tecido			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

PRANCHA 16
Tempo de latência inicial:
Tempo total:

Inibição frente à Prancha? Sim ( ) não ( )

Personagem:			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Observações:			

Outros elementos:			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Observações:			

Qual Prancha mais gostou? Por que?

Qual Prancha menos gostou? Por que?

APÊNDICE E

APÊNDICE E – TABELAS DE ANÁLISE DFH DE ANNE

Aspectos gerais

a) Posição da folha de papel

	Manteve posição vertical	**Não manteve posição vertical**
Figura feminina	**1ª 2ª**	
Figura masculina	**1ª 2ª**	
OBS:		

b) Localização da figura na folha (utilização de crivo)

Localização da figura na folha	Anne									
	1º Quadr. canto sup. dir.	2º Quadr. canto inf. dir.	3º Quadr. canto inf. Esq.	4º Quadr. canto sup. Esq.	Metade sup. 1º e 4º quadr.	Metade dir. 1º e 2º quadr.	Metade inf. 2º e 3ºquad.	Metade esq. 3º e 4º quadr.	Centro da Folha	Obs
Figura feminina				1ª 2ª						
Figura masculina				1ª					2ª	

c) Tamanho da figura em relação à folha (utilização de crivo)

Tamanho da figura em relação à folha		Figura feminina	Figura masculina
Muito grande	Folha toda		
Grande	2/3		2ª
	½	2ª	
Médio	1/3		
	¼	1ª	1ª
	1/6		
	1/8		
Pequeno	1/16		
	1/32		
Muito pequeno	1/64		
	1/128		
Total			

Aspectos estruturais ou formais

d) Tipo de imagem do corpo (figuras realistas ou compensatórias)

	Figura feminina	**Figura masculina**
Figura realista	**1ª 2ª**	**1ª 2ª**
Figura compensatória		
OBS:		

e) Inclinação

	Figura feminina	**Figura masculina**
Figura ereta	**1ª 2ª**	
Para a direita		**1ª 2ª**
Para a esquerda		
OBS:		

f) Ordem das figuras

	Figura feminina	**Figura masculina**
Desenhou primeiro	**1ª 2ª**	
OBS:		

g) Tratamento diferencial em relação ao tamanho, elaboração (detalhes) ou tempo de realização

Figura feminina X Figura masculina		
Tamanho		
Ligeiramente maior		
Ligeiramente menor	1ª 2ª	
Mesmo tamanho		
Elaboração (quantidade de detalhes)		
Mais detalhes		
Menos detalhes	1ª 2ª	
Mesma quantidade de detalhes		
Tempo de execução		
Menor		
Maior		
Mesmo tempo	1ª 2ª	
OBS:		

Aspectos de conteúdo

h) Marcação da região dos seios

	Figura feminina	**Figura masculina**
Ausente	**1ª 2ª**	**1ª 2ª**
Assinalada		
Marcada com bolso		
OBS:		

i) Desenho da cintura e/ou cinto

	Figura feminina	**Figura masculina**
Apenas assinalada	**2ª**	
Marcada com linha	**1ª**	
Marcada com cinto		**1ª 2ª**
OBS:		

APÊNDICE F

APÊNDICE F – **TABELAS DE ANÁLISE TAT DE ANNE**

Tempo de Latência, tempo total (TLI e TT) e estrutura da história

Anne	Tempo latência						
	Pch 1	Pch 2	Pch 4	Pch 7MF	Pch 8MF	Pch 16	Média
1ª Fase	00:00	00:00	--	00:00	00:00	00:30	00:06
2ª Fase	00:12	00:08	00:03	00:16	00:05	00:25	00:11

Anne	Tempo total						
	Pch 1	Pch 2	Pch 4	Pch 7MF	Pch 8MF	Pch 16	Média
1ª Fase	02:00	02:00	--	01:00	02:00	03:00	02:00
2ª Fase	00:05	02:15	01:15	02:08	01:27	02:50	01:67

Estrutura da história

Pranchas	Estrutura da História			
	Passado	Presente	Futuro	Descrição
1	2ª	1ª2ª	1ª2ª	
2	1ª2ª	1ª2ª	1ª	
4	2ª	2ª	2ª	
7MF	1ª	1ª2ª	1ª	
8MF	1ª	1ª2ª	1ª	
16	1ª	1ª2ª	1ª	
TOTAL	4x3	5x6	5x2	0x0

Apercepção
PRANCHA 1

Personagem: Menino			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Violino			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:verbalizou instrumento musical na 1ª coleta e na 2ª coleta violino			

Outros elementos: Mesa			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			1ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	2ª		
Observações:			

PRANCHA 2

Personagem: Jovem mulher (com livros em suas mãos)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: percebida como estudante			

Personagem: Homem (trabalhando no campo)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª		
Observações:			

Personagem: Mulher mais velha (observando)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:mãe da moça jovem, percebida como grávida na 1ª coleta mas na 2ª coleta apenas como grávida mas sem relação com a moça			

Outros elementos: Livros			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		1ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Campo			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

PRANCHA 4

Esta prancha não foi aplicada anteriormente por ocasião da 1ª coleta, portanto não há análise comparativa.

Personagem: Mulher (agarrando o homem)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Homem			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Mulher ao fundo			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada		2ª (quadro)	
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

PRANCHA 7MF

Personagem: Mulher mais velha (sentada num sofá)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: mãe da moça na 1ª coleta mas incerteza quanto ser mãe na 2ª coleta. Diz inclusive ao final do inquérito que a menina sente falta dos pais e complementa dizendo do pai.			

Personagem: Menina			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Boneca ou bebê (no colo da menina)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: Na 2ª coleta muita dúvida se boneca ou bebê e acaba optando por boneca			

Outros elementos: Sofá			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			1ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	2ª		
Observações:			

Outros elementos: livro			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª	2ª	
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

PRANCHA 8MF

Personagem: Mulher jovem			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)	1ª 2ª		
Omitido			
Observações:Adicionou figura dos pais e tia na 1ª coleta e companheiro na 2ª coleta			

Outros elementos: Cadeira			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª 2ª		
Observações:			

Outros elementos: Pedaço de tecido			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª 2ª		
Observações:			

PRANCHA 16

INIBIÇÃO FRENTE À PRANCHA? SIM ( ) NÃO (1ª 2ª)

PERSONAGEM:			
	PRES/HISTÓRIA	PRES/INQUÉRITO	IMPLÍCITO
1- Mulher	1ª 2ª		
2- Marido	1ª 2ª		
3- Filhos	1ª 2ª		
4-			
5-			
OBSERVAÇÕES:			

OUTROS ELEMENTOS:			
	PRES/HISTÓRIA	PRES/INQUÉRITO	IMPLÍCITO
1 – Trabalho	2ª		
2- Relação marido e mulher		2ª	
3-			
4-			
OBSERVAÇÕES:			

Tipo de solução _____

Pranchas	Solução			
	Sucesso	Fracasso	Final Feliz ou Placada	Ausente
1	1ª2ª			
2	1ª			2ª
4	2ª			
7MF	1ª			2ª
8MF	1ª		2ª	
16		1ª2ª		
TOTAL	4x2	1x1	0x1	0x2

APÊNDICE G

APÊNDICE G - TABELAS DE ANÁLISE DFH DE MARA

A mesma marcação apresentada nos resultados de Anne se mantém para Mara: o "1ª" é referente à avaliação dos desenhos em coleta anterior (Barros, 2004) e a marcação "2ª" refere-se aos desenhos coletados seis anos após o primeiro.

Aspectos gerais

a) Posição da folha de papel

	Manteve posição vertical	**Não manteve posição vertical**
Figura feminina	**2ª**	**1ª**
Figura masculina	**2ª**	**1ª**
OBS:		

b) Localização da figura na folha (utilização de crivo)

Localização da figura na folha	Mara									
	1º Quadr. canto sup. dir.	2º Quadr. canto inf. dir.	3º Quadr. canto inf. Esq.	4º Quadr. canto sup. Esq.	Metade sup. 1º e 4º quadr.	Metade dir. 1º e 2º quadr.	Metade inf. 2º e 3ºquad.	Metade esq. 3º e 4º quadr.	Centro da Folha	Obs
Figura feminina				1ª2ª						
Figura masculina				1ª	2ª					

c) Tamanho da figura em relação à folha (utilização de crivo)

Tamanho da figura em relação à folha		Figura feminina	Figura masculina
Muito grande	Folha toda		
Grande	2/3		
	½		
Médio	1/3		
	¼	1ª2ª	1ª2ª
	1/6		
	1/8		
Pequeno	1/16		
	1/32		
Muito pequeno	1/64		
	1/128		
Total			

Aspectos estruturais ou formais

d) Tipo de imagem do corpo (figuras realistas ou compensatórias)

	Figura feminina	**Figura masculina**
Figura realista	**2ª**	**2ª**
Figura compensatória	**1ª**	**1ª**
OBS:		

e) Inclinação

	Figura feminina	**Figura masculina**
Figura ereta	**2ª**	
Para a direita	**1ª**	**1ª**
Para a esquerda		**2ª**
OBS:		

f) Ordem das figuras

	Figura feminina	**Figura masculina**
Desenhou primeiro	**1ª 2ª**	
OBS:		

g) Tratamento diferencial em relação ao tamanho, elaboração (detalhes) ou tempo de realização

Figura feminina X Figura masculina		
Tamanho		
Ligeiramente maior		
Ligeiramente menor		
Mesmo tamanho	1ª2ª	
Elaboração (quantidade de detalhes)		
Mais detalhes		1ª
Menos detalhes		
Mesma quantidade de detalhes	1ª2ª	
Tempo de execução		
Menor		
Maior		1ª
Mesmo tempo	1ª2ª	
OBS:		

Aspectos de conteúdo

h) Marcação da região dos seios

	Figura feminina	**Figura masculina**
Ausente	**1ª 2ª**	**1ª 2ª**
Assinalada		
Marcada com bolso		
OBS:		

i) Desenho da cintura e/ou cinto

	Figura feminina	**Figura masculina**
Apenas assinalada	**2ª**	
Marcada com linha	**1ª**	**2ª**
Marcada com cinto		**1ª**
OBS:		

APÊNDICE H

APÊNDICE H – TABELAS DE ANÁLISE TAT DE MARA

Tempo de Latência, tempo total (TLI e TT) e estrutura da história

Anne	Tempo latência						
	Pch 1	Pch 2	Pch 4	Pch 7MF	Pch 8MF	Pch 16	Média
1ª Fase	00:10	00:10	--	00:10	00:00	00:15	00:08
2ª Fase	00:02	00:04	00:05	00:10	00:06	00:05	00:05

Anne	Tempo total						
	Pch 1	Pch 2	Pch 4	Pch 7MF	Pch 8MF	Pch 16	Média
1ª Fase	01:00	01:00	--	01:00	01:00	02:00	01:20
2ª Fase	00:50	00:49	00:26	00:39	00:19	00:26	00:35

Estrutura da história

Pranchas	Estrutura da História			
	Passado	Presente	Futuro	Descrição
1		1ª2ª	2ª	
2		1ª2ª	2ª	
4		2ª		
7MF		1ª2ª		
8MF		1ª2ª		
16		1ª2ª	1ª	
TOTAL	0x0	5x6	1x2	0x0

Apercepção
PRANCHA 1

Personagem: Menino			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Violino			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:verbalizou instrumento musical na 1ª coleta e na 2ª coleta violino			

Outros elementos: Mesa			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª2ª		
Observações:			

PRANCHA 2

Personagem: Jovem mulher (com livros em suas mãos)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: na 1ª coleta percebida como estudante, filha da mulher mais velha			

Personagem: Homem (trabalhando no campo)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª		2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Mulher mais velha (observando)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª		2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Livros			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Campo			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:foi vista uma plantação no mestrado, na 2ª coleta sertão			

PRANCHA 4

Esta prancha não foi aplicada anteriormente por ocasião da 1ª coleta, portanto não há análise comparativa.

Personagem: Mulher (agarrando o homem)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Homem			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Mulher ao fundo			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)		2ª (um quadro)	
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: mulher percebida como quadro			

PRANCHA 7MF

Personagem: Mulher mais velha (sentada num sofá)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: mãe da moça na 1ª coleta.			

Personagem: Menina			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Boneca ou bebê (no colo da menina)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: No mestrado muita dúvida se boneca ou bichinho e acaba optando por boneca			

Outros elementos: Sofá			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª2ª		
Observações:			

Outros elementos: livro			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª		
Observações:			

PRANCHA 8MF

Personagem: Mulher jovem			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)	1ª		
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: percebida como uma senhora na 1ª coleta			

Outros elementos: Cadeira			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª 2ª		
Observações:			

Outros elementos: Pedaço de tecido			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª 2ª		
Observações:			

PRANCHA 16

INIBIÇÃO FRENTE À PRANCHA? SIM ( ) NÃO (1ª 2ª)

PERSONAGEM:			
	PRES/HISTÓRIA	PRES/INQUÉRITO	IMPLÍCITO
1- Garoto	1ª		
2- Coleguinha	1ª		
3- Cachorro	1ª		
4-			
5-			
OBSERVAÇÕES:			

OUTROS ELEMENTOS:			
	PRES/HISTÓRIA	PRES/INQUÉRITO	IMPLÍCITO
1 – Rua	1ª		
2- Corrente	1ª		
3- Bravo	1ª		
4- Casa	1ª		
5- Sujeira (cocô?)	1ª		
6- folha em branco	2ª		
7- Aprendizagem	2ª		
OBSERVAÇÕES:			

Tipo de solução

Pranchas	Solução			
	Sucesso	Fracasso	Final Feliz ou Placada	Ausente
1	1ª2ª			
2				1ª2ª
4	2ª			
7MF		2ª		1ª
8MF				1ª2ª
16		1ª		2ª
TOTAL	1x2	1x1	0x0	3x3

APÊNDICE I

APÊNDICE I - TABELAS DE ANÁLISE DFH DE FELÍCIA

A mesma marcação apresentada nos resultados de Anne e Mara se mantém para Felícia: o "1ª" é referente à avaliação dos desenhos em coleta anterior (Barros, 2004) e a marcação "2ª" refere-se aos desenhos coletados seis anos após o primeiro.

Aspectos gerais

a) Posição da folha de papel

	Manteve posição vertical	**Não manteve posição vertical**
Figura feminina	**1ª e 2 ª**	
Figura masculina	**1ª e 2 ª**	
OBS:		

b) Localização da figura na folha (utilização de crivo)

Localização da figura na folha	Felícia									
	1º Quadr. canto sup. dir.	2º Quadr. canto inf. dir.	3º Quadr. canto inf. Esq.	4º Quadr. canto sup. Esq.	Metade sup. 1º e 4º quadr.	Metade dir. 1º e 2º quadr.	Metade inf. 2º e 3ºquad.	Metade esq. 3º e 4º quadr.	Centro da Folha	Obs
Figura feminina				2ª				1ª		
Figura masculina				2ª				1ª		

c) Tamanho da figura em relação à folha (utilização de crivo)

Tamanho da figura em relação à folha		Figura feminina	Figura masculina
Muito grande	Folha toda		
Grande	2/3	1ª	1ª
	½		
Médio	1/3		
	¼	2ª	2ª
	1/6		
	1/8		
Pequeno	1/16		
	1/32		
Muito pequeno	1/64		
	1/128		
Total			

Aspectos estruturais ou formais

d) Tipo de imagem do corpo (figuras realistas ou compensatórias)

	Figura feminina	**Figura masculina**
Figura realista	**2ª**	**2ª**
Figura compensatória	**1ª**	**1ª**
OBS:		

e) Inclinação

	Figura feminina	**Figura masculina**
Figura ereta	**1ª e 2ª**	**1ª e 2ª**
Para a direita		
Para a esquerda		
OBS:		

f) Ordem das figuras

	Figura feminina	**Figura masculina**
Desenhou primeiro		**1ª 2ª**
OBS:		

g) Tratamento diferencial em relação ao tamanho, elaboração (detalhes) ou tempo de realização

Figura feminina X Figura masculina		
Tamanho		
Ligeiramente maior	1ª e 2ª	
Ligeiramente menor		
Mesmo tamanho		
Elaboração (quantidade de detalhes)		
Mais detalhes		
Menos detalhes		
Mesma quantidade de detalhes	1ª e 2ª	
Tempo de execução		
Menor		
Maior	2ª	
Mesmo tempo	1ª	
OBS:		

Aspectos de conteúdo

h) Marcação da região dos seios

	Figura feminina	**Figura masculina**
Ausente	**2ª**	**2ª**
Assinalada	**1ª**	**1ª**
Marcada com bolso		
OBS:		

i) Desenho da cintura e/ou cinto

	Figura feminina	**Figura masculina**
Apenas assinalada	**1ª e 2ª**	**1ª**
Marcada com linha		
Marcada com cinto		**2ª**
OBS:		

APÊNDICE J

APÊNDICE J – TABELAS DE ANÁLISE TAT DE FELÍCIA

Tempo de Latência, tempo total (TLI e TT) e estrutura da história

Felícia	Tempo latência						
	Pch 1	Pch 2	Pch 4	Pch 7MF	Pch 8MF	Pch 16	Média
1ª Fase	00:30	00:30	--	01:10	00:30	00:11	00:34
2ª Fase	00:03	00:03	00:03	00:07	00:06	00:00	00:04

Felícia	Tempo total						
	Pch 1	Pch 2	Pch 4	Pch 7MF	Pch 8MF	Pch 16	Média
1ª Fase	02:00	03:00	--	04:00	03:00	05:00	03:40
2ª Fase	02:00	01:00	01:00	02:00	03:00	02:00	02:20

Estrutura da história

Pranchas	Estrutura da História			
	Passado	Presente	Futuro	Descrição
1	1ª	1ª 2ª	1ª	
2	1ª	1ª 2ª	1ª	
4	2ª	2ª		
7MF	2ª	1ª 2ª		
8MF	1ª	1ª 2ª	1ª	
16	1ª	1ª 2ª	1ª	
TOTAL	4x2	5x6	4x0	0x0

Apercepção
PRANCHA 1

Personagem: Menino			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)	1ª (pais, pessoa)		
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Violino			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:verbalizou instrumento musical na 1ª coleta e na 2ª coleta violino			

Outros elementos: Mesa			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			1ª
Distorcido (sexo, idade)	2ª (papel, toalha)		
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

PRANCHA 2

Personagem: Jovem mulher (com livros em suas mãos)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: tanto na 1ª coleta quanto na 2ª coleta percebida como estudante, filha da mulher mais velha			

Personagem: Homem (trabalhando no campo)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada		2ª	
Distorcido (sexo, idade)	1ª		
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: na 1ª coleta percebido como pai da jovem mulher e na 2ª coleta como homem por quem a moça se interssa			

Personagem: Mulher mais velha (observando)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: tanto na 1ª coleta quanto na 2ª coleta percebida como mãe da jovem mulher			

Outros elementos: Livros			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada		2ª	1ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Campo			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)	1ª (escola)		
Omitido			
Observações:o contexto foi percebido como lavoura em ambas as aplicações			

PRANCHA 4

Esta prancha não foi aplicada anteriormente por ocasião da 1ª coleta, portanto não há análise comparativa.

Personagem: Mulher (agarrando o homem)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Homem			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Mulher ao fundo			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido		2ª	
Observações: mulher percebida como quadro			

PRANCHA 7MF

Personagem: Mulher mais velha (sentada num sofá)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: professora na 1ª coleta e mãe da moça na 2ª coleta.			

Personagem: Menina			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)	1ª (pais)		
Omitido			
Observações:			

Personagem: Boneca ou bebê (no colo da menina)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)	1ª (mais bonecas)		
Omitido			
Observações: no doutorado dúvida se boneca ou bebê			

Outros elementos: Sofá			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			1ª2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: livro			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			1ª2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

PRANCHA 8MF

Personagem: Mulher jovem			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)	1ª (rapazes)		
Omitido			
Observações: senhora com idade de 38 anos na 1ª coleta			

Outros elementos: Cadeira			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			1ª 2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Pedaço de tecido			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª 2ª		
Observações:			

PRANCHA 16

INIBIÇÃO FRENTE À PRANCHA? SIM ( ) NÃO (1ª 2ª)

PERSONAGEM:			
	PRES/HISTÓRIA	PRES/INQUÉRITO	IMPLÍCITO
1- Duas pessoas	1ª		
2- Bebê	1ª		
3- Mãe	1ª		
4- Médico	1ª		
5-Pai	1ª		
6- Papel em branco (analogia com a vida)	2ª		
7 – Todo mundo que nos cerca	2ª		
OBSERVAÇÕES:			

OUTROS ELEMENTOS:			
	PRES/HISTÓRIA	PRES/INQUÉRITO	IMPLÍCITO
1- Sonho	1ª		
2- Expectativa	1ª		
3- Alegria	1ª		
4- Espera	1ª		
5- Ansiedade	1ª		
6- Angústia	1ª		
7- Felicidade	1ª 2ª		
OBSERVAÇÕES: história auto-biográfica na 1ª coleta			

Tipo de solução

Pranchas	Solução			
	Sucesso	Fracasso	Final Feliz ou Placada	Ausente
1	1ª	2ª		
2	1ª	2ª		
4		2ª		
7MF				1ª 2ª
8MF			1ª 2ª	
16	1ª		2ª	
TOTAL	3x0	0x3	1x2	1x1

APÊNDICE K

APÊNDICE K - TABELAS DE ANÁLISE DFH DE LINA

A mesma marcação apresentada nos resultados das mulheres anteriores se mantém para Lina: o "1ª" é referente à avaliação dos desenhos em coleta anterior (Barros, 2004) e a marcação "2ª" refere-se aos desenhos coletados seis anos após o primeiro.

Aspectos gerais

a) Posição da folha de papel

	Manteve posição vertical	**Não manteve posição vertical**
Figura feminina	**1ª e 2ª**	
Figura masculina	**1ª e 2ª**	
OBS:		

b) Localização da figura na folha (utilização de crivo)

Localização da figura na folha	Lina									
	1º Quadr. canto sup. dir.	2º Quadr. canto inf. dir.	3º Quadr. canto inf. Esq.	4º Quadr. canto sup. Esq.	Metade sup. 1º e 4º quadr.	Metade dir. 1º e 2º quadr.	Metade inf. 2º e 3ºquad.	Metade esq. 3º e 4º quadr.	Centro da Folha	Obs
Figura feminina				2ª			1ª			
Figura masculina				2ª			1ª			

c) Tamanho da figura em relação à folha (utilização de crivo)

Tamanho da figura em relação à folha		Figura feminina	Figura masculina
Muito grande	Folha toda		
Grande	2/3		
	½		
Médio	1/3		
	¼	1ª2ª	1ª2ª
	1/6		
	1/8		
Pequeno	1/16		
	1/32		
Muito pequeno	1/64		
	1/128		
Total			

Aspectos estruturais ou formais

d) Tipo de imagem do corpo (figuras realistas ou compensatórias)

	Figura feminina	**Figura masculina**
Figura realista	**2ª**	**2ª**
Figura compensatória	**1ª**	**1ª**
OBS:		

e) Inclinação

	Figura feminina	**Figura masculina**
Figura ereta	**2ª**	**2ª**
Para a direita		**1ª**
Para a esquerda	**1ª**	
OBS:		

f) Ordem das figuras

	Figura feminina	**Figura masculina**
Desenhou primeiro	**1ª 2ª**	
OBS:		

g) Tratamento diferencial em relação ao tamanho, elaboração (detalhes) ou tempo de realização

Figura feminina X Figura masculina		
Tamanho		
Ligeiramente maior	1ª e 2ª	
Ligeiramente menor		
Mesmo tamanho		
Elaboração (quantidade de detalhes)		
Mais detalhes		
Menos detalhes		
Mesma quantidade de detalhes	1ª e 2ª	
Tempo de execução		
Menor		
Maior	2ª	
Mesmo tempo	1ª	
OBS:		

Aspectos de conteúdo

h) Marcação da região dos seios

	Figura feminina	**Figura masculina**
Ausente	**1ª 2ª**	**1ª 2ª**
Assinalada		
Marcada com bolso		
OBS:		

i) Desenho da cintura e/ou cinto

	Figura feminina	**Figura masculina**
Apenas assinalada		
Marcada com linha	**1ª**	**1ª**
Marcada com cinto	**2ª**	**2ª**
OBS:		

APÊNDICE L

APÊNDICE L – TABELAS DE ANÁLISE TAT DE LINA

Tempo de Latência, tempo total (TLI e TT) e estrutura da história

Lina	Tempo latência						
	Pch 1	Pch 2	Pch 4	Pch 7MF	Pch 8MF	Pch 16	Média
1ª Fase	00:30	00:15	--	00:15	00:05	00:10	00:15
2ª Fase	00:05	00:13	00:12	00:14	00:03	00:07	00:09

Lina	Tempo total						
	Pch 1	Pch 2	Pch 4	Pch 7MF	Pch 8MF	Pch 16	Média
1ª Fase	02:00	02:00	--	02:30	03:30	02:00	02:40
2ª Fase	01:50	01:57	02:02	02:03	01:24	02:36	02:37?

Estrutura da história

Pranchas	Estrutura da História			
	Passado	Presente	Futuro	Descrição
1	1ª 2ª	1ª2ª	2ª	
2	1ª2ª	1ª2ª	2ª	
4	2ª	2ª		
7MF	1ª2ª	1ª2ª	1ª2ª	
8MF	2ª	1ª2ª		
16	2ª	1ª2ª	1ª2ª	
TOTAL	3x6	5x6	2x4	0x0

Apercepção
PRANCHA 1

Personagem: Menino			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)	2ª (tia, familia)		
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Violino			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Mesa			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			1ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	2ª		
Observações:			

PRANCHA 2

Personagem: Jovem mulher (com livros em suas mãos)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: em ambos os momentos percebida como estudante, filha da mulher mais velha			

Personagem: Homem (trabalhando no campo)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada		2ª (namorado)	1ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Mulher mais velha (observando)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		1ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Livros			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª		
Distorcido (sexo, idade)	2ª (caderno)		
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Campo			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

PRANCHA 4

Esta prancha não foi aplicada anteriormente por ocasião da 1ª coleta, portanto não há análise comparativa.

Personagem: Mulher (agarrando o homem)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Homem			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Mulher ao fundo			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: mulher percebida como outra mulher			

PRANCHA 7MF

Personagem: Mulher mais velha (sentada num sofá)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: mãe da moça e mabos os momentos			

Personagem: Menina			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Boneca ou bebê (no colo da menina)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª	2ª	
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Sofá			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			1ª2ª
Observações:			

Outros elementos: livro			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª e 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

PRANCHA 8MF

Personagem: Mulher jovem			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Cadeira			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Pedaço de tecido			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª 2ª		
Observações:			

PRANCHA 16

INIBIÇÃO FRENTE À PRANCHA? SIM ( ) NÃO (1ª 2ª)

PERSONAGEM:			
	PRES/HISTÓRIA	PRES/INQUÉRITO	IMPLÍCITO
1- Pessoas	1ª		
2- Bebê	1ª		
3- Mulher madura	2ª		
4- Amigas	2ª		
5-			
OBSERVAÇÕES:			

OUTROS ELEMENTOS:			
	PRES/HISTÓRIA	PRES/INQUÉRITO	IMPLÍCITO
1-Trabalho	2ª		
2- Mudança	2ª		
OBSERVAÇÕES:			

Tipo de solução

Pranchas	Solução			
	Sucesso	Fracasso	Final Feliz ou Placada	Ausente
1			2ª	1ª
2	1ª2ª			
4		2ª		
7MF		2ª		1ª
8MF	1ª			2ª
16	1ª2ª			
TOTAL	3x2	0x2	0x1	1x2

APÊNDICE M

APÊNDICE M - TABELAS DE ANÁLISE DFH DE JACE

A mesma marcação apresentada nos resultados das outras participantes se mantém para Jace: o "1ª" é referente à avaliação dos desenhos em coleta anterior (Barros, 2004) e a marcação "2ª" refere-se aos desenhos coletados seis anos após o primeiro.

Aspectos gerais

a) Posição da folha de papel

	Manteve posição vertical	**Não manteve posição vertical**
Figura feminina	**1ª e 2ª**	
Figura masculina	**1ª e 2ª**	
OBS:		

b) Localização da figura na folha (utilização de crivo)

Localização da figura na folha	Jace									
	1º Quadr. canto sup. dir.	2º Quadr. canto inf. dir.	3º Quadr. canto inf. Esq.	4º Quadr. canto sup. Esq.	Metade sup. 1º e 4º quadr.	Metade dir. 1º e 2º quadr.	Metade inf. 2º e 3ºquad.	Metade esq. 3º e 4º quadr.	Centro da Folha	Obs
Figura feminina									1ª e 2ª	
Figura masculina							1ª	2ª		

c) Tamanho da figura em relação à folha (utilização de crivo)

Tamanho da figura em relação à folha		Figura feminina	Figura masculina
Muito grande	Folha toda		
Grande	2/3	1ª	2ª
	½		
Médio	1/3		
	¼	2ª	1ª
	1/6		
	1/8		
Pequeno	1/16		
	1/32		
Muito pequeno	1/64		
	1/128		
Total			

Aspectos estruturais ou formais

d) Tipo de imagem do corpo (figuras realistas ou compensatórias)

	Figura feminina	**Figura masculina**
Figura realista	**1ª e 2ª**	**1ª e 2ª**
Figura compensatória		
OBS:		

e) Inclinação

	Figura feminina	**Figura masculina**
Figura ereta		
Para a direita		
Para a esquerda	**1ª e 2ª**	**1ª e 2ª**
OBS:		

f) Ordem das figuras

	Figura feminina	**Figura masculina**
Desenhou primeiro	**2ª**	**1ª**
OBS:		

g) Tratamento diferencial em relação ao tamanho, elaboração (detalhes) ou tempo de realização

Figura feminina X Figura masculina		
Tamanho		
Ligeiramente maior	1ª	2ª
Ligeiramente menor		
Mesmo tamanho		
Elaboração (quantidade de detalhes)		
Mais detalhes	1ª	2ª
Menos detalhes		
Mesma quantidade de detalhes		
Tempo de execução		
Menor		
Maior		
Mesmo tempo	1ª2ª	
OBS:		

Aspectos de conteúdo

h) Marcação da região dos seios

	Figura feminina	**Figura masculina**
Ausente	**2ª**	
Assinalada	**1ª**	**2ª**
Marcada com bolso		**1ª**
OBS:		

i) Desenho da cintura e/ou cinto

	Figura feminina	**Figura masculina**
Apenas assinalada		
Marcada com linha	**1ª**	**1ª**
Marcada com cinto	**2ª**	**2ª**
OBS:		

APÊNDICE N

APÊNDICE N – TABELAS DE ANÁLISE TAT DE JACE

Tempo de Latência, tempo total (TLI e TT) e estrutura da história

Jace	Tempo latência						
	Pch 1	Pch 2	Pch 4	Pch 7MF	Pch 8MF	Pch 16	Média
1ª Fase	01:30	00:30	--	00:00	00:00	01:00	00:06
2ª Fase	02:00	01:00	01:00	00:00	01:00	01:00	01:00

Jace	Tempo total						
	Pch 1	Pch 2	Pch 4	Pch 7MF	Pch 8MF	Pch 16	Média
1ª Fase	02:00	03:00	--	03:00	01:00	02:00	02:20
2ª Fase	04:00	03:00	02:00	04:00	04:00	05:00	04:07

Estrutura da história

Pranchas	Estrutura da História			
	Passado	Presente	Futuro	Descrição
1	2ª	1ª2ª		
2	2ª	1ª2ª		
4	2ª	2ª		
7MF	1ª2ª	1ª2ª	1ª	
8MF	1ª2ª	1ª2ª		
16	1ª2ª	1ª2ª	1ª2ª	
TOTAL	3x6	5x6	1x2	0x0

Apercepção
PRANCHA 1

Personagem: Menino			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		1ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)	1ª (pai)		
Omitido			
Observações: na 1ª coleta faz referência somente a ele, não sabe a idade eu atribui.			

Outros elementos: Violino			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)	1ª		
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:foi percebido como violão na 1ª coleta			

Outros elementos: Mesa			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª		
Observações:			

PRANCHA 2

Personagem: Jovem mulher (com livros em suas mãos)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)	1ª (pai)		
Omitido			
Observações: em ambos os momentos percebida como filha da mulher mais velha			

Personagem: Homem (trabalhando no campo)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: em ambos os momentos irmão da jovem mulher			

Personagem: Mulher mais velha (observando)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:na 1ª coleta percebida como gestante			

Outros elementos: Livros			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			1ª2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Campo			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			1ª2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:na 1ª coleta foi mencionado cavalo no inquérito			

PRANCHA 4

Esta prancha não foi aplicada anteriormente por ocasião da 1ª coleta, portanto não há análise comparativa.

Personagem: Mulher (agarrando o homem)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Homem			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Mulher ao fundo			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido		2ª (não há nenhuma referência)	
Observações:			

PRANCHA 7MF

Personagem: Mulher mais velha (sentada num sofá)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: mãe da moça e do bebê em ambos os momentos			

Personagem: Menina			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Boneca ou bebê (no colo da menina)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: Na 1ª coleta irmão da menina, na 2ª coleta muita dúvida se boneca ou irmão			

Outros elementos: Sofá			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª		
Observações:			

Outros elementos: livro			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª2ª		
Observações:			

PRANCHA 8MF

Personagem: Mulher jovem			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)	1ª2ª		
Adicionados (sexo, idade)	1ª (filho)	2ª (filho)	
Omitido			
Observações: percebida como uma senhora em ambos os momentos			

Outros elementos: Cadeira			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª		
Observações:			

Outros elementos: Pedaço de tecido			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª 2ª		
Observações:			

PRANCHA 16

INIBIÇÃO FRENTE À PRANCHA? SIM ( ) NÃO (1ª 2ª)

PERSONAGEM:			
	PRES/HISTÓRIA	PRES/INQUÉRITO	IMPLÍCITO
1- Casal	1ª		
2- Dois filhos	1ª 2ª		
3- Crianças	2ª		
4- Mãe	2ª		
5- Pai	2ª		
6- Avó	2ª		
7- Deus	2ª		
OBSERVAÇÕES:			

OUTROS ELEMENTOS:			
	PRES/HISTÓRIA	PRES/INQUÉRITO	IMPLÍCITO
1- Felicidade	1ª		
2- Parque	1ª		
3- Sorvete	1ª		
4- Sorridentes	1ª		
5- Família unida	1ª2ª		
6- Dia lindo	2ª		
7- Praia	2ª		
8- Animados	2ª		
9- Saúde	2ª		
10- Paz	2ª		
11- Alegria	2ª		
OBSERVAÇÕES:			

Tipo de solução

Pranchas	Solução			
	Sucesso	Fracasso	Final Feliz ou Placada	Ausente
1	1ª2ª			
2				1ª2ª
4				2ª
7MF	1ª			2ª
8MF				1ª2ª
16	1ª2ª			
TOTAL	3x2	0x0	0x0	2x4

APÊNDICE O

APÊNDICE O - TABELAS DE ANÁLISE DFH DE CRISTIANE

A mesma marcação apresentada nos resultados das outras participantes se mantém para Cristiane: o "1ª" é referente à avaliação dos desenhos em coleta anterior (Barros, 2004) e a marcação "2ª" refere-se aos desenhos coletados seis anos após o primeiro.

Aspectos gerais

a) Posição da folha de papel

	Manteve posição vertical	**Não manteve posição vertical**
Figura feminina	**1ª e 2ª**	
Figura masculina	**1ª e 2ª**	
OBS:		

b) Localização da figura na folha (utilização de crivo)

Localização da figura na folha	Cristiane									
	1º Quadr. canto sup. dir.	2º Quadr. canto inf. dir.	3º Quadr. canto inf. Esq.	4º Quadr. canto sup. Esq.	Metade sup. 1º e 4º quadr.	Metade dir. 1º e 2º quadr.	Metade inf. 2º e 3ºquad.	Metade esq. 3º e 4º quadr.	Centro da Folha	Obs
Figura feminina					1ª				2ª	
Figura masculina				1ª	2ª					

c) Tamanho da figura em relação à folha (utilização de crivo)

Tamanho da figura em relação à folha		Figura feminina	Figura masculina
Muito grande	Folha toda		
Grande	2/3		
	½		
Médio	1/3		
	¼	1ª 2ª	1ª2ª
	1/6		
	1/8		
Pequeno	1/16		
	1/32		
Muito pequeno	1/64		
	1/128		
Total			

Aspectos estruturais ou formais

d) Tipo de imagem do corpo (figuras realistas ou compensatórias)

	Figura feminina	**Figura masculina**
Figura realista	**1ª e 2ª**	**1ª e 2ª**
Figura compensatória		
OBS:		

e) Inclinação

	Figura feminina	**Figura masculina**
Figura ereta	**1ª**	
Para a direita		
Para a esquerda	**2ª**	**1ª e 2ª**
OBS:		

f) Ordem das figuras

	Figura feminina	**Figura masculina**
Desenhou primeiro		**1ª 2ª**
OBS:		

g) Tratamento diferencial em relação ao tamanho, elaboração (detalhes) ou tempo de realização

Figura feminina X Figura masculina		
Tamanho		
Ligeiramente maior		
Ligeiramente menor		
Mesmo tamanho	1ª2ª	
Elaboração (quantidade de detalhes)		
Mais detalhes	1ª2ª	
Menos detalhes		
Mesma quantidade de detalhes		
Tempo de execução		
Menor		
Maior	1ª	
Mesmo tempo	2ª	
OBS:		

Aspectos de conteúdo

h) Marcação da região dos seios

	Figura feminina	**Figura masculina**
Ausente	**1ª 2ª**	**1ª 2ª**
Assinalada		
Marcada com bolso		
OBS:		

i) Desenho da cintura e/ou cinto

	Figura feminina	**Figura masculina**
Apenas assinalada	**1ª**	
Marcada com linha	**2ª**	
Marcada com cinto		**1ª 2ª**
OBS:		

APÊNDICE P

APÊNDICE P – TABELAS DE ANÁLISE TAT DE CRISTIANE

Tempo de Latência, tempo total (TLI e TT) e estrutura da história

Cristiane	Tempo latência						
	Pch 1	Pch 2	Pch 4	Pch 7MF	Pch 8MF	Pch 16	Média
1ª Fase	00:00	00:15	--	00:15	00:15	00:15	00:12
2ª Fase	00:02	00:02	00:00	00:07	00:03	00:00	00:02

Cristiane	Tempo total						
	Pch 1	Pch 2	Pch 4	Pch 7MF	Pch 8MF	Pch 16	Média
1ª Fase	04:00	02:00	--	04:00	02:00	02:00	03:20
2ª Fase	01:00	04:00	02:00	02:00	02:00	03:00	02:30

Estrutura da história

Pranchas	Estrutura da História			
	Passado	Presente	Futuro	Descrição
1		1ª 2ª	1ª	
2	2ª	1ª2ª		
4	2ª	2ª	2ª	
7MF	2ª	1ª2ª		
8MF	2ª	1ª 2ª	2ª	
16	2ª	1ª2ª	1ª2ª	
TOTAL	0x5	5x6	2x3	0x0

Apercepção
PRANCHA 1

Personagem: Menino			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Violino			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)	2ª (livro)	1ª (suporte de livro)	
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Mesa			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª		
Observações:			

PRANCHA 2

Personagem: Jovem mulher (com livros em suas mãos)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: na 1ª coleta percebida como estudante			

Personagem: Homem (trabalhando no campo)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª		
Observações:			

Personagem: Mulher mais velha (observando)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª		
Observações:em nenhum momento percebida como gestante			

Outros elementos: Livros			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			1ª2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Campo			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)	1ª		
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

PRANCHA 4

Esta prancha não foi aplicada anteriormente por ocasião da 1ª coleta, portanto não há análise comparativa.

Personagem: Mulher (agarrando o homem)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Homem			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Mulher ao fundo			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido		2ª	
Observações: terceira pessoa bisbilhoteira			

PRANCHA 7MF

Personagem: Mulher mais velha (sentada num sofá)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: mãe da moça em ambos os momentos			

Personagem: Menina			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Boneca ou bebê (no colo da menina)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		1ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: Na 1ª coleta irmão ou filho da menina, na 2ª coleta boneco			

Outros elementos: Sofá			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª		
Observações:			

Outros elementos: livro			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			1ª 2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

PRANCHA 8MF

Personagem: Mulher jovem			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)	2ª (príncipe encantado)		
Omitido			
Observações: percebida como uma senhora mas também como moça na 1ª coleta			

Outros elementos: Cadeira			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			1ª 2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Pedaço de tecido			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª 2ª		
Observações:			

PRANCHA 16

INIBIÇÃO FRENTE À PRANCHA? SIM ( ) NÃO (1ª 2ª)

PERSONAGEM:			
	PRES/HISTÓRIA	PRES/INQUÉRITO	IMPLÍCITO
1- a própria grávida	1ª		
2-família	2ª		
3-dona da casa (a própria mulher)	2ª		
4-			
OBSERVAÇÕES:			

OUTROS ELEMENTOS:			
	PRES/HISTÓRIA	PRES/INQUÉRITO	IMPLÍCITO
1- jardim	1ª 2ª		
2- rio			
3- montanha			
4- Paz e alegria	1ª 2ª (alegria)		
5- passarinho			
6- banco de praça			
7- sol	1ª 2ª		
8-churrasco	2ª		
9-piscina	2ª		
10-casa	2ª		
11- lazer	2ª		
12-aniversário	2ª		
13-felicidade	2ª		
14- festa	2ª		
15-amigos		2ª	
16-animação		2ª	
17-amor		2ª	
OBSERVAÇÕES:			

Tipo de solução

Pranchas	Solução			
	Sucesso	Fracasso	Final Feliz ou Placada	Ausente
1		2ª		1ª
2	2ª			1ª
4	2ª			
7MF	2ª			1ª
8MF			2ª	1ª
16	2ª			1ª
TOTAL	0x4	0x1	0x1	5x0

APÊNDICE Q

APÊNDICE Q - TABELAS DE ANÁLISE DFH DE JANAÍNA

A mesma marcação apresentada nos resultados das outras participantes se mantém para Jace: o "1ª" é referente à avaliação dos desenhos em coleta anterior (Barros, 2004) e a marcação "2ª" refere-se aos desenhos coletados seis anos após o primeiro.

Aspectos gerais

a) Posição da folha de papel

	Manteve posição vertical	**Não manteve posição vertical**
Figura feminina	**1ª e 2ª**	
Figura masculina	**1ª e 2ª**	
OBS:		

b) Localização da figura na folha (utilização de crivo)

Localização da figura na folha	Janaína									
	1º Quadr. canto sup. dir.	2º Quadr. canto inf. dir.	3º Quadr. canto inf. Esq.	4º Quadr. canto sup. Esq.	Metade sup. 1º e 4º quadr.	Metade dir. 1º e 2º quadr.	Metade inf. 2º e 3ºquad.	Metade esq. 3º e 4º quadr.	Centro da Folha	Obs
Figura feminina				1ª	2ª					
Figura masculina				1ª	2ª					

c) Tamanho da figura em relação à folha (utilização de crivo)

Tamanho da figura em relação à folha		Figura feminina	Figura masculina
Muito grande	Folha toda		
Grande	2/3		
	½		
Médio	1/3		
	¼		
	1/6		
	1/8	1ª 2ª	1ª 2ª
Pequeno	1/16		
	1/32		
Muito pequeno	1/64		
	1/128		
Total			

Aspectos estruturais ou formais

d) Tipo de imagem do corpo (figuras realistas ou compensatórias)

	Figura feminina	**Figura masculina**
Figura realista		
Figura compensatória	**1ª e 2ª**	**1ª e 2ª**
OBS:		

e) Inclinação

	Figura feminina	**Figura masculina**
Figura ereta		
Para a direita		
Para a esquerda	**1ª e 2ª**	**1ª e 2ª**
OBS:		

f) Ordem das figuras

	Figura feminina	**Figura masculina**
Desenhou primeiro		**1ª 2ª**
OBS:		

g) Tratamento diferencial em relação ao tamanho, elaboração (detalhes) ou tempo de realização

Figura feminina X Figura masculina		
Tamanho		
Ligeiramente maior		
Ligeiramente menor		
Mesmo tamanho	1ª2ª	
Elaboração (quantidade de detalhes)		
Mais detalhes		
Menos detalhes		
Mesma quantidade de detalhes	1ª2ª	
Tempo de execução		
Menor	1ª	
Maior		
Mesmo tempo	2ª	
OBS:		

Aspectos de conteúdo

h) Marcação da região dos seios

	Figura feminina	**Figura masculina**
Ausente	**2ª**	**1ª 2ª**
Assinalada	**1ª**	
Marcada com bolso		
OBS:		

i) Desenho da cintura e/ou cinto

	Figura feminina	**Figura masculina**
Apenas assinalada		
Marcada com linha	**1ª 2ª**	**1ª 2ª**
Marcada com cinto		
OBS:		

APÊNDICE R

APÊNDICE R – TABELAS DE ANÁLISE TAT DE JANAÌNA

Tempo de Latência, tempo total (TLI e TT) e estrutura da história

Janaína	Tempo latência						
	Pch 1	Pch 2	Pch 4	Pch 7MF	Pch 8MF	Pch 16	Média
1ª Fase	00:00	01:00	--	01:00	00:05	00:00	00:25
2ª Fase	00:00	00:00	00:00	00:02	00:06	00:00	00:01

Janaína	Tempo total						
	Pch 1	Pch 2	Pch 4	Pch 7MF	Pch 8MF	Pch 16	Média
1ª Fase	01:30	02:30	--	03:00	01:30	02:30	02:20
2ª Fase	01:00	01:40	02:00	04:00	01:00	01:25	02:23

Estrutura da história

Pranchas	Estrutura da História			
	Passado	Presente	Futuro	Descrição
1	1ª2ª	1ª2ª	1ª2ª	
2	1ª2ª	1ª2ª	1ª2ª	
4	2ª	2ª	2ª	
7MF	2ª	1ª2ª		
8MF	1ª2ª	1ª2ª	2ª	
16	1ª2ª	1ª2ª	1ª	
TOTAL	4x6	5x6	3x4	0x0

Apercepção
PRANCHA 1

Personagem: Menino			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)	1ª (pai, mãe e irmão) 2ª (pai e mãe)		
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Violino			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:foi percebido como violão na 1ª coleta			

Outros elementos: Mesa			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			1ª 2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

PRANCHA 2

Personagem: Jovem mulher (com livros em suas mãos)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª (estudante)		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: em ambos os momentos percebida como filha da mulher mais velha			

Personagem: Homem (trabalhando no campo)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		1ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)	2ª (pai traído)		
Omitido			
Observações: em ambos os momentos irmão da jovem mulher			

Personagem: Mulher mais velha (observando)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Livros			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Outros elementos: Campo			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

PRANCHA 4

Esta prancha não foi aplicada anteriormente por ocasião da 1ª coleta, portanto não há análise comparativa.

Personagem: Mulher (agarrando o homem)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Homem			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações:			

Personagem: Mulher ao fundo			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido		2ª (amante dele)	
Observações:			

PRANCHA 7MF

Personagem: Mulher mais velha (sentada num sofá)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: mãe da menina em ambos os momentos			

Personagem: Menina			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª 2ª		
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)		2ª (marido, filho)	
Omitido			
Observações:			

Personagem: Boneca ou bebê (no colo da menina)			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	1ª		
Distorcido (sexo, idade)	2ª (coelhinho, cachorrinho)		
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido			
Observações: Na 1ª coleta bebê foi percebido como de algum parente			

Outros elementos: Sofá			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			1ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	2ª		
Observações:			

Outros elementos: livro			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª		
Observações:			

PRANCHA 8MF

Personagem: Mulher jovem			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada	2ª		
Distorcido (sexo, idade)	1ª		
Adicionados (sexo, idade)	1ª 2ª (marido) 2ª (outra mulher)		
Omitido			
Observações: percebida como uma mulher mais velha na 1ª coleta			

Outros elementos: Cadeira			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			2ª
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª		
Observações:			

Outros elementos: Pedaço de tecido			
	Pres/história	Pres/inquérito	Implícito
Perc/ adequada			
Distorcido (sexo, idade)			
Adicionados (sexo, idade)			
Omitido	1ª 2ª		
Observações:			

PRANCHA 16

INIBIÇÃO FRENTE À PRANCHA? SIM ( ) NÃO (1ª 2ª)

PERSONAGEM:			
	PRES/HISTÓRIA	PRES/INQUÉRITO	IMPLÍCITO
1- mulher	1ª		
2- bebezinho	1ª		
3- homem	1ª		
4- garoto	1ª		
5-menina	1ª		
6-família	1ª		
7- filhinho	1ª		
8-irmãos	2ª		
9-marido	2ª		
OBSERVAÇÕES:			

OUTROS ELEMENTOS:			
	PRES/HISTÓRIA	PRES/INQUÉRITO	IMPLÍCITO
1-			
2-			
3-			
4-			
OBSERVAÇÕES:			

Tipo de solução

Pranchas	Solução			
	Sucesso	Fracasso	Final Feliz ou Placada	Ausente
1	2ª	1ª		
2	1ª2ª			
4		2ª		
7MF	2ª			1ª
8MF	2ª			1ª
16	1ª			2ª
TOTAL	2x4	1x1	0x0	2x1

ANEXO A

ANEXO A – CÓPIA DO PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

hospital universitário
universidade de são paulo

São Paulo, 5 de outubro de 2005.

Ill^mo(a). S^r(a).
Dra. Eliana Herzberg
Departamento de Psicologia Clínica
Instituto de Psicologia
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REFERENTE: **Projeto de Pesquisa** "Bebê imaginário e bebê real: estudo longitudinal da relação mãe-bebê com o auxílio do DFH e do TAT" - **Registro CEP**: 533/04

Prezado(a) Senhor(a)

O Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo, em reunião ordinária de 30 de setembro de 2005, analisou o projeto de pesquisa acima citado, considerando-o como **APROVADO**, bem como, seu Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Lembramos que cabe ao pesquisador elaborar e apresentar a este Comitê, relatórios anuais (parciais ou final, em função da duração da pesquisa), de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, item IX.2 letra c.

O primeiro relatório está previsto para **30 de setembro de 2006.**

Atenciosamente,

Dra. Maria Teresa Zulini da Costa
Coordenadora
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP-HU/USP

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA USP
Avenida Professor Lineu Prestes, 2565 – Cidade Universitária – 05508-900 São Paulo – SP
Tels.: (11) 3039-9457 ou 9479 – Fax: (11) 3039-9452 - E-mail: [illegible]